UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

LÚCIA SILVA PARRA

Leituras libertárias:

cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930

SÃO PAULO

2014

LÚCIA SILVA PARRA

Leituras libertárias:

cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo,
para obtenção do título de Mestre em Filosofia

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 22 de outubro de 2013. A versão final encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD)de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de concentração: Estudos Culturais

Orientador: Prof. Dr. Rogério Monteiro de Siqueira

SÃO PAULO

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
Biblioteca
Escola de Artes, Ciências e Humanidades da
Universidade de São Paulo

Parra, Lúcia Silva
Leituras libertárias : cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930 / Lúcia Silva Parra ; orientador, Rogério Monteiro de Siqueira. – São Paulo, 2014.
201 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, em 2013.

Versão corrigida.

1. Anarquismo. 2. Educação política. 3. Bibliotecas. 4. Centro Cultural Social. 5. Anarquismo – História – São Paulo (SP). I. Siqueira, Rogério Monteiro de, orient. II. Título.

CDD 22.ed. – 335.83

Nome: PARRA, Lúcia Silva

Título: Leituras libertárias: cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Filosofia

Aprovado em: 22/10/2013

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rogério Monteiro de Siqueira Instituição: EACH/USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Dóris Accioly e Silva Instituição: FE/USP

Julgamento:_____ Assinatura: _____

Prof. Dr. José Damiro de Moraes Instituição: UNIRIO

Julgamento:_____ Assinatura:_____

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Rogério Monteiro de Siqueira, em primeiro lugar, por ter acreditado em mim e nos “meus anarquistas”. Sou grata também pelos comentários que me faziam voltar para casa repensando a pesquisa e pela orientação em dias e horários alternativos.

Ao meu companheiro Bertholdo Costa que esteve ao meu lado em todos os momentos: fosse para entender minha falta de tempo ou para as palavras de incentivo quando me sobrava insegurança.

Aos meus pais Fernando e Elisa que sempre me incentivaram a gostar de ler e estudar. A minha tia Esmênia pela dedicação e apoio.

Aos meus amigos do Centro de Cultura Social que têm me ensinado tanto com sua convivência afetiva e divertida, em especial para Nilton Melo, Douglas Boni, Miquelina Veiga Eduardo Dezena, Anna Garcia Alaniz e Alberto Centurião.

Aos meus amigos Fabiana Mie e Fabio Farias que por mais de dois anos ouviram minhas alegrias e lamúrias sobre esta dissertação.

Aos meus colegas da Biblioteca do Instituto de Artes da UNESP que colaboraram para que eu pudesse cursar as disciplinas do mestrado.

Aos professores da EACH/USP que contribuíram com minha formação acadêmica com suas aulas Jefferson Agostini Mello, Carlos Henrique Barbosa Gonçalves e Madalena Pedroso Aulicino.

Aos professores da banca de qualificação Valéria Barbosa de Magalhães (EACH/USP), José Damiro de Moraes (UNIRIO), Dóris Accioly e Silva (FE/USP) que contribuíram para este trabalho com suas valiosas sugestões.

Mormente neste período transitório de apreensões e incertezas, onde as ideias velhas, com todo seu cortejo milenar de dogmas e obscurantismos, pretendem, num esforço hercúleo envolver e esmagar as ideias pejadas de vida e florescência – o livro, condensado em boa leitura, se torna a mais poderosa arma, o mais firme baluarte, às investidas das paixões contra a razão humana. [...]
O homem que lê e medita, além de se tornar o artífice senhor da sua vontade, - cria, dentro de si um sonho de poesia: a beleza de viver.

(Ler é viver! *A Sementeira*: catálogo de propaganda dos bons livros, São Paulo, abril, 1934, n.1. Prontuário 581, Delegacia Regional de Polícia de Jundiaí, vol. 1. DEOPS/SP. AESP).

RESUMO

PARRA, Lúcia Silva. *Leituras libertárias*: cultura anarquista na São Paulo dos anos 1930. 2013. 201 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Este trabalho é um estudo da circulação de livros e práticas de leitura entre anarquistas atuantes na cidade de São Paulo na década de 1930. Foi analisada a formação e o desenvolvimento do acervo da biblioteca do Centro de Cultura Social (CCS). Organizado por anarquistas em 1933 e fechado em 1937 com o Golpe do Estado Novo, encerrando sua primeira fase. Sua biblioteca, neste período foi constituída por livros, jornais e documentos de militantes anarco-sindicalistas e tinha como função servir de subsídio para as atividades deste centro de cultura, como leituras comentadas, palestras, cursos e atividades teatrais. Além desta fonte de pesquisa foram usados também resenhas e anúncios de venda de livros publicados nos jornais *A Lanterna* e *A Plebe,* entre 1933 e 1935 e documentos do DEOPS/SP, tais como autos de busca e apreensão de bibliotecas particulares de anarquistas e relatórios de investigação que tratavam de circulação de livros e jornais libertários. As pesquisas sobre história dos livros e práticas de leitura de Robert Darnton foram usadas como referencial teórico. Entre os autores dos livros da antiga biblioteca do Centro de Cultura Social e das bibliotecas particulares apreendidas chamam a atenção clássicos do anarquismo como Malatesta, Proudhon, Kropotkin, Elisée Reclus, mas também autores como Marx e Trotsky. Quanto aos gêneros literários foram encontrados ensaios, crônicas, romances e poesias. No que se refere à circulação dos livros verificou-se que eram vendidos em algumas livrarias na cidade de São Paulo, através dos jornais libertários e pelos próprios militantes. Entre os anarquistas eram frequentes tanto as práticas de leituras comentadas em espaços como centros de cultura e bibliotecas populares quanto às leituras individuais de obras adquiridas através de compra e guardadas em pequenos acervos particulares.

Palavras-chave: Anarquismo e anarquistas. Bibliotecas anarquistas. Livros e leitura. Centro de Cultura Social. São Paulo (SP) - História.

ABSTRACT

PARRA, Lúcia Silva. *Readings libertarians*: anarchist culture in São Paulo 1930. 2013. 201 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

This work is a study of the circulation of books and reading practices among anarchists active in the city of São Paulo in the 1930s. We analyzed the formation and development collection of the Centro de Cultura Social (CCS) Library. This center was organized by anarchists in the year 1933 and closed in 1937 on the occasion of the Estado Novo, ending its first phase. His library in that period consisted of books, newspapers, anarcho-syndicalist militant documents and had the duty to serve as input to the center of culture activities, as commented readings, lectures, courses and theatrical activities. In addition to this source of research we also used reviews and adverts of selling published books in the newspaper *A Lanterna* and *A Plebe*, between 1933 and 1935 and DEOPS / SP documents, such as notices of search and seizure of anarchists private libraries and research reports about books circulation and newspapers libertarians. Were used as a theoretical research of Robert Darnton on the history of books and reading practices. About the authors of the books of both libraries, the old library of the Centro de Cultura Social and the private libraries seized, draw attention classic authors of anarchism as Malatesta, Proudhon, Kropotkin, Reclus Elisée, but also others like Marx and Trotsky. In the Literary genres we found essays, stories, novels and poetry. Regarding to the circulation of books, was found that some were sold in bookstores in the city of São Paulo, through newspapers libertarians and by the militants. Among the anarchists were frequent as commented reading practices on spaces like centers of culture and public libraries as the readings of individual works acquired through purchase and stored in small private collections.

Keywords: Anarchism and Anarchists. Libraries anarchists. Books and reading. Centro de Cultura Social (CCS). São Paulo (SP).

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Nacionalidades dos anarquistas fichados.....31
Quadro 2 – Profissões dos anarquistas fichados pelo DEOPS/SP.....33
Quadro 3 - Grau de instrução entre os anarquistas fichados.....36
Quadro 4 - Livros do Editorial *A Sementeira*, divulgados pelo Jornal *A Plebe*.....92
Quadro 5 – Livros anunciados pelo Jornal A Plebe.....102
Quadro 6 - Livros e jornais apreendidos de Italo Benassi.....107
Quadro 7 - Livros e jornais apreendidos de Avelino Fernandes.....110
Quadro 8 - Jornais, boletins, manifestos e folhas soltas apreendidos de Benedito Romano117
Quadro 9 - Livros apreendidos de Benedito Romano.....119
Quadro 10 – Livros do Fundo Edgard Leuenroth.....128

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ficha remissiva do prontuário de Pedro Catallo. DEOPS/SP. AESP.....34
Figura 2 -Ficha de qualificação do prontuário 377, Pedro Catallo. DEOPS/SP. AESP.....35
Figura 3 - Panfleto de divulgação de conferencia ministrada por Maria Lacerda de Moura sobre antissemitismo, a convite do jornal *A Plebe*. Prontuário 857, Maria Lacerda de Moura. DEOPS/SP. AESP.....53
Figura 4 - Circuito da comunicações. Darnton, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia das Letras, 2010. p. 127.....54
Figura 5 - Panfleto do Centro de Cultura Social. Prontuário 716, Federação Operária de São Paulo, vol. 3. DEOPS/SP. AESP. ….....62
Figura 6 – Capa de Quem não trabalha, não come. De Adelino de Pinho. 1920.....76

Figura 7 - Piquenique promovido pelo jornal *A Plebe*. Santos/SP, [1935(?)]. Foto Confiscada**.** Prontuário 400, Rodolpho Felippe. DEOPS/SP. (anotações do DEOPS/SP) ….....81
Figura 8 - Boletim do jornal *A Plebe*, 23/09/1934. Prontuário 2303. A Plebe. DEOPS/SP. AESP.....85

Figura 9- "Quando os povos civilizados limpam a sua casa, atiram o lixo para o Brasil". In: Jornal A Lanterna, jornal de combate ao clericalismo, São Paulo, 20/07/1933. Prontuário 1553 A Lanterna. DEOPS/SP. AESP.....99
Figura 10 – Panfleto de divulgação do jornal *A Plebe.* Prontuário 2303, A Plebe. DEOPS/SP. ….....100
Figura 11 - Propaganda do jornal *A Plebe*. Prontuário 2303, A Plebe. DEOPS/SP. AESP. 101

Figura 12 - Livro *A nova Rússia* de Alvarez del Vayo. AEL/UNICAMP.....109

Figura 13 - Jornal *O Trabalhador*, ano 1, n.6, 01 de maio de 1932. Prontuário 1685. Félix Zirólia. DEOPS/SP. AESP. ….....116
Figura 14 - Fotografia Postal apreendida do anarquista Priotr Kropotkin. Prontuário 1262 vol 1. Benedito Romano. DEOPS/SP. AESP.....121
Figura 15 - Livro apreendido. *Poesias e Hinos Libertários*. Prontuário 1262, Benedito Romano, vol. 1 DEOPS/SP. AESP.....122
Figura 16 - Jornal *A Cana.* Editado por Rodolpho Felippe durante o período em que esteve no presídio Paraíso. Prontuário 400, Rodolpho Felippe. AESP. ….....127
Figura 17 – Livro Do Regimen democrático com dedicatória do autor a Antônio Picarollo. AEL/UNICAMP. ….....138
Figura 18 – Capa do livro Delenda Roma de Everardo Dias. Rio de Janeiro: EE de PM, 1921. AEL/UNICAMP. ….....139
Figura 19 – Página de rosto do livro Delenda Roma de Everardo Dias. Rio de Janeiro: EE de PM, 1921. Com dedicatória a Edgard Leuenroth. AEL/UNICAMP. ….....140
Figura 20 – Página de rosto do livro A nova Rússia de Julio Alvarez del Vayo. Com carimbos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. AEL/UNICAMP. ….....141
Figura 21 – Página de rosto do livro Nova polêmica, de Lorenzo Stecchetti, Bolonha, 1909. Com carimbo da *Biblioteca Social A Inovadora* e assinatura de Paulino (?). AEL/UNICAMP. ….....142
Figura 22 – Capa do livro Ensaios de sociologia de M. Carlos. AEL/UNICAMP. ….....143

Figura 23 – Página de rosto do livro Ensaios de sociologia de M. Carlos. (À ilustrada Redação da "A Plebe" a quem o autor pede se digne prestar um pouco de atenção ao livro que pretender servir de (?) à humanidade. Rio de Janeiro, rua da Constituição, n. 21 sobrado, 6-4-21) AEL/UNICAMP.....144
Figura 24 – Capa do livro Iluminando o roteiro da vida de C. Pinto Mendes. AEL/UNICAMP. …..145

Figura 25 – Página de rosto do livro Iluminando o roteiro da vida de C. Pinto Mendes. (Ao M. D. Defensor dos oprimidos pelos vampiros do Vaticano – Diretor de "A Lanterna" - Edgard Leuenroth ... Pela nossa liberdade todos os esforços são poucos, precisamos combater os inimigos da verdade). AEL/UNICAMP. ….....146
Figura 26 – Capa do livro *Jaurés par ses contemporains* de L. Jouhaux, et al. Paris, 1925. AEL/UNICAMP. ….....148

Figura 27 – Folha de rosto do livro *Jaurés par ses contemporains* de L. Jouhaux, et al. Paris, 1925.Com assinatura de Benjamim Mota. AEL/UNICAMP. ….....149

Figura 28 – Fichamento manuscrito em italiano sobre o livro Il Brasile: sue ricchezze naturali, sue industrie. Milano: Fratelli Treves, 1909. (tombo 2060). AEL/UNICAMP.....150

Figura 29- Verso do fichamento. Carta timbrada do escritório de advocacia de Antônio Piccarolo, S. Paulo, 20 de janeiro de 1911. AEL. UNICAMP.....150

Figura 30 - Capa do livro Verdades Sociais de J. Carlos Boscolo. AEL/UNICAMP.....152

Figura 31- Folha de rosto do livro Verdades Sociais de J. Carlos Boscolo. AEL/UNICAMP.....153

Figura 32 - Dedicatória de J. Carlos Boscolo à Isabel Cerruti. (À distinta camarada Isabel Cerruti, pela sua cultura, pelo seu elevado pensamento de Beleza e Anarquia – a minha homenagem) livro Verdades Sociais de J. Carlos Boscolo. AEL/UNICAMP.....154

Figura 33 - Capa do livro No tempo da forca, de Mario dos Vanderlei. AEL/UNICAMP.....154

Figura 34 - Falsa folha de rosto do livro No tempo da forca, de Mario dos Vanderlei. Com dedicatória do autor a Edgard Leuenroth (Ao Edgard Leuenroth que por tanto tempo iluminou o catolicismo com sua Lanterna, S. Paulo, 22/11/1925) AEL/UNICAMP.....155

Figura 35 - Capa do livro Por que ser anti-semita? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. AEL. UNICAMP.....155

Figura 36 - Folha de rosto do livro Pour & Contre Malthus. Paris: Lux, 1911. AEL. UNICAMP...156

Figura 37 - Livro Pour & Contre Malthus. Paris: Lux, 1911. Dedicatória do autor ao diretor do jornal *A Lanterna*. AEL. UNICAMP.....156

Figura 38 - Capa do livro O que é Estado Proletário?: reflexões sobre a Rússia Soviética, de Osório César. AEL. UNICAMP. ….....157

Figura 39 – Folha de rosto do livro O que é Estado Proletário?: reflexões sobre a Rússia Soviética, de Osório César.(Para *A Lanterna* com grande simpatia do autor. São Paulo, 26/10/1933). AEL. UNICAMP.....158

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idiomas dos livros.....133

Gráfico 2 – Variação dos idiomas dos livros de 1835 a 1937.....134

Gráfico 3 – Variação dos idiomas dos livros de 1905 a 1937.....135

LISTA DE SIGLAS

AEL – Arquivo Edgard Leuenroth

AESP – Arquivo do Estado de São Paulo

CCS – Centro de Cultura Social

DEOPS/SP – Delegacia Estadual de Ordem Política e Social

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....13
1 ANARQUISTAS NA METRÓPOLE.....22
1.1 Movimento anarquista e sindicalismo.....22
1.2 Anarquistas fichados pelo DEOPS de São Paulo.....30
1.3 Educação libertária.....37
1.3.1 Educação anarquista em São Paulo.....39
1.4 O Centro de Cultura Social.....42
1.4.1 Perfil dos organizadores.....47
1.4.2 As atividades desenvolvidas.....54
1.4.3 O conceito de cultura entre os anarquistas do Centro de Cultura Social.....59
2 JORNADAS DE TRABALHO E PRÁTICAS CULTURAIS.....68
2.1 Os trabalhadores e a luta pela diminuição da jornada de trabalho.....68
2.2 Trabalhadores e ociosos.....71
2.3 Práticas culturais anarquistas.....78
3 LEITURAS LIBERTÁRIAS.....87
3.1 Os novos leitores na Europa.....88
3.2 Leituras entre os anarquistas.....90
3.3 Leituras interrompidas.....105
3.3.1 Autodidatismo.....123
3.3.2 Bibliotecas comunistas.....125
3.4 Leituras na prisão.....125
3.5 Livros do Fundo Edgard Leuenroth.....128
3.5.1 Usos do acervo.....137
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....160
REFERÊNCIAS..... 163
DOCUMENTAÇÃO.....169
APÊNDICE.....172

INTRODUÇÃO

Aprenda, homem no asilo!
Aprenda, homem na prisão!
Aprenda, mulher na cozinha!
Aprenda ancião!
Você tem que assumir o comando!
Frequente a escola, você que não tem casa!
Adquira conhecimento, você que sente frio!
Você que tem fome, agarre o livro: é uma arma.
Você tem que assumir o comando.

Elogio do Aprendizado
Bertold Brecht

A escolha do tema deste projeto de pesquisa está diretamente relacionada à minha trajetória acadêmica. Em 1999, enquanto cursava graduação em História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), desenvolvi uma pesquisa de Iniciação Científica com a orientação da professora drª Maria Luiza Tucci Carneiro sobre anarquistas atuantes no Estado de São Paulo nas décadas de 1920 e 1930. O projeto *Repressão e resistência: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1937)* contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e, posteriormente seus resultados foram publicados pela Imprensa Oficial de São Paulo[1], cuja principal fonte documental foram os prontuários do antigo DEOPS de São Paulo. Através desta documentação foi possível traçar um perfil de quem eram os anarquistas atuantes no Estado de São Paulo, quais eram suas principais ocupações, nacionalidades e crimes políticos pelos quais eram acusados. Outro aspecto interessante foi identificar o discurso policial sobre os anarquistas através de prontuários nominais e de instituições relacionadas a atividades dos anarquistas tais como jornais, federações operárias e centros de cultura.

Posteriormente cursei Biblioteconomia na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) quando me chamou atenção o fato de que na literatura que tratava de ação cultural era recorrente a afirmação de que os primeiros centros de cultura em São Paulo teriam surgido na década de 1980 do século XX, com o Centro Cultural São Paulo e o Centro Cultural do Jabaquara. Durante minha pesquisa de iniciação científica havia

[1] PARRA, Lucia Silva. *Combates pela liberdade*: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945). São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa Oficial, 2003.

sido constatada a existência do Centro de Cultura Social, fundado em 1933 e, a partir desta questão surgiu meu tema para o trabalho de conclusão de curso (TCC) defendido em 2007. Os objetivos deste trabalho foram estudar a trajetória do Centro de Cultura Social em suas três fases, relacionado-as à história do movimento anarquista em São Paulo. Outras questões abordadas foram investigar se o Centro de Cultura Social seria, de acordo com as definições da literatura na área, de fato um centro de cultura e se havia a prática de ação cultural. Chamou-me atenção durante esta pesquisa o papel de destaque que ocupa a cultura entre os libertários[2] e, em especial a importância atribuída às bibliotecas. O acervo da biblioteca do CCS, até 1969, foi constituído e organizado por militantes anarquistas e foi vendido, provavelmente, à revelia de um grupo, fato este que ainda hoje causa polêmicas no movimento anarquista. Este acervo foi adquirido pela UNICAMP e constitui hoje o Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), inaugurado em 1974.

De acordo com Edgar Rodrigues, o acervo organizado por Edgard Leuenroth era formado por publicações enviadas para os jornais onde ele militava, obras de outros anarquistas que haviam sido presos, expulsos ou simplesmente não tinham condições de guardar o material[3]. Outros militantes, como Antônio Martinez e Jaime Cubero participaram também da organização desta biblioteca conforme depoimento de Carlos Morel concedido a Nildo Avelino:

> Ocorre que o material estava tremendamente desorganizado, dadas as suas constantes mudanças de localização, por motivos de segurança ou financeiros desde 1930. Martinez então se propôs a ajudar na organização do material. [...] começou então uma tarefa hercúlea que iria lhe tomar os próximos oito anos: reorganizou, com o auxílio de Jaime Cubero e de outros companheiros, praticamente todo o arquivo, restaurou coleções de documentos, completou e encadernou coleções de jornais e periódicos, etc. Quando John Foster Dulles esteve no Brasil buscando subsídios para seu bisonho livro deparou-se com um arquivo razoavelmente organizado e não com um amontoado de papel velho[4].

---

[2] O termo *libertário* será usado aqui como sinônimo de anarquista. Ver BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 5. ed. São Paulo: IMESP, 2004. v.1 p. 23. [...] Anarquismo significou, portanto, a libertação de todo o poder superior, fosse ele de ordem ideológica (religião, doutrinas, políticas, etc), fosse de ordem política (estrutura administrativa hierarquizada), de ordem econômica (propriedade dos meios de produção), de ordem social (integração numa classe ou num grupo determinado), ou até de ordem jurídica (lei). A estes motivos se junta o impulso geral para a liberdade. Daí provém o rótulo de libertarismo, atribuído ao movimento, e de libertário, empregado para designar o que adere ao libertarismo.

[3] RODRIGUES, Edgar. *Lembranças incompletas*. Guarujá: Opúsculo Libertário, 2007, p. 107.

[4] AVELINO, Nildo. *Anarquistas*: ética e antologia de existências. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004. p. 126.

Em 1985, quando as atividades do Centro de Cultura Social foram retomadas, o acervo da biblioteca foi novamente formado a partir de doações de militantes e atualmente conta com aproximadamente 3.000 volumes sobre ciências humanas, grande parte dos quais trata de temas anarquistas. Além de livros, possui publicações periódicas, revistas, folhetos, cartazes e fitas de vídeo. A temática dos livros reflete os interesses dos antigos militantes, que incluíam no acervo assuntos como anarquismo, história dos movimentos sociais, literatura, teatro, entre outros. A biblioteca conta, inclusive, com obras libertárias que dificilmente são encontradas em outras instituições, pois são de publicações de tiragens pequenas. Os cartazes e folhetos referem-se a eventos de cunho libertário. Atualmente o acervo da biblioteca pode ser emprestado para os sócios e frequentadores do CCS.

O interesse por este tema surgiu a partir da hipótese de que as leituras para o movimento anarquista teriam um papel de destaque e o acervo da biblioteca seria um objeto de estudo interessante para refletir sobre os interesses dos libertários. Investigar a constituição do acervo possibilita a reflexão sobre as editoras que publicavam livros de caráter anarquista quanto à sua produção, distribuição e venda.

No período estudado as bibliotecas, ateneus e centros de cultura eram também espaços de socialização e de discussão de ideias, assim como algumas livrarias na cidade de São Paulo.

§

O objetivo principal deste trabalho foi entender qual a importância da leitura e de suas práticas entre os anarquistas atuantes em São Paulo nos anos 1930, com especial destaque para o Centro de Cultura Social. Os objetivos específicos foram: traçar um perfil de quem eram os anarquistas atuantes na cidade de São Paulo na década de 1930 e procurar compreender a que correntes libertárias estavam vinculados; descrever a trajetória da formação do acervo da biblioteca do Centro de Cultura Social quanto aos autores presentes, temas, idiomas, locais de publicação; identificar quais eram as editoras que publicavam livros anarquistas e quais as suas dinâmicas de produção, distribuição e venda, através de fontes como relatórios de investigação policial ou anúncios de livros em jornais libertários; descrever as formas de uso do acervo, como leituras coletivas comentadas, individuais, encenações teatrais, leituras dramáticas, empréstimo domiciliar de livros e identificar outras

práticas culturais dos libertários incluindo, palestras, piqueniques e teatro que se relacionavam com a leitura.

O recorte cronológico escolhido foi a primeira fase do Centro de Cultura Social (1933-1937) por ser a fase inicial deste acervo além de contar com uma documentação considerável: livros do Fundo Edgard Leuenroth, jornais anarquistas (*A Plebe e A Lanterna*) com informações sobre livros e prontuários do DEOPS/SP de anarquistas. Penso que estas fontes documentais juntas puderam me auxiliar a entender um pouco mais sobre os livros e as práticas de leitura dos anarquistas nos anos 1930, na cidade de São Paulo.

No discurso policial a cultura, bem como as "leituras constantes" aparecem como um perigo a ser evitado. Por outro lado, para os libertários, "folhetos, livros e discussões em torno da questão social" eram necessários para a formação de um homem novo e para a transformação social. Então se pode perguntar, o que era lido pelos anarquistas atuantes em São Paulo nos anos 1930?

Com a intenção de refletir sobre estas leituras foi realizado um levantamento de livros que formam o fundo Edgard Leuenroth: do total de 709 presentes no acervo catalogado pela UNICAMP foram selecionados 314 que correspondem às obras publicadas até 1937. Ainda que a simples presença de determinados livros em uma biblioteca não signifique que estas obras tenham sido necessariamente lidas, penso que a própria escolha de títulos que irão compor um acervo indique preferências e somente por isso já seja significativa.

Embora a leitura de jornais fosse relevante no período estudado, devido ao número de títulos que circulavam e às tiragens de alguns jornais como *A Lanterna* que chegou a 10 mil exemplares em 1901, o enfoque deste trabalho será a leitura de livros. Outras pesquisas já abordaram os jornais na década de 1930, como *Imprimindo a resistência*: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo (1930-1945) de Rodrigo Rosa da Silva[5].

Os livros do Fundo Edgard Leuenroth, inicialmente foram selecionados a partir do Catálogo Bibliográfico online da UNICAMP – Base Acervus. Na opção de busca combinada escolhi a expressão "Edgard Leuenroth" pois nos registros bibliográficos do fundo pesquisado foi registrada a informação: "O exemplar do AEL pertence a Coleção Edgard Leuenroth (EL)"que pode ser visualizada na opção "detalhes". A delimitação cronológica foi feita selecionando o ano de edição até 1937. Para melhor visualização e análise os dados obtidos

---

[5] SILVA, Rodrigo Rosa da. *Imprimindo a resistência*: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo (1930-1945). Campinas, 2005. Dissertação, Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

foram inseridos em uma tabela (apêndice). Na coluna de assuntos procurei preservar um dos assuntos atribuídos na própria catalogação do acervo da Unicamp, pois não houve tempo suficiente para consultar cada um dos livros. A escolha por somente um assunto foi feita para facilitar a análise dos dados. Ressalto que não há como ter certeza de que estes livros foram adquiridos na década de 1930 ou posteriormente.

Nos registros bibliográficos dos livros do Fundo Edgard Leuenroth também há informações sobre anotações contidas nas obras que poderiam ser desde anotações de leitura, a dedicatórias de autores. As marginálias e dedicatórias foram usadas neste trabalho como uma forma de entender um pouco mais sobre o uso dos livros, bem como a formação do acervo. Em pastas suspensas do Fundo Edgard Leuenroth de material textual foram localizados fichamentos manuscritos de alguns dos livros.

Observo que os livros que compõem o Fundo Edgard Leuenroth não correspondem exatamente ao antigo acervo da biblioteca da primeira fase do CCS, pois, somente uma parte deste arquivo foi vendido à UNICAMP. Ainda assim, acredito que a análise desta amostra, juntamente com outras fontes documentais possa indicar informações relevantes sobre uma parte da história da leitura entre os anarquistas.

Outra fonte documental usada foram os prontuários do DEOPS/SP referentes a anarquistas e organizações relacionadas à ideias e práticas libertárias como os jornais *A Plebe* e *A Lanterna*, o Centro de Cultura Social, a Federação Operária de São Paulo. O levantamento destes militantes e instituições foi realizado, em grande parte, durante minha pesquisa de iniciação científica. Ressalto que se tratavam de pessoas acusadas de anarquismo pela polícia política, o que poderia significar desde um militante de destaque no movimento como Edgard Leuenroth, Rodolpho Felippe ou Pedro Catallo até alguém que simplesmente foi flagrado lendo um jornal anarquista. Além disso, os prontuários de anarquistas localizados no acervo do DEOPS/SP, provavelmente, não representam a totalidade dos libertários atuantes em São Paulo, mas alguns daqueles que passaram pelo filtro da vigilância policial.

Como referencial teórico orientei-me pelos trabalhos de Robert Darnton em suas pesquisas sobre livros e leituras. O autor afirma que para uma história da leitura devemos consultar arquivos e comparar relatos de leitores e anotações em seus livros[6]. Os estudos sobre os leitores e seus temas se dividem em dois grandes grupos os macro e os microanalíticos. Estudos macroanalíticos foram realizados principalmente por historiadores

---

[6] DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia de Bolso, 2010. p. 171.

franceses que dispunham de amplas séries de dados como registros de depósito legal e também pelos alemães com longas séries estatísticas obtidas a partir dos catálogos das feiras de livros de Frankfurt. Darnton afirma que os estudos macroanalíticos são muito úteis para indicar tendências e conclusões gerais, no entanto, às vezes, carecem de precisão que pode ser obtida com a microanálise, com o estudo do catálogo de uma biblioteca por exemplo[7].

No caso desta dissertação, a escolha pela microanálise foi feita, em primeiro lugar, pela dificuldade em encontrar fontes de pesquisa que pudessem resultar em longas séries de dados.

§

O interesse sobre o anarquismo entre historiadores e cientistas sociais no Brasil iniciou-se a partir da década de 1970. Entre eles, o estudo do brasilianista John Foster Dulles intitulado *Anarquistas e comunistas no Brasil* (1900-1935)[8], no qual são relatadas as lutas libertárias desde o início do século XX, com a chegada de trabalhadores imigrantes. Para Dulles o movimento anarquista brasileiro foi bastante intenso e significativo até o início dos anos 1920 quando teria ocorrido um enfraquecimento devido à repressão e ao início da difusão das ideias comunistas no Brasil. O movimento comunista torna-se o principal objeto de estudo desta obra a partir da fundação do Partido Comunista em 1922.

Outro brasilianista que teve interesse pelo movimento operário brasileiro foi Leslie Maram. Em *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro* (1890-1920)[9], um dos principais temas é o movimento anarquista, com enfoque nas relações entre militância e imigração. O autor analisa o movimento sindical em seus primórdios em São Paulo e Rio de Janeiro, que segundo Maram eram impulsionados por militantes de origem estrangeira, em sua maioria italianos, portugueses e espanhóis.

Boris Fausto, em *Trabalho Urbano e Conflito Social*,[10] analisa a classe operária de São Paulo e do Rio de Janeiro no início de sua formação, que ocorreu no final do século XIX, com a expansão da economia cafeeira. O autor identifica três correntes de influência no movimento operário até os anos 1920: o anarquismo, o trabalhismo e o socialismo. Enquanto

[7] DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia de Bolso, 2010. p. 175-176.

[8] DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil* (1900 -1935). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

[9] MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro* (1890-1920). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

[10] FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social* (1890-1920). Rio de Janeiro: Difel, 1977.

o anarquismo tornava-se a corrente mais atuante do movimento operário, surgiram efêmeros partidos e organizações de caráter trabalhista. Segundo Boris Fausto, a partir dos anos 1920, teria havido um refluxo da pressão das camadas dominadas a ponto de deixarem de ser fonte de preocupação aos dirigentes.

Em *A República Nova* (1930-1937)[11]**,** Edgard Carone trata de maneira indireta do anarquismo. Carone aponta um conflito entre anarquistas e comunistas causado pela recusa dos libertários em envolver os sindicatos com política partidária. Segundo Carone, as lideranças das greves e manifestações públicas passaram a ser preponderantemente comunistas, na década de 1930.

As pesquisas que tratavam do movimento anarquista na década de 1970, a exemplo das que foram citadas, defendem que esta seria uma ideologia imatura que teria perdido sua relevância após a fundação do Partido Comunista, em 1922.

Em 1985, Carlos Augusto Addor defende dissertação de mestrado sobre a insurreição anarquista de 1918, publicada no ano seguinte[12]. O autor analisa uma insurreição organizada por anarquistas, inspirados na Revolução Russa de 1917. Embora o plano de assalto contra os órgãos institucionais do Distrito Federal tenha fracassado e seus líderes presos e deportados, o movimento trouxe benefícios para a classe trabalhadora a médio prazo. As reivindicações dos operários não puderam ser mais ignoradas. Neste trabalho, a história do anarquismo é analisada de forma mais isenta, já não era mais simplesmente a "infância do movimento operário" como foi descrito na década de 1970.

A partir da década de 1990, a teoria da decadência do movimento anarquista a partir de 1922 passou a ser questionada. A obra *A resistência anarquista***:** uma questão de identidade (1927 a 1937)[13] , originalmente uma dissertação de mestrado defendida em 1996, de Raquel de Azevedo trata das alternativas de resistência do anarquismo no Brasil principalmente dentro do anarco-sindicalismo nas décadas de 1920 e 1930. A autora aborda a continuidade da ação sindical dos libertários, bem como a repressão exercida por parte das autoridades e a construção do discurso policial sobre os anarquistas.

Em um contexto de crise do marxismo, o olhar dos pesquisadores passou a valorizar mais o movimento anarquista e diversificar sua temática. Foram publicadas biografias de

---

[11] CARONE, Edgard, *A República Nova* (1930-1937). São Paulo: Difel, 1974.
[12] ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
[13] AZEVEDO, Raquel. *A Resistência Anarquista:* uma questão de identidade.(1927-1937). São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa Oficial, 2002.

militantes como do italiano Oreste Ristori[14], de Florentino de Carvalho[15] e Luce Fabbri[16].

Um aspecto que tem sido ainda pouco explorado na história do movimento anarquista no Brasil tem sido a cultura. Uma importante obra que se dedicou a esta faceta do anarquismo é *Nem Pátria, nem Patrão!*[17] de Francisco Foot Hardman, na qual o autor aborda a questão da cultura operária. Neste trabalho, o autor defende que a cultura não teria sido uma questão secundária no movimento operário, não havendo como se separar da história do anarquismo no Brasil.

Outra obra que trata da cultura anarquista é *Anarquistas*: ética e antologia de existências de Nildo Avelino[18]. O autor apresenta atividades que eram realizadas ao longo da trajetória do Centro de Cultura Social em suas três fases. O autor usou em seu trabalho entrevistas de diversos militantes libertários que participaram das atividades do Centro de Cultura Social desde a década de 1960. Avelino destaca a história e a memória de anarquistas atuantes na cidade de São Paulo, identificando como as teorias anarquistas se entrelaçam com suas vidas pessoais.

No primeiro capítulo desta dissertação procurei partir de uma breve história dos anarquistas em São Paulo, passando por suas atuações no campo sindical e educacional. As experiências junto a associações de trabalhadores foram bastante intensas até a década de 1930, quando começam a declinar principalmente devido à repressão policial e à legislação trabalhista. Na área da educação pode-se afirmar que as estratégias reinventaram-se ao longo do tempo, pois mesmo quando as escolas fundadas por libertários foram fechadas algumas reabriram com outras denominações. Por outro lado, os ateneus libertários e centros de cultura, que também possuíam um viés educacional, permaneceram atuantes até 1937. Dentre estas instituições destaquei o Centro de Cultura Social, suas atividades e principais organizadores.

No segundo capítulo procurei analisar a luta dos trabalhadores para a diminuição das jornadas e a ideia de ócio. Perguntei-me então o que pretendiam os anarquistas com o tempo liberado do trabalho. Encontrei algumas pistas em atividades relacionadas à leitura, tais como encenações teatrais, palestras, apresentações musicais e piqueniques que eram frequentes

[14] ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori*: uma aventura anarquista. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.
[15] NASCIMENTO, Rogério. *Florentino de Carvalho*: pensamento social de um anarquista. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.
[16] RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade*: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo. São Paulo: UNESP, 2001.
[17] HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, nem Patrão!*: vida operária e cultura anarquista no Brasil. 3. ed. São Paulo: UNESP, 2002.
[18] AVELINO, Nildo. *Anarquistas*: ética e antologia de existências. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

entre os anarquistas.

Nos terceiro capítulo enfoquei as atividades culturais e principalmente a prática de leitura entre os libertários, passando por quais temas, autores e idiomas eram encontrados com maior frequência. Procurei também entender como eram publicados e adquiridos livros anarquistas. Através das anotações e dedicatórias encontradas nos livros do fundo Edgard Leuenroth, encontrei informações sobre como foi o processo de formação da coleção de livros da antiga biblioteca Centro de Cultura Social. Analisei também informações sobre livros e bibliotecas anarquistas confiscadas pelo DEOPS/SP.

1 ANARQUISTAS NA METRÓPOLE

> Anarquia [...] é o ideal que talvez nem mesmo se realize, assim como nunca se atinge a linha do horizonte, que se distancia conforme nos aproximamos dela, o anarquismo é um método de vida e de luta, e deve ser praticado hoje e sempre, pelos anarquistas, no limite das possibilidades que variam de acordo com os tempos e as circunstâncias.
>
> Malatesta
>
> (Republlicanesimo sociale e anarchismo, Umanità Nova, n. 100, Roma, 1922, in Scritti, Ginevra, 1936, vol. II)

Para entender melhor quem eram os leitores anarquistas em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, procurei dados sobre quais eram suas atividades profissionais, escolaridade e nacionalidades. Neste capítulo, fiz um breve relato do contexto histórico, passando pela atuação dos libertários no meio sindical, educacional e pela repressão exercida pelas autoridades policiais. No campo da educação menciono algumas experiência europeias que serviram de inspiração para escolas fundadas em São Paulo.

Ao longo da década de 1930, a atuação junto a associações de classe e sindicatos entra em declínio devido às leis trabalhistas, à repressão e aos conflitos com grupos comunistas. Escolas fundadas por anarquistas em São Paulo foram fechadas, mas organizações como os ateneus e centros e cultura permaneceram em atividade na década de 1930. Destaquei neste capítulo o Centro de Cultura Social, fundado em 1933, pois nesta organização havia um acervo de biblioteca que era usado por seus organizadores e frequentadores e, parte desta coleção será analisada nos capítulo final da dissertação. Ainda sobre o Centro de Cultura Social, procurei compreender quais eram as atividades realizadas e quem eram seus organizadores.

1.1 Movimento anarquista e sindicalismo

A partir do final do século XIX, com as leis de restrição ao tráfico negreiro, e a abolição da escravidão, surgiu no Brasil a necessidade de mão-de-obra para o trabalho na lavoura de café, produto que vinha se destacando cada vez mais no mercado internacional.

Em 1871 foi promulgada a Lei do Ventre Livre que libertava os filhos de mulher escrava nascidos a partir desta data. Até os oito anos, as crianças ficariam com suas mães e

depois os senhores poderiam receber do Estado uma indenização ou contar com seus serviços até os vinte e um anos. No entanto, as crianças raramente foram entregues ao poder público e os senhores de escravos continuaram a usar seus serviços[19].

Na década de 1880 o movimento abolicionista se consolida com a criação de associações e jornais dos quais faziam parte pessoas de diferentes condições sociais como proprietários rurais e negros e mestiços de origem pobre. Em 1885 foi aprovada a Lei dos Sexagenários que libertava os escravos maiores de 60 anos. Em 1888 os escravos foram libertados.

De acordo com Boris Fausto, o destino dos escravos libertados foi diferente conforme as regiões do Brasil. No nordeste, em geral tornaram-se dependentes dos grandes proprietários. No Vale do Paraíba tornaram-se parceiros nas fazendas de café em decadência. Na cidade de São Paulo os ex-escravos ocuparam os postos de trabalho mais irregulares e mal pagos. No Rio de Janeiro os negros tiveram oportunidades relativamente melhores, como o trabalho nas fábricas[20].

Neste contexto, a vinda de estrangeiros passou a ser incentivada e até mesmo subsidiada. A crise econômica e a falta de empregos de países europeus como a Itália e a Espanha também contribuíram para este contexto. Outro fator que colaborou com a imigração no Brasil foi uma política de branqueamento da população brasileira.

Entre 1887 e 1930 chegaram ao Brasil aproximadamente 3,8 milhões de estrangeiros. O Estado de São Paulo concentrou 52,4% dos imigrantes no país. Neste período, os grupos mais numerosos foram os italianos 35,5% do total, seguidos pelos portugueses, com 29% e pelos espanhóis, com 14,6%[21].

Os homens e mulheres aqui desembarcados eram camponeses, artesãos, operários e pequenos comerciantes, atraídos por promessas de uma vida melhor. A realidade encontrada era decepcionante, pois as relações entre patrões e empregados ainda eram permeadas pela violência da tradição escravocrata.

Muitos destes imigrantes, diante desta situação, retornaram a seus países de origem: no período de 1892 a 1930 passaram pelo porto de Santos 1.895 milhão de estrangeiros e regressaram aproximadamente 1.017 milhão[22].

---

[19] FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 6.ed. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 217-218.
[20] FAUSTO, Boris op cit. p. 220-221.
[21] FAUSTO, Boris. op cit. p. 276.
[22]FAUSTO, Boris. op cit. p. 276.

No Estado de São Paulo, os principais grupos de imigrantes como italianos, espanhóis e japoneses dirigiram-se inicialmente para o trabalho nas lavouras, mas parte dos italianos e espanhóis foram posteriormente para grandes centros urbanos, e entre estes havia alguns que já possuíam experiências de militância anarquista e contribuíram para a organização de sindicatos e associações de classe na cidade de São Paulo.

O anarquismo, embora tenha muitas correntes, pode ser definido em linhas gerais como uma luta individual ou coletiva contra formas de autoridade ideológica (Igreja), política (Estado, partidos políticos) ou econômica (propriedade dos meios de produção). Na 11ª edição, de 1910 da *Enciclopédia Britânica*, Kropotkin definia anarquismo como:

> Anarquismo (do grego an- e arch, contrário à autoridade), nome dado a um princípio, ou teoria de vida ou conduta, pelo qual a sociedade é concebida sem governo. Numa tal sociedade, a harmonia seria obtida não pela submissão às leis ou pela obediência a qualquer autoridade, mas por livres acordos entre os vários grupos, regionais e profissionais, livremente constituídos no interesse da produção e do consumo, bem como para a satisfação da infinita variedade de necessidades de um ser civilizado. Numa sociedade desenvolvida nessas linhas, as associações voluntárias que desde agora começam a abranger todos os campos da atividade humana atingiriam um campo ainda maior, de modo a substituírem o Estado em todas as suas funções[23].

O discurso das autoridades que mostravam o anarquista como um elemento perigoso para a sociedade era reforçado por exemplos do uso da violência como forma de ação política que de fato fora adotada por uma minoria de militantes na década de 1890, na Europa. No entanto, estas atitudes eram criticadas por teóricos como Kropotkin, Grave e Reclus.[24]

Em 1905, em São Paulo foi fundada a Federação Operária de São Paulo (FOSP) que reunia sapateiros, pedreiros, marceneiros e chapeleiros. Em 1906, no Rio de Janeiro, foi realizado o Congresso Operário Regional Brasileiro que aprovou a adoção das teses do sindicalismo revolucionário, entre elas, o federalismo que proporcionava autonomia aos sindicatos. Em seguida foi criada a Confederação Operária Brasileira (COB) para prestar auxílio às federações e um jornal – *A Voz do Trabalhador* – para divulgar suas atividades[25].

Entre as correntes anarquistas, a mais destacada em São Paulo foi o anarco-sindicalismo que apoiava a atuação por meio dos sindicatos, considerando que seria benéfica na medida em que levaria os operários a conscientizarem-se da situação de opressão em que

---

[23] *O Tesouro da Enciclopédia Britânica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 159

[24] SAMIS, Alexandre. *Clevelândia*: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil. São Paulo: Imaginário/Achiamé, 2002. p. 38.

[25] SAMIS, Alexandre. Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. IN: *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004. p. 135-136.

viviam e também para ensiná-los a organizarem-se para assumirem a sociedade após uma revolução. A ação direta praticada através de greves, boicotes e sabotagem era vista como um instrumento válido de luta.

O anarquista italiano Errico Malatesta defendia a atuação dos libertários nos sindicatos como meio de despertar nos trabalhadores algo mais do que reivindicações imediatas, alertava para o risco de perder-se nos restritos problemas sindicais[26].

Para Jacy Seixas, os anarquistas atuantes no Rio de Janeiro teriam sido mais influenciados pelos livre pensadores e pelo positivismo, enquanto que em São Paulo o caráter cientificista não era tão presente e o predomínio teria sido do anarco-comunismo.[27]

Os anarquistas foram atuantes nas mais importantes greves de trabalhadores de São Paulo, como a greve de 1917, que parou a cidade. Essa greve teve início com duas greves isoladas - a do *Cotonifício Crespi* e a da empresa têxtil *Jafet* que se solidarizaram. Em uma manifestação pública houve conflito com policiais no qual morreu baleado o sapateiro anarquista Antônio Martinez. Com o episódio, a greve adquiriu um novo sentido e tornou-se geral. Multiplicaram-se os choques, as ações agressivas e os saques de alimentos. De acordo com Fausto, durante a greve geral de 1917, foi formado o Comitê de Defesa Proletária que tinha como reivindicações: o aumento de salários; proibição do trabalho de menores de 14 anos; fim do trabalho noturno de mulheres e menores de 18 anos; 8 horas de jornada; fim do trabalho no sábado à tarde e respeito ao direito de associação.[28] O desfecho foi um acordo entre os grevistas, os industriais e governo, com a mediação de um comitê de jornalistas, no qual se conseguiu o aumento de salários. Em meados de julho de 1917, muitas grandes empresas aceitaram as reivindicações operárias.

Datam dos primeiros anos do século XX, as leis de repressão ao anarquismo, tais como a lei *Adolpho Gordo*, de 1907, segundo a qual, qualquer estrangeiro que fosse considerado perigoso para a ordem social poderia ser deportado para seu país de origem. Esta lei serviu para legitimar a expulsão do território nacional de diversos anarquistas atuantes no meio sindical.

Para reprimir as greves e mobilizações operárias a polícia brasileira procurou adotar modernos métodos científicos, como a identificação datiloscópica, implantada pela polícia

---

[26] MALATESTA, Errico. Sindicalismo: a crítica de um anarquista. In: Woodcock, George. *Grandes escritos anarquistas*. São Paulo: L&PM, 1981, p. 208.

[27] SEIXAS, Jacy. Mémoire et oubli. Paris: Éditions de La Maison des Sciences de l'Homme, 1992, p. 95. Apud ROMANI, Carlo. Da biblioteca à escola moderna: breve história da ciência e da educação libertária na América do Sul. *Educação Libertária*, São Paulo, n.1, 3. quadrimestre, 2006. p. 90.

[28] FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 300.

carioca em 1905 e pela polícia de São Paulo, em 1907. O sistema de identificação pelas digitais era usado na China desde o século XIII para assinar contratos e foi adotado como forma de controle policial nas colônias inglesas do século XIX[29]. Segundo Martins, o emprego de modernas técnicas de identificação policial não serviram para diminuir a violência dos policiais[30].

Ainda em 1907, o então secretário da Segurança de São Paulo, Washington Luís criou o Gabinete de Investigações, posteriormente criado também em outros Estados brasileiros, com o objetivo de controlar trabalhadores, criminosos e anarquistas.[31]

Em 1921 foram aprovadas outras duas leis inicialmente direcionadas à repressão do movimento anarquista. Permitiam a expulsão do território nacional de estrangeiros que tivessem sido expulsos de outros países ou já houvessem sido considerados perigosos à ordem pública pela polícia de outro país[32]. Segundo Samis:

> O decreto n. 4269, de 17 de janeiro de 1921, incidiu diretamente sobre os militantes libertários. Ele trazia em seu subtítulo a seguinte distinção: "Regula a repressão do anarquismo". Os quatorze artigos eram, em grande medida, o fruto das experiências do Governo da República em relação aos embates, levantes e greves operárias[33].

Em 1924, acompanhando uma tendência internacional, o Gabinete de Investigações de São Paulo passou a comportar delegacias especializadas, entre elas a de Ordem Política e Social:

> A grande novidade era a criação de uma delegacia para investigar exclusivamente as greves e os movimentos políticos de contestação. O Dops, como ficou conhecido, teria um fichário próprio, além de uma verba especial. Tão logo a delegacia entrou em atividade, foram-lhe fornecidos pelas fábricas mais de cem mil cartões com dados dos seus operários. Três anos depois, o Gabinete de Investigações ganhou um prédio próprio para acomodar um arquivo de mais de 200 mil prontuários.[34]

Um dos principais objetivos da criação da Delegacia de Ordem Política e Social que

---

29 MARTINS, Marcelo Thadeu Quintanilha. "Policiais habilitados não se improvisam": a modernização da polícia paulista na Primeira República (1889-1930). *Revista de História*, São Paulo, n. 164, p. 243-269, jan./jun. 2011.

30 MARTINS, Marcelo Thadeu Quintanilha. "Policiais habilitados não se improvisam": a modernização da polícia paulista na Primeira República (1889-1930). *Revista de História*, São Paulo, n. 164, p. 243-269, jan./jun. 2011. p. 264.

31 MARTINS, op. cit., p. 259.

32 SAMIS, Alexandre. *Clevelândia*: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil. São Paulo: Imaginário/Achiamé, 2002. p. 84.

33 SAMIS, op cit., p. 85.

34 FILHO, Cantinho. Gabinete de Investigações (esboço histórico) 1909-1927. Apud. MARTINS, Marcelo Thadeu Quintanilha. "Policiais habilitados não se improvisam": a modernização da polícia paulista na Primeira República (1889-1930). *Revista de História*, São Paulo, n. 164, jan./jun. 2011. p. 262-263.

posteriormente passou para a denominação de Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS/SP) foi a repressão dos movimentos de trabalhadores e anarquistas, sendo que as primeiras fontes de informação sobre os investigados foram fornecidas pelos próprios donos das fábricas.

Segundo Cristina Campos em *O Sonhar Libertário*[35], em São Paulo, a polícia era mais violenta e arbitrária com relação aos movimentos populares, do que no Rio de Janeiro, onde, embora também houvesse repressão, esta ocorria de maneira mais camuflada. Apesar disso, as arbitrariedades contra os trabalhadores eram frequentes em ambas as cidades. Outra diferença era a origem dos trabalhadores, que, no Rio de Janeiro era predominantemente nacional, enquanto que em São Paulo a maioria era imigrante.

Em 1924, os anarquistas tiveram participação ativa na revolta militar de São Paulo, quando estes forçaram o governador Carlos de Campos e as tropas legalistas a fugirem da capital. Os anarquistas, embora não se identificassem com os militares, decidiram se unir a eles contra um inimigo comum: o governo.

Em repressão, centenas de anarquistas foram presos. Entre eles, Pedro Augusto Mota, gráfico cearense diretor de *A Plebe* desde 1923; Nino Martins, tipógrafo; José Maria Fernandes Varella; José Alves do Nascimento, ex-secretário da *União dos Operários em Construção Civil* e Nicolau Paradas, garçom.

No governo de Arthur Bernardes, os anarquistas sofreram mais com a repressão do que qualquer outro grupo e este fato era admitido até mesmo pelos comunistas. Muitos deles foram enviados para o campo de concentração com trabalho forçado de Clevelândia no Oiapoque, na fronteira com a Guiana, onde havia se alastrado uma epidemia de malária. Em 1924, Pedro Augusto Mota, editor de *A Plebe* foi enviado para lá, de onde conseguiu fugir em 1926 para a Guiana Francesa, mas acabou falecendo em decorrência dos maus tratos sofridos na prisão.

Em 1927, no governo de Washington Luís, uma nova medida do governo para conter a ação subversiva foi a criação da lei Celerada que tornava inafiançáveis os crimes de "desviar os operários e trabalhadores dos estabelecimentos em que foram empregados, por meio de ameaças e constrangimentos."

Em 1930, enquanto se afirmavam novas forças no poder, o proletariado expressava seu descontentamento através das greves, como em novembro de 1930, na fábrica de tecidos

---

[35] CAMPOS, Cristina Hebling. *O Sonhar libertário:* o movimento operário nos anos de 1917 a 1921. Campinas: Pontes, 1988.

Sociedade Comercial de Gênova em Santana, São Paulo, e a violenta greve nas Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo.

Em março de 1931 foi aprovada a lei de sindicalização que definia a constituição dos sindicatos, regulava a formação de federações, de sindicatos e confederações. Além disso, os estatutos sindicais deveriam ser enviados ao Ministério do Trabalho para aprovação, também deveriam constar os nomes de seus sócios. Cada categoria sindical foi obrigada a ter apenas um sindicato. A constituição destas associações deveria ser reconhecida pelo governo, passando a ter eficientes meios de controle sobre elas. Estas foram medidas que vieram desgastar ainda mais o movimento sindical autônomo.

Apesar da repressão, do desemprego e da crise econômica, os trabalhadores continuaram lutando por seus direitos. Em 1931, ocorrem greves dos operários do Moinho Santista de São Paulo, dos choferes de táxi, dos operários da Fábrica Brasileira de Seda, somente para citar algumas das greves ocorridas em São Paulo.

Em 1932 foram deflagradas inúmeras greves, entre elas a greve geral de maio em São Paulo iniciada na Estrada de Ferro São Paulo Railway que acabou se estendendo por mais de 30 dias.

Em 1934, as greves tornam a se intensificar. Neste mesmo ano, em outubro, o movimento anarquista demonstra novamente o seu vigor no combate ao integralismo. No dia 7, os integralistas se reúnem na Praça da Sé, em São Paulo, e esta manifestação foi dispersada por membros de esquerda liderados pelos anarquistas, nesta ocasião houve tiroteios e intervenção policial.

As medidas governamentais vão do apaziguamento à repressão, em atitudes aparentemente contraditórias como a aprovação de leis trabalhistas que vinham sendo reivindicadas pelos operários e a repressão às atividades sindicais.

Na década de 1930, os anarco-sindicalistas tiveram sua atuação cerceada pelas leis trabalhistas, que ofereciam benefícios aos empregados, mas também retiravam a sua autonomia sindical.

Os próprios anarquistas denunciavam a falácia das leis trabalhistas, pois, ainda que trouxessem melhores condições para os empregados, não eram cumpridas na prática. Em artigo do jornal *A Plebe*, sobre a lei de férias, afirma-se que a maioria dos patrões dispõem de meios para burlar a execução da lei.[36]

---

[36] A Lei de Férias e os trabalhadores. *A Plebe*, São Paulo, 9 de abril de 1927, n. 249, p. 2.

Conforme afirma Raquel de Azevedo, a legislação trabalhista foi identificada pelos anarquistas como fascista, sendo que as medidas que causaram maior indignação foram a Lei de Sindicalização, de 1931, a obrigatoriedade da Carteira Profissional, em 1932, a vinculação da Lei de Férias à sindicalização, em 1934. [37] A Lei dos Dois Terços afetou diretamente a atuação dos anarco-sindicalistas, pois exigia que, na direção sindical, houvesse maioria de 2/3 de brasileiros natos entre os associados e impedia a propaganda de ideologias políticas.

Em abril de 1935, como uma resposta do governo aos movimentos populares foi aprovada a Lei de Segurança Nacional (LSN) que criminalizava por exemplo greves de funcionários públicos, propaganda subversiva e associações que tivessem como objetivos subverter a ordem social.

Neste mesmo ano, o governo, por meio da LSN apreendeu quase todas as publicações libertárias, anti-clericais, sindicalistas, socialistas e comunistas. Em São Paulo, foram presos os editores de *A Plebe* e *A Lanterna* no presídio Maria Zélia.

Após o fracasso da Intentona Comunista de novembro de 1935 foram aprovadas novas medidas repressivas como a Comissão Nacional de Repressão ao Comunismo de 1936.

Em 1937, Getúlio Vargas implantou o Estado Novo tendo como pretexto o plano Cohen, elaborado com o auxílio de militantes integralistas. O Plano Cohen seria uma suposta insurreição comunista que seria publicado em um Boletim da Ação Integralista Brasileira. Com este pretexto foi aprovado pelo Congresso Nacional a suspensão dos direitos constitucionais por noventa dias. Em 10 de novembro de 1937 a polícia militar fechou o Congresso e foi instaurado o Estado Novo. Até mesmo os integralistas que foram aliados de Getúlio Vargas foram reprimidos.

A partir deste momento, a violência policial contra os subversivos se intensificou. O movimento anarco-sindicalista se retraiu e as principais causas disso são a forte repressão da ditadura Vargas, os crescentes conflitos com os grupos comunistas e o enfraquecimento interno do movimento. Parte da repressão exercida está documentada nos prontuários e dossiês do DEOPS/SP.

---

[37] AZEVEDO, Raquel de. *A resistência anarquista*: uma questão de identidade 1927-1937. São Paulo: Imprensa Oficial; Arquivo do Estado, 2002, p. 298.

1.2 Anarquistas fichados pelo DEOPS de São Paulo

Para entender mais especificamente quais eram as características dos anarquistas atuantes em São Paulo, na década de 1930, procurei indicações de quais eram suas principais nacionalidades, profissões e grau de escolaridade junto aos documentos do DEOPS/SP. Estas informações constam, muitas vezes nas fichas de qualificação que estava logo nas primeiras páginas dos prontuários e, também em fichas remissivas que eram usadas para a organização dos documentos policiais.

Ao refletir sobre as nacionalidades dos anarquistas estudados, deve-se levar em consideração que a cidade de São Paulo até 1940 era considerada uma cidade estrangeira[38]. Sabe-se que desde o final do século XIX a mão-de-obra imigrante era empregada nas fábricas de São Paulo, conforme afirma Fausto:

> Eles tiveram um papel fundamental nas empresas manufatureiras da capital de São Paulo, nas quais, em 1893, 70% de seus integrantes eram estrangeiros. Na indústria do Rio de Janeiro a porcentagem era menor, mas, mesmo assim, muito expressiva: 39%, em 1890[39].

Em 1934, o total da população estrangeira no Estado de São Paulo era de 931.691 e na capital de 287.690, sendo a proporção de estrangeiros de 30.9% na cidade de São Paulo[40]. O recenseamento geral do Estado de São Paulo, de 1940 indica 6.363.320 brasileiros natos, 52.111 brasileiros naturalizados, 761.991 estrangeiros e 2.894 de nacionalidade não declarada. Entre os naturalizados, as origens predominantes são: italiana, portuguesa, espanhola, japonesa, síria e alemã. No grupo dos estrangeiros, as nacionalidade que mais se destacam são: italiana, portuguesa, japonesa, espanhola, alemã e síria[41].

No que se refere aos anarquistas atuantes no Estado de São Paulo, foi realizado um levantamento juntos aos prontuários nominais do DEOPS/SP, cujo acervo atualmente encontra-se sobre a guarda do Arquivo do Estado de São Paulo. Foram localizados 93

---

38 DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas*: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 16.

39 FAUSTO, Bóris. *História do Brasil*. 6. ed. São Paulo: Edusp, 1999. p. 287.

40 BAENINGER, Rosana; BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. São Paulo: transição demográfica e migrações. IN: ODÁLIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *História do Estado de São Paulo*: formação da unidade paulista. Vol.2 República. p. 160.

41 IBGE. *Recenseamento Geral do Brasil* (1 de setembro de 1940). Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1950. v.2 (Censo Demográfico: população e habitação) http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_v2_br.pdf p. 142-143. Acesso em 01/06/2013.

prontuários de anarquistas ou pessoas que a polícia política de São Paulo julgou serem anarquistas ou terem envolvimento com o anarquismo e, observadas as informações sobre nacionalidade que geralmente aparecem na ficha de qualificação do documento.

Embora o tema da pesquisa enfoque a cidade de São Paulo, parte considerável dos dados disponíveis é sobre o Estado. Além disso, em muitas situações um militante anarquista era residente no interior do Estado, mas proferia palestras ou era colaborador em jornais libertários da capital. Deve ser observado que este é um levantamento de prontuários que foram identificados pela polícia política como de pessoas envolvidas com práticas anarquistas. Isto poderia significar desde uma militância de décadas quanto o simples fato de ser flagrado em um local público lendo um jornal libertário.

Dos 93 prontuários localizados, 62 são de estrangeiros e dentre estes, os que mais se destacam numericamente são italianos, espanhóis e portugueses. Por outro lado, considerando o elevado número de estrangeiros residentes no Estado de São Paulo, é também significativo o número de brasileiros. Convêm observar que embora numericamente haja mais estrangeiros no levantamento realizado, os militantes anarquistas mais destacados neste período eram nascidos no Brasil, tais como Edgard Leuenroth, José Oiticica, Rodolpho Felippe e Maria Lacerda de Moura.

Quadro 1- Nacionalidades dos anarquistas fichados

Nacionalidades	Número de prontuários	porcentagem
italiana	25	26,80
brasileira	23	24,70
espanhola	23	24,70
portuguesa	10	10,70
argentina	1	1,07
austríaca	1	1,07
francesa	1	1,07
suíça	1	1,07
ignorada	8	8,60
total	93	100

Fonte: PARRA, Lúcia Silva. *Combates pela liberdade*: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945). São Paulo: Imprensa Oficial, 2003. p. 23

As autoridades policiais valeram-se do fato de haver muitos imigrantes entre os

anarquistas para reprimi-los através de leis de expulsão de estrangeiros considerados indesejáveis e "perturbadores da ordem social". Havia inclusive um discurso segundo o qual os anarquistas não teriam o direito de se manifestarem por serem estrangeiros. Este fato era usado para justificar o fechamento de organizações relacionadas aos anarquistas como, por exemplo, a Federação Operária de São Paulo (FOSP). Em uma portaria do Delegado de Ordem Social Venâncio Ayres, de 1937, afirmava-se que a FOSP exercia atividades subversivas, de caráter "anarquista e comunista" e, por ser "constituída de elementos estrangeiros, em sua maioria", deveriam ser tomadas as providências necessárias para o seu fechamento. Percebe-se que ao fato de serem estes elementos "subversivos" era acrescentada a agravante de serem imigrantes.

> Existindo nesta Delegacia documentos comprobatórios de atividade subversiva que nesta capital é exercida pela organização denominada Federação Operária de S. Paulo, nos campos anarquista e comunista, e, constituindo-se a mesma de elementos estrangeiros, na sua maioria, determino (que) seja instaurado o competente inquérito, iniciando-se as diligências necessárias, desde logo, para o fechamento da referida organização. [42]

Em 1933, Mário de Souza, Delegado de Ordem Política e Social, conversando com Hermínio Marcos, anarquista espanhol, secretário geral da FOSP, afirmou que os comunistas tinham mais direitos do que os anarquistas, pois estes últimos eram em sua maioria estrangeiros: "os comunistas tem mais direito de reunião, do que eles anarquistas, porque quase todos os comunistas são nacionais ao passo que os anarquistas são estrangeiros."[43]

O fato de haver um número expressivo de imigrantes entre os anarquistas de São Paulo era usado pelas autoridades policiais como um pretexto para reforçar o estigma do estrangeiro perigoso que vem "perturbar a ordem social" e incitar trabalhadores ordeiros à revolta.

Outra informação que com frequência existe na ficha de qualificação dos prontuários nominais do DEOPS/SP é a profissão. Entre 68 prontuários de anarquistas localizados, as ocupações mais citadas são sapateiros, comerciantes e operários. No quadro elaborado foram destacadas somente as profissões que apareceram com maior frequência.

---

[42] Portaria do Delegado de Ordem Social, Venâncio Ayres, Delegacia de Ordem Social, São Paulo, 18/11/37. **Prontuário 716, vol.1, Federação Operária de São Paulo, fl.125. DEOPS/SP. AESP.**

[43] Relatório Reservado de Mário de Souza, do Gabinete de Investigações do DEOPS. 09/03/33.**Prontuário nº 188 Hermínio Marcos Hernandez, doc.18, fl.17**. **DEOPS/SP. AESP.**

Quadro 2 – Profissões dos anarquistas fichados pelo DEOPS/SP

Ocupação	Prontuários
Sapateiros	20
Comerciantes	10
Operários	8
Mecânicos	4
Pedreiros	4
Vidreiros	4
Jornalistas	3
Pintores	3
Professores	3
Lavradores	2
Metalúrgicos	2
Motorneiros	2
Padeiros	3

Fonte: PARRA, Lúcia Silva. *Combates pela liberdade*: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945). São Paulo: Imprensa Oficial, 2003. p. 43.

Possivelmente, a grande incidência de sapateiros entre os anarquistas fichados pelo DEOPS/SP estivesse relacionada à influência libertária da União dos Artífices em Calçados. Um exemplo significativo é Pedro Catallo: anarquista, sapateiro, autor de peças teatrais e diretor dos jornais *Dealbar* e *O Libertário* que teve seu primeiro contato com o anarquismo na União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas, em 1921[44]. De acordo com o relato de Catallo, este foi o momento de início de sua formação como militante anarquista:

> Aquela primeira noite que pisei numa assembleia da União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas foi memorável para mim, porque fiquei profundamente impressionado com a palavra eloquente, ardorosa e convincente de dois oradores, que ficaram solidamente impressos em meus sentimentos, ainda virgem em matéria de política. Um deles, Ricardo Cipolla, dono de uma voz troante e de verbo envolvente, poético e persuasivo, prendia pela força de seus argumentos e pela beleza da retórica verbal. Praticamente devo a ele o fato de ter abraçado a luta social e de me ter decidido pelas ideias anarquistas. O outro, Antonino Domingues, de nacionalidade espanhola, era um homem inteligente, de físico fino e delicado que jamais faria supor tratar-se de um sapateiro. Sua palavra, com forte acento galego, porém clara, pausada e compreensível, era enrobustecida por um profundo conhecimento da questão social, era o que se pode chamar de

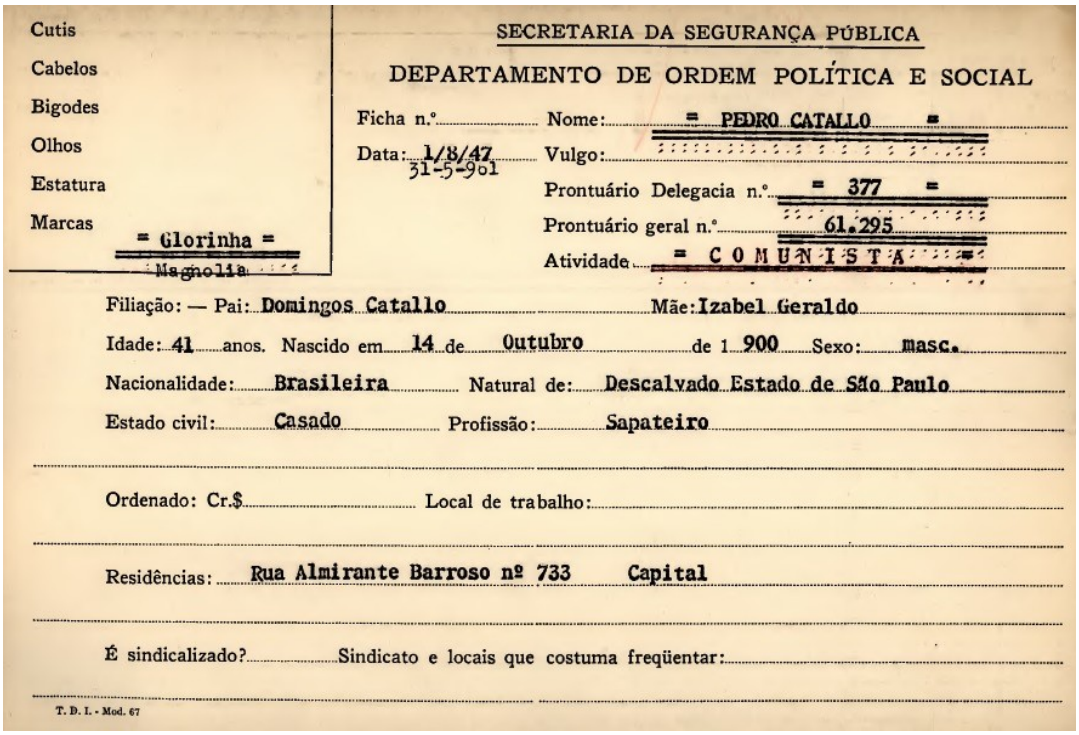
[44] CATALLO, Pedro. Subsídios para a história do movimento social no Brasil. *Verve*, São Paulo, n. 11, 2007. p. 11.

> um militante anarquista completo. Esses dois homens descortinaram para mim um mundo completamente desconhecido; o mundo da luta social com o seu alto significado de justiça e fraternidade.[45]

Assim como Pedro Catallo foi influenciado pelos oradores anarquistas nas assembleias da União dos Artífices em Calçados, outros jovens também aderiram às ideias libertárias, conforme afirmava o próprio Catallo:

> Para se ter uma ideia do número de militantes jovens que atuavam dentro da União dos Artífices em Calçados, basta citar que tínhamos formado um grupo chamado *Legião dos Amigos da Plebe*, para angariar recursos para este jornal, que se compunha de mais de 50 pessoas, todos sapateiros e todos jovens.[46]

Em um outro trecho de seu depoimento, Catallo afirmava que em uma fábrica onde trabalhou em 1928, quase todos os sapateiros eram anarquistas e os demais eram simpatizantes da causa[47].



Cutis
Cabelos
Bigodes
Olhos
Estatura
Marcas = Glorinha = Magnolia

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

Ficha n.º
Nome: = PEDRO CATALLO =
Data: 1/8/47 31-5-901
Vulgo:
Prontuário Delegacia n.º = 377 =
Prontuário geral n.º 61.295
Atividade = C O M U N I S T A =

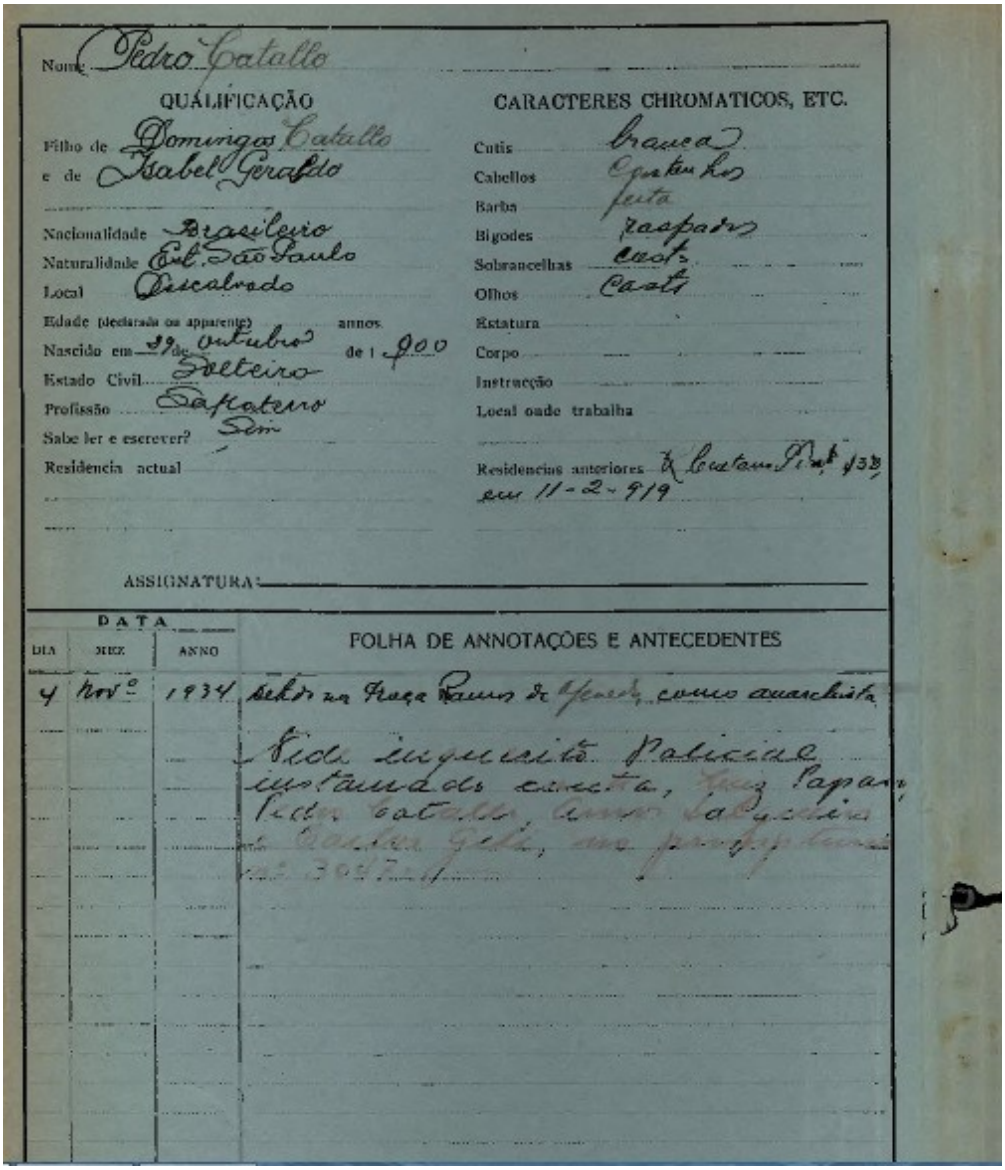
Filiação: — Pai: Domingos Catallo Mãe: Izabel Geraldo
Idade: 41 anos. Nascido em 14 de Outubro de 1 900 Sexo: masc.
Nacionalidade: Brasileira Natural de: Descalvado Estado de São Paulo
Estado civil: Casado Profissão: Sapateiro
Ordenado: Cr.$ Local de trabalho:
Residências: Rua Almirante Barroso nº 733 Capital
É sindicalizado? Sindicato e locais que costuma freqüentar:

T. D. I. - Mod. 67

Figura 1 – Ficha remissiva do prontuário de Pedro Catallo. DEOPS/SP. AESP.

---

45 CATALLO, op. cit. p. 12-13.
46 CATALLO, op. cit. p. 16.
47 CATALLO, op. cit. p. 29-30.



Nome: Pedro Catallo

QUALIFICAÇÃO

Filho de Domingos Catallo
e de Isabel Geraldo

Nacionalidade Brasileiro
Naturalidade Est. São Paulo
Local Descalvado
Edade (declarada ou apparente) annos
Nascido em 29 de outubro de 1900
Estado Civil Solteiro
Profissão Sapateiro
Sabe ler e escrever? Sim
Residencia actual

CARACTERES CHROMATICOS, ETC.

Cutis branca
Cabellos castanhos
Barba feita
Bigodes raspados
Sobrancelhas castanhas
Olhos castanhos
Estatura
Corpo
Instrucção
Local onde trabalha
Residencias anteriores R. Costa Pinto 133, em 11-2-919

ASSIGNATURA:

DATA			FOLHA DE ANNOTAÇÕES E ANTECEDENTES
DIA	MEZ	ANNO	
4	Nov.º	1934	Sendo na Praça Ramos de Azevedo, como anarchista, foi inquerido policial instaurado contra, Luiz Papa, Pedro Catallo, Amos Sabatini e Bastian Gelli, em prosseguimento [illegible]

Figura 2 – Ficha de qualificação do prontuário 377, Pedro Catallo. DEOPS/SP. AESP.

Através dos prontuários nominais do DEOPS/SP podemos também obter alguns dados sobre a instrução dos anarquistas fichados pela polícia. No que se refere à alfabetização, dos 94 prontuários nominais, 75 constavam na ficha policial como alfabetizados e, em 16 deles não constava esta informação e somente três prontuariados eram de analfabetos.

Quadro 3 - Grau de instrução entre os anarquistas fichados

Instrução	Prontuários	Porcentagem
Alfabetizados	75	79,70
Analfabetos	3	3,19
Não consta	16	17
Total	94	100

Fonte: PARRA, Lúcia Silva. *Combates pela liberdade*: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945). São Paulo: Imprensa Oficial, 2003. p. 35.

Embora este levantamento seja somente uma amostragem de alguns dos militantes que atuavam no período, a indicação de que a maioria dos anarquistas fosse alfabetizada está na mesma direção de dados sobre operários em geral. Segundo o Anuário Estatístico do Estado de São Paulo de 1928, de 102.654 operários identificados 68,8% saberiam ler e escrever e somente 31,2% seriam analfabetos[48]. A ficha de qualificação dos prontuários nem sempre era preenchida com os dados de instrução e, além disso, em alguns casos consta somente a informação de que o anarquista seria alfabetizado ou não. Através destes documentos não é possível ter dados precisos sobre o grau de escolaridade, se estas pessoas teriam frequentado escolas formais ou mesmo se eram escolas libertárias ou convencionais. Além disso, é possível que os militantes anarquistas instruídos fossem mais vigiados pela polícia política, pois eram frequentes as apreensões de livros e jornais libertários.

De acordo com o recenseamento geral de 1940, no Estado de São Paulo, 52,07% da população saberia ler e escrever, 46,56% era analfabeta e 1,37% seriam de instrução não declarada[49]. Ainda que seja levado em consideração que estes dados referem-se a um período posterior ao estudado, provavelmente o grau de instrução dos anarquistas seria mais elevado do que da população em geral. E possivelmente este fato deva-se à importância atribuída à educação como um instrumento de emancipação entre os libertários. Anarquistas em São Paulo e em outras localidades fundaram diversas escolas para crianças e adultos, bem como eram adeptos do autodidatismo.

---

[48] Apud DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. op. cit. p. 43.

[49] IBGE. *Recenseamento Geral do Brasil* (1 de setembro de 1940). Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1950. v.2 (Censo Demográfico: população e habitação) http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_v2_br.pdf Acesso em 01/06/2013.

1.3 Educação libertária

As práticas pedagógicas e culturais no anarquismo passaram a ser mais relevantes a partir do surgimento do comunismo libertário ou anarco-comunismo[50]. Na década de 1870 o movimento anarquista atravessou momentos de crise: em 1871 houve a derrota da Comuna de Paris, em 1872, Bakunin foi expulso da Associação Internacional dos Trabalhadores e faleceu em 1876. Kropotkin voltou à Europa Ocidental e entrou em contato com a Federação Jurassiana, na Suíça que havia sido fundada em 1871 pelos coletivistas. Por influência de Kropotkin, Malatesta, Eliseé Reclus e de Carlo Cafiero, a Federação Jurassiana abandonou o coletivismo e passou a denominar-se anarco-comunista. De acordo com o coletivismo a cada um deveria ser distribuído conforme sua capacidade de trabalho e para o anarco-comunismo, a distribuição da produção deveria ser realizada conforme as necessidades de cada um. Por influência das ideias de Kropotkin e Eliseé Reclus, no anarco-comunismo cresceu a importância atribuída à disseminação do conhecimento e diminuíram as práticas da propaganda pela ação e do terrorismo[51].

Segundo Flávio Luizetto, a partir do final do século XIX, anarquistas como Paul Robin e Francisco Ferrer começam a formular de forma sistemática orientações sobre a educação libertária[52]. Em 1882 foi redigido o Programa Educacional do Comitê para o Ensino Anarquista do qual participaram os libertários Kropotkin, Eliseé Reclus, Louise Michel, Jean Grave e Carlo Malato.

Do final do século XIX ao início do século XX, a história do anarquismo contou com diversos episódios no campo da educação que influenciaram iniciativas na cidade de São Paulo e por esta razão os mais significativos aparecem aqui de forma sucinta.

O precursor da educação anarquista foi Paul Robin (1837-1912) que em 1880 tornou-se diretor do Orfanato *Gabriel Prevóst*, em Cempuis. Robin foi redator do jornal *La Liberté* e filiou-se à Associação Internacional dos Trabalhadores, onde mais tarde tornou-se membro do Conselho Geral e logo foi expulso por sua adesão às teses de Bakunin. [53]

No Orfanato *Gabriel Prevóst,* Paul Robin atuou por catorze anos e instituiu a co-

---

[50] SILVA , Dóris Accioly e. Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. *Educ. & Soc.*, Campinas, v.32, n. 114, jan./mar. 2011. p. 95.

[51] SILVA, op cit., p. 95.

[52] LUIZETTO, Flávio, O Movimento Anarquista em São Paulo: a experiência da Escola Moderna nº1 (1912-1919), *Revista Educação e Sociedade*, São Paulo, n. 24, ago., 1986, p. 25.

[53] *História do anarquismo*. São Paulo: Faísca/Imaginário, 2008. p. 100-101.

educação dos sexos, aulas ao ar livre e integração de atividades manuais e intelectuais.

Em 1904 foi fundada por Sebastien Faure uma experiência educacional que ficou conhecida como *La Ruche*, em uma fazenda próxima a Paris. Em *La Ruche* não havia currículos ou grades horárias fechadas.[54] Os educadores eram chamados de *ruchards* e procuravam estimular o aprendizado das crianças. Não haviam castigos físicos ou qualquer tipo de ameaças. As atividades não eram realizadas em salas de aula, mas ao ar livre. A música e a dança faziam parte do cotidiano de *La Ruche.* A instituição recebia muitos visitantes, entre eles os anarquistas Emma Goldmann e Alexander Berkman[55].

Em 1913, Sebastien Faure recebeu uma notificação do inspetor da Academia de Versailles, *La Ruche* não se enquadrava nas leis educacionais francesas, pois adotara o ensino misto e não possuía a autorização do Estado. Como resposta Faure declarou que aquela instituição não era uma escola[56]. Em 1917, La Ruche encerra suas atividades devido aos problemas decorrentes da Primeira Guerra Mundial.

Uma das mais conhecidas experiências na área da educação libertária foi a fundação da Escola Moderna, em 1901, em Barcelona pelo pedagogo Francisco Ferrer y Guardia. Ferrer nasceu em 1859, quando jovem foi militante do Partido Republicano e posteriormente do Partido Progressista. No fim do século XIX foi exilado político na França, onde teve contato com a pedagogia racionalista. Em 1908 criou a Liga Internacional para a Educação Racionalista da Criança que contou com o apoio de diversos intelectuais, como Máximo Gorki, Anatole France, Bernard Shaw e Anselmo Lorenzo[57].

Ferrer enfatizava o papel da educação na renovação social, com a intenção de quebrar o monopólio do conhecimento, que era reservado às classes mais abastadas na Espanha. A pedagogia moderna buscava formar personalidades autônomas, críticas e solidárias. De acordo com as ideias de Ferrer, deveriam ser abolidos os exames, prêmios e castigos, para não estabelecer uma nova desigualdade, excluindo os alunos considerados menos capacitados, como uma forma de valorizar a solidariedade em detrimento da competição. Era uma escola voltada também para a difusão de cultura entre os meios populares através de cursos noturnos e uma Universidade Popular. Esta iniciativa não era financiada pelo Estado ou por Igrejas, sendo paga segundo as possibilidades financeiras de seus alunos. Ferrer criou *La Editorial*,

---

[54] UEHARA, Luíza. A presença de La Ruche: experiências anarquistas. *Verve*, São Paulo, n. 18, 2010, p. 93.
[55] UEHRAR, op cit, p. 97.
[56] UEHARA, Luíza. A presença de La Ruche: experiências anarquistas. *Verve*, São Paulo, n. 18, 2010, p. 99.
[57] TRAGTEMBERG, Maurício. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. *Educ. & Soc.*, Campinas, v.1, n.1, 1978. p. 24-25.

editora que publicava livros para a Escola Moderna.

A pedagogia Moderna, também chamada de Racionalista, valorizava a ciência e as experiências cotidianas dos alunos. Na Escola Moderna as turmas de alunos eram mistas, pois se defendia que meninos e meninas deveriam ter as mesmas oportunidades de aprendizado.

Em 1906, Mateo Morral, que havia sido bibliotecário na Escola Moderna, tentou matar o rei Alfonso XIII com uma bomba. O atentado foi frustrado, mas uma de suas consequências foi a prisão de Ferrer que foi acusado de instigar a tentativa de assassinato do rei e o fechamento da Escola Moderna de Barcelona. Ferrer acabou sendo absolvido, mas a Escola Moderna de Barcelona não pôde ser reaberta.

Em 1909, os reservistas da Catalunha foram convocados para combater um levante no Marrocos. Anarquistas, socialistas e sindicalistas uniram-se contra o envio de tropas e convocaram greve geral e manifestações que foram violentamente reprimidas. Cerca de 200 trabalhadores foram mortos e Francisco Ferrer foi acusado de o mentor intelectual dos protestos. Embora estivesse na Inglaterra ocasião dos protestos, o pedagogo foi condenado ao fuzilamento que ocorreu em 13 de outubro de 1909.[58.]

1.3.1 Educação anarquista em São Paulo

No Brasil, as informações sobre teorias e práticas educacionais chegavam aos militantes através da imprensa libertária local que estabelecia contatos com grupos anarquistas do exterior e recebia livros, jornais e revistas.[59]

Em São Paulo, no bairro do Bom Retiro, entre 1902 a 1904, sabe-se que esteve em funcionamento a *Escola Libertária Germinal*, que ministrava cursos noturnos. Esta escola foi fundada por anarquistas e passou por dificuldades financeiras ao longo de sua existência.[60]

Em março a outubro de 1904 funcionou no Rio de Janeiro, a Universidade Popular de Ensino Livre, cujos objetivos eram oferecer instrução, lazer e cultura aos trabalhadores. Neste projeto estavam envolvidos anarquistas como Elíseo de Carvalho e Fábio Luz, bem como intelectuais de diferentes tendências como Sílvio Romero e Rocha Pombo.

Em 1905, foi fundada a Escola Oficina n. 1 pela Sociedade Promotora de Asilos,

---

[58] WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 2002. v. 2, p. 133.

[59] LUIZETTO, Flávio. Cultura e educação libertária no Brasil no início do século XX. *Revista Educação e Sociedade*, São Paulo, n. 12, set., 1982, p. 63.

[60] LUIZETTO, Flávio. O Movimento Anarquista em São Paulo: a experiência da Escola Moderna nº1 (1912-1919), *Revista Educação e Sociedade*, São Paulo, n. 24, ago., 1986, p. 29.

Creches e Escolas, organizada por republicanos, maçons e anarquistas. Esta experiência questionava a dualidade do ensino clássico para as camadas mais abastadas e o ensino profissionalizante para os mais pobres.

Em 1909, no Bom Retiro foi inaugurada a Escola Laica, formada por um grupo de libertários que se reunia em torno da Biblioteca Círcolo di Studi Sociali.[61] Ainda em 1909, após o fuzilamento de Francisco Ferrer, passou a ser planejada a Escola Moderna n.1 pelo Comitê Pró-Escola Moderna de São Paulo, formado por anarquistas, livre-pensadores e maçons.

Em 1912, foram fundadas nos bairros do Belenzinho e Brás, respectivamente, as Escolas Modernas n. 1 e n. 2 que foram influenciadas pela Escola Moderna de Francisco Ferrer. Seus participantes tinham uma formação heterogênea, envolvendo educadores de diferentes posturas ideológicas. Assim como na Escola Moderna de Barcelona, o ensino ministrado era laico e misto – em uma coeducação não somente entre meninos e meninas, mas também entre diferentes classes sociais. Não existiam castigos físicos nem premiações, em uma tentativa de incentivar a cooperação entre os alunos, ao invés da competição.

Na Escola Moderna n.1 eram ministrados cursos regulares diurnos e noturnos, além de aulas de francês e inglês, no período noturno, três vezes por semana[62]. Esta escola contava com cerca de 70 alunos em 1918, eram ministrados também, neste período, um curso de datilografia. A Escola Moderna n.1 publicou de 1914 a 1916 o jornal *O Início,* com o objetivo de divulgar os trabalhos realizados por seus alunos. De 1918 a 1919 foi publicado o *Boletim da Escola Moderna,* sob a responsabilidade de João Penteado: publicava textos de anarquistas além de trazer informações sobre o cotidiano das Escolas Modernas n.1 e n.2.

Entre as matérias ministradas pela Escola Moderna n. 2, constam: "leitura, caligrafia, gramática, aritmética, geometria, botânica, zoologia, mineralogia, física, química, fisiologia, história e desenho"[63]. Das 11 às 4hs da tarde, a Escola Moderna atendia a alunos de 6 a 12 anos e das 19 às 21h, turmas de adultos[64]. Entre seus alunos havia filhos de trabalhadores, pequenos comerciantes e intelectuais. As duas escolas contaram com o auxílio financeiro de associações de trabalhadores e de lojas maçônicas. Também havia o pagamento de mensalidades para as aulas regulares, além de serem angariados fundos em festas libertárias.

---

61 ROMANI, Carlo. Da biblioteca à escola moderna: breve história da ciência e da educação libertária na América do Sul. *Educação Libertária*, São Paulo, n.1, 3. quadrimestre, 2006. p. 92.

62 *Boletim da Escola Moderna*, ano 1, São Paulo, 13/10/1918. p. 4

63 *A Lanterna*, São Paulo, n. 225, 10/01/1914. p. 4.

64 *Boletim da Escola Moderna*, ano 1, n.2. São Paulo, 18/03/1918. p. 2.

A Escola Moderna n. 1 de São Paulo tinha como diretor o anarquista João Penteado (1877-1965), nascido em Jaú, onde iniciou sua carreira de professor. Foi colaborador dos jornais *A Plebe* e *A Lanterna* e um dos fundadores do Centro de Cultura Social. Penteado foi membro da *União dos Trabalhadores Gráficos*, onde atuou como responsável pela organização da biblioteca[65]. Durante o ano de 1917, a Escola Moderna n.1 foi dirigida pelo anarquista Florentino de Carvalho, pseudônimo de Primitivo Raimundo Soares.

A Escola Moderna n.2 teve como diretor, o professor Adelino Tavares de Pinho, nascido em 1885, em Aveiro, Portugal. Chegou ao Brasil em 1906 e no ano seguinte tornou-se professor na Escola Social, em Campinas que adotava a pedagogia racionalista[66].

As Escolas Modernas n. 1 e 2 foram fechadas em novembro de 1919 pelo Diretor Geral de Instrução Pública do Estado de São Paulo, Oscar Thompson, sob a alegação de que estas faziam propaganda anarquista, visando a implantação de regime comunista[67].

O fechamento das Escolas Modernas de São Paulo pode ser relacionado a acontecimentos envolvendo a Escola Moderna n.3, de São Caetano que funcionava desde 1918. Em outubro de 1919 houve uma explosão que causou a morte de quatro anarquistas, entre elas José Alves que era diretor da Escola Moderna de São Caetano. Segundo policiais, o acidente teria ocorrido enquanto os anarquistas manipulavam material explosivo[68].

Em 1920, a Escola Moderna n.1 foi reaberta com o nome de Escola Nova de Comércio e mais tarde teve as seguintes denominações: Academia de Comércio Saldanha Marinho e Colégio Saldanha Marinho e funcionou até 2002[69].

As Escolas Modernas fundadas por anarquistas privilegiavam a ciência e não a religião como forma de explicar o mundo. Ofereciam a possibilidade de estudar a trabalhadores marginalizados do sistema de ensino e uma escola laica a filhos de maçons. De acordo com Samis: "as primeiras escolas libertárias surgiram para atender às necessidades de trabalhadores e desenvolver neles, através da ilustração, a base teórica para o complemento da

---

65 CALSAVARA, Tatiana da Silva. *A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado*: estratégias de sobrevivência pós anos 20. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. f. 38.

66 AHAGON, Vitor; SILVA, Rodrigo Rosa da. Adelino de Pinho: traços biográficos e o pensamento de um educador anarquista. In: PINHO, Adelino Tavares de. Pela educação e pelo trabalho e outros escritos. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2012. p. 11-12.

67 VALLADARES, Eduardo. A educação anarquista na República Velha. *Verve*, São Paulo, n. 7, maio, 2005, p. 174.

68 LUIZETTO, Flávio, O Movimento Anarquista em São Paulo: a experiência da Escola Moderna nº1 (1912-1919), *Revista Educação e Sociedade*, São Paulo, n. 24, ago., 1986, p. 43.

69 CALSAVARA, Tatiana da Silva. *A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado*: estratégias de sobrevivência pós anos 20. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. f. 29-30.

sua natural revolta de classe”[70].

Nas Escolas Modernas havia elementos que contribuíram para o desenvolvimento do método de ensino laico, da valorização da ciência e do acesso ao ensino a trabalhadores e seus filhos. Iniciativas semelhantes foram fundadas em diferentes países, como Espanha, Argentina, Brasil e Estados Unidos, porém foram fechadas por problemas políticos ou falta de recursos.

Outras experiências que também merecem ser mencionadas são os Centros de Estudos Sociais, formados por militantes que contavam em geral com uma biblioteca e cursos para trabalhadores. Em 1903 foi fundado o *Centro de Estudos Sociais Jovens Libertários* no bairro da Barra Funda, em São Paulo. Sua programação contava com: “segundas, quartas e sextas-feiras: escola, terças e quintas: leitura, sábados: discussão, domingos: conferências”.[71]

Outro local de aprendizado eram os ateneus, como por exemplo, o Ateneu de Cultura Popular que foi aberto em janeiro de 1927, na Av. Rangel Pestana, São Paulo. Para sua assembleia de instalação foram convidados “todas as pessoas libertas de preconceitos retrógrados, amantes do estudo que se interessam pela obra de difusão entre a classe popular dos ensinamentos das Letras, das Artes e das Ciências”[72]. Os centros de estudos sociais, ateneus, centros e cultura e bibliotecas populares eram espaços de aprendizado e de incentivo ao autodidatismo para os libertários.

Entre os centros de cultura destaco o Centro de Cultura Social que já foi considerado como uma de suas universidades por Maurício Tragtenberg e foi local de formação e informação para gerações de anarquistas desde a década de 1930 até os dias atuais. Além disso, um dos acervos de livros analisados no capítulo três desta dissertação pertenceu a este centro de cultura.

1.4 O Centro de Cultura Social

Esta seção trata do histórico do Centro de Cultura Social em sua primeira fase que vai de 1933 a 1937, do perfil de seus organizadores e participantes e do conceito de cultura entre os libertários.

---

[70] SAMIS, Alexandre. Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. IN: *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004. p. 165.

[71] LUIZETTO, Flávio. Cultura e educação libertária no Brasil no início do século XX. *Revista Educação e Sociedade*, São Paulo, n. 12, set., 1982, p. 73.

[72] Manifesto-convite. Apud RODRIGUES, Edgar. *Novos rumos*: história do movimento operário e das lutas sociais no Brasil (1922-1946). Rio de Janeiro: Mundo Livre, s/d.

Nas primeiras décadas do século XX, surgiram, na Espanha, organizações semelhantes ao Centro de Cultura Social, cujos objetivos eram, de acordo com Litvak: tratar de assuntos de atualidade, greves, boicotes, pedir liberdade de companheiros presos e comemorar datas anarquistas com discursos, poemas, ensaios e musicais[73].

O Centro de Cultura Social (CCS) foi fundado em janeiro de 1933, em São Paulo, por um grupo de anarquistas e fechado em 1937, com o Estado Novo. Em 1945 foi reaberto, permanecendo em atividade até 1969, quando, após a repressão que se seguiu à promulgação do Ato Institucional nº 5, seus membros decidiram encerrar suas atividades. Em 1985 inicia-se a terceira fase do CCS que permanece em atividade até os dias de hoje. Desde sua fundação, o Centro de Cultura Social mantem as atividades graças à colaboração de militantes e simpatizantes.

Na primeira fase do Centro de Cultura Social eram realizadas palestras com temas de interesse dos libertários como o ensino em escolas proletárias, sindicalismo, Revolução Espanhola, fascismo, religião e a emancipação da mulher.[74] Eram promovidos festivais libertários com o objetivo de arrecadar fundos para o jornal *A Plebe,* que neste período, não divulgava propagandas. Estes festivais contavam com a participação do grupo de teatro do Centro de Cultura Social. As atividades do CCS desta fase apresentavam um caráter educativo:

> Aqueles que conheciam os princípios deviam transmiti-los à classe trabalhadora, educando-a e doutrinado-a. Esses oradores que deveriam vir "mesmo fora de nosso meio" representam os intelectuais ou estudiosos de questões "científicas". Educar e preparar essa classe para a organização autônoma e para a "ação direta" ou seja, para as manifestações e agitações revolucionárias, era dever da militância. A propaganda e a divulgação das ideias e a educação libertária constituíam, para os libertários, o caminho da preparação do operariado. [75]

Promover espaços para a cultura e a educação eram estratégias de sobrevivência em um contexto no qual os proletários eram excluídos de serviços como educação gratuita, bibliotecas e espaços de lazer. Hardman identifica o isolamento sociocultural dos proletários por parte da burguesia como um dos elementos usados durante a consolidação do capital industrial no contexto brasileiro:

---

[73] LITVAK, op. cit. p. 142.

[74]GERALDO, Endrica. Práticas libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo 1933-1935 e 1947-1951. *Cadernos AEL* – anarquismo e anarquistas, n. 8/9, p. 168, 1998.

[75] GERALDO, op. cit. p. 177.

> Não se trata ainda da tão decantada exclusão política; a exclusão, aqui, é anterior ao mundo da cidadania e dos direitos políticos, é sociocultural, é ampla e indiscriminada. Excomunga-se o proletariado, como raça de bárbaros, do convívio no espaço e no tempo dos civilizados; trata-se de uma exclusão do direito de vida além de sua reprodução mecanizada como força de trabalho. Tudo o que o proletariado foi realmente, além de força de trabalho "pura", ele arrancou-o a duras penas na luta de classes; e, para o discurso burguês, era necessário, a todo momento, extirpar essas lutas e conquistas como obras de malfeitores estrangeiros "disfarçados" de operários[76].

Na década de 1930, momento de fundação do Centro de Cultura Social, o Departamento de Cultura e Recreação (1935), dirigido por Mário de Andrade e administrado por Sérgio Milliet e Rubens Borba de Moraes tinha como um de seus objetivos possibilitar o acesso da população à informação. Segundo Milanesi:

> Mário de Andrade e sua equipe propunham bibliotecas/casas de cultura, oferecendo nela todas as possibilidades de acesso ao conhecimento. Os operários, aos quais elas se destinavam, teriam parte na própria administração dos programas. Este perfil não sobreviveu ao Estado Novo e aos novos rumos dados pela Prefeitura de São Paulo à iniciativa de Mário de Andrade. Essa biblioteca era mais uma das "loucuras dos meninos de 22" e só voltou a ser discutida décadas depois.[77]

O bibliófilo Rubens Borba de Moraes, responsável pelo Setor de Bibliotecas, chegou a planejar a construção de uma rede com dez bibliotecas em bairros de São Paulo com grande concentração de operários, como Brás, Bexiga, Bom Retiro, Ipiranga e Moóca. O sistema seria coordenado pela Biblioteca Pública Municipal.[78]

Este projeto poderia ter sido um dos únicos por parte da prefeitura da cidade de São Paulo, neste período a reconhecer as necessidades de informação de operários e da população pobre em geral. No entanto foi interrompido em 1938, quando Prestes Maia assumiu a prefeitura da cidade e não houve mais interesse político na construção de uma rede de bibliotecas.

Embora não haja provas de que membros do Departamento de Cultura conhecessem o CCS neste período, este modelo de casa de cultura apresenta convergências com o projeto do Centro de Cultura Social, cuja programação também era organizada com a participação dos operários. Os intelectuais à frente do Departamento de Cultura podem não ter tido contato direto com o Centro de Cultura Social, no entanto, provavelmente tinham conhecimento de

---

[76] HARDMAN, Francisco Foot. 3.ed. *Nem pátria, nem patrão!*: memória operária, cultura e literatura no Brasil. São Paulo: UNESP, 2002. p. 68-69.
[77] MILANESI, Luís. *A casa da invenção*: biblioteca, centro de cultura. 4. ed. Cotia: Ateliê, 2003. p. 99.
[78] BANDEIRA, Suelena Pinto. *O mestre dos livros*: Rubens Borba de Moraes. Brasília: Brinquet de Lemos Livros, 2007. p. 36.

iniciativas libertárias semelhantes.

Isto pode ser observado em reuniões no Salão das Classes Laboriosas e no Clube dos Artistas Modernos. O Salão das Classes Laboriosas, fundado em 1891 por um grupo de carpinteiros e pedreiros, tinha por objetivo garantir assistência médica as suas famílias. A partir de 1907, espetáculos teatrais, saraus e apresentações musicais passaram a fazer parte da programação da instituição. Na época, foi encenada a peça "Il Primo Maggio" de Pietro Gori, também apresentada no Centro de Cultura Social. A programação do Salão das Classes Laboriosas era divulgada pelo jornal anarquista *A Lanterna.*[79]

Em 1932 foi inaugurado o Clube dos Artistas Modernos (CAM) por Flávio de Carvalho, Antônio Gomide e Carlos Prado. Esta instituição foi acusada de fazer propaganda comunista. Em 1933, Tarsila do Amaral proferiu uma palestra sobre "arte proletária". O Clube dos Artistas Modernos, assim como o Salão das Classes Laboriosas eram instituições que reuniam atividades culturais sem deixar de ter um viés político.

O Centro de Cultura Social foi criado em um contexto de crescente burocratização do sindicalismo pelo Estado, acompanhada da massificação da cultura popular.[80] Em 1930 foi promulgada a Lei dos Dois Terços que obrigava as empresas a contarem com pelo menos dois terços de trabalhadores brasileiros, além de proibir a propaganda de ideologias de caráter político ou social[81]. Em 1931 passou a vigorar o Decreto n. 19.770 que estabelecia o reconhecimento de apenas um sindicato por categoria profissional. A sindicalização não era obrigatória, porém a legalização dos sindicatos dependeria do ministério do trabalho[82].

Com o declínio da autonomia sindical durante o Estado Novo, os libertários intensificaram sua ação no campo cultural. De acordo com Endrica Geraldo, as práticas culturais sempre foram vistas entre os anarquistas como uma forma de transformação social:

> A realização de festivais, piqueniques, reuniões, grupos teatrais e conferências eram práticas típicas dos libertários, pois a cultura sempre foi entendida nesse movimento como um instrumento que deveria ser utilizado para a conquista da transformação social que levaria à constituição de uma sociedade anárquica.[83]

---

[79] SALÃO das Classes Laboriosas. Histórico.< http://www.classeslaboriosas.com.br/modules.php?name=Conteudo&pid=1> , c2010 . Acessado em 15/03/2011

[80] HARDMAN, op cit. . p. 45.

[81] AZEVEDO, Raquel de. *A resistência anarquista*: uma questão de identidade (1927-1937). São Paulo: IMESP, 2002. p. 298-299.

[82] FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 6.ed. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 335.

[83] GERALDO, op. cit. p. 188.

Para os anarquistas, era fundamental investir na formação intelectual do proletariado e do povo em geral, pois acreditavam que, somente com indivíduos conscientes, seria possível mudar as estruturas da sociedade.

Neste sentido, o Centro de Cultura Social foi criado como mais uma iniciativa de caráter educativo e cultural, conforme constatamos no panfleto que divulgava o início de suas atividades, no dia 14 de janeiro de 1933:

> Um núcleo de cultores das grandes ideias de progresso e de liberdade acaba de fundar uma instituição popular destinada à difusão da instrução e educação integral das classes laboriosas e de vulgarização dos conhecimentos científicos e filosóficos e particularmente das doutrinas socialistas e libertarias (...)[84]

O objetivo do Centro de Cultura Social era, segundo eles, de educar o povo e o proletariado em geral para sua emancipação política. Era percebido que a ignorância e o analfabetismo constituíam empecilhos para a revolução social, conforme podemos observar:

> Dado o estado lastimável de analfabetização e de grosseiras superstições religiosas e políticas em que se encontra a imensa maioria do povo e quase a totalidade do proletariado, incapacitados, portanto para qualquer movimento liberal e social, de emancipação humana, dada a riqueza de preconceitos de raça, de classe e de nacionalidade que impedem o surto dos pendores de solidariedade e de fraternidade universais (...)[85]

Na inauguração das atividades do Centro de Cultura Social seriam, de acordo com o panfleto citado, realizadas palestras sobre assuntos educacionais e sociais por Florentino de Carvalho, Edgard Leuenroth, Bixio Picciotti e Francisco Cianci[86]. O evento era dirigido *aos sindicatos operários, sociedades populares e culturais, à imprensa liberal e de vanguarda, bem como ao povo em geral*[87]. O Centro de Cultura Social realizava suas atividades na rua Quintino Bocaiúva, n. 80, mesma sede da Federação Operária de São Paulo e também da redação do jornal *A Plebe*. Estas três instituições eram de caráter libertário, sendo que a Federação Operária de São Paulo atuava principalmente no campo sindical, o Centro de Cultura na educação e difusão cultural e jornal *A Plebe* com a divulgação das atividades

---

[84] Panfleto. Centro de Cultura Social, janeiro, 1933. **Prontuário 716, vol. 3, Federação Operaria de São Paulo. Fl. 87. DEOPS/ SP. AESP.**

[85] Panfleto. Centro de Cultura Social, janeiro, 1933. **Prontuário 716, vol. 3, Federação Operaria de São Paulo. Fl. 87. DEOPS/SP. AESP.**

[86] Ver no item 3.2 referência a estes militantes.

[87] Panfleto. Centro de Cultura Social, janeiro, 1933. **Prontuário 716, vol. 3, Federação Operaria de São Paulo. Fl. 87. DEOPS/SP. AESP.**

realizadas publicação de textos de militantes[88].

De acordo com Nildo Avelino, organizações anarquistas de indivíduos com afinidades, atuando fora de sindicatos já estavam presentes em textos do anarquista italiano Errico Malatesta, segundo o qual os grupos de afinidade teriam como função ser uma preparação para o projeto anarquista e também inserir os indivíduos em um ambiente de relação de troca de experiências culturais.[89]

Em sua primeira fase, o Centro de Cultura Social era organizado por Edgard Leuenroth, Florentino de Carvalho, Pedro Catallo, Rodolpho Felippe e Amor Salgueiro. Tratavam-se de antigos militantes do movimento anarquista, envolvidos em atividades sindicais e publicações de jornais libertários desde o início do século XX.

1.4.1 Perfil dos organizadores

Com o objetivo de compreender melhor quem eram os anarquistas que organizavam e participavam das atividades do Centro de Cultura Social elaborei pequenas biografias de alguns libertários que destacavam-se na atuação no CCS. Muitos foram também colaboradores ou mesmo editores da imprensa anarquista.

Edgard Leuenroth nasceu em Mogi Mirim/SP, em 1881, filho de um médico alemão e de mãe brasileira. Ainda criança passou a residir no bairro operário do Brás, na cidade de São Paulo. Em 1893 foi trabalhar como gráfico no jornal *O Comércio de São Paulo* onde entrou em contato com a organização de trabalhadores. Leuenroth participou de reuniões socialistas neste período e chegou a filiar-se em 1898 no Partido Socialista. Envolveu-se com o movimento anarquista em 1904, por influência do poeta Ricardo Gonçalves.[90]

Em 1907 participou de uma greve geral envolvendo indústrias de São Paulo e da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Foi um dos principais articuladores da greve de 1917 e editor dos jornais *A Plebe* e *A Lanterna*. Em 1927, Edgard Leuenroth foi preso quando fazia discursos em comemoração à morte de Sacco e Vanzetti no Largo da Concórdia. O jornal *A Noite*, de 01 de agosto de 1927 afirmava que a falta de liberdade de expressão havia levado os anarquistas Edgard Leuenroth, José Festa e Festa Júnior à prisão. Em 1933, Leuenroth participou ativamente do Movimento Antifascista antiguerreiro, além de frequentar

---

88 GERALDO, 1998. p. 167.

89 AVELINO, Nildo. **Anarquistas**: ética e antologia de existências. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004. p. 72-73.

90 CESTARI, Larissa Raele; CHAGAS, Paula. Edgard Leuenroth. *Rebeldes brasileiros.* Coleções Caros Amigos, fascículo 7, p. 196-198.

reuniões da Aliança Nacional Libertadora. Entre os documentos apreendidos em seu prontuário policial[91], podemos encontrar uma carta enviada pela Confederação Geral do Trabalho francesa, contendo fotos relacionadas à Guerra Civil Espanhola, algumas delas mostrando civis, vítimas de ataques nazi fascistas.

Em janeiro de 1936, Edgard Leuenroth foi preso preventivamente e, em julho do mesmo ano foi posto em liberdade por ter sido atacado por uma moléstia infecciosa. Ficando sob a responsabilidade de Júlio Cosi, seu cunhado, que se comprometeu a levá-lo a uma chácara em Guararema a fim de tratar da recuperação de sua saúde. Segundo Edgar Rodrigues, Leuenroth foi redator e colaborador nos seguintes periódicos: *O Boi* (1897-99), *Folha do Brás*, *O Alfa* (1901) de Rio Claro, *O Trabalhador Gráfico* (1904), *A Terra Livre* (1905-1911), *Luta Proletária* (1906), A Folha do Povo, A Lanterna (1909-1916; 1933-1935), revista Eclética (1916-1917), A Plebe (1917; 1922-1923; 1947)[92].

Florentino de Carvalho (1883-1947), pseudônimo de Primitivo Raymundo Soares, nasceu em 1883, em Oviedo, Espanha e chegou em São Paulo em 1889. Ingressou na Força Pública do Estado de São Paulo em 1898, onde rapidamente foi promovido.

Em 1901 tornou-se anarquista após a leitura do livro *A conquista do pão* de Kropotkin. Florentino desligou-se da Força Pública e foi morar na cidade de Santos com seu pai, onde trabalhou nas docas e mais tarde empregou-se como tipógrafo.[93]

Entre 1907 e 1910, Florentino foi preso quatro vezes por publicar manifestos anarquistas. Em 1910 foi preso uma segunda vez por ter participado de greves em Santos. No mesmo ano foi expulso da Argentina por ser considerado um "anarquista perigoso". Da Argentina estava sendo deportado para a Europa, porém, em uma escala no porto de Santos foi libertado pelos trabalhadores da cidade[94].

Em 1912, Florentino de Carvalho foi preso e deportado do Brasil para Portugal, sob a acusação de envolvimento em greves em Santos. Em 1917 foi expulso do território brasileiro, acusado de ter sido um dos líderes da greve de 1917, em São Paulo. Voltou ao Brasil em 1918 em virtude de um *Habeas-corpus* concedido pelo Supremo Tribunal Federal. Em 1927 publicou a obra *Da escravidão à liberdade: a derrocada burguesa e o advento da igualdade social* pela Sociedade Editora Renascença, de Porto Alegre.

---

91 **Prontuário 122, Edgard Leuenroth. DEOPS/SP. AESP. AESP.**

92 RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros*. Rio de Janeiro: VRJ, 1995, v. 2. p. 63.

93 NASCIMENTO, Rogério. *Florentino de Carvalho*: pensamento social de um anarquista. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000. p. 21-22.

94 **Prontuário 144, Florentino de Carvalho. DEOPS/SP. AESP.**

Até 1934, permaneceu ativo no movimento libertário, sendo constantemente vigiado pela polícia. Neste período, os investigadores acompanharam todas as suas palestras, onde frequentemente fazia discursos inflamados criticando o governo e a polícia política e social. Foi redator do jornal *A Obra*, colaborador do jornal *A Plebe* e dirigiu o grupo Juventude Anarquista. Florentino de Carvalho difundiu ideias anarquistas entre seus sete irmãos e irmãs, madrasta, sobrinhos e alunos. Segundo Edgar Rodrigues, Florentino fundou escolas e foi professor em Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo e Buenos Aires[95].

Foi professor da Escola Moderna n.2, no Brás e dirigiu, em 1917, a Escola Moderna n.1, no Belenzinho. Proferiu palestra no Centro de Cultura Social, em 1933, ao lado de Bixio Picciotti e Francisco Cianci sobre o Tratado de Latrão.

Pedro Catallo (1901-1969) foi sapateiro, escreveu peças teatrais e foi diretor dos jornais *O Libertário* e *Dealbar*. Catallo chegou da Argentina em 1917, mas como lá havia morado em Santa Fé, longe dos grandes centros e estudara em colégio de padres franciscanos, não teve contato com ideias libertárias.[96] Em 1921 conheceu o anarquismo através da *União dos Artífices em Calçados*, em São Paulo. O então jovem de 21 anos ficou impressionado com embates dos sapateiros com seus patrões e também com a eloquência dos oradores como Ricardo Cipolla: "dono de uma voz troante e de um verbo envolvente, poético e persuasivo, prendia pela força de seus argumentos e pela beleza da retórica verbal"[97] e Antônio Domingues que possuía "um profundo conhecimento da questão social, era o que se pode chamar de um militante anarquista completo".[98]

Em 1928 ajudou a fundar o *Grupo Teatral da União dos Artífices em Calçados* com os anarquistas e colegas de trabalho Afonso Festa e Chrisrelli. A primeira peça encenada foi *Os sem pátria*, de Pietro Gori que foi apresentado no salão da Federação Espanhola, na rua do Gasômetro. Outras peças apresentadas posteriormente pelo grupo eram de autoria do anarquista italiano Gigi Damiani como *O Milagre* e *Viva Rambolot*. Catallo também participou da fundação do *Grupo Teatral Aurora* que encenou *La Libertad Caída* e *Los Malos Pastores* de Otávio Mirbeau[99].

Em 1932 foi chamado à Delegacia de Ordem Social para dar explicações sobre o conteúdo subversivo de seus discursos realizados na sede da *Federação Operária de São*

---

[95] RODRIGUES, Edgar. Companheiros. Rio de Janeiro: VRJ, 1995. v.2, p. 98.
[96] CATALLO, Pedro. Subsídios para a história do movimento social no Brasil. *Verve*, São Paulo, n. 11, p. 16, 2007, p. 11-12.
[97] CATALLO, Pedro op cit. p. 13.
[98] CATALLO, Pedro op cit. p. 13.
[99] CATALLO, Pedro op cit. p. 30.

Paulo.[100] Os investigadores do DEOPS/SP o mantinham sob constante vigilância. Pedro Catallo esteve envolvido com grupos de intelectuais antifascistas.

Rodolpho Felippe foi identificado como anarquista pela polícia desde 1913.[101] Atuante dentro do movimento libertário, foi editor dos periódicos *A Plebe*, *La Barricata* e *Germinal*. Esteve preso sem motivos declarados de 27 de fevereiro até 16 de março de 1933. Enquanto isso, a *Federação Operária de São Paulo* protestava contra a arbitrariedade de sua prisão. Em outubro deste mesmo ano, Rodolpho esteve detido no Presídio Político Paraíso. Em 1934, Rodolpho Felippe foi novamente preso e alguns membros da *Associação Brasileira de Imprensa* fizeram uma carta de repúdio ao desrespeito da policia à imprensa que prendeu o editor de *A Plebe*, pelo único motivo de ter defendido seu programa ideológico. Os membros da associação protestavam também contra a apreensão do nº. 75 do jornal *A Plebe*. A carta dirigia-se ao presidente da *Associação Brasileira de Imprensa*, que a enviou à Delegacia de Polícia.

Em novembro de 1935, Rodolpho estava detido no Presídio Paraíso, onde permaneceu por cerca de um ano. Em julho de 1937, Ângelo Felippe, irmão de Rodolpho enviou uma carta ao delegado de ordem social pedindo para que seu irmão fosse libertado, argumentando que Rodolpho estava doente e preso há mais de um ano, sendo que nunca havia participado de movimentos políticos. Neste mesmo mês, Rodolpho Felippe foi libertado. Até 1948 há registros no prontuário sobre sua militância no Centro de Cultura Social.

Amor Salgueiro (1906-?) iniciou sua militância anarquista ainda jovem: em 1926 foi preso pela primeira vez, com vinte anos, por ter participado da campanha pela libertação de Sacco e Vanzetti. Seu pai também foi militante anarquista, morto em decorrência de espancamentos sofridos pela guarda civil espanhola[102]. Em 1927, Amor Salgueiro e Pedro Catallo foram presos enquanto trabalhavam em uma oficina de calçados na rua Chavantes[103]. Em 1935, Salgueiro foi preso com outros companheiros anarquistas e simpatizantes, enquanto faziam uma reunião na sede da *União dos Artífices em Calçados*. Em 1948, ainda participava de reuniões de caráter anarquista no Centro de Cultura Social.

Adelino Tavares de Pinho (1885-?) Nascido em Aveiro, Portugal. Foi um dos fundadores do Centro de Cultura Social. Fundador da Escola Moderna n. 2 em São Paulo. Era

---

[100] **Prontuário 377, Pedro Catallo**. **DEOPS/SP**. **AESP.**
[101] **Prontuário 400, Rodolpho Felippe**. **DEOPS/SP. AESP.**
[102] RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros*. Rio de Janeiro: VJR, 1994. v.1, p. 19.
[103] **Prontuário 3047, Amor Salgueiro**. **DEOPS/SP. AESP.**

responsável pela distribuição dos jornais *A Plebe* no interior de São Paulo e no Rio de Janeiro[104]. Autor de Quem trabalha não come e Pela educação e pelo trabalho.

João Penteado (1877-1965). Nascido em Jaú foi educador e gráfico. Foi colaborador dos jornais *A Plebe* e *A Lanterna* e um dos fundadores do Centro de Cultura Social e permaneceu ligado a ele até o fim de sua vida[105]. Ajudou a fundar a Escola Moderna n. 1 em São Paulo. Publicou os livros: Pioneiros do magistério primário, Traços biográficos do professor Bento Siqueira e Esboço histórico através do Primeiro Centenário de Jaú (1953). Assinava seus artigos como Penteado, João Petinatto, Camargo, João Penteado ou J. Penteado. Foi membro da União dos Trabalhadores Gráficos, onde era responsável pela organização da biblioteca [106].

Entre os palestrantes do Centro de Cultura Social identificados deste período estão Gusmão Soller, Francisco Cianci e Isabel Cerruti.

Gusmão Soller era de nacionalidade espanhola e exercia a profissão de pintor, prestava apoio ao Comitê Pró-Presos Sociais e fazia propaganda anarquista[107]. Em 1933, fez uma conferência sobre o movimento operário europeu e americano na *Federação Operária de São Paulo*. Em 1936, Gusmão Soller e Rodolpho Felippe foram presos em Santos por terem sido encontrados livros subversivos na residência onde estavam hospedados. Em 1937, Gusmão Soller apresentou uma conferência em Campinas, da qual faziam parte outros anarquistas ligados à *Federação Operária de São Paulo* e ao Centro de Cultura Social, como Isabel Cerrutti, Edgard Leuenroth e Florentino de Carvalho. Este militante fez várias palestras no Centro de Cultura Social a respeito de antifascismo e suas manifestações. Por ter sido considerado perigoso para a ordem pública e social, foi aberto um processo de expulsão contra esse anarquista, que foi preso em 1937, no Presídio Maria Zélia, a fim de aguardar a sua expulsão. Em junho de 1937, foram arquivados por unanimidade, os processos de Gusmão Soller, Probo Falcão e Rodolpho Felippe.

Francisco Cianci (1885-?) era italiano e exercia a profissão de litógrafo. Cianci foi um dos dirigentes da *Federação Operária de São Paulo*, fazendo constantes propagandas contra o regime capitalista e contra o governo Armando Salles, afirmando que este era

---

[104] **Prontuário 04. Adelino Tavares de Pinho. DEOPS/SP. AESP.**

[105] CALSAVARA, Tatiana da Silva. A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado: estratégias de sobrevivência pós anos 20. 2012. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2012. f. 19.

[106] CALSAVARA, op. cit., f. 34.

[107] **Prontuário 4045, Gusmão Soller**. **DEOPS/SP. AESP.**

fascista[108].

Em maio de 1937, Francisco Cianci foi denunciado, através de uma carta anônima remetida à polícia. Segundo esta carta, Francisco Cianci era anarquista e recebia exemplares do jornal *L´Adunatta dei Refrattari,* publicado em Nova York. A residência do acusado foi revistada, sendo ali encontrados e apreendidos exemplares do referido jornal, bem como diversos livros anarquistas e uma lista de nomes de outros libertários atuantes em São Paulo. Francisco Cianci permaneceu detido por uma semana. Encontra-se anexado ao prontuário um panfleto de autoria de Cianci, de caráter anticlerical. Foi colaborador do jornal *A Plebe*. **Isabel Cerruti** era brasileira, professora e publicava no jornal *A Plebe.* Em seu prontuário policial[109] há é um relatório de investigações referente a uma reunião realizada na sede da Liga Lombarda em São Paulo, na qual compareceram cerca de 500 pessoas. Nesta reunião, Isabel Cerrutti prestou homenagem a um comunista, vítima de um acidente quando colocava uma bandeira vermelha em um fio de alta tensão da Light. Protestou também contra o fuzilamento de comunistas na Alemanha. O público presente na reunião era composto por anarquistas, comunistas e antifascistas.

Maria Lacerda de Moura (1887-1945) nasceu em Minas Gerais, formou-se professora. Considerava-se uma livre-pensadora, sua crença na educação como um fator transformador da sociedade uniu-a aos anarquistas[110]. Administrou o Comitê antiguerreiro. Ela costumava fazer diversas conferências na Federação Operária de São Paulo e União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Anexado ao seu prontuário encontra-se um panfleto sem data, que convidava os trabalhadores, e, especialmente as mulheres, para uma conferência de Maria Lacerda, cujo tema era antissemitismo. Este evento era promovido pelo jornal *A Plebe,* periódico do qual Maria Lacerda foi colaboradora.

Esteve afrente de diversas associações feministas como a Confederação da Mulher Brasileira (1919), Federação Internacional Feminina (1921) e Comitê Feminino Contra a Guerra (1935). Em 1935, Maria Lacerda foi criticada por anarquistas por defender o regime da União Soviética.

---

[108] **Prontuário 625, Francisco Cianci**. **DEOPS/SP. AESP.**
[109] **Prontuário 2599, Isabel Cerruti. DEOPS/SP. AESP.**
[110] LEITE, Míriam Moreira. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984. p.140.

Conferencia Publica

Terça-feira, dia 20 de Junho, ás 20 horas, no SALÃO CELSO GARCIA —— Rua do Carmo n.º 23

Aos homens livres, aos revolucionarios sociaes, aos anti-fascistas de todas as tendencias e aos trabalhadores em geral, convida-se a assistir a

CONFERENCIA PUBLICA

que, a convite de "A Plebe",

D. Maria Lacerda de Moura

pronunciará sobre o tema

ANTISSIMITISMO

Sumario

O DESPERTAR DO TROGLODITA — AS BASES MODERNAS DO ANTISSIMITISMO — HITLER E O IDOLO DA RAÇA — O CAPITALISMO FAREJA OS SEUS FILHOS DILETOS — A IGREJA DE ROMA E A PERSEGUIÇÃO AOS JUDEUS NA IDADE MEDIA — "ESCUTA ISRAEL".

* * *

Faz-se um vivo apelo ao elemento feminino para comparecer a esta conferencia em que D.ª Maria Lacerda de Moura estuda profundamente a questão que empolga o mundo.

Leiam, aos sabados, o jornal "A PLEBE"

Figura 3 - Panfleto de divulgação de conferencia ministrada por Maria Lacerda de Moura sobre antissemitismo, a convite do jornal *A Plebe*. **Prontuário 857, Maria Lacerda de Moura. DEOPS/SP. AESP.**

Muitos destes militantes eram professores: Florentino de Carvalho, Adelino de Pinho, João Penteado, Maria Lacerda de Moura e Isabel Cerruti e o Centro de Cultura Social era um local de educação informal. Em comum, todos estes militantes participavam do circuito das comunicações proposto por Darnton: eram autores, editores, atuavam como distribuidores,

livreiros e bibliotecários.

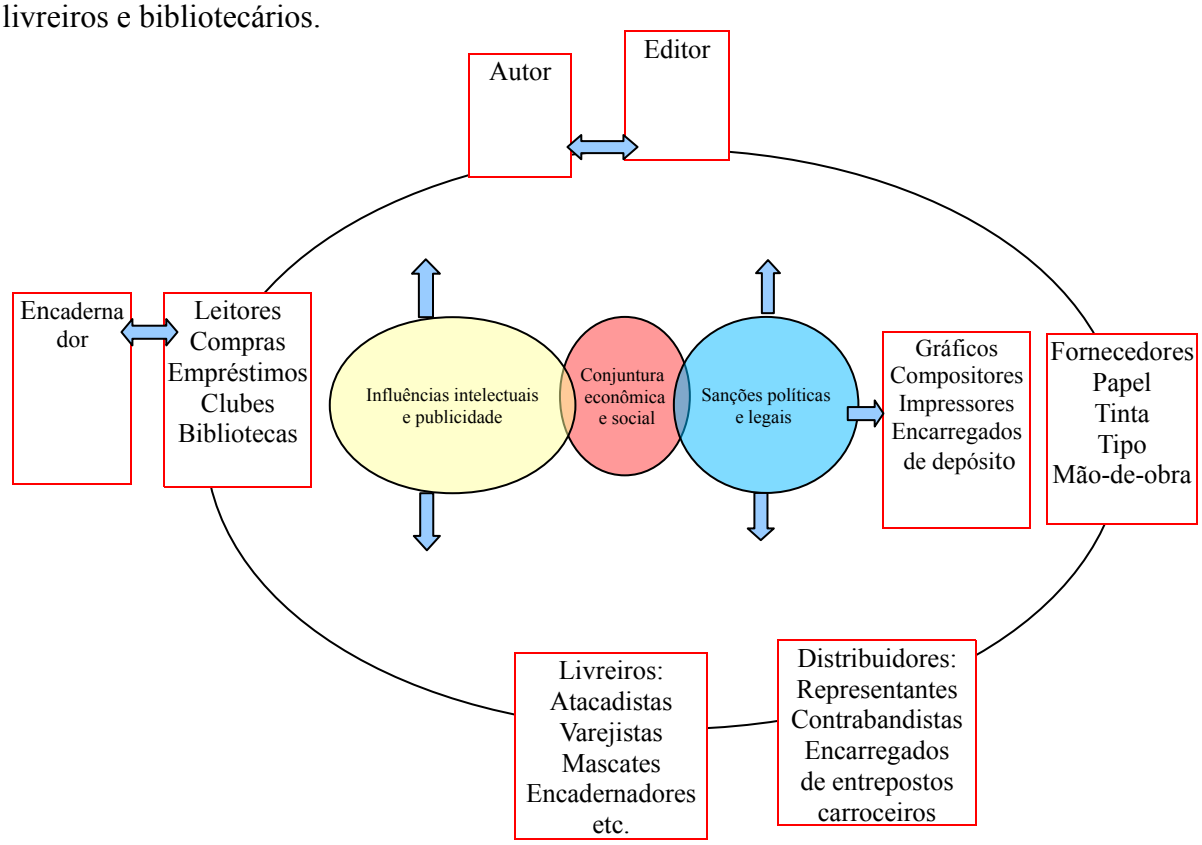


Figura 4 - Circuito da comunicações. Darnton, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia das Letras, 2010. p. 127.

Entre os conferencistas do Centro de Cultura Social, a historiadora Raquel de Azevedo cita também diversos trabalhadores autodidatas, como: Felipe Gil de Souza Passos (garçom português e escritor), Hermínio Marcos Hernandes (operário da construção civil espanhol e secretário da Federação Operária de São Paulo), Carlos Boscolo (gráfico), Domingos Passos (operário da construção civil), Arsênio Palácios (empregado no comércio)[111]. Entre os palestrantes estão também pessoas que não eram anarquistas como o socialista e advogado Antônio Piccarolo, o psicanalista Osório César e o engenheiro e artista Flávio de Carvalho.

1.4.2 As atividades desenvolvidas

Algumas das atividades realizadas pelo Centro de Cultura Social desde 1933 podem ser resgatadas através da ótica do DEOPS-SP. Agentes policiais infiltravam-se entre os

[111] AZEVEDO, Raquel de. *A resistência anarquista*: uma questão de identidade (1927-1937). São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa Oficial, 2002. p. 146.

militantes anarquistas e assistiam a palestras realizadas no Centro de Cultura Social, deste modo, conseguiam informações para relatórios policiais com detalhes sobre os organizadores, frequentadores e atividades do CCS. Para "provar crimes de subversão" os agentes policiais anexavam panfletos ao prontuário do CCS[112] com divulgação de palestras.

Em um dos panfletos encontramos a divulgação de conferências sobre o Pacto de Latrão, que seriam ministradas pelos anarquistas Florentino de Carvalho, Bixio Picciotti e Francisco Cianci[113].

A presença das mulheres como conferencistas no Centro de Cultura Social era frequente, como pudemos constatar em outros materiais de divulgação, como uma conferência a ser proferida pela Sra. Luisa Pessanha Branco sobre *assuntos sociais e de atualidade*[114]. Foi localizado, também, um panfleto de divulgação de uma palestra de Isabel Cerrutti, a respeito da mulher e o sindicalismo[115]. Esta anarquista escrevia com regularidade para o jornal *A Plebe.*

Segundo Endrica Geraldo, existia um Grupo Teatral do Centro de Cultura, que fazia apresentações em festivais periódicos. Este grupo de teatro era composto por militantes anarquistas e simpatizantes[116].

Nesta primeira fase, eram realizadas leituras comentadas, a exemplo do que acontecia entre a comunidade anarquista da Argentina. Dora Barrancos.[117] mostra que eram frequentes estas atividades nas organizações anarquistas argentinas com papel educativo. Esta prática teria surgido com leituras feitas em casa pelos homens, para suprir a falta de conhecimentos de mulheres e crianças. Desde o século XIX, na Europa havia o costume de realizar reuniões familiares para entretenimento e ilustração, por meio de leituras comentadas.

A referida autora indica o início destas práticas entre os anarquistas, por volta de 1914, disseminando-se rapidamente nos círculos libertários. Um fator que impulsionou esta prática foram os livros populares, publicados por editoras argentinas, avidamente consumidos até a década de 1930.

---

[112] **Prontuário 1914, Centro de Cultura Social**. **DEOPS/SP**. **AESP.**

[113] Panfleto. Centro de Cultura Social, s/d. **Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. Doc. 3, fl. 5. DEOPS/SP. AESP.**

[114] Panfleto. Centro de Cultura Social, s/d. **Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. Doc. 8, fl. 10. DEOPS/SP. AESP.**

[115] Panfleto. Centro de Cultura Social, s/d. **Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. Doc. 4, fl. 6. DEOPS/SP. AESP.**

[116] GERALDO, 1998. p. 168.

[117]BARRANCOS, Dora. As leituras comentadas: um dispositivo para a formação da consciência contestatória entre 1914 e 1930. **Cadernos AEL** – anarquismo e anarquistas, n. 8/9, p. 151-152, 1998.

Sabe-se que estas leituras, entre os libertários, eram feitas em grupo: alguém lia em voz alta, e o texto era comentado. Estes livros costumavam ser de autoria de anarquistas, tais como Kropotkin, Faure, Eliseu Reclus e Malatesta. No campo da literatura, eram muito lidos Zola, Balzac, Eça de Queiroz e Nordau. Eram também comuns as leituras de artigos de revistas e jornais da época.

De acordo com Dora Barrancos, estas leituras tornaram-se populares entre os anarquistas da Argentina por representarem uma forma de reforçar os conhecimentos dos militantes mais experientes e socializar conhecimentos com novos ingressantes. Na prática, um anarquista do grupo, com mais leituras, considerado mais idôneo, lia em voz alta trechos de um livro ou jornal selecionado e, em seguida, começavam as discussões. Os autores escolhidos poderiam ser teóricos anarquistas ou escritores com tendências à crítica social, tais como os realistas e naturalistas.

Para demonstrar a importância destas práticas para a formação dos militantes, a autora cita o exemplo do anarquista Miguel Gonzalez, frequentador da sede da Federação Portuária, que se afirmava intelectualmente estimulado pelo ambiente e ressaltava o papel das leituras comentadas, nas quais nem sempre se chegava a um consenso, mas eram muito produtivas[118]

As leituras comentadas entre os libertários argentinos teriam se extinguido na década de 1930 do século XX, com o golpe militar no país, que teve efeito repressor sobre os meios operários e populares. Seria inviável mensurar a importância das leituras comentadas como prática de ação cultural, mas não se pode negar o seu papel pedagógico e de socialização. De acordo com Barrancos: "é difícil imaginar o impacto social das leituras comentadas, instrumento de resistência e socialização, mas não se pode duvidar da eficácia pessoal, íntima, que modificou crucialmente não poucas biografias"[119].

Estas leituras foram praticadas de modo semelhante entre os militantes anarquistas de São Paulo. Foram, sem dúvida, fomentadoras de uma maior consciência por parte da classe trabalhadora, tanto na Argentina, quanto entre os militantes libertários de São Paulo. As leituras comentadas podem ser analisadas como uma prática de ação cultural e provavelmente foram realizadas no Centro de Cultura Social.

No que se refere ao público frequentador do Centro de Cultura Social, na década de 1930, sabemos, através dos panfletos, que era constituído por: trabalhadores em geral, anarquistas militantes e simpatizantes. Pelo CCS passaram também artistas e intelectuais,

---

[118] BARRANCOS, op. cit. p. 156-157.
[119] BARRANCOS, op. cit. p. 161.

como Tarsila do Amaral e Osório César, conforme observado pelo investigador da policia Guarany, em informe reservado[120]. Oswald de Andrade também chegou a assistir às atividades do Centro de Cultura Social, como uma palestra proferida por Mário dos Santos sobre Marx e Proudhon que contou com um auditório de cerca de oitenta pessoas[121]. Neste período, aliás, Oswald de Andrade já havia rompido como o Partido Comunista (1945).

As atividades do Centro de Cultura Social e de seus membros eram constantemente vigiadas pela policia política. Praticamente todos os conferencistas contavam com extensa ficha policial, sendo que os estrangeiros foram inúmeras vezes expulsos do território nacional. Panfletos de divulgação das atividades do Centro de Cultura eram anexados aos processos de expulsão de anarquistas, como no caso do espanhol Gusmão Soller, constituindo uma "prova" de seu crime de subversão. Este folheto anunciava uma conferência a ser realizada por Soller sobre o fascismo e suas manifestações, que era direcionada aos trabalhadores em geral. Gusmão Soller, em outra ocasião, apresentou conferência com os conceitos do psiquiatra Osório César sobre a organização comunista na União Soviética[122].

O Centro de Cultura Social, por suas atividades relacionadas à militância anarquista, era visto pelas autoridades como uma ameaça política. Sua sede, na rua Quintino Bocaiúva, foi invadida pelas autoridades, como consta em um panfleto da Federação Operária de São Paulo (FOSP), no qual era declarado que o local havia sido arrombado por policias que teriam cometido depredações, arrombando a biblioteca, rasgando livros, jornais e papéis[123].

Em algumas situações, o Centro de Cultura Social promovia conferências fora de sua sede, como em 1934, quando a Liga Anticlerical de Campinas solicitou uma comissão da Federação Operária e do Centro de Cultura Social. Da Liga Anticlerical de Campinas faziam parte Francisco Valdivia, Gusmão Soller e Napoleão Saldanha, militantes do Centro de Cultura Social. Um investigador presente na ocasião descrevia Gusmão Soller como "bastante lido e de regular cultura".

A crítica à religião era um tema recorrente entre os assuntos do Centro de Cultura Social, *O perigo espiritual*, palestra proferida pelo socialista Antônio Piccarolo, foi inclusive o tema de uma das primeiras conferências.

---

[120] Informe reservado do investigador Guarany, Gabinete de Investigações, São Paulo, s/d. **Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. Doc. 13, fl. 15. DEOPS/SP. AESP.**

[121] Relatório n. 386 de P.A ao Delegado Especializado de Ordem Social. 21/06/1948. **Dossiê OS 005. Anarquismo. Pasta 01. DEOPS/SP. AESP.**

[122] Cópia de boletim do Centro de Cultura Social. **Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. Doc. 10, fl. 12, 28/07/1939. DEOPS/SP. AESP.**

[123] Panfleto da Federação Operaria de São Paulo. 20/051933**. Prontuário 716, vol. 3, Federação Operaria de São Paulo. Fl. 173. DEOPS/SP. AESP.**

Outro tema que despertava interesse entre os anarquistas e era debatido nas conferências do Centro de Cultura Social era o integralismo. De acordo com o jornal *A Plebe*[124], no dia 14 de novembro de 1933 seria realizada uma palestra sobre integralismo com a presença de socialistas e anarquistas com a finalidade de alertar a população sobre os perigos do integralismo no Brasil. De acordo com o jornal *O Homem Livre*, o Centro de Cultura Social, nesta ocasião, chegou a reunir mais de 1.000 pessoas e foi invadido por integralistas que, em atitude provocadora, gritavam "Viva o fascismo".[125]

Em 1934, havia sido marcado um comício integralista na Praça da Sé e os anti-integralistas – anarquistas e socialistas – reunidos no Centro de Cultura Social – rumaram então para o mesmo local para contraporem-se aos *camisas verde*. O encontro dos dois grupos na Praça da Sé terminou em tiroteio e prisão de várias pessoas. Morreram sete pessoas entre policiais, integralistas e antifascistas e, trinta e uma foram gravemente feridas. Entre os anarquistas, foram presos João Peres Parada, Natalino Rodrigues, Domingos Panzarini, Alfredo Chaves, Luis Papero e Pedro Catallo.

Em 1935, o movimento anarquista sofreu as consequências da Lei de Segurança Nacional, com a prisão de diversos militantes e o fechamento de jornais como *A Plebe* e a *Lanterna*.

Em 1937, o Centro de Cultura Social encerrou suas atividades em consequência do Golpe de Getúlio Vargas e reabriu em 1945, com a redemocratização do país.

Na segunda fase, o Centro de Cultura Social continuava sendo vigiado pela polícia política. Em 1948, o investigador José Rochael de Medeiros descreve uma conferência realizada no dia 21 de fevereiro cujo tema eram as Revoluções Francesas, Russa, a República Espanhola de 1936 e outras revoluções ocorridas na Europa.[126] O investigador observou que estavam presentes no local diversas mulheres e um número expressivo de espanhóis. Nesta ocasião, Medeiros comprou um jornal libertário argentino chamado *La Obra* de um anarquista espanhol – o periódico foi anexado ao prontuário.

As atividades eram bastante frequentadas como um festival promovido pelo Centro de Cultura Social no Grêmio Hispano-americano que contou com a presença de cerca de 600 pessoas, em 26 de junho de 1948, entre às 20h30 às 3 da manhã. No evento foram encenadas peças de temática anarquista, seguidas de um "animadíssimo baile", de acordo com o

---

[124] *A Plebe*, São Paulo, n. 46, 04/11/1933.
[125] *O Homem Livre*, n. 19, 20/11/1933.
[126] Relatório do investigador José Rochael de Medeiros da Secretaria de Segurança Pública ao Departamento de Ordem Política, São Paulo, 23/02/1948. **Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. DEOPS/SP. AESP.**

investigador do DEOPS.[127]

Em um informe policial de 1948, o investigador afirmava que o Centro de Cultura Social era composto de antigos membros da corrente anarquista, em sua maioria estrangeiros, sendo dirigida por Pedro Catallo, Edgard Leuenroth, Germinal Leuenroth, Lucca Gabriel, Mario dos Santos, Rodolpho Felippe e Amor Salgueiro. Era relatado que na conferência realizada dia 30 de outubro de 1948 haviam participado cerca de 60 pessoas na qual foi orador Pedro Catallo, que havia voltado de viagem da Argentina e falou sobre a situação política naquele país.[128]

Em 1947 ressurge também o jornal anarquista *A Plebe*, no qual era m divulgadas as atividades do Centro de Cultura Social, como os cursos de esperanto, semântica, higiene mental, exercícios de oratória e dicção e colaboração com a Universidade Popular Presidente Roosevelt.[129]

1.4.3 O conceito de cultura entre os anarquistas do Centro de Cultura Social

De acordo com Raymond Williams, "cultura é uma das duas ou três palavras mais complicadas da língua inglesa[130]", devido ao seu complexo desenvolvimento nas línguas europeias e ao seu uso em diferentes disciplinas. Na língua inglesa, por volta do século XV, seu sentido principal era de cultivo, principalmente de colheitas e animais. A partir do século XVI este significado passa a referir-se também, por metáfora, ao cuidado com o desenvolvimento intelectual, espiritual e estético. Mas, somente a partir do final do século XVIII, o emprego deste significado passa a ser mais difundido[131]. No idioma francês, o emprego do termo "cultura" com significado desenvolvimento humano iniciou-se somente no século XVIII. Em alemão, o termo foi emprestado do francês, inicialmente com o significado de civilização e, a partir do século XIX, altera sua grafia para Kultur. A partir da obra de Herder, e com o o romantismo alemão, Kultur passou a ter significados diferentes de "civilização", como um modo de vida que poderia variar de acordo com nações, povos e períodos diferentes.

---

[127] Relatório n. 421, de PA ao Delegado Especializado de Ordem Social. 12/07/1948. **Dossiê OS 005. Anarquismo. Pasta 01. DEOPS/SP. AESP.**

[128] Informe do investigador Cardoso do Serviço de Informações, Secretaria da Segurança Pública. São Paulo, 11/12/1948. **Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. DEOPS/SP. AESP.**

[129] *A Plebe*, São Paulo, n. 2, 15/06/1947.

[130] WILLIAMS, Raymomnd. *Palavras-chave*: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 117.

[131] WILLIAMS, op. cit. p. 118.

Williams afirma que em cada campo do conhecimento há diferentes definições do conceito de cultura: nas disciplinas de arqueologia e antropologia cultural, "cultura" refere-se, principalmente, à produção material, enquanto que na história e nos estudos culturais, está associada a significados simbólicos[132].

O termo cultura é complexo devido a seus diferentes usos ao longo do tempo, em diferentes campos do conhecimento e também por ser empregado com significados diferentes em um mesmo contexto histórico, como entre os anarquistas na década de 1930.

Em algumas situações, cultura, para os libertários poderia ser um sinônimo de educação, de instrução formal, como no estatuto do Centro de Cultura Social, de 1933, no qual declarava-se:

> A finalidade do CCS é estimular, apoiar e promover nos meios populares e principalmente, entre os trabalhadores, onde as possibilidades de cultura são limitadas por toda espécie de empecilhos, o estudo de todos problemas que se relacionam com a questão social.[133] (grifo meu)

O objetivo do Centro de Cultura Social era incentivar a discussão de "questões sociais" entre os trabalhadores. Considerar que as condições de cultura seriam limitadas neste contexto, provavelmente, significava a falta de acesso a escolas formais, bibliotecas e espaços de lazer.

Poucos meses após sua fundação, o Centro de Cultura Social publicou no jornal *A Plebe* um artigo divulgando seus objetivos e mostrando a importância da promoção de uma "cultura superior" nos meios populares para uma revolução social:

> [...] repudiamos a sociedade presente e lutamos pelo advento de uma sociedade melhor, compreendemos que uma sociedade superior deve ser composta de homens de uma cultura superior, e insistimos na necessidade de uma mais ampla cultura no meio do povo, na certeza de que para o triunfo da próxima revolução social libertária, torna-se necessário e indispensável a revolução dos espíritos. O verdadeiro revolucionário será sempre um rebelde consciente, homem de generosas ações orientadas por um sereno e elevado pensamento. Uma sociedade nova só pode ser o resultado de consciência nova encarnada por homens de consciência livre, visto que o fim que seguimos é uma sociedade composta de homens livres [...] Quanto menos cultura possui um povo mais se aproveitam os maus pastores para dominá-lo. Onde falta a razão e o pensamento, é inevitável o reinado dos ditadores. [...] A verdadeira cultura não é essa convencional que

---

[132] WILLIAMS, Raymomnd. *Palavras-chave*: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 122.

[133] Estatuto do Centro de Cultura Social. <http://www.ccssp.org/atividades/atividades1.php> acessado em 10 de maio de 2007.

> consiste na chamada boa sociedade, e esquece de cultivar os nobres sentimentos humanos. Não é tampouco o verniz da erudição com que procuram se adornar tantos literatos pedantes, e os parasitas da sociedade presente. A cultura bem entendida é a forjadora da personalidade humana em toda sua integridade moral: consciência e ciência.[134] (grifos meus)

No discurso dos anarquistas ora a "cultura", aparece como uma ferramenta para a discussão de questões sociais, como um elemento necessário para que os trabalhadores chegassem à emancipação moral e social ("necessidade de mais ampla cultura"). Em outros, há a tentativa de fazer uma distinção entre a cultura burguesa, erudita, "da boa sociedade" e a cultura almejada pelos anarquistas, com valores de engajamento político e moral: uma "cultura superior", um desenvolvimento intelectual que inclui, necessariamente, um modo de vida e valores próprios.

Em um texto originalmente escrito em 1965, Pedro Catallo, um dos fundadores do CCS afirmava que seu primeiro contato com ideias anarquistas havia acontecido na *União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas*, onde eram realizadas semanalmente assembleias e conferências[135]. Catallo identifica como a União dos Artífices em Calçados, organização de forte influência anarco-sindicalista, transforma os hábitos dos operários sapateiros que tinham por costume festejar seu patrono, São Crispin, todas as segundas-feiras:

> Em decorrência deste costume fortemente arraigado nos sapateiros italianos, as oficinas de calçado Luiz XV, onde sempre se gozou de uma relativa liberdade em virtude do trabalho ser pago por peça, transformava-se naquele dia em casa de jogos de carteados e bebidas. Não raras vezes aconteciam brigas causadas pelo estado de embriaguez daqueles que se excediam na bebida. Quando a União dos Artífices em Calçados começou a estender sua influência nos meios operários e organizar fábricas e oficinas de trabalho, foi sistematicamente suprimido e substituído pelo folheto, livros e discussões em torno da questão social. Essa obra de ilustração dos nossos sindicatos, que visava disseminar a cultura entre os trabalhadores, foi confirmada pelo relatório de um delegado de polícia da cidade de Santos, quando disse: à medida que crescia o número de sindicatos operários, diminuía a intensidade dos crimes daquela cidade[136]. (grifo meu)

Neste contexto, "cultura" adquire o significado de práticas como a leitura. A influência de práticas anarco-sindicalistas, com "discussão de questões sociais" tinha como objetivo levar a "cultura" aos trabalhadores que, segundo Catallo, seria uma forma de organizar os operários e os colocá-los em um patamar moral mais elevado, pois faria com que os sapateiros deixassem de beber, jogar e envolver-se em brigas e, para reforçar seu argumento cita até mesmo uma

---

[134] *A Plebe*, São Paulo, n. 16, 04/03/1933.
[135] CATALLO, Pedro. Subsídios para a história do movimento social no Brasil. *Verve*, São Paulo, n. 11, p. 16, 2007
[136] CATALLO, op. cit, p. 17.

afirmação de um delegado de polícia da cidade de Santos que teria identificado uma diminuição de criminalidade. Contrariando o estereótipo do anarquista "desordeiro" e "dissoluto" havia entre os libertários uma preocupação com o comportamento moral dos operários. Aqui, novamente, as práticas de cultura dos libertários aparecem como uma distinção em um contexto operário no qual as brigas e o alcoolismo são descritos como elementos frequentes.

Para os libertários educação e cultura eram elementos valorizados e muitas vezes percebe-se isto pela ênfase na divulgação de seus eventos, como em um panfleto de divulgação de uma conferência do CCS, apreendido pelo DEOPS/SP :

Centro de Cultura Social

Séde Social : RUA QUINTINO BOCAIUVA, 80
S. PAULO

Domingo, dia 23, ás 20,30 horas

O Proletariado atravéz da Historia

O sr. Herminio Marcos, conhecido militante do proletariado, fará, a convite do Centro de Cultura Social, uma conferencia que, pela responsabilidade do têma e pela cultura do conferencista nesse assunto, será uma noitada interessante de educação e cultura proletaria.

Todos os estudiosos da questão e dos problêmas sociais, não devem faltar a esta conferencia, a 12.a promovida pelo Centro de Cultura Social.

ENTRADA FRANCA

Rua Quintino Bocaiuva, 80, ás 20 1|2 horas

Figura 5 - Panfleto do Centro de Cultura Social. **Prontuário 716, Federação Operária de São Paulo, vol. 3. DEOPS/SP. AESP.**

A conferência divulgada no panfleto seria proferida por Hermínio Marcos Hernandez, que era pedreiro de profissão, militante de associações como a *Liga Operária da Construção*

Civil e da *Federação Operária de São Paulo*, foi também um dos fundadores do Centro de Cultura Social. O tema abordado seria a história do movimento operário e no próprio texto do panfleto a "cultura" é destacada como qualidade do conferencista, com o sentido de conhecimento adquirido. E, o evento era propagandeado como uma "noitada interessante de educação e cultura proletária", possivelmente, esta expressão poderia ser interpretada como um modo de vida próprio dos proletários.

Em um texto de Edgard Leuenroth, publicado pela primeira vez em 1963, o autor destaca a importância da educação e da cultura para a transformação social:

> Não obstante entenderem que a transformação social não pode ficar na dependência da cultura geral e total do povo, os anarquistas são educacionistas, porque estão convencidos de que esta transformação irá tanto mais longe na vida das realizações anárquicas quanto mais elevada for a soma de evoluções individuais. Estão, entretanto, certos de que somente com a transformação da sociedade se conseguirá dar instrução racional e geral ao povo, porque isto presentemente não será possível, em virtude da instrução e da educação do povo dependerem dos elementos interessados em mantê-los na ignorância, para que se submeta à tirania político-ecomômico-religiosa do regime burguês.
> Não obstante isso, os anarquistas nunca se descuidaram da obra cultural do povo, procurando, pelo menos, neutralizar a ação obscurantista dos reacionários, por meio de escolas, ateneus, centros de cultura social, fundados em várias zonas do país, conferências e palestras comentadas, além da difusão e publicação de folhetos, livros, revistas e jornais. Volumosa é a bibliografia anarquista no Brasil.[137] (grifos meus)

Para Leuenroth, um dos fundadores do Centro de Cultura Social, a educação e a cultura teriam o papel de mudar a sociedade: a revolução passaria pela transformação individual. No discurso anarquista aparece novamente a cultura com os sentido de educação, de instrução. Para chegar à transformação do homem pela educação, os anarquistas deveriam empenhar-se na "obra cultural" através de escolas, ateneus, centros de cultura e publicação de livros e jornais.

Na obra *Organismo econômico da revolução*[138] do anarquista espanhol Diego Abad de Santillán, publicada pela primeira vez no início da década de 1930, o autor trata de diversos aspectos sociais e econômicos na Espanha e de como deveria ser organizada a produção em um contexto de autogestão. Um dos setores abordados é o da cultura, no qual Abad de Santillán estabelece uma distinção entre a instrução e a cultura para a sociedade "burguesa" e a educação e cultura para os anarquistas. Este texto foi escolhido por ser contemporâneo aos

---

[137] LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo*: roteiro para a libertação social. São Paulo: CCS; Rio de Janeiro: Achiamé, [2007] p. 117.
[138] ABAD DE SANTILLÁN, Diego. *Organismo econômico da revolução*: a autogestão na revolução espanhola. São Paulo: Brasiliense, 1980.

fundadores do CCS e por ter sido elaborado por um anarquista envolvido com a organização de uma experiência de autogestão na Espanha dos anos 1930 que influenciou a primeira geração de libertários do CCS.

> Não cremos ser os primeiros a presumir que o fomento da instrução pública no regime capitalista se deve muito mais à necessidade que se tem na vida moderna de operários que saibam ler, escrever, calcular, etc., do que a um imperativo sinceramente cultural e progressista. De qualquer forma, a cultura no capitalismo é proporcionada em doses adequadas ao fim perseguido, manipulando-o e desviando-o no interesse das castas dominantes, em cujo proveito se orienta o ensino desde a escola primária até a Universidade, sem contar os mil outros recursos culturais como o cinema, o teatro, o esporte, etc., por meio dos quais os 10.000 de cima souberam dar bases legais, morais e materiais a seus privilégios e à escravização dos povos. [...] A nova economia, como obra do esforço e da contribuição de todos – economia social e não economia de classe -, tem forçosamente que fomentar uma cultura verdadeira, sem outros fins que os do progresso e da elevação do homem ao nível de uma plena humanidade. Referimo-nos nestas páginas ao organismo geral da nova economia; a cultura não entra propriamente neste terreno. Mas em nossa sociedade livre, que leva em conta o homem e não apenas o operário, não só nos alimentamos de pão, mas também de conhecimentos para superarmo-nos e para tornar a vida cada vez mais grata, confortável e nobre.[139] (grifos meus)

Abad de Santillán trata neste trecho da função da cultura/ educação no regime capitalista, onde a instrução oferecida ao povo serviria para que os trabalhadores fossem minimamente capacitados para a produção e, por outro lado, o acesso a bens culturais como o cinema, teatro seriam facultados somente a membros de uma elite. O autor afirma que em uma estrutura social mais livre deve-se ampliar o acesso aos bens culturais para todos os membros da sociedade.

Para o autor, na nova sociedade, a difusão da "cultura" deveria ter como objetivo final o desenvolvimento intelectual em sentido amplo e não somente para melhorar a produção dos operários. Deveria ser incentivada uma "cultura verdadeira" que aqui poderia também ser interpretada como própria de um modo de vida anarquista.

A mesma cultura que era valorizada pelos anarquistas como uma ferramenta para a discussão de questões sociais era também vista pela polícia política como algo perigoso para a ordem social. Isto pode ser identificado em um relatório do chefe do Gabinete de Investigações do DEOPS/SP datado de 1933, que trata da Federação Operária de São Paulo:

> [A Federação Operária de São Paulo] Não é reconhecida pelo Governo Federal, tem sua sede na rua Quintino Bocayúva, nº 80, sobrado. Professa o anarco-sindicalismo, e sua

[139] ABAD DE SANTILLÁN, op. cit. p. 173-174.

> propaganda é feita nos estabelecimentos fabris, por meio de distribuição de boletins, jornais libertários, comícios em sedes improvisadas, transportando até os vizinhos distúrbio das capital. Conta com elementos anarquistas, velhos militantes, e na sua maioria estrangeiros. São indivíduos de pouca cultura, mas que, com largas lides e leituras constantes, tornam-se práticos em assuntos anárquicos e, assim, discursam violentamente, impressionando a massa. São contrários à atuação do Ministério do Trabalho e o combatem por todos os meios ao seu alcance. Verificada uma greve, procuram assenhorar-se de uma situação, e agitam os trabalhadores, evitando a intervenção de terceiros. Haja vista o movimento grevista de Água Branca em dezembro passado, no qual o representante do Ministério do Trabalho havia interferido. A Federação Operária, por intermédio dos seus agentes, tomou conta do movimento e inutilizou a ação do representante do Ministério.[140] (grifo meu)

Os responsáveis pela Federação Operária de São Paulo eram descritos como anarquistas, em sua maioria estrangeiros, indivíduos de "pouca cultura", mas que com a prática e com leituras constantes tornavam-se práticos em assuntos anárquicos. Para os investigadores do DEOPS/SP embora os anarquistas tivessem uma baixa escolaridade, sua cultura era adquirida através das práticas cotidianas e resultava em discursos violentos que impressionavam a massa e atitudes autônomas em situações de greve a ponto de invalidar a atuação do Ministério do Trabalho. Para o senso comum do policial a "cultura" seria adquirida através da escolarização formal e oficial.

Vale ressaltar que os responsáveis pela Federação Operária de São Paulo eram praticamente os mesmos que organizavam o Centro de Cultura Social que aliás, na década de 1930, funcionava no mesmo endereço. As atividades culturais desenvolvidas no CCS reverberavam pelo discurso policial como um perigo a ser contido, tratava-se de trabalhadores que tinham a ousadia de organizar greves e negociar com seus patrões sem a intervenção do Ministério do Trabalho.

Diversas práticas realizadas no Centro de Cultura Social eram consideradas perigosas pela polícia política, pois praticamente todos os organizadores do CCS eram fichados pelo DEOPS/SP, as palestras e conferências ali realizadas eram constantemente vigiadas por policias infiltrados e diversos militantes foram presos simplesmente por portarem livros e jornais libertários.

O discurso dos anarquistas, segundo a avaliação de autoridades policiais, deveria ser impedido de circular, devido ao seu poder de subversão. As palavras e ações libertárias eram constantemente interditadas, numa tentativa de excluí-las da sociedade.

---

[140] Relatório de Investigações, Delegacia de Ordem Social, do Chefe do Gabinete de Investigações ao Delegado de Ordem Social, São Paulo, 15/03/33. **Prontuário 1656. Comitê antiguerreiro, doc. 75, fl. 69. DEOPS/SP. AESP.**

Como afirma Michel Foucault, "em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos".[141] Para Foucault, dentre os procedimentos de exclusão do discurso, o mais comum é a interdição. Não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, nem todos podem falar de qualquer coisa[142].

Com relação ao discurso dos anarquistas temia-se que o perigo de ideias contrárias ao sistema, pudessem desestabilizar a ordem social. Tentava-se no discurso da polícia, mostrar os anarquistas como perigosos, destacando e exagerando seus aspectos agressivos, para legitimar uma "necessidade" de exclusão da palavra escrita por meio de apreensões de livros e jornais ou mesmo de bibliotecas inteiras de seus militantes e também da interdição do próprio libertário através de prisões, deportações e expulsões do território nacional. Para que o militante anarquista fosse enquadrado na lei *Adolpho Gordo*, de 1907, bastaria ser estrangeiro e considerado "perigoso para a ordem social", uma definição bastante subjetiva.

O próprio fechamento de escolas fundadas pelos anarquistas, em 1919 representavam uma forma de cerceamento de seu discurso pedagógico. De acordo com Foucault, "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar"[143].

O DEOPS/SP, enquanto órgão do Estado, temia que o discurso anarquista pudesse se disseminar ainda mais pela sociedade, neste sentido, a vigilância e a repressão foram formas de interdição do discurso e os libertários, apesar de todas as dificuldades, ao fundarem suas escolas, jornais e centros de cultura, lutavam para fazer valer o seu discurso e de forma indireta também o seu modo de vida.

A cultura para os anarquistas em geral, e, especificamente para fundadores do Centro de Cultura Social, era um elemento fundamental para uma revolução social: para uma transformação da sociedade era necessário que houvessem mudanças individuais que seriam realizadas através da cultura e da educação como uma forma de empoderamento. Sendo que o termo "cultura" poderia significar educação formal, conhecimento adquirido, atividades como leitura ou mesmo um modo de vida. Portanto, entre os libertários, o termo cultura adquiria múltiplos significados.

---

[141] FOUCAULT, Michel, *A ordem do discurso.* 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998, p. 8-9.
[142] FOUCAULT, op. cit. p. 9.
[143] FOUCAULT, op. cit. p. 10.

Por outro lado, a polícia política interpretava a cultura como instrução formal, mas admitia que os anarquistas, através de suas práticas, poderia ser capazes de superar esta desvantagem.

Neste capítulo, com o objetivo de refletir sobre a cultura libertária, foram abordados o histórico, as atividades e o perfil dos anarquistas que atuavam em São Paulo. Houve uma especial ênfase nas atividades realizadas pelo Centro de Cultura Social em sua primeira fase (1933-1937). Julgou-se pertinente investigar também qual o conceito de cultura entre os anarquistas atuantes na década de 1930.

2 JORNADAS DE TRABALHO E PRÁTICAS CULTURAIS

Ainda não entenderam que a máquina é a redentora da humanidade, o Deus que resgatará o homem das sórdidas artes e do trabalho assalariado, o Deus que lhe trará o lazer e a liberdade.

Paul Lafargue (O direito à preguiça)

Neste capítulo, pretende-se analisar atividades desenvolvidas pelos anarquistas que se relacionam com a leitura, tais como encenações teatrais, palestras e apresentações musicais: atividades realizadas após a jornada de trabalho. Vinculada a este tema está a diminuição da jornada de trabalho que desde o século XIX esteve entre as reivindicações do movimento operário e, ao menos no que se refere aos trabalhadores anarquistas, havia a proposta de uso do tempo de que dispunham para o desenvolvimento de atividades culturais que propagassem ideias e reforçassem valores anarquistas. No Brasil, a primeira greve pela redução do tempo de trabalho ocorreu em 1901, na Companhia Industrial de São Paulo, na qual os trabalhadores reivindicavam uma jornada de onze horas[144].

Atividades teatrais, musicais e palestras relacionavam-se com a produção e o consumo de textos escritos, à medida que divulgavam e discutiam ideias anarquistas. Além disso, estas atividades refletiam também uma leitura de mundo libertária.

2. 1 Os trabalhadores e a luta pela diminuição da jornada de trabalho

Nas sociedades agrárias, a diferenciação do tempo reservado ao trabalho e ao lazer não eram muito perceptíveis, pois o tempo liberado dependia mais dos ciclos da natureza.[145] A partir da Revolução Industrial, os trabalhadores precisaram adaptar-se ao tempo das máquinas. Na Inglaterra do século XVIII, os camponeses passaram por um processo de alienação de seus meios de produção através dos cercamentos. Os camponeses foram expulsos das terras que cultivavam e perderam também o direito de caça, pesca e coleta de lenha. Os proletários passaram a vender então o único recurso que lhes restava: sua força de trabalho, em extenuantes jornadas. Neste processo, os trabalhadores foram alienados não somente de seus meios de produção e dos produtos de seu trabalho, mas também de seu ritmo de vida.

[144] CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *O que é lazer.* São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 40.
[145] FRIEDMANN, Georges. *7 Estudos sobre o homem e a técnica*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968. p. 96.

Este processo de transformação social ocorreu de forma semelhante em diversos países durante a industrialização e foi estudado na sociedade francesa por Louis Chevalier entre a Restauração e o Segundo Império. Para Renato Ortiz:

> Não é por acaso que este é o período escolhido por Louis Chevalier para estudar as classes perigosas. É no interior de uma Paris superpovoada, sufocante e miserável que ele retrata a existência das classes trabalhadoras. Sua descrição possui no entanto um valor que transcende o quadro da vida parisiense; ela revela uma situação semelhante às condições que imperam em várias cidades. O relatório de Villermé sobre a condição física e moral dos operários no início do século XIX evidencia um elemento universal, intrínseco à implantação do sistema fabril; processo violento de transformação do modo de produção e de organização do trabalho [...][146]

O processo de industrialização, que envolveu mudanças tecnológicas, sociais e econômicas, foi iniciado na Inglaterra do século XVIII e difundiu-se no século XIX na França, Bélgica, Alemanha e Estados Unidos. O trabalho dos operários passou a ser executado de forma passiva e segmentada, de forma que o trabalhador acabava conhecendo apenas uma etapa do processo de fabricação do produto, além disso, não havia limites legais para a jornada de trabalho que passou a ser extensiva e intensiva:

> As "maquinofaturas" inglesas ou francesas, no início do século XIX, parecem ter por palavra de ordem: "reduzamos o tempo liberado ao seu mínimo estrito". As servidões horárias das usinas, aquelas que os inspetores de fábrica da época nos descrevem, são bem conhecidas – e terríveis. Quinze a dezesseis horas de trabalho cotidiano em oficinas malsãs excluem não apenas o lazer mas a simples recuperação fisiológica. A semana de 60 horas, desde 1860, correntemente praticada nos Estados Unidos, ela não o será antes de 1900 na indústria europeia.[147]

No entanto, este processo não foi aceito, de forma pacífica pelos trabalhadores, que se organizaram contra a exploração em diversos lugares, reivindicando a redução das extenuantes jornadas. Em Manchester, em 1819, operários organizaram uma série de protestos para reivindicar a diminuição da jornada de trabalho e foram recebidos com canhões pelo general Wellington, chefe do governo que havia vencido a batalha de Waterloo. Apesar das baixas durante os conflitos, os trabalhadores conseguiram a aprovação de uma lei que limitava a jornada de trabalho de menores de dezesseis anos a doze horas[148].

No século XIX, a situação dos operários nos Estados Unidos era semelhante a dos

---

[146] ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*: a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 19.
[147]FRIEDMANN, Georges. *7 Estudos sobre o homem e a técnica*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968. p. 96.
[148] DEL ROIO, José Luiz. *A história de um dia*: 1º de Maio. São Paulo: Ícone, 1998. p. 19

franceses e ingleses, com longas jornadas de trabalho e baixos salários. Em 1845, foi realizado nos Estados Unidos, o primeiro congresso operário, no qual foi defendida a jornada de dez horas diárias.

Na Primeira Internacional dos Trabalhadores, realizada em 1864, em Londres, Karl Marx declarou a necessidade da diminuição da jornada de trabalho. Segundo Del Roio[149], no Congresso de 1866, realizado em Genebra, foi discutida a questão das oito horas de trabalho. A redução da jornada de trabalho foi considerada primordial para a emancipação dos operários.

Em 1903, no Rio de Janeiro, operários do setor têxtil organizaram duas greves e obtiveram a jornada de trabalho de nove horas e meia[150]. De acordo com Camargo, apesar destas conquistas, as indústrias burlavam os acordos com os trabalhadores, vinculando a jornada a uma produtividade mínima[151].

Em primeiro de maio de 1907 foi organizada uma greve geral que paralisou trabalhadores nas capitais brasileiras, em cidades como Sorocaba, Santos e Campinas. A principal reivindicação desta mobilização foi a jornada de oito horas de trabalho. Em 1924, o dia Primeiro de Maio foi decretado feriado, antes mesmo da vigência das 8 horas de trabalho. Em 1943, com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) foi legalizada a jornada de oito horas no Brasil, além de outros benefícios ao trabalhador, como férias remuneradas, aposentadoria e salário mínimo[152].

Os conflitos pelo tempo se davam não somente no que se refere à extensão da jornada de trabalho. Em agosto de 1922, diversas operárias e, entre elas, a anarquista espanhola Maria Alles foram despedidas da Tecelagem Santa Branca por fazerem greve, sendo que uma das causas da paralisação seria o controle do tempo para usar o banheiro.[153]

A questão da redução das horas de trabalho, tantas vezes incluída na pauta de reivindicações operárias foi também objeto de estudo de autores anarquistas e de outros que eram lidos pelos libertários do final do século XIX às primeiras décadas do século XX.

---

[149]DEL ROIO, op. cit. 1998, p. 25.
[150] CAMARGO, op. cit. p. 40.
[151]CAMARGO, op. cit. p. 40.
[152] CAMARGO, op. cit. p. 42.
[153] **Prontuário 327, Maria Alles. DEOPS/SP. AESP.**

2.2 Trabalhadores e ociosos

Em 1880, Paul Lafargue publicou *O direito à preguiça.* Esta obra estava entre os títulos publicados por anarquistas espanhóis em uma coleção chamada Pequeños Grandes Libros que de acordo com Lily Litvak custavam entre 35 e 65 cêntimos[154]. Este autor também aparece entre os livros da lista do fundo Edgard Leuenroth, com o título A moral burguesa (1905)[155].

Em o *Direito à preguiça* discutia-se o problema das longas jornadas de trabalho, relacionando-as às más condições de vida dos operários. Em uma nota chama a atenção para a brutalidade da exploração imposta às crianças:

> Durante o primeiro congresso para o bem estar, realizado em Bruxelas em 1857, o Sr. Scives, um dos mais ricos industriais de Marquette, cidade próxima a Lille, era aplaudido pelos membros do congresso enquanto contava, com a mais nobre satisfação de quem cumpriu um dever: "Introduzimos algumas distrações para as crianças. Nós as ensinamos a cantar e também a contar enquanto trabalham. Isso as distrai e faz com que aceitem corajosamente as doze horas de trabalho que precisam executar para garantir sua subsistência." Doze horas de trabalho, e que trabalho!, impostas a crianças com menos de doze anos! Os materialistas lamentarão para sempre não haver um inferno para lá enfurnar estes cristãos e filantropos, algozes da infância![156]

Paul Lafargue nasceu em Cuba, em 1842, em uma família de origem francesa e crioula, estudou medicina na França, participou ativamente da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Foi preso diversas vezes e, encarcerado em Sainte-Pélagie terminou de escrever *O direito à preguiça*. O autor, por meio desta obra tenta incentivar os trabalhadores a se organizarem para a luta pela redução das jornadas. Lafargue denuncia a moral burguesa e também cristã por valorizar o trabalho e legitimar a exploração dos operários. Com a mecanização dos meios de produção e as longas jornadas de trabalho produziam-se mercadorias em excesso e ao invés de se tornarem acessíveis aos próprios operários, estes produtos eram vendidos em outros países. O trabalhador poderia ter suas jornadas reduzidas graças às novas técnicas, mas ao contrário estava sendo cada vez mais explorado:

> No Antigo Regime, as leis da Igreja garantiam ao operário 90 dias de descanso (52

[154] LITVAK, Lily. Musa libertária: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913). Barcelona: Antoni Bosch, 1981. p. 263.

[155] Ver apêndice.

[156] LAFARGUE, Paul. O direito ao ócio. In: DE MASI, Domenico.(org.) *A economia do ócio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001, p. 183.

> domingos e 38 feriados), durante os quais era estritamente proibido trabalhar. O trabalho nesses dias era o grande crime do catolicismo, a principal causa da não-religiosidade da burguesia industrial e comerciante. Durante a Revolução, assim que a burguesia tomou o controle, aboliu os feriados e substituiu a semana de sete dias pela de dez. Libertou os operários do domínio da Igreja para melhor dominá-los através do trabalho.[157]

A ironia destacada no texto seria que o operário trabalhava menos durante o Antigo Regime do que após a Revolução Francesa. Lafargue afirmava que para os trabalhadores seria mais importante reivindicar o direito à preguiça, com jornadas de três horas diárias do que os direitos do homem. Enquanto Lafargue dirigia-se aos trabalhadores na esperança de que lutassem pelo direito à preguiça, Bertrand Russell, mais de cinquenta anos depois tentava convencer intelectuais de que seria melhor para a sociedade que os operários trabalhassem menos.

Bertrand Russell, em 1935, em *O elogio do ócio* afirmava que existiam dois tipos de trabalhadores: os que executam e os que mandam fazer, sendo que os segundos seriam mais valorizados e bem pagos[158]. Haveria também uma terceira classe, a dos grandes proprietários de terra que viveriam na ociosidade graças ao trabalho dos outros. O ócio desta classe teria sido importante para a criação artística e científica, mas para cada "Darwin" haveria: "dezenas de milhares de proprietários rurais que jamais pensaram em coisas mais inteligentes do que caçar raposas e punir invasores de propriedades".[159]

Para Russell, após a Revolução Industrial e o aumento da produção, seria possível que o lazer se estendesse também aos trabalhadores.[160] No entanto, os ricos proprietários não estariam dispostos a reduzir as jornadas de trabalho de seus empregados com facilidade:

> A ideia de que os pobres devem ter direito ao lazer sempre chocou aos ricos. Na Inglaterra do início do século XIX, a jornada de trabalho de um homem adulto tinha quinze horas de duração. Algumas crianças cumpriam, às vezes, essa jornada, e para outras a duração era de doze horas. Quando uns abelhudos intrometidos vieram afirmar que a jornada era longa demais, foi-lhes dito que o trabalho mantinha os adultos longe da bebida e as crianças afastadas do crime. Eu era ainda criança quando, pouco depois de os trabalhadores urbanos terem conquistado o direito ao voto, e para a total indignação das classes superiores, os feriados públicos foram legalmente instituídos. Lembro-me de uma velha duquesa exclamando: "O que querem os pobres com esses feriados? Eles deviam estar trabalhando." Hoje em dia as pessoas são menos francas, mas o sentimento persiste, e é boa parte de nossa confusão econômica.[161]

---

[157] LAFARGUE, op. cit. p. 160.
[158] RUSSELL, Bertrand. O elogio ao ócio. IN: DE MASI, Domenico.(org.) *A economia do ócio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001. p. 52.
[159] RUSSELL, op. cit. p. 60-61.
[160] RUSSELL, op. cit., p. 53.
[161] RUSSELL, op. cit., p. 55-56.

O autor afirma que seria possível a redução da jornada de trabalho para quatro horas, pois durante a Primeira Guerra Mundial a produção de bens havia sido suficiente para proporcionar conforto, apesar de uma parcela da mão-de-obra ter se dedicado exclusivamente a atividades bélicas. Após o término do conflito ficou claro que as jornadas poderiam ter sido reduzidas, no entanto, os trabalhadores continuaram trabalhando mais do que o necessário enquanto outros permaneciam desempregados e miseráveis.

Para Russell (1935), se as pessoas trabalhassem apenas quatro horas diárias, teriam tempo para um lazer mais ativo: ao invés de simplesmente ouvirem rádio, assistirem filmes ou partidas de futebol, mais pessoas teriam disposição para dedicar-se às ciências e às artes de forma autônoma.

Assim como organizações de operários, Bertrand Russell defendia a redução das jornadas e o direito ao lazer para todos, no entanto, não condenava o ócio dos grandes proprietários. Russell não propõe uma mudança radical na estrutura da sociedade, mas a construção de uma sociedade do lazer, com a redução das jornadas e a distribuição dos frutos do trabalho.

O tema do ócio aparece na literatura anarquista como uma característica de uma classe que vive da exploração do trabalho alheio. Em um texto do jornal *O Amigo do Povo* de 1903, de Felipe Morales, militante anarquista de origem espanhola e sapateiro de profissão, a ideia de ócio surge em um diálogo entre dois amigos que se se reencontram depois de longo período. Como um dos homens trazia um "periódico operário" o outro logo pergunta, com algum estranhamento se o amigo havia se tornado um anarquista, e, como a resposta foi afirmativa, prossegue titubeante, indagando como seria organizada uma sociedade libertária. O anarquista responde que a produção de bens seria realizada pelos próprios trabalhadores e seus produtos distribuídos a todos. O trabalho se tornaria mais leve graças "aos progressos da mecânica" e ao desaparecimento de uma classe de "ociosos". Todos os membros da sociedade dividiriam o trabalho que passaria a ser mais "agradável":

> A sociedade anarquicamente organizada? Será livre em todas as suas manifestações de índole individual. Então os indivíduos poderão livremente combinar a forma mais apropriada de produção em comum, pondo os produtos à disposição de todos. Não haverá salário, não haverá dinheiro: estas avaliações são as cadeias que mantêm escravo o trabalhador. Diminuindo o trabalho e aumentando o número de trabalhadores, porque todos trabalharão e apenas no que é útil à vida; utilizando-se todos os progressos da mecânica, no que todos serão interessados, por não haver ociosos; abandonando-se a

> regulamentação das horas de trabalho – o trabalho será ao mesmo tempo agradável e necessário, individual e socialmente. Só um louco, um doente, digno de dó, deixará de trabalhar. E não é só o fato de ser o trabalho higiênico para o indivíduo e necessário para a comunidade que impedirá a existência de ociosos. Hoje, nesta sociedade imoral, a ociosidade é um prêmio, uma honra – o rico pode ser impunemente ocioso. Na sociedade futura, baseada no trabalho de todos, a opinião pública, que tanta força tem, condenará a ociosidade como um crime, uma vergonha.[162]

No texto, o ócio aparecia como um privilégio, simbolizava a opressão de uma classe que não trabalhava e portanto vivia da exploração do esforço alheio na sociedade capitalista. Na organização anarquista todos trabalhariam e por isso, seria possível diminuir a jornada e torná-la mais agradável e valorizada socialmente – não trabalhar seria considerada uma "vergonha". Ser trabalhador fazia parte da identidade do grupo, oposta ao das classes mais abastadas que não trabalhavam e tinham isso como distinção social, trata-se de uma recusa e não da intenção de obter as mesmas benesses.

Em um texto de Neno Vasco, anarquista português, advogado e jornalista que viveu no Brasil de 1901 a 1911, a ideia de ócio também é identificada como um sinal da exploração dos proprietários sobre os trabalhadores:

> Numa ilha fértil, solitária, dentro de um grande mar, vivia uma família ociosa, bem nutrida e agasalhada, que se dizia senhora de toda a ilha, proprietária de todas as terras, casas, choupanas, arados, gado, tudo.
> Para manter essa família na mandriice e na fartura, esfalfavam-se, desde manhã até a noite, meia dúzia de trabalhadores ossudos, sujos, tostados do sol, mal alimentados e mal abrigados, eles, suas mulheres e seus filhos. Só eles conheciam o seu trabalho, sabiam as épocas das semeaduras, os modos de cultivar as terras, o manejo do arado e de todos os instrumentos de trabalho, e eram eles que entre si combinavam e distribuíam as tarefas, ajuntando-se nas mais rudes, dividindo-se nas mais leves e curtas.[163]

A família proprietária da ilha era ociosa e vivia dos bens produzidos por um grupo de trabalhadores. A estrutura desta organização social mudou quando todos os membros da família dos proprietários morreram em um acidente em alto mar. Os trabalhadores continuaram suas tarefas e puderam por fim se alimentar, agasalhar e morar melhor, pois não precisavam mais sustentar os ociosos. Só então os trabalhadores se deram conta de que não precisavam de patrões para viver. Neno Vasco usou esta pequena história para convencer os trabalhadores de que não precisavam de "amos", e que para mudarem suas vidas necessitavam organizar-se e lutar contra os patrões, pois não contariam com a mesma sorte dos

[162] MORALES, Felipe. Palestra. O amigo do povo, ano I, n. 18, 03/01/1903. IN: PRADO, Antonio Arnoni; HARDMAN, Francisco Foot; LEAL, Cláudia Feierabend Baeta. *Contos anarquistas*: temas & textos da prosa libertária no Brasil (1890-1935). São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 17-18.
[163] VASCO, Neno. Os parasitas. *A Plebe*, ano III, n. 86, 13/04/1935. IN: PRADO, op. cit, p. 63.

trabalhadores da história. Nas duas narrativas, o ócio é identificado como uma das características de um grupo social que explora os trabalhadores. Nos dois textos há uma preocupação com a diminuição das jornadas, mas não se discute a necessidade do trabalho.

O tema da atividade do trabalhador e da ociosidade do burguês aparece no livro *Quem não trabalha não come* de Adelino Tavares de Pinho, publicado em 1920 pelo Centro Editor Juventude do Futuro. Esta obra é um dos itens apreendidos pelo DEOPS/SP da biblioteca pessoal de Ítalo Benassi[164]. No início da década de 1920, os anarquistas radicados no Brasil ainda entusiasmavam-se com a Revolução Russa de 1917 e, Adelino de Pinho escreveu esta obra inspirado em um artigo da Constituição dos Sovietes que exigia o desempenho de algum trabalho como requisito para a obtenção de alimento diário. O autor argumenta que seria justo que todos os membros da sociedade, excluindo-se crianças, idosos e doentes trabalhassem, pois assim não haveria exploradores e todos poderiam desfrutar das riquezas geradas pelo trabalho. Para Adelino de Pinho, os trabalhadores não tinham acesso aos recursos produzidos pelos próprios:

> Criando todas as riquezas e todos os confortos, vive no maior abandono e miséria; tecendo todos os estofos, anda nu; construindo todas as casas, palácios e edifícios não tem um buraco ou uma guarida onde se abrigue; cultivando o dourado trigo não tem um pedaço de pão com que muitas vezes possa aplacar a fome que o devora; edificando as escolas não as frequenta; imprimindo os livros não os lê por falta de meios para os comprar ou porque é analfabeto; criando tudo que existe de bom, de belo e de grandioso, vive à margem excluído de todos os benefícios, de todos os frutos que seu titânico esforço conseguiu produzir e acumular...[165]

Ao longo do texto a ideia do ócio, como nos textos de Neno Vasco e Felipe Morales, aparece associado a uma classe de exploradores / não-trabalhadores. Para o autor, a ideia de trabalho envolveria atividades manuais ou intelectuais que resultassem em benefícios sociais. Propõe uma valorização do trabalho manual, pois este também requer o uso de faculdades mentais: "é certo que o trabalho manual, apesar de toda sua utilidade, tem sido considerado com repugnância e abandonado aos sem eira nem beira".[166]

Para Adelino de Pinho, na sociedade ideal, "quem não trabalha come", ou seja, todos deveriam colaborar com sua parcela de esforço para o bem comum e, em troca, desfrutariam de tempo para a instrução:

---

[164] Ver capítulo 3.
[165] PINHO, Adelino Tavares de. Quem não trabalha não come. IN: PINHO, Adelino Tavares de. *Pela educação e pelo trabalho e outros escritos*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2012. p. 59-60.
[166] PINHO, op cit. p. 70.

> Todos se podendo instruir ou educar e só exercendo a profissão que mais se enquadre com as suas inclinações e aptidões, podendo nas horas de descanso frequentar a escola, o teatro, o laboratório, sempre alargando seus conhecimentos e saciando a sede de saber, de filosofia e de ciência, ou divertir-se nas doces práticas familiares, no conchego morno e suave de sua habitação, rodeado de ternos e inocentes filhinhos.[167]

Adelino Tavares de Pinho, que foi diretor da Escola Moderna n.2, exemplifica o que os trabalhadores poderiam fazer em seu tempo de descanso: dedicar-se à ciência, à filosofia ou ficar com sua família.

Figura 6 – Capa de Quem não trabalha, não come. De Adelino de Pinho. 1920.

Outra obra lida pelos anarquistas do período estudado, é *A conquista do pão* de Piotr Kropotkin (1842-1921). Publicada em 1888, aparecia entre os livros anunciados à venda pelo jornal *A Plebe* em 1935.[168] Estava também incluído entre os títulos apreendidos da biblioteca pessoal do anarquista Ítalo Benassi, em 1938[169].

---

[167] PINHO, op cit, p. 73.

[168] *A Plebe*, São Paulo, nova fase, ano 3, n. 85, 30/03/1935.

[169] Auto de verificação e apreensão. **Prontuário 198. Ítalo Benassi, doc. 3, fl. 5-6. 23/11/1938. DEOPS/SP. AESP.**

Para Kropotkin, no final do século XIX, houve um aumento da capacidade de produção graças a novas técnicas, como a energia a vapor, tornando possível o domínio da natureza pelo homem. Mas, apesar do aumento da produção, a riqueza não era desfrutada pelos trabalhadores. Kropotkin afirmava que a educação, por exemplo, era acessível somente aos ricos:

> A educação é um privilégio. Pode-se lá falar em educação, quando o filho do operário é obrigado à descer à mina aos 13 anos e ajudar seu pai na fazenda? Falar de estudos ao trabalhador, que volta à noite, quebrado por um dia inteiro de trabalho forçado![170]

O autor afirma que o camponês poderia diminuir sua jornada de 14 e 16 horas pela metade, o que diminuiria a produção de alimentos, mas seria uma situação viável desde que não houvesse a necessidade de sustentar os ociosos das grandes cidades[171]. Kropotkin cita como exemplo os camponeses russos que na época eram obrigados pelo Estado, sob a vigilância da polícia, a exportar o trigo para Londres e, jejuar de três a seis meses por ano. Após a revolução poderiam alimentar-se adequadamente[172].

De acordo com Kropotkin, se cada adulto trabalhasse dos 20 ou 22 anos aos 45 ou 50 anos de idade, durante cinco horas diárias, seria possível assegurar a todos a satisfação de todas as necessidade básicas e no restante do tempo poderiam dedicar-se à arte ou à ciência.[173] Aliás, a literatura, as ciências e artes poderiam beneficiar-se deste contexto, sendo exercidas com maior liberdade, pois não estariam submetidas ao julgamento de seus mecenas ou do Estado.

A proposta de redução da jornada de trabalho, possível devido à inovação tecnológica e ao fim de uma classe de ociosos emerge mais uma vez na literatura anarquista. Trabalhando menos, seria possível a dedicação a outras atividades que poderiam ser relacionadas à educação, à arte e à ciência.

É importante ressaltar que o autor não considerava a atividade intelectual como "trabalho". Ele propõe por exemplo que os escritores se dedicassem por algumas horas a um trabalho "necessário", como por exemplo, a impressão de seus próprios livros e antecipa quais poderiam ser os resultados desta nova forma de fazer literatura:

> Perderá a literatura alguma coisa com isso? O poeta será menos poeta depois de ter trabalhado nos campos, ou colaborado com as suas mãos a multiplicar a sua obra? O

---

[170] KROPOTKIN, Piotr. *A conquista do pão*. 2. ed.rev. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011. p. 24.
[171] KROPOTKIN, op cit. p. 58.
[172] KROPOTKIN, op cit. p. 57.
[173] KROPOTKIN, op cit., p. 72.

> romancista perderá do seu conhecimento do coração humano depois de ter convivido com o homem na oficina, na mata, no traçado de uma estrada ou no ateliê? Propor estas perguntas é responder-lhes.
>
> Certos livros serão talvez menos volumosos, mas imprimir-se-ão menos páginas para dizer mais.
>
> Talvez se publique menos nomenclatura, mas o que se imprime será mais bem lido, mais bem apreciado. O livro dirigir-se-á a um círculo mais vasto de leitores, mais instruídos, mais aptos para julgá-los.[174]

Se por um lado, esta opinião pode ser interpretada como um preconceito com relação à atividade intelectual que não é alçada à categoria de trabalho, por outro, afirma que trabalhadores manuais seriam perfeitamente capazes (desde que contassem com a instrução necessária) de realizar atividades intelectuais. E, mesmo sem um contexto de revolução social, de que trata *A conquista do pão,* com frequência, ao logo desta pesquisa me deparei com trabalhadores comuns, como sapateiros, gráficos e eletricistas que eram também agentes de atividades intelectuais: homens e mulheres que escreviam e editavam seus livros, peças de teatro e jornais.

2.3 Práticas culturais anarquistas

O tempo em que o operário não estava na fábrica, mesmo sem a redução da jornada, foi temido pelos patrões como um possível espaço de subversão. Foram realizadas diversas tentativas de controlar o lazer operário, como a criação das Vilas Operárias Maria Zélia e Vila Scarpa (do Cotonifício Scarpa) no fim da década de 1920. Tratavam-se de vilas destinadas a moradia dos operários e ofereciam igreja, capela, escola e creche[175]. As vilas operárias, construídas em terrenos próximos às fábricas foram comuns no Brasil, durante a fase de industrialização em áreas próximas a regiões rurais e também em grandes fábricas do setor têxtil de São Paulo e Rio de Janeiro.[176]

De acordo com Maria Auxiliadora Guzzo Decca, o lazer operário era motivo de preocupação de grupos dirigentes e deveria ser controlado:

> Os meios operários eram vistos por instituições e grupos dirigentes como extremamente perniciosos para a "moral e disciplina do trabalho", focos de agitação e revolta social. Hábitos operários no escasso tempo de lazer eram considerados vícios e a recreação do

[174] KROPOTKIN, Piotr. *A conquista do pão*. 2. ed.rev. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011. p. 75.
[175] DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas*: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 89.
[176] HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!* 3. ed. São Paulo: ed da UNESP, 2002. p. 68.

> operariado era considerada "improdutiva". O trabalho do menor nas fábricas foi muitas vezes justificado social e moralmente pela intenção de retirá-lo de meios "malsãos" e viciados. Alguns grandes estabelecimentos industriais em São Paulo, na década de 10, junto às vilas operárias construídas para a habitação de mestres e contramestres, edificaram todo um aparato destinado à recreação daqueles que era necessário reter e controlar na produção[177].

Para Margareth Rago, as vilas operárias tinham função "punitiva e disciplinar", ditando padrões burgueses de comportamento no trabalho e no lazer.[178] Nestes espaços havia estabelecimentos comerciais, creches, escolas, igreja, farmácias e restaurantes. Os operários compravam seus alimentos no comércio do próprio dono da fábrica que poderia estabelecer preços abusivos. As vilas operárias evitavam também que os trabalhadores se envolvessem com bebidas alcoólicas e greves, sob a ameaça de despejo e demissões.

Além de um controle sobre o lazer havia um temor da simples presença dos trabalhadores. Segundo Hardman, "a questão social combinava-se com a questão nacional: o proletariado, aos olhos do discurso dominante, tornava-se ameaçador por sua dupla condição de assalariado e estrangeiro".[179] Para exemplificar, o autor relata um episódio ocorrido em 1889, no Rio de Janeiro, quando cerca de três mil operários têxteis foram impedidos de entrar no Jardim Botânico. Barbosa Rodrigues, então diretor do estabelecimento justificou sua atitude por "tratar-se de ladrões"[180].

E. P. Thompson mostra como na Inglaterra entre o fim do século XVIII e início do XIX tentava-se impor disciplina à população trabalhadora em ambientes como escolas, igrejas: "pressões em favor da disciplina e da ordem partiam das fábricas, por um lado, e das escolas dominicais, por outro, estendendo-se a todos os demais aspectos da vida: o lazer, as relações pessoais, a conversação e a conduta."[181] O controle do lazer era feito por instituições como a Sociedade pela Supressão do Vício que denunciava casos de desrespeito às leis do Sabbath e preocupava-se com a venda de cervejas de dois penies, bazares de pão de gengibre e quadros obscenos.[182]

No entanto, apesar das tentativas de controle do tempo liberado do trabalho dos operários, grupos de anarquistas, no Brasil, organizavam espaços como ateneus, bibliotecas e

---

[177] DECCA, op. cit. p. 89.
[178] RAGO, Maragareth. *Do cabaré ao lar:* a utopia da cidade disciplinar: Brasil (1890-1930). 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 177.
[179] HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!* 3. ed. São Paulo: ed da UNESP, 2002. p. 55.
[180] HARDMAN, op. cit, p. 55-56.
[181] THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 2. p. 292.
[182] THOMPSON, op. cit. v. 2, p. 293.

centros de cultura que tornaram-se lugares de discussão política, instrução, lazer e sociabilidade, desde o final do século XIX. Em seu tempo livre, os trabalhadores libertários organizaram também atividades como festas e piqueniques.

Frequentemente eram realizadas festas, com o objetivo de angariar fundos para jornais libertários. A programação destes eventos era composta de apresentações teatrais, recitais de poesia e hinos, palestras e bailes. Francisco Foot Hardman identificou grandes semelhanças entre o movimento anarquista em São Paulo e Buenos Aires e também entre as programações de festas libertárias nas duas cidades, desde o início do século XX:

> [...] salta aos olhos a semelhança de padrões entre as manifestações socioculturais do movimento anarquista de Buenos Aires e São Paulo. Buenos Aires, no início do século XX, era, como São Paulo, uma "cidade estrangeira". A presença do porto e a urbanização intensa acentuaram mais ainda a imigração (entre elas, a italiana), e o movimento anarquista conheceu lá um apogeu e uma influência certamente mais penetrantes que aqui.[183]

Sobre as semelhanças na programação das festas, Hardman afirma: "voltando ao paralelo portenho paulistano, devo assinalar a impressionante homologia entre as festas operárias nas duas cidades, durante o mesmo período histórico."[184] Em comum as programações das festas libertárias das duas cidades apresentavam frequentemente conferências, discursos de operários, bailes e dramatizações. Nas representações teatrais, as peças de Pietro Gori estavam entre as mais populares de ambas as cidades[185].

Por volta do final da década de 1910, as festas anarquistas deixaram de ser realizadas em salões e passaram a ser realizadas ao ar livre:

> A simetria de padrões manter-se-ia inclusive numa fase posterior, do movimento operário que se deu a partir do final da Primeira Guerra [...] os grandes diários anarquistas passaram a anunciar outro tipo de reunião operária. Com efeito, a tradicional festa de propaganda realizada em salões das ligas e entidades de classe foi substituída pelos festivais, piqueniques e excursões a lugares públicos, ao ar livre, patrocinados pelos jornais da imprensa operária. Em São Paulo, o padrão da "festa em salões" permanece no período 1902-1916. Em 1917, junto com o aparecimento de *A Plebe*, começam a surgir os primeiros anúncios de "festivais públicos" que se estenderão pelas décadas de 1920 e 1930. No Rio de Janeiro, a mesma tendência se verifica, por exemplo, no jornal *A Voz do Povo.* Analogamente, na mesma época, o jornal *La Protesta* de Buenos Aires passa a convocar para "passeios populares".[186]

---

[183] HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!* 3. ed. São Paulo: ed da UNESP, 2002. p. 46.
[184] HARDMAN, op. cit. p. 49.
[185] HARDMAN, op cit. p. 48-49.
[186] HARDMAN, op. cit. p. 50.

Os piqueniques em parques públicos ou mesmo para o litoral de São Paulo que eram organizados, a partir do final da década de 1920, tinham por finalidade angariar fundos para jornais como *A Plebe* e *A Lanterna.* Nestes passeios eram realizadas atividades esportivas, apresentações teatrais e musicais. Estes passeios e excursões eram vigiados pelo DEOPS/SP como percebe-se através de uma foto confiscada e anexada ao prontuário de Rodolpho Felippe, um dos fundadores do Centro de Cultura Social e editor do jornal *A Plebe*.

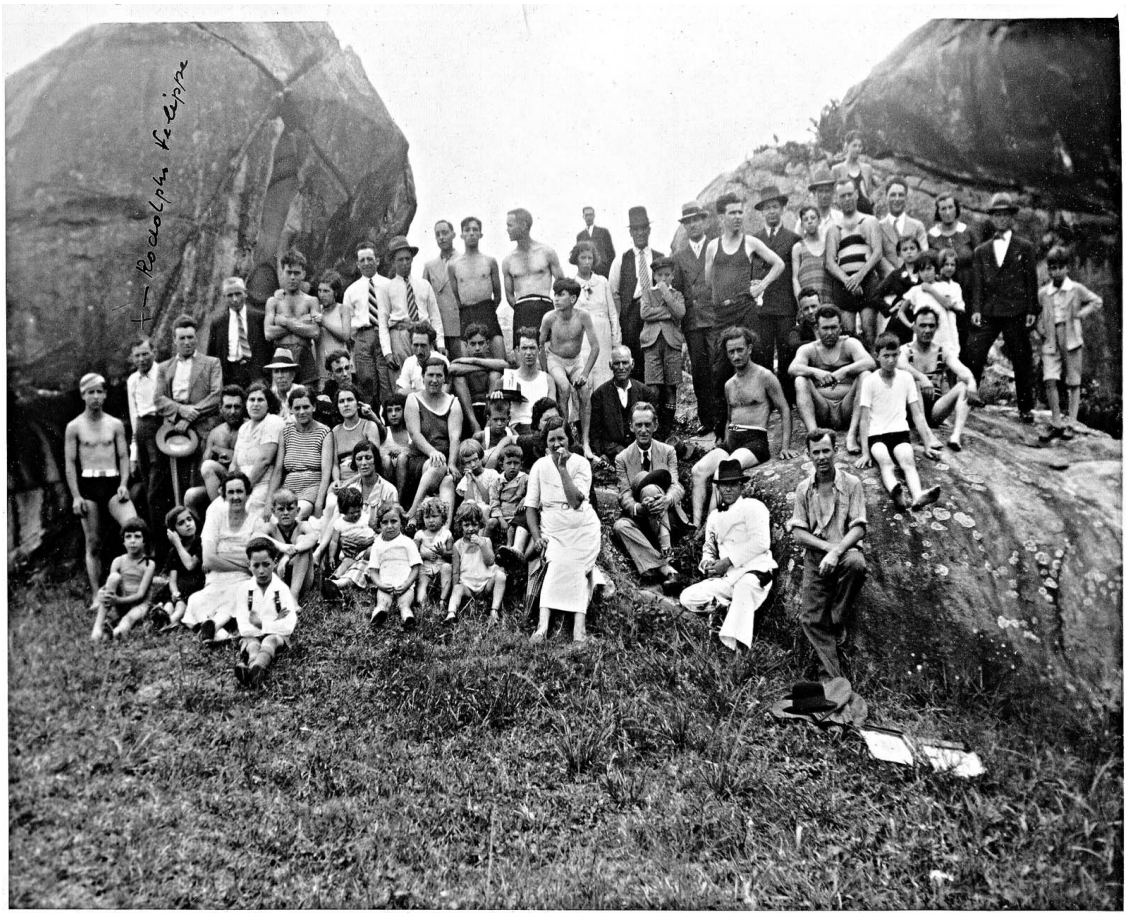


Figura 7 - Piquenique promovido pelo jornal *A Plebe*. Santos/SP, [1935(?)]. Foto Confiscada**. Prontuário 400, Rodolpho Felippe. DEOPS/SP. AESP.** (anotações do DEOPS/SP)

Em 1935 foi realizada uma excursão do jornal *A Plebe* a Santos, em comemoração ao centésimo número da nova fase do jornal. Para participar do evento era necessária a compra de cartões de adesão na redação do jornal, com direito a sorteio de um quadro pintado a óleo pelo artista Manuel Navarro[187.] Este pintor nasceu em 1915, em Granada, Espanha, radicado em São Paulo desde 1920[188].

[187] *A Plebe*, São Paulo, 26/10/1935, p. 3.
[188] Enciclopédia Itaú Cultural. Artes Visuais. http://www.itaucultural.org.br/ Acessado em 20 set. 2013.

Em 1933 foi realizado um piquenique pelo grupo *Primavera Libertária*, em homenagem ao jornal *A Plebe,* no Parque da Cantareira, em "uma bela jornada de confraternização, de alegria e entusiasmo".[189] Entre as atividades estavam recitativos, discursos, cantos festivos, anedotas, e passeios. O jornal *A Plebe* havia noticiado o evento na semana anterior e alertado para o fato de não haver restaurantes no local, afirmando que "os camaradas deveriam ir prevenidos com seus perus e frangos de Cubatão".[190]

Em dezembro do mesmo ano houve outro piquenique em benefício do jornal *A Plebe,* no Brooklin Paulista, Estrada de Santo Amaro. Entre as atividades do evento estavam esportes, leituras, baile ao ar livre, *jazz band*, sob a direção de Aurélio Coltro e palestra do professor José Oiticica[191].

No dia 23 de setembro de 1934, foi realizado um piquenique no parque do Jabaquara com atividades físicas (corridas e jogos), intelectuais e artísticas (declamação de textos e hinos, distribuição de livros, bandas de música) e sociais.

Atividades ao ar livre como piqueniques eram comuns também entre outros grupos, conforme notas divulgadas no *Jornal Folha da Manhã,* como um piquenique realizado na Fazenda Itaporã, em Terra Roxa, em comemoração ao aniversário da "sra. Didi Parreira"[192]. Outros exemplos são o Departamento Social da Associação Atlética São Paulo que promoveu um piquenique na praia do Itararé, em Santos[193], os empregados da Fábrica Maluf, com um evento na praia José Menino, em Santos[194] e a Frente Negra Brasileira, Seção de Campinas[195]. A organização de piqueniques não era uma exclusividade dos libertários, porém, entre eles, estes eventos adquiriam também uma função política, como angariar fundos para jornais anarquistas e militantes presos. A programação era também voltada para a militância, com declamação de poemas e canto de hinos libertários.

Hardman afirma que por volta da década de 1910, os festivais libertários tornam-se mais populares, incorporando elementos como o esporte e o cinematógrafo, além das já tradicionais conferências, teatro social e atividades musicais, são introduzidos elementos lúdicos e do que viria a ser a indústria cultural [196]. Segundo o autor, a introdução destes elementos "estranhos à cultura operária" aliava-se à propaganda libertária:

[189] *A Lanterna*. São Paulo, ano xi, n. 364, 26/10/1933. p. 3
[190] *A Plebe*, São Paulo, 15/10/1933, p. 3
[191] *A Lanterna*. São Paulo, ano xi, n. 367, 07/12/1933. p. 2.
[192] *Folha da Manhã*, São Paulo, 09, dez. 1934.
[193] *Folha da Manhã*, São Paulo, 16, out. 1934.
[194] *Folha da Manhã*, São Paulo, 24, nov. 1934.
[195] *Folha da Manhã*, São Paulo, 23, dez. 1934.
[196] HARDMAN, op. cit. p. 88-89.

> Não se trata, na "política cultural" anarquista, de incorporar elementos lúdicos do espetáculo como um fim em si mesmo, como livre e incontrolável expansão do êxtase popular e da espontaneidade coletiva. Voltamos às teses apontadas no Capítulo 1: a "alegria estuante" deve aliar-se à utilidade da "propaganda fecunda", como meio eficaz e subordinado. A presença daqueles elementos só se justifica se forem fiéis, como instrumentos mobilisatórios, aos desígnios da propaganda libertária.[197]

Os bailes e esportes, como o futebol que haviam sido criticados por membros do movimento anarquista, no início do século XX, terminam por ser incorporados aos piqueniques e às festas libertárias. Em um texto do jornal *A Terra Livre*, afirmava-se: "o baile só serve para manter os sentidos exitados, não é ginástico, nem higiênico, nem moral".[198] No que se refere ao futebol, as críticas dos libertários dirigiam-se à violência praticada por jogadores e torcedores, à inutilidade de sua prática, à origem burguesa do esporte e à valorização de aspectos físicos em detrimento das faculdades intelectuais[199].

O futebol não era uma unanimidade entre os anarquistas, pois nas páginas do jornal *A Plebe*, durante um mesmo ano encontram-se tanto críticas ferrenhas quanto comentários elogiosos sobre a prática deste esporte em atividades libertárias:

> Atualmente, são três os meios infalíveis que os ricos exploradores dos miseráveis e necessidades do povo empregam para tornar a classe operária uma massa bruta: o esporte, o padre e a política. Não existe nenhuma vila que não de futebol, os operários de ambos os sexos tornam-se aficcionados e torcedores e brutaliza-se a ponto de só viverem discutindo entre os seus companheiros os lances e proezas dos campeões[200].

Neste texto, o discurso do anarquista apresenta o esporte e, em especial o futebol como um instrumento dos exploradores para tornar a classe trabalhadora ainda mais alienada e "brutalizada", pois os operários envolviam-se de tal foram com o referido esporte que deixavam de interessar-se por outros assuntos.

Alguns meses mais tarde, o próprio jornal *A Plebe* realizou um festival operário que incluía o futebol entre suas atividades e narrava o acontecimento com uma visão bem mais positiva:

> Com franqueza deve-se dizer que parte tiveram bastante saliente do festival os duelos

---

[197] HARDMAN, op. cit. p. 90.
[198] *A Terra Livre*, São Paulo, 23/02/1907.
[199] CABRAL, Michelle Nascimento. *Teatro anarquista, futebol e propaganda*: tensões e contradições no âmbito do lazer. 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro. 2008.
[200] *A Plebe*. São Paulo, 28/01/1919.

> esportivos, aqueles rapazes sadios e cheios de energia trouxeram as milhares de pessoas que acorreram ao jardim em grande atividade. (...) O match de foot-ball foi disputado com galhardia pelos times dos clubes do Sport Clube Saturno e da Associação Atlética República, saindo vencedor a primeira por 2 gols a 1. Disputaram igualmente bastante interesses corridas a pé e de bicicleta, bem como os exercícios de salto de cujo o resultado nos ocuparemos amanhã. Devemos, entretanto desde já evidenciar a com garbo que todos se portaram, associando-se bravamente aquela festa de expansões proletárias. Bravo! Aos moços esportivos. Oxalá continuem a se interessar pelas obras levantadas, demonstrando que não praticam o sport pelo sport[201].

Neste texto, os jovens praticantes de esportes são elogiados: jogos de futebol, corridas a pé e de bicicleta são elevados à categoria de atividades saudáveis desde tenham como objetivo maior a militância política. Apesar de terem sido criticados em algumas situações pela imprensa anarquista, os bailes e esportes como futebol terminam por ser incorporados aos festivais libertários.

[201] *A Plebe*. São Paulo, 23/09/1919.

GRANDE

Pique-Nique Popular

de "A PLEBE"

Domingo, 23 de Setembro de 1934

no PARQUE JABAQUARA

Promovido pela Associação dos AMIGOS DE "A PLEBE", com o seguinte Programa

De manhã

CORRIDAS PEDESTRE E EM SACCOS PARA HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS, COM DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS EM LIVROS, E OUTROS JOGOS E DIVERTIMENTOS CAMPESTRES.

— Churrasco e chimarrão —

A' tarde - Hora Literaria

RECITATIVOS, ANEDOTAS, CANTOS DE HINOS LIBERTARIOS, MONOLOGOS E DECLAMAÇÕES.

Durante todo o dia

UMA BANDA DE MUSICA E VARIAS ORQUESTRAS E "CHORINHOS" DARÃO REALCE E ALEGRIA AO AMBIENTE.

BAILADOS FAMILIARES AO AR LIVRE. — BALANÇA PARA CRIANÇAS. — ÓTIMAS ALAMEDAS PARA CORRIDAS DE BICICLETAS E OUTRAS DIVERSÕES.

Bar e Restaurante do Parque

UM DIA DE VIDA LIBERTARIA EM CONTACTO COM A NATUREZA PRIMAVERIL.

Bondes em quantidade

DO LARGO DA SE' ATE' O PONTO FINAL DA LINHA JABAQUARA (N.o 42)

NOTA — Os convites que dão livre acesso ao parque a todos que queiram tomar parte diréta no pique-nique, são pesso ais e pódem ser procurados com os camaradas militantes, na séde da F. O. de S. Paulo, á rua Quintino Bocaiúva, 80, na redação de "A Lanterna", á rua Senador Feijó, 8-B, e na redação de "A Plebe", á Ladeira do Carmo, 9.

NOTA IMPORTANTE — Caso chover nesse dia, o pique-nique será adiado para o domingo seguinte, sendo validos os mesmos convites.

Leiam e divulguem "A PLEBE"

Figura 8 - Boletim do jornal *A Plebe*, 23/09/1934. **Prontuário 2303. A Plebe. DEOPS/SP. AESP.**

De acordo com Azevedo, a música era um elemento recorrente nos festivais libertários, nos quais se apresentavam orquestras, cantos e hinos, trechos de óperas e

concertos de violino e piano[202]. A música como fator de aproximação dos povos era a temática de uma palestra proferida pela escritora argentina Concepción Fernandez no Centro de Cultura Social[203].

Zélia Gattai, ao relembrar a experiência de frequentar, com os pais e irmãos o *Salão das Classes Laboriosas*, cita o sucesso de uma antiga canção anarquista, interpretada por um grupo de meninas espanholas: "donde vás con paquetes e listas / que tan pronto te veo correr / voy al congreso de los anarquistas / que reclaman un derecho: vivir!".[204]

Em 1933, um festival realizado em benefício do jornal *A Lanterna* tinha como um de seus principais atrativos a música, executada na ocasião pelo Sindicato Musical de São Paulo. A programação foi organizada da seguinte forma:

> Abertura pela orquestra
> Alocução de Edgard Leuenroth sobre o festival e sobre *A Lanterna*
> Música
> Discurso alusivo à data de 20 de setembro por distinto orador
> Música
> Conferência anticlerical por D. Luiza Pessanha de Camargo Branco
> Música
> Representação da comédia "Pecado de Simonia" da autoria de Neno Vasco, por grupo de amadores
> Ato variado constante de canto e declamação
> Encerramento pela orquestra.[205]

Em praticamente todas as atividades anarquistas a palavra escrita estava presente: nos piqueniques, encenações teatrais, palestras e festivais e de forma mais explícita no dia a dia dos autores, editores e impressores de livros e jornais anarquistas. Também não poderiam ser esquecidos os bibliotecários, vendedores de livros e é claro, os leitores. É deste universo da circulação dos textos impressos e principalmente dos livros que irá tratar o próximo capítulo.

---

[202] AZEVEDO, Raquel de. *A resistência anarquista*: uma questão de identidade (1927-1937). São Paulo: IMESP, 2002. p. 154.

[203] Panfleto. Centro de Cultura Social, s/d. **Prontuário 1914, Centro de Cultura Social. Doc. 2, fl. 4. DEOPS/SP. AESP.**

[204] GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 170-171.

[205] *A Lanterna*, São Paulo, ano 11, n. 364, 14/09/1933. p. 1

3 LEITURAS LIBERTÁRIAS

Quando o regime ordenou que fossem queimados publicamente
Os livros que continham saber pernicioso, e em toda parte
Fizeram bois arrastarem carros de livros
Para as pilhas em fogo, um poeta perseguido
Um dos melhores, estudando a lista de livros queimados
Descobriu, horrorizado, que os seus
Haviam sido esquecidos. A cólera o fez correr
Célere até sua mesa, e escrever uma carta aos donos do poder.
Queimem-me! Escreveu com pena veloz. Queimem-me!
Não me façam uma coisa dessas! Não me deixem de lado! Eu não
Relatei sempre a verdade em meus livros? E agora me tratam
Como um mentiroso! Eu lhes ordeno:
Queimem-me!

A queima de livros
Bertold Brecht

Neste capítulo será abordado o tema da circulação de livros e da leitura entre os anarquistas. Partindo do significado da leitura para os libertários, seguiremos pelos livros apreendidos pelo antigo DEOPS de São Paulo e finalizaremos com os livros presentes no fundo Edgard Leuenroth datados até 1937. A análise foi conduzida a partir da perspectiva da história do livro e do modelo geral proposto pelo historiador Robert Darnton.

Segundo Darnton, a história do livro "surgiu da convergência de diversas disciplinas num conjunto de problemas comuns, todos relacionados ao processo de comunicação"[206]. O autor propõe um modelo geral para o estudo do surgimento e propagação do livro na sociedade. No que se refere aos livros impressos há um ciclo parecido: "vai do autor ao editor (se o livreiro não assumir este papel), ao impressor, ao distribuidor, ao livreiro e ao leitor"[207]. Os autores são também influenciados pelo que lêem e pela repercussão causada pelos seus livros, completando um ciclo:

> A história do livro se interessa por cada fase deste processo e com o processo como um todo, em todas as suas variações ao longo do espaço e do tempo e em todas as suas relações com outros sistemas – econômicos, sociais, políticos e culturais – no ambiente que o cerca[208].

---

[206]DARNTON, Robert. *A questão dos livros*: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 190.
[207] DARNTON, op. cit. p. 193.
[208] DARNTON, op. cit. p. 194.

Darnton propõe então um recorte de um segmento deste circuito, sem deixar de relacioná-lo com o todo, analisando o processo de acordo com uma disciplina. Partindo desta perspectiva, o enfoque abordado neste trabalho foi o leitor, pensando em quais eram os autores escolhidos, se as obras consultadas eram adquiridas por meio de compras ou emprestadas de bibliotecas. A partir dos livros selecionados foi possível refletir sobre quais eram as temáticas que interessavam aos libertários e quais idiomas lhes eram acessíveis. Algumas pistas de como estes livros eram adquiridos foram encontradas nos jornais libertários *A Plebe* e *A Lanterna*. Não perdendo de vista o contexto do ciclo do livro, foi levado em consideração quais eram as editoras que publicavam livros anarquistas.

3.1 Os novos leitores na Europa

O tema da leitura entre operários, entre o final do século XIX e o início do século XX, foi abordado por Martyn Lyons. Neste período as taxas de alfabetização em países como a França, Inglaterra e Alemanha aumentaram e tanto o Estado quanto donos de fábricas empenharam-se em direcionar as leituras entre os trabalhadores.

No século XIX o público de leitores na Europa era bastante amplo: na França, na época da Revolução, 50% dos homens eram alfabetizados e 30% das mulheres; na Inglaterra, em 1850, 70% dos homens e 55% das mulheres sabiam ler e na Alemanha, em 1871, 88% das pessoas eram alfabetizadas. No final do século XIX, a taxa de alfabetização das mulheres igualou-se à dos homens. Segundo Martyn, a formação do público leitor na Europa antecede a oferta de instrução formal.[209]

Na Europa do século XIX, o romance se consolida, surgem as primeiras publicações seriadas de ficção e o editor torna-se um profissional especializado. O público feminino tornou-se consumidor de livros de culinária, revistas e romances. Entre a classe média eram lidos e recomendados autores clássicos como Homero, Virgílio, Molière, Racine, La Fontaine e a Bíblia. Já os trabalhadores preferiam autores como Voltaire, Rosseau, George Sand, Eugène Sue, Michelet, Louis Blanc, Fourier e Proudhon[210].

Entre os novos leitores do século XIX na Europa estavam incluídos artesãos, classe média baixa e funcionários de escritórios. Uma lei inglesa de 1850 permitia aos municípios a

---

[209] LYONS, Martyn. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. IN: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999. v.2.

[210] LYONS, op cit, p. 187.

cobrança de impostos para a instalação de bibliotecas. Em 1908 existiam 553 bibliotecas públicas circulantes na Inglaterra, no entanto, a criação destes espaços de leitura tinha como objetivo controlar os operários:

> As bibliotecas públicas circulantes tinham um objetivo filantrópico e outro político. Como as escolas das fábricas, era um instrumento de controle social, concebidas para incorporar uma elite operária bem-comportada ao sistema de valores das classes governantes.[211]

Interessante notar que, apesar do direcionamento planejado para as bibliotecas públicas na Inglaterra e na França, estes espaços eram mais frequentados por mulheres, estudantes e funcionários de escritórios do que por operários[212].

Na Alemanha, entre o final do século XIX e o início do século XX havia fábricas como a Krupp que dispunham de bibliotecas circulantes para seus operários[213]. Nas bibliotecas da Social-Democracia alemã esperava-se que os leitores levassem emprestadas obras de ciências sociais, mas os operários preferiam romances.

Frequentemente, bibliotecas organizadas pelo Estado e pelos patrões tinham como objetivo direcionar leituras de entretenimento aos trabalhadores:

> Empregadores e reformadores de bibliotecas esperavam que, ao oferecer uma literatura adequada e ao encorajar o hábito da leitura, estariam suavizando as tensões sociais. Havia a esperança de que os leitores da classe trabalhadora pudessem ser afastados da bebida e da literatura perigosa tendente para o socialismo, a superstição excessiva ou a obscenidade. Uma seleção de literatura útil, tendente a promover a "recreação nacional", iria incorporar os membros mais inteligentes da classe operária ao consenso dos valores burgueses.[214]

Um fator que colaborou para a prática de leitura entre os trabalhadores foi a gradual redução das jornadas de trabalho. Na Inglaterra, de 1847, trabalhava-se na indústria têxtil de dez horas por dia. Na Alemanha, em 1870, o expediente era de doze horas. Com jornadas tão longas, os operários frequentavam as bibliotecas com mais assiduidade no inverno, quando os horários de trabalho eram reduzidos ou em períodos de desemprego.[215]

---

[211] LYONS, op cit, p. 185.
[212] LYONS, op, cit. p. 186.
[213] LYONS, op cit., p. 188.
[214] LYONS, Martyn. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. IN: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999. v.2. p. 188.
[215] LYONS, Martyn. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. IN: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999. v.2. p. 188.

No Brasil, o processo de alfabetização em massa demorou mais tempo para concretizar-se, como foi visto no primeiro capítulo. De acordo com o recenseamento geral de 1940, no Estado de São Paulo, 52,07% da população saberia ler e escrever, 46,56% era analfabeta e 1,37% seria de instrução não declarada[216]. E, entre os anarquistas, provavelmente, as taxas de alfabetização eram um pouco acima da média da população em geral.

3.2 Leituras entre os anarquistas

Anarquistas atuantes em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX organizaram espaços como escolas, bibliotecas, ateneus e centros culturais. Estas iniciativas encontraram antecedentes em experiências realizadas na Europa e em outros países da América Latina.

Para entender o significado da leitura entre os libertários deve-se considerar o contexto da educação anarquista. A educação é um tema recorrente entre os teóricos do anarquismo como Bakunin que defendia a educação integral como uma forma de diminuir a desigualdade entre as classes sociais e Proudhon que destacava a educação para a formação moral e política dos trabalhadores. Segundo Doris Accioly, entre os anarquistas, a educação e a cultura não se dissociam da revolução social:

> Para os anarquistas, a educação, a cultura, e, portanto, a apropriação do conhecimento pelas classes trabalhadoras sempre foram questões essenciais. Concebem a transformação social pela criação de formas igualitárias, anti-hierárquicas e desburocratizadas de organização, em sintonia com a mudança de sensibilidades, atitudes, valores e não como tomada do poder do Estado pelos partidos políticos e a constituição de uma nova classe dirigente.[217]

Atividades relacionadas à educação e práticas de leitura estiveram muitas vezes presentes no movimento anarquista. Ateneus, centros de cultura e bibliotecas serviram de complemento para a formação de gerações de libertários, além de serem importantes locais de socialização e discussão política. Outros grupos políticos com socialistas também se aglutinaram em torno de acervos de bibliotecas.

No artigo Universidades*, bibliotecas, imprentas y cárceles*[218], de Felipe Meneses Tello,

---

[216] IBGE. *Recenseamento Geral do Brasil* (1 de setembro de 1940). Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1950. v.2 (Censo Demográfico: população e habitação) http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_v2_br.pdf Acesso em 01/06/2013.

[217] SILVA, Doris Accioly e. Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. *Educ. Soc*., Campinas, v. 32, n. 114, p. 87-102, jan./mar., 2011. p. 94.

[218] MENESES TELLO, Felipe. Universidades, bibliotecas, imprentas y cárceles: espacios de educación, lectura y obra teórica del intelectual revolucionario del proletariado. *Crítica bibliotecológica*, v.2 n.2 y v.3 n.1, jul. 2009,

as bibliotecas são consideradas um dos espaços mais significativos para a formação dos intelectuais revolucionários. Meneses Tello afirma que um dos principais elementos de uma revolução é seu sistema de ideias e para que este seja concretizado são necessários suportes de informação como livros, jornais, panfletos, etc. Os arquivos e bibliotecas clandestinos e de grupos secretos seriam locais de acesso a textos proibidos pelo governo. De acordo com o autor, entre os intelectuais judeus do final do século XIX, na Rússia e Lituânia, se destacam três tipos de bibliotecas: criadas em círculos socialistas, constituídas por grupos de artesãos e anexas a sindicatos ou grêmios operários[219]. Por fim o autor destaca a importância do estudo das bibliotecas como forma de analisar a biografia de intelectuais revolucionários:

> Sin temor a equivocación, el recinto más representativo y estimado entre los pensadores revolucionarios de la clase obrera ha sido la biblioteca, clandestina y legal, pues ha sido el espacio en el que ha transcurrido una parte considerable de sus vidas. Los diversos trabajos biográficos acerca de la pléyade que ha encabezado el movimiento obrero en el mundo, sostienen esta afirmación. Por tal motivo, el trabajo intenso en una gran diversidad de bibliotecas es un fenómeno esencial para estudiar y analysar las figuras centrales de la intelectualidad revolucionaria[220].

Diversas foram as experiências no Brasil de bibliotecas, ateneus, centros de cultura e estudos fundados por militantes anarquistas que tiveram suas atividades divulgadas pela imprensa libertária.

O jornal *A Plebe* divulgava, em 1935 a inauguração da nova sede, na Praça da Sé, centro de São Paulo, do *Ateneu de Estudos Científicos e Sociais*. Na ocasião seria proferida uma palestra com o professor e advogado Antônio Piccarolo sobre "temática relacionada a esta organização cultural[221]" Este ateneu, além de ser um local de leituras promovia também atividades educativas tais como aulas gratuitas de português, geografia e história natural que eram ministradas na sede da *Federação Operária de São Paulo*.[222]

Jaime Cubero, em entrevista concedida a Antônio Valverde, define Ateneu Libertário como uma associação autônoma:

> O Ateneu Libertário é uma associação autônoma e livre, com identidade própria, cuja organização é federação livre e voluntária de indivíduos e grupos, tendo a Assembleia

jul. 2010, p. 52-63.

[219] MENESES TELLO, op. cit. p. 56.

[220] MENESES TELLO, op. cit. p. 61.

[221] *A Plebe*, São Paulo, 19/01/1935.

[222] *A Plebe*, São Paulo, 08/06/1935.

> como órgão de discussão, debate e decisão, com cargos em contínua revogabilidade e permanente rotação. É um centro de aprendizagem e cultura libertárias. Seu âmbito de atuação é o público, a rua, o bairro e a cidade. O Ateneu oferece-se para as tarefas de informação, formação e participação. O ateneu libertário baseia-se na cooperação e fundamenta-se no apoio mútuo. Liberdade e autogestão são seus motores primordiais.[223]

O uso de livros e jornais era amplamente difundido entre os libertários. O jornal *A Plebe* divulgava e recomendava constantemente a títulos de livros de caráter libertário através de propagandas e de resenhas. Entre os títulos estão:

Quadro 4 - Livros do Editorial *A Sementeira*, divulgados pelo Jornal *A Plebe*

Autor	Título
Abad de Santillán	A alforria final
Bakunin, Mikail	Consideraciones filosóficas
Berthelot, Paulo	O Evangelho final
Besnard, Pierre	Mundo Nuovo
Carvalho, Florentino de	Da escravidão à liberdade
Fabbri, Luce	Camisas Negras
Faure, Sebastian	A dor universal
Gorki, Máximo	A Mãe
Kropotkin, Pedro	A questão social: ciência moderna e anarquismo
Malatesta, Errico	Comunismo libertário
Mota, Benjamim	A razão contra a fé
Proudhon	O que é propriedade
Rocker, Rodolfo	Artistas y rebeldes
Rocker, Rodolfo	Juan Most: la vida de un rebelde
Tcherkesoff, Varlan	O Marxismo antes e depois de Marx
Zola, Emile	Germinal

Fonte: A Plebe, São Paulo, 26/10/1935.

Os livros citados eram publicados pelo Editorial *A Sementeira,* sendo que as obras poderiam ser adquiridas através da caixa postal 195, de responsabilidade de Rodolpho Felippe, também editor do jornal *A Plebe*. Pela amostra de títulos citados pode-se afirmar que

[223] VALVERDE, Antônio José Romera. Socialismo libertário, educação e autodidatismo: entrevista-depoimento de Jaime Cubero. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 393-408, maio/ago. 2007. p. 404.

há um predomínio de autores anarquistas, sejam nacionais (Florentino de Carvalho, Benjamim Mota) ou estrangeiros (Sebastian Faure, Kropotkin, Bakunin, Malatesta, Proudhon, Rocker, Santillán, Luce Fabbri). Entre as obras de ficção destacam-se autores com temática de crítica social (Gorki, Zola).

As obras do Editorial *A Sementeira* também poderiam ser adquiridas no interior de São Paulo e mesmo em ouros Estados: em Campinas, na Liga Anticlerical, com o anarquista Atílio Pessagno; em Poços de Caldas, com A Vizzoto; em Santos, com Aníbal Silva; em Recife, na União Geral da Construção Civil, com S. Miranda; em Ponta Porã, na livraria de Dinarte de Souza; em Floriano (Piauí) na livraria de Mateus Matos; em Sorocaba, na Livraria Gusmão; em Olímpia, com Antônio Fernandes; em Mirassol, com Aristides Coelho; em Marília, com o Grupo Aurora do Porvir; em Rio Preto, com João Mantovani; em Anápolis, na Agência Inidiapin; em Jundiaí, no Sindicato dos Ferroviários, com Laudelino Leite; em Porto Alegre, na Livraria Internacional e, em Monte Azul, com Domício Guimarães[224].

O jornal *A Plebe*, divulgava também obras publicadas por outras editoras, como *A Monita Secreta*, do Editorial Seabra. Segundo o jornal, este livro seria "um verdadeiro manual de patifarias da Companhia de Jesus", que deveria ser "conhecido por todos os anticlericais e livre-pensadores" e poderia ser adquirido mediante pedidos enviados à caixa postal 195, aos cuidados de Rodolpho Felippe. [225] Outro livro divulgado foi *A Dor universal* de Sebastian Faure, com prefácio de José Oiticica, publicado pela Edições América Latina. Na resenha publicada no jornal, Oiticica tenta convencer os leitores da importância da obra:

> Leitor amigo! Lê de ânimo aberto este precioso livro e, em tua consciência, examina se não é realmente belo, admirável, simples na sua grandeza, o ideal anarquista. E, se não te convenceres da sua possibilidade, se o achares utopia, se o não quiseres abraçar e proclamar, honra, pelo menos, a memória dos que, por ele, hão sido martirizados e respeita a sinceridade dos que, por ele, hoje se batem e amanhã serão martirizados também.[226]

A literatura produzida por anarquistas se caracteriza pelas temáticas de crítica social e a oposição ao parnasianismo e ao academicismo. De acordo com Prado e Hardman, os escritores anarquistas não escrevem textos como um fim em si, mas para divulgar a "denúncia de maus-tratos nas fábricas, a comemoração de um evento revolucionário, o confronto com a

---

[224] *A Plebe*, São Paulo, 09 de out., 1934.
[225] *A Plebe,* São Paulo, 03 de ago., 1935.
[226] OITICICA, José. Uma obra de Sebastião Faure prefaciada por José Oiticica. *A Plebe*, São Paulo, 09, set., 1934.

repressão, o registro quase expressionista da miséria, a crônica corrosiva da cena burguesa".[227]

A temática explorada pelos textos de autoria de anarquistas era a crítica social:

> O tema da miséria urbana, nos relatos anarquistas, ganha a modernidade do flagrante que retrata o lado escuro da Belle-Époque, num tempo em que o Brasil se civilizava. Em cenas rápidas, passam imagens volantes do flaneur que testemunha a caça aos miseráveis em meio ao curso acelerado do progresso, que vai erguendo arranha-céus entre guindastes e apitos.[228]

De acordo com Litvak, o tema dos deserdados na literatura anarquista se repete e pode ser agrupado nas categorias: gente pobre, velhos, crianças, doentes, miseráveis, delinquência, mulheres e camponeses. Inspirou-se em autores como Victor Hugo, Balzac, Gorki e Zola. E nas artes visuais havia uma admiração pelos neo-impressionistas como Seurat, Signac, Luce, Dubois-Pillet, Lucien Pissarro e Alexandre Steinlen[229].

Na coluna *Os nossos livros* do jornal *A Plebe* eram publicadas resenhas, entre elas há uma sobre o livro *O anarquismo*: sua filosofia, seu ideal, suas bases científicas, seus princípios econômicos de Pedro Kropotkin, com tradução, prefácio, biografia e notas de Hendioser, publicado pela gráfica e editora Unitas Limitada, de São Paulo. O jornal *A Plebe* descrevia o tradutor como um trabalhador que usava suas horas vagas em benefício da literatura anarquista:

> Paciente estudioso, dedicado beneditino das letras sociais, que aproveita todos os ócios que lho sobram de seus rudes labores em que ganha o pão de cada dia queimando as pestanas sobre os livros, cozendo miolos em longas e ininterruptas meditações durante dezenas e dezenas de anos.[230]

Alguns meses depois foi noticiada a tradução para o espanhol da *Enciclopédia Anarquista* de Sebastien Faure, em uma versão de Avelino G. Malhada, editada pelo Centro Cultural Enciclopédico, em Madri. A obra seria publicada em fascículos e adquirida mediante assinatura com pagamento adiantado, sendo que os interessados deveriam fazer pedidos à caixa postal nº 12:125 de Madri, Espanha[231]. A obra original foi publicada, em francês, entre 1926 e 1934. No prefácio S. Faure explica quais os objetivos principais da obra:

---

[227] PRADO, Antonio Arnoni; HARDMAN, Francisco Foot; LEAL, Cláudia Feierabend Baeta (orgs.). Contos anarquistas: temas & textos da prosa libertária no Brasil (1890-1935). São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. xx.
[228] PRADO, op cit. p. xxxv.
[229] LITVAK, op. cit. p. 65.
[230] *A Plebe*, São Paulo, 25/02/1933. p. 3
[231] *A Plebe*, São Paulo, 09/09/1933.

> Reunir todos los conocimientos que puede y debe poseer un anarquista.
> Presentarlos dentro de un orden metodológico, de conformidad de un plan general bien concebido y bien ejecutado.
> Exponerlos de una forma simple, clara, precisa, viva, al alcance de todos.
> Imprimirlos en diversar lenguas para darles una amplia difusión. [232]

O plano geral da enciclopédia era composto de cinco partes, sendo a primeira um dicionário de termos anarquistas, a segunda, um histórico das teorias e práticas anarquistas em diversos países, a terceira, vida e obra de militantes anarquistas, a quarta, vida e obra de pessoas que contribuíram para a "emancipação humana" e não se declaravam anarquistas. A quinta parte seria uma um catálogo de publicações anarquistas incluindo livros, folhetos, periódicos, em diversos países. Somente a primeira parte chegou a ser publicada, em quatro volumes.

A anunciada tradução para o espanhol, da década de 1930 também nunca chegou a ser publicada em Madri. A tradução para o castelhano foi concretizada somente em 1972, no México. No entanto, a obra original em francês chegou a circular em São Paulo, conforme relata Dona Lavínia, em suas memórias:

> Minha geração sofreu muito a influência anarquista, como a de Afonso Schmitd, francamente anarquista. Com vinte e dois, vinte e três anos tive muita tendência anarquista. Lia Kropotkine, quem sabe até comprei seu livro. Tenho um dicionário anarquista que comprei nessa época, em folhetos, e mandei encadernar: L' Encyclopédie Anarchiste de Sebastien Faure. Tinha muita admiração por todos os rebeldes: Sebastien Faure, Garibaldi e Anita Garibaldi, cujo museu visitei em Laguna. Quando estudante lia o grande geógrafo belga Reclus, que só comia pão porque era o que a humanidade podia comer. Achava isso bonito, ele era anarquista. [...] Lia os panfletos de Edgard Leuenroth, figura admirável de lutador. O que me aproximou dos anarquistas foi meu anticlericalismo; era tremendamente anticlerical. Queria ver um padre amarrado a cada poste.[233]

D. Lavínia nasceu em 1897 em Ribeirão Preto e veio morar com a família em São Paulo, em 1903. Ao contar as histórias de seu cotidiano lembrava-se da simpatia que sentia pelos anarquistas e das leituras que fazia.

A leitura entre os anarquistas era uma atividade valorizada por seu aspecto educativo e reflexivo, podendo ser realizadas individualmente ou em grupo. Dora Barrancos afirma que as leituras comentadas popularizaram-se entre os anarquistas na Argentina, nas primeiras décadas do século XX. Eram leituras realizadas em voz alta e seguidas de comentários em

[232] FAURE, Sebastien. Enciclopédia anarquista. México: Tierra y Libertad, [1972]. Tomo 1. p. 9-10
[233] BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembrança de velhos. 2. ed. São Paulo: TA Queiroz, 1987. p. 227.

grupo. As leituras comentadas eram realizadas em associações, centros de cultura e bibliotecas e adquiriram um papel educativo:

> As leituras comentadas constituíram um dispositivo que gozou de singular preferências nas fileiras anarquistas, invadindo as associações gremiais, centros de estudos, bibliotecas e outras organizações culturais destinadas a reforçar a prédica e resistir ao embate das correntes integracionistas que se organizavam entre os trabalhadores. Sem dúvida, este dispositivo cumpriu um importante papel educativo que, paradoxalmente, acabou incorporando, na própria vida anarquista, fenômenos culturais surgidos em outros segmentos da sociedade.[234]

Os livros e jornais que circulavam entre os libertários de São Paulo foram alvo de censura e serviram como prova de crime político. O DEOPS/SP efetuou autos de busca e apreensão em bibliotecas residenciais de anarquistas, como no caso de Ernesto Gattai, pai da escritora Zélia Gattai que teve seu acervo de jornais e livros apreendido pela polícia em 1937. Entre os títulos confiscados estão exemplares dos jornais anarquistas *A Plebe, A Lanterna*, *Spaghetto*, *La Difesa*, *L'Adunata dei Refrattari*, *Alba Rosa* e *Il Risveglio Anarchico*[235].

Zélia Gattai[236] nos conta como esta mesma biblioteca despertava a curiosidade dela e das irmãs: nas ausências da mãe abriam o único móvel da casa com chaves, onde eram guardados os vestidos da mãe, jóias e livros. As meninas começavam a exploração dos "livros proibidos" por *La Divina Comédia,* de Dante Alighieri, com ilustrações de Gustave Doré, cujas passagens emocionavam Wanda e Vera, as irmãs mais velhas. Também estavam entre os livros uma reunião de dramas anarquistas de Pietro Gori, nas palavras de Zélia: "autor muito nosso conhecido", "verdadeira bíblia de dona Angelina [mãe da autora], bastante manuseado, sempre com um marcador de páginas no meio".[237] Ainda entre os autores anarquistas são citados Bakunin e Kropotkin. Entre os livros prediletos da mãe e das irmãs estavam *Os Miseráveis* e *Os trabalhadores do Mar* de Victor Hugo que estavam "gastos de tantas leituras". Outro autor importante nesta biblioteca pessoal era Émile Zola, com *Thereza Raquin*, *Germinal* e *Acuso!* Zélia conta que não se interessava muito por estes livros, pois ainda não sabia ler e estas duas obras não eram ilustradas, por isso não participava das discussões das irmãs, no entanto, viria a ler *Germinal* anos mais tarde. Quanto à *Acuso!*

---

[234] BARRANCOS, Dora. As leituras comentadas: um dispositivo para a formação da consciência contestatória entre 1914 e 1930. *Cadernos AEL* – anarquismo e anarquistas, nº 8/9, 1998, p. 151-152.

[235] **Prontuário 4688, Ernesto Gattai**. DEOPS/SP. AESP.

[236] Ver também CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Inesquecíveis graças a Zélia. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. São Paulo, ano 8, n. 95, p. 28-31, ago. 2013.

[237] GATTAI, op. cit. p. 127.

recorda-se que era muito citado nas reuniões anarquistas, onde o caso Dreyfus era comparado ao processo dos anarquistas italianos Sacco e Vanzetti, condenados à pena de morte nos Estados Unidos, em 1927.

O contato de Zélia com as ideias anarquistas também passava pelas noites de festas e conferências no Salão das Classes Laboriosas, onde segundo a autora, as crianças eram levadas "por costume ou por necessidade dos pais". Umas das atividades das quais Zélia e suas irmãs participavam era a venda de jornais como o anticlerical *A Lanterna* e o socialista *La Difesa.*[238] A autora recorda-se também de atividades de leitura comentada, embora a temática não lhe despertasse muito interesse:

> Na maioria das vezes eu não conseguia acompanhar o raciocínio dos oradores. Prestava mais atenção às pilhas de páginas escritas, em frente ao conferencista, sobre a mesa, de leitura interminável. O pior era que alguns não se restringiam ao que estava escrito, tecendo considerações de improviso sobre o que tinham acabado de ler, além das pausas para encarar o público e sentir sua reação.[239]

Através do olhar de uma criança entediada, percebemos a prática das leituras comentadas aparecendo mais uma vez entre as atividades dos libertários.

Em 1935, o jornal *A Plebe* divulgava a criação do Centro de Estudos Sociais, na cidade de Santos. Entre suas atividades estariam: um curso de sociologia, leituras comentadas, conferências públicas, com o objetivo de "cultivar no povo o gosto pelo estudo e pelas lutas sociais." Este Centro contava também com uma biblioteca para a qual eram solicitadas doações de livros e folhetos[240].

Outra biblioteca desta natureza era mantida pelo Grupo Juvenil de Ação Cultural que havia organizado, em 1935, um festival artístico, com a representação do drama *Lo Inevitable,* no Salão da Sociedade Hispano Americana, na rua do Gasômetro, São Paulo[241].

Em 1935 foi noticiada a fundação de um Centro de Estudos Sociais em Pelotas, Rio Grande do Sul pelo jornal *A Plebe*. Entre as atividades deste centro estariam palestras e conferências e entre as preocupações de seus organizadores estaria a formação de uma coleção com: "publicações atraentes e úteis, procurando assim incentivar nos indivíduos o gosto pela leitura que habitua ao raciocínio e que concorre para a formação de vontades próprias e seguras, capazes de lutar pela própria emancipação."[242]

---

[238] GATTAI, op cit. p. 170.
[239] GATTAI, op. cit. p. 173.
[240] *A Plebe*. São Paulo, ano 3, n. 91, 22/06/1935. p. 3.
[241] *A Plebe*. São Paulo, ano 3, n. 102, 23/11/1935.
[242] *A Plebe*, São Paulo, ano 3, n. 94, 03/08/1935. p. 4.

Ainda em 1935, o Sindicato dos Ferroviários da Companhia Mogiana, com sede em Campinas comunicava a formação de um gabinete de leitura e solicitava a doação de livros novos e usados "de toda natureza"[243].

Os jornais libertários eram uma das leituras preferidas dos anarquistas do período. Entre os mais importantes periódicos anarquistas publicados em São Paulo estão *A Plebe* e *A Lanterna*.

O jornal *A Lanterna*, de caráter anticlerical, começou a ser publicado em 1901, dirigido por Benjamin Mota, com uma tiragem de 10 mil exemplares. Em 1904, o jornal deixou de ser publicado e foi retomado em 1909, tendo como editor Edgard Leuenroth. Este jornal teve como um de seus colaboradores, o escritor Lima Barreto, sob o pseudônimo de Dr. Bogollof, publicava também textos de Júlio Ribeiro, Bakunin e Vitor Hugo. A periodicidade do jornal era quinzenal até 1933 quando passou a ser semanal. Diversos exemplares do jornal foram apreendidos e anexados a prontuários como provas de crime político pelo DEOPS/SP.[244]

---

[243] *A Lanterna*, São Paulo, n. 389, 23, fev., 1935. p. 2

[244] CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (orgs.). *A imprensa confiscada pelo DEOPS (1924-1954)*. São Paulo: Ateliê/IMESP, 2003. p. 74-76.

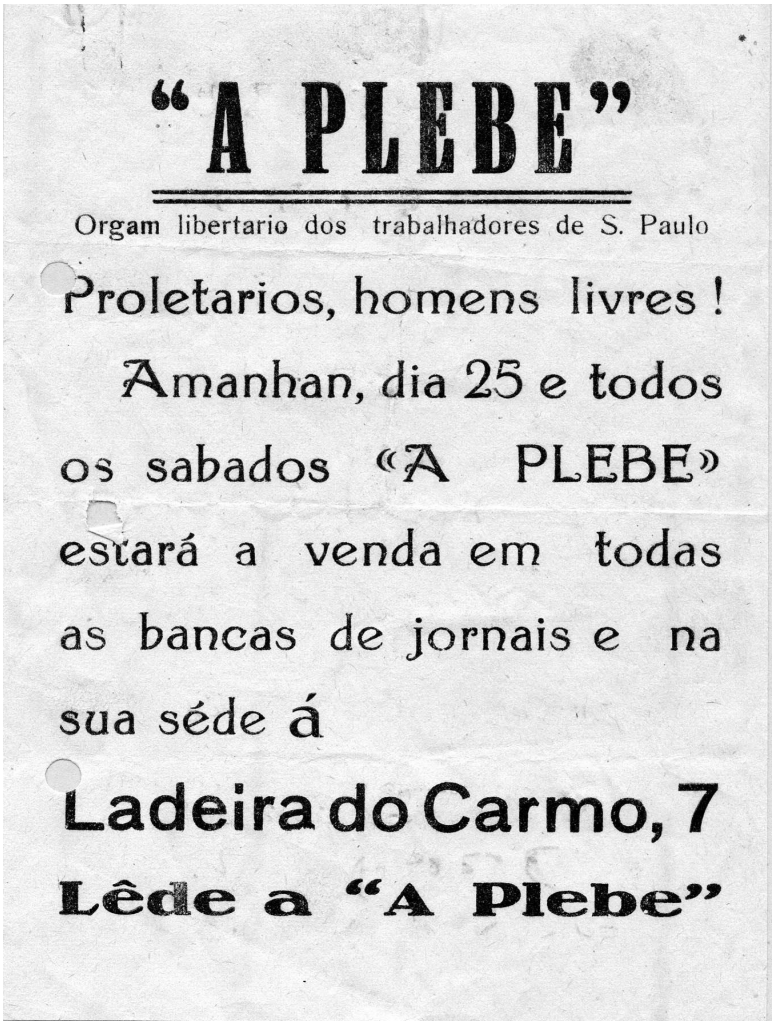
Figura 9 - "Quando os povos civilizados limpam a sua casa, atiram o lixo para o Brasil". In: Jornal *A Lanterna, jornal de combate ao clericalismo*, São Paulo, 20/07/1933. **Prontuário 1553 A Lanterna. DEOPS/SP. AESP.**

O jornal *A Plebe* foi publicado pela primeira vez em 1917, em meio à greve geral que parou a cidade de São Paulo, teve como editores Edgard Leuenroth, Rodolpho Felippe e Pedro A Mota. Foi publicado com diversas interrupções até 1951 devido a perseguições políticas e dificuldades financeiras. Sua periodicidade variou entre diária, semanal, quinzenal, mensal e bimestral. Rodolpho Felippe foi editor do jornal entre fevereiro e outubro de 1923 e de 1927 a 1935. Em 1947, teve como colaboradores Liberto Lemos Reis e Lucca Gabriel, membros do Centro de Cultura Social.[245] *A Plebe* era vendida em bancas de jornal nas cidades de São Paulo e Santos.

Este jornal circulava também no exterior, através de permutas realizadas com periódicos libertários como: *Studi Sociali*, de Montevidéu, Uruguai, dirigido por Luigi Fabbri; *Il Risveglio Anarchico*, de Genebra, Suíça, dirigido por Luigi Bertoni; *L'Adunata dei Refratari*, Newark, dirigido por Nick Di Domenico; *Il Proletário*, New York; *Il Martello*,

[245] CARNEIRO, op. cit. p. 96.

New York; *Almanaco Libertario*, Genebra, Suíça; *Cultura Obrera*, Palma de Mallorca, Espanha; *Cultura Proletária*, New York; *Insurrexit*, Havana, Cuba; *Nuestra Palabra*, Havana, Cuba; *La Protesta*, Lima, Peru; *La Organisación Obrera*, Argentina; *Tierra!*, Havana, Cuba; *El Auto Uruguayo*, Montevidéu, Uruguai; *Solidariedad*, Montevidéu, Uruguai; *Boletin*, Barcelona, Espanha; *Solidariedad Obrera*, Barcelona, Espanha; *Ediciones Iman*, Buenos Aires, Argentina; *Caminos: revista de arte, critica e ciência*, Montevidéu, Uruguai; *La Revue Anarchiste*, Paris, França; *La Conquete du Pain*, Paris, França; *La Voix Libertaire*, Limoges, França; *Le Barrage*, Paris, França; *La Raison*, Bruxelas, Bélgica; *La Brochure Mensuelle*, Paris, França; *Publications de La Revolte et Temps Nouveaux*, Siena, França; *Plus Noin*, Paris, França; *Le Reveil Anarchiste*, Genebra, Suíça; *Mani: a journal as the anarchiste ideal moviment*, San Francisco, Estados Unidos e *Pensamento*, Porto, Portugal.[246]


"A PLEBE"

Orgam libertario dos trabalhadores de S. Paulo

Proletarios, homens livres!

Amanhan, dia 25 e todos os sabados «A PLEBE» estará a venda em todas as bancas de jornais e na sua séde á

Ladeira do Carmo, 7

Lêde a "A Plebe"

Figura 10 – Panfleto de divulgação do jornal *A Plebe.* **Prontuário 2303, A Plebe. DEOPS/SP. AESP.**

[246] *A Plebe,* São Paulo, 30 de mar., 1935.

LEIAM

"A PLEBE"

Jornal Libertario

Orgão dos oprimidos, defensor dos explorados, propagador dos principios de liberdade, de justiça e de igualdade social.

A' venda em todas as bancas de jornais.

TRABALHADORES — 2828

OPERARIOS !

Só pela organização sindical livre da politica rasteira e partidaria é que poderemos reivindicar os nossos direitos de produtores.

"A PLEBE" defende e propaga o verdadeiro sindicalismo emancipador.

Leiam, pois, "A Plebe" aos sabados.

TRABALHADORES, homens livres, revolucionarios de todas as tendencias, leiam aos sabados

"A PLEBE"

e sabereis o que querem os anarquistas.

Procurem-na com os vendedores de jornais, ou em sua séde, á Lardeira do Carmo, 7.

TRABALHADORES !

HOMENS LIVRES !

Revolucionarios de todas as tendencias sociaes

Leiam "A PLEBE", aos sabados, e sabereis o que querem os anarquistas.

"A PLEBE" EM SANTOS

é encontrada á venda na agencia de jornais da rua João Pessôa e com os vendedores.

O **ANARQUISMO** é uma doutrina social que preconisa uma sociedade livre de todas as opressões e explorações do homem pelo homem.

O semanario "A PLEBE", é o porta voz dos anarquistas.

Aos sabados está á venda em todas as bancas.

"A PLEBE" EM SANTOS

Trabalhadores, operarios!

Só pela organização sindical livre da politica rasteira e partidaria é que podemos reivindicar os nossos direitos de produtores.

"A PLEBE" — semanario que se publica em S. Paulo — defende e propaga o verdadeira Sindicalismo emancipador.

Procurem, pois, "A PLEBE" aos sabados, com os vendedores ou na Agencia de Jornais na rua João Pessôa.

Figura 11 - Propaganda do jornal *A Plebe*. **Prontuário 2303, A Plebe. DEOPS/SP. AESP.** (anotações e grifos dos policiais).

O jornal *A Plebe* publicava resenhas e anunciava a venda de livros, especialmente da editora *A Sementeira*, sob a responsabilidade de Rodolpho Felippe que editou títulos nas áreas de literatura, arte, ciência, filosofia e sociologia. Em 30 de março de 1935, era anunciada a venda dos títulos:

Quadro 5 – Livros anunciados pelo Jornal *A Plebe*

Autor	Título
Abad Santillán	F.O.R.A [Federación Obrera Regional Argentina]
Boscolo, J. C.	Verdades sociais
Carvalho, Florentino de	Da escravidão à liberdade
Dantas, Júlio	A ceia dos cardeais
Faure, Sebastian	A Dor universal
Guerra Junqueiro	A velhice do padre eterno
Kropotkin, Pedro	A conquista do pão
Kropotkin, Pedro	O anarquismo
Landauer, Gustav	Incitación al socialismo
Malatesta, Errico	Comunismo libertário
Meslier, João (Abade)	Abusos e erros do catolicismo
Mota, Benjamin	A Religião contra a fé
Moura, Maria Lacerda de	Clero e fascismo: horda de embrutecedores
Moura, Maria Lacerda de	Ferrer, o clero e a educação laica
Ninel, Leônidas	A inexistência da alma
Rey, M.	Onde está Deus?
Rocker, Rudolf	Artistas e rebeldes
Vasco, Neno	A greve dos inquilinos

Fonte: *A Plebe*, São Paulo, nova fase, ano 3, n. 85, 30/03/1935.

A leitura de *A conquista do pão* (7º livro da lista), de Pedro Kropotkin serviu para despertar o interesse pelo anarquismo de Florentino de Carvalho que abandonou a força pública e tornou-se militante libertário. Publicou dois livros: *Da escravidão à liberdade* (acima referido) e *A guerra civil em São Paulo*, além de ter sido colaborador em jornais.

Fundou diversas escolas, algumas com o nome de Escola Moderna[247].

O título *A conquista do pão*, bem como *Comunismo libertário* de Errico Malatesta, publicados pelo Editorial A Sementeira foram citados entre outros livros no auto de verificação e apreensão, datado de 1938[248]. O proprietário dos livros era Italo Benassi, operário, militante anarquista e colaborador do jornal *A Plebe.*

A propaganda de livros entre os anarquistas era realizada também através de catálogos como *A Sementeira,* publicada em São Paulo, a partir de abril de 1934, sob a responsabilidade de Rodolpho Felippe. O número um desta publicação trazia comentários sobre literatura brasileira, afirmando, com esperança, que após a Revolução de 1930, teria crescido o interesse dos escritores brasileiros sobre "problemas sociais", de acordo com "modernas concepções da filosofia e da ciência".[249]

Entre os autores citados estão: Afonso Schmidt, Vicente de Carvalho, Belmonte, Antônio Celestino, Bernardo Guimarães e José de Alencar. Havia um interesse em divulgar não somente obras de teóricos anarquistas, mas também livros com algum teor de crítica social. Em destaque era divulgada uma nova edição de *A dor universal* de Sebastian Faure, com prefácio de José Oiticica. Neste mesmo catálogo eram divulgados autores russos como: Dostviewski, Tolstoi, Andrieff, Turgueneff, Anton Tchecoff e Máximo Gorki. Esta publicação trazia também os preços das obras que poderiam ser adquiridas através de pedidos remetidos à caixa postal n. 195.

De acordo com Nestor Garcia Canclini, na década de 1930, os mercados de bens culturais foram adquirindo autonomia, em países como México, Argentina, Brasil e Chile. No caso da Argentina, teriam contribuído para este processo as bibliotecas de trabalhadores, centros e ateneus de estudo, organizados por anarquistas e socialistas que se expandiram durante as décadas de 1920 e 1930.[250]

Ao referir-se às atividades culturais de anarquistas na Espanha entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, Doris Accioly afirma que eram publicados e vendidos diversos folhetos e livros:

---

[247] CATALLO, Pedro. Subsídios sobre a história do movimento social no Brasil. *Verve*, São Paulo, n. 11, 2007, p. 38-39.

[248] Auto de Verificação e apreensão, 03/12/1938. doc. 3, fl 5 e 6. **Prontuário 198, Italo Benassi. DEOPS/SP. AESP.**

[249] A Sementeira: catálogo de propaganda dos bons livros: sociologia, literatura, ciências e publicações em geral. n. 1, São Paulo, abril, 1934. **Prontuário 581. Delegacia Regional de Polícia de Jundiaí**, vol. 1. DEOPS/SP. AESP.

[250] GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 84.

> Tinham geralmente uma tiragem expressiva, alcançado a marca de 10 mil exemplares e até 130 edições de uma mesma obra. A obra de Kropotkin, A conquista do pão, vendeu 50 mil exemplares a preços reduzidíssimos, no começo do século. Autores de obras científicas, como Darwin, Reclus, Haeckel e Buchner, despertavam também grande interesse, assim como tratados de astronomia e obras históricas.[251]

Na cidade de São Paulo, um dos locais de venda de livros anarquistas, na primeira década do século XX era a *Livraria Lealdade,* situada na rua Libero Badaró, onde poderiam ser adquiridos livros em espanhol. Neste estabelecimento eram vendidos números do jornal *Terra Livre* e livros da editora Le Revéil que na Suíça publicava Kropotkin, Malatesta e Sebastian Faure.[252] De acordo com Sorá, as livrarias de São Paulo nos anos 1920 eram locais de sociabilidade de grupos linguísticos, intelectuais ou políticos[253].

Um destes locais de encontro de intelectuais, era a livraria Garraux, frequentada pelo libertário Sylvio Floreal, pseudônimo de Domingos Alexandre, autor de *Ronda da Meia Noite*: vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo, obra publicada em 1925. Domingos Alexandre, segundo Nelson Schapochnick foi pedreiro, funcionário dos correios e jornalista e teria estudado na Escola Noturna da Federação Operária de Santos, onde eram oferecidos cursos de alfabetização, teatro, sociologia e política[254]. Esta instituição contava também com uma biblioteca que segundo Edgar Rodrigues, a exemplo de outras bibliotecas de trabalhadores era "formada livro a livro, como alguém que adquire alguma coisa preciosa, uma jóia que se guarda carinhosamente.[255]" Entre as obras presentes no acervo da biblioteca da Federação Operária de Santos estavam:

> obras como El Hombre y la Tierra, de Reclus (editada pela Escola Moderna de Ferrer), A Grande Revolução, de Kropotkine, e obras de Tolstói, Bakunin, Máximo Gorki, Sebastian Faure e outros escritores revolucionários. Assim como obras sobre conhecimentos gerais, didáticas de todos os matizes e literatura em geral[256].

Adquirir livros de autores e temática anarquista não era uma tarefa fácil, como pode ser lido na coluna *Os nossos livros* do jornal *A Plebe*:

---

251 SILVA, Doris Accioly e. Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 114, jan./mar., 2011, p. 92.

252 SORA, Gustavo Alejandro. *Brasilianas*: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp, 2010, p. 42.

253 SORÁ, op. cit. p. 39.

254 SCHAPOCHNICK, Nelson. Ronda Paulistana. IN: FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite*. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 11.

255 RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros*. Rio de Janeiro: VRJ, 1995. p. 41.

256 SCHAPOCHNICK, op. cit. p. 12.

> A quase totalidade das obras de nossos autores acha-se esgotada, sendo raro encontrar-se nas livrarias livros sobre temas principais de nossa doutrina. Livros de Proudhon, Malatesta, Kropotkin, Fabbri, Rocker, Pietro Gori, Jean Grave, Anselmo Lorenzo, Bakunin, Max Nettlau, Luiza Mitchel, Eliseu Reclus, etc, são raros nas prateleiras de nossas livrarias, pois tais obras, quando editadas, provocam tal procura e interesse que logo se esgotam[257].

Os lançamentos de edições de clássicos da literatura anarquista eram noticiados pela imprensa libertária com destaque: *Em torno de uma vida* de Kropotkin, publicado pela Livraria José Olympio e *Ideias absolutistas no socialismo* de Rudolf Rocker, pela editora Sagitário, ambos de 1947 foram divulgados pelo jornal *A Plebe*[258].

Outro problema enfrentado pelos leitores de obras anarquistas era a repressão policial: em 1941, uma livraria que vendia livros anarquistas e comunistas, na Praça da Sé foi fechada[259]. A vigilância policial incidiu também sobre livros e jornais que eram portados por militantes libertários.

3.3 Leituras interrompidas: livros e jornais anarquistas apreendidos pelo DEOPS/SP

Além das bibliotecas organizadas e consultadas por diversos militantes devem-se considerar também acervos pessoais que eram muitas vezes adquiridos e conservados com dificuldade por razões financeiras e perseguições políticas. O interesse em possuir livros, jornais e folhetos surgiu, possivelmente, da importância atribuída à cultura e à educação.

Para estudar quais eram os livros, jornais e folhetos presentes em bibliotecas pessoais de anarquistas foram usados como fonte de pesquisa os prontuários do Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo (DEOPS/SP). Com frequência são encontrados livros, jornais e folhetos anexados em prontuários de anarquistas como provas de seu crime político e, através destes documentos podemos ter pistas de quais eram as leituras realizadas pelos libertários atuantes no Estado de São Paulo entre as décadas de 1920 e 1930. Embora eu tenha usado como fonte de pesquisa de livros e jornais apreendidos e anexados aos prontuários do DEOPS/SP, o destino mais comum deste material era ser queimado pelo

---

[257] *A Plebe*, 01/05/1947, p. 6.
[258] *A Plebe*, 01/05/1947, p. 6.
[259] CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, ideias malditas*: o Deops e as minorias silenciadas. São Paulo: Estação Liberdade: Arquivo do Estado de São Paulo, 1997. p. 65.

Serviço Incinerador da Prefeitura Municipal de São Paulo, localizado na rua do Sumidouro[260].

A vigilância do DEOPS/SP sobre os libertários visava, principalmente reprimir sua atuação política junto aos sindicatos e associações de classe: incitar trabalhadores a fazerem greve ou organizarem-se para negociar diretamente com os patrões, ignorando a mediação do Ministério do Trabalho eram vistas como atitudes desestabilizadoras da ordem social, que poderiam ser agravadas pelo fato de possuírem livros e jornais libertários para "consumo próprio" ou para serem distribuídos (ou vendidos) para outros militantes.

As práticas educacionais e culturais dos libertários eram vistas como um perigo para o DEOPS/SP, pois eram identificadas como formas de propagar ideias contrárias à ordem instituída. A apreensão de livros e jornais pela polícia política de São Paulo foi uma das formas de reprimir o movimento anarquista. Além das prisões, torturas e deportações, confiscar a biblioteca pessoal de um militante era uma forma de cercear o discurso libertário, interrompendo sua leitura e propagação de ideias.

Havia casos em que anarquistas eram flagrados lendo jornais em locais públicos como bondes e por esta razão eram fichados e tinham seus jornais ou livros apreendidos. Em 1932, o suíço Felix Zirolia e o austríaco José Surcke foram presos por discutirem "assuntos sociais", sendo que na ocasião também foram apreendidos o jornal *O Trabalhador,* de 01 de maio de 1932 e o livro *Anarquismo libertário e revisionismo autoritário* de Errico Malatesta[261]. Antônio Aguillar, operário de origem espanhola foi preso como anarquista em 1933 por ter sido flagrado lendo jornais libertários por um investigador do DEOPS/SP[262].

Em outras situações, anarquistas que possuíam bibliotecas pessoais e eram investigados pela polícia política tinham seus acervos apreendidos. Este foi o caso dos irmãos Abílio José das Neves[263] e Francisco Augusto das Neves que tiveram livros, jornais e documentos apreendidos em sua residência. Ambos eram anarquistas e nascidos em Traz dos Montes em Portugal e foram presos e expulsos do território nacional, em 1936 por serem considerados "perigosos à ordem pública e, por isso mesmo, nocivos aos interesses do país". Também foi o caso do alfaiate italiano Pedro Burba que teve sua biblioteca de caráter libertário apreendida[264].

Outro exemplo foi Ítalo Benassi, operário, nascido em São Roque/SP que teve ativa

---

[260] Vide. MACHADO, Cassiano Elek. E o fogo levou... documentos revelam queima de livros pelo DEOPS. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 30 de dezembro de 2003. E1.

[261] **Prontuário 1685. Felix Zirolia. DEOPS/SP. AESP.**

[262] **Prontuário 2394. Antonio Aguillar. DEOPS/SP. AESP.**

[263] **Prontuário 02. Abílio José das Neves. DEOPS/SP. AESP.**

[264] **Prontuário 59. Pedro Burba. DEOPS/SP. AESP.**

participação na greve de 1917 e foi colaborador do jornal *A Plebe*. Para as autoridades policiais, Benassi "trabalhava assiduamente para o desmoronamento da atual organização brasileira.[265]" Este libertário teve sua biblioteca pessoal confiscada pelo DEOPS/SP em novembro de 1938, sendo que os títulos apreendidos foram descritos nos autos policiais.

Quadro 6 - Livros e jornais apreendidos de Italo Benassi

Autor	Título
	Contre la guerre, Temps Nouveaux, Paris
	L'Internationale Comuniste (10 exemplares referentes aos anos de 1932 e 1933)
	Revista Universal, Barcelona, n. 29, mar. 1935
Agorio, Adolfo	Os deuses vermelhos
Alvarez del Vayo, J. (embaixador da Espanha no México)	A nova Rússia
Antunes, João	A Teosofia
Antunes, João	As ciências malditas
Bandoni, Angelo	La Fatalitá storica della rivoluzione sociale
Beer, Max	História do socialismo e das lutas sociais
Costallat, Benjamim	Depois da meia noite
D'Albuquerque, Tenório	A sociedade e a hipocrisia
Dominique, Pierre	Com os olhos bem abertos na Rússia
Edmundo, Cláudio	Um engenheiro brasileiro na Rússia
Florencio, H.	O comunismo
Ford, Henry	Minha vida e minha obra
Fouquier, A; tradução Cícero de Lima	A sabotagem do plano quinquenal
Gorki, Máximo	A mãe
Gorki,Máximo	Carta aberta aos operários e camponeses dos países capitalistas
Grinko	O plano quinquenal
Helman, I.	A vida sexual e o amor na Rússia
Hidalgo, Diego	Impressões de Moscou
I Worski-Riera	O despertar da Ásia

[265] **Prontuário 198. Italo Benassi. DEOPS/SP. AESP.**

Kisch, Egon Erwin	O paraíso norte-americano
Knickerbocker, H. R.	Alemanha: fascista ou soviética
Kropotkin, P.	A conquista del pane
Kropotkin, P.	Les Prisons
Lebedinsky, K.	A semana
Lussu, E.	Marcha sobre Roma e arredores
Luz Filho, Fábio	O cooperativismo e os latifúndios
Malatesta, Errico	Anarquismo libertário e revisionismo autoritário
Marx, Karl; Engels, Friedrich	Manifesto Comunista
Medeiros, Maurício de	Outras revoluções virão
Moura, Maria Lacerda de	Serviço obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio!
Pereira, Baptista	A ilusão russa
Piccarolo, Antonio	O socialismo no Brasil
Pierrot, Marc	Sur L'individualisme
Pinho, Adelino de	Quem não trabalha não come
Proudhon, J. P.	Que é a propriedade?
Reclus, Elisée	Evolução, revolução e ideal anarquista
Reissner, Larissa	Homens e máquinas
Ristori, Oreste	Le infamie secolari del cattolicismo
Rizal, José	Noli me tangere (O país dos frades)
Salgado,Plínio	O que é integralismo
Sampaio, Albino Forjaz	Jornal dum rebelde
Silva, Herculano C. E (Cel.)	A Revolução Constitucionalista
Thalheimer, A	Introdução ao materialismo dialético
Tolstoi, Leon	Amo e criado
Tolstoi, Leon	Lenin
Tolstoi, Leon	O plano quinquenal
Vários autores; tradução de Gabriel Marques	Contos soviéticos
Verea, R.	Catecismo libre pensador o cartas a un campesino
Windecke, C.	Stálin, o czar vermelho

Fonte: Auto de verificação e apreensão. **Prontuário 198. Ítalo Benassi, doc. 3, fl. 5-6. 23/11/1938. DEOPS/SP. AESP.**

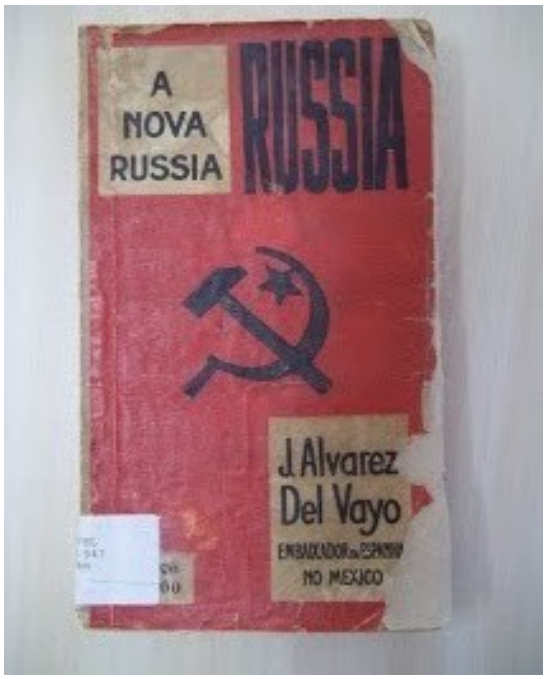


Figura 12 - Livro *A nova Rússia* de Alvarez del Vayo. AEL/UNICAMP

Entre os títulos apreendidos nota-se a presença de exemplares de jornais franceses e espanhóis com temáticas sociais. Nas primeiras décadas do século XX, a leitura de jornais era prática bastante frequente entre os anarquistas atuantes em São Paulo que tinham acesso a títulos publicados localmente como *A Plebe* e *A Lanterna* e também a títulos publicados no exterior como *L'Adunata dei Refrattari* (Nova York), *La Protesta* (Buenos Aires).

Entre os livros da biblioteca pessoal de Italo Benassi percebe-se uma considerável diversidade: estão presentes autores clássicos do anarquismo de diferentes tendências como Elisée Reclus, Errico Malatesta, Kropotkin, Proudhon, Tolstoi e Marc Pierrot. Estão também presentes autores libertários que atuavam no Brasil como Adelino de Pinho, Fábio Luz, Maria Lacerda de Moura e Oreste Ristori. Autores de diferentes tendências políticas também faziam parte do acervo de Benassi, tais como Antônio Piccarolo (socialista), Trotski, Marx, Engels, August Thalheimer (marxista), Max Beer (historiador marxista) e até Plínio Salgado (integralista).

A temática política e social predomina entre os títulos da relação, mas há também duas

obras de ficção: *A Mãe*, de Máximo Gorki e *Contos soviéticos*, de vários autores.

Outro anarquista que teve sua biblioteca pessoal apreendida foi Avelino Fernandes (ou A Neblind) em 1936. Fernandes chegou ao Brasil com documentos falsos conseguidos na Espanha, seu provável nome verdadeiro era Paul Laurent era natural de Tours e agricultor de profissão. Escrevia para o jornal *A Plebe* sob o pseudônimo de Neblind. Manteve uma longa correspondência com os anarquistas brasileiros Rodolpho Felippe e Maria Lacerda de Moura. Estas cartas "comprometedoras" na avaliação dos investigadores do DEOPS/SP foram encontradas em sua residência, bem como uma biblioteca composta de livros e jornais.

Avelino Fernandes que já havia sofrido perseguições políticas na França e na Espanha foi considerado pelo DEOPS/SP como um "subversivo indesejável" e foi expulso do território nacional em junho de 1937[266]. Ao lado de Maria Lacerda de Moura, foi um dos membros da Colônia de Guararema, no interior do Estado de São Paulo que terminou em 1937, devido a perseguições políticas de seus membros.

Quadro 7 - Livros e jornais apreendidos de Avelino Fernandes

Autor	Título
	A Lanterna (10 exemplares)
	A Plebe (54 exemplares)
	Andalucia Libre, Córdoba, Córdoba, abril, 1932
	Boletin de la I. M.A., Organo de la International del Magisterio Americano
	Cultura Proletária, Nueva York, abril, 1932
	Desfanatización, tipograficos – México, La Idea, 1926
	El Hombre, n. 257, Montevidéu
	El Luchador, Barcelona, abril, 1932
	Encyclopedie Anarchiste
	L'Anarchie, out., 1926
	La Antorcha, jun.1924
	La Correspondance Internationali (07 exemplares)
	La Internacional de la Esperanza, ano 5, n. 1, ene./feb./marzo, 1931

[266] **Prontuário 2089. Avelino Fernandes. DEOPS/SP. AESP.**

	La Lotta Umana, nov. 1928
	La Protesta, Buenos Aires, jul. 1934
	La Protesta, suplemento, Buenos Aires, 14/10/1929
	La revue anarchiste
	La Revue Anarchiste, jan. 1922
	La Revue Anarchiste, maio 1924
	La Voix Libertaire, mar. 1933
	La voz del chauffeur, Buenos Aires, mar., 1935
	Le Initioation Individualiste Anarchiste, supl. 21
	Le libertaire, jan., 1935
	Les catholiques la paix et la societe des nations
	Les Humbles, Revue Litteraire des Primaires (Paris)
	Les Temps Nouveaux: journal la revolte, nov., 1905
	Maximalismo e anarquismo (Biblioteca de Brochuras Sociais)
	O 5 de julho, mar. 1932
	O Anarchista, Lisboa, jun. 1926
	Plus Loin, abr. 1936 (10 exemplares)
	Prometeu: revista de cultura social
	Revista Comunista, organo teórico del Secretariado Sudamericano de la Internacional Comunista, ano 1, n. 1, set., 1930
	Tierra, Montevidéu, ene. 1933
Armand, E.; Léger, Abel	L'Homosexualité, l'onanisme et les individualistes
Branco, Luiza Pessanha C.	Campanha revolucionária (1934)
Centro Libertário de Los Angeles, Califórnia	La voz de las victimas de Dedham, Sacco e Vanzetti
Cesar, Osório	O que é o Estado Proletário?
Daudet, Alphonse	Contes du lundi
Dominique, Pierre	Com os olhos bem abertos na Rússia

Faure, Sebastian	Mon opinion sur la dictadure
Fayard, A (editor)	Trent Ans de Paris
Frola, Francisco	Almanacco Antifascista, 1929
Gorki, Máximo	Atraves de la unión de los soviets
Gorki, Máximo	Contra a guerra imperialista
Gorki, Máximo	En Gagnan mon pain (Memórias e autobiografias)
Graupera, Angela	El retorno de la terra
Guerra, Alfredo (tradução livre)	O proletariado histórico
Henry, Fortuné	Comunisme Experimental
Jaeger, Clotilde Betances	El pensador i revolucionario mejikano Alberto M. Brambila i su ortografia rasional ispanoamerikana
Kropotkin, P.	L' Esprit de Revolte
Kropotkin, P.	L'Entr´aide
Liga de Defesa Popular	O que o povo reclama
Malatesta, Errico	Pensiero e voluntá
Meréje, Rodrigues de	Sociologia geral
Miranda, Pontes de	Os novos direitos do homem
Moura, Maria Lacerda de	Amai...e não vos multipliqueis
Moura, Maria Lacerda de	De Amundensen a Delprete
Moura, Maria Lacerda de	Ferrer, o clero romano e a educação laica
Moura, Maria Lacerda de	Serviço Obrigatório para a mulher? Recuso-me! Denuncio!
Runhambrown, H.	L'Internationale des Résistants a la guerre: principes politiques et moyens
Ryner, Han	Les laideurs de la religion
Ryner, Han	Variedades del individualismo
Tolstoi , Leon (versão de Adalberto Veiga)	Aos operários
Tucker, Benjamin R.	Ce que sont les individualistes anarchistes

Fonte: Auto de exibição e apreensão. Prontuário 2089. Avelino Fernandes, doc. 4, fl. 5-9. 10/07/1936. DEOPS/SP. AESP.

No acervo pessoal de Avelino Fernandes destacava-se a variedade de títulos de jornais libertários, com vários exemplares publicados no Brasil e em países como Espanha, Portugal, França, Estados Unidos, México, Uruguai e Argentina. Esta variedade, provavelmente pode

ser explicada pela trajetória de militância de Fernandes que já havia atuado em organizações anarquistas na França e Espanha.

Entre os autores dos livros da biblioteca de Fernandes, assim como no caso de Ítalo Benassi, encontram-se anarquistas de diferentes correntes como Errico Malatesta, Kropotkin, Leon Tolstoi, Han Ryner, Fortuné Henry, Sebastian Faure, Benjamin Tucker e Angela Graupera, feminista que publicou textos na *Revista Blanca.* Há também três títulos da anarquista brasileira Maria Lacerda de Moura, amiga de Fernandes: *Ferrer, o clero romano e a educação laica*, *Amai...e não vos multipliqueis* e *De Amundensen a Delprete.* Possivelmente pela influência de Maria Lacerda, Fernandes tenha se interessado por obras de autoras feministas como Luiza Pessanha C. Branco, Clotilde Betances Jaeger e Angela Graupera.

Avelino Fernandes, bem como Ítalo Benassi possuía livros de Máximo Gorki e Pierre Dominique. A temática social predominava entre as obras da biblioteca de Fernandes, uma das únicas obras de ficção é *Contes du lundi*, de Alphonse Daudet, escritor representante do naturalismo francês. Entre os autores encontrados na biblioteca é expressiva a presença dos anarco-individualista como Benjamin R. Tucker, E. Armand, Abel Léger e Han Ryner.

Armand, autor de *L'Homosexualité, l'onanisme et les individualistes*, era também amigo pessoal de Neblind e de Maria Lacerda de Moura. Émile Armand (1872-1962) foi colaborador da *Enclyclopedia Anarchiste*, organizada por Sebastian Faure e editor da revista anarquista *l'en dehors*[267]. Neblind relata em uma carta a Armand, notícias sobre sua expulsão do Brasil e sobre seu delator:

> Caro Armand
>
> Há cerca de um mês você deve ter recebido aviso de nossa chegada a Barcelona. Fui denunciado como comunista por um fascista e, sem processo, fui expulso após 11 meses de prisão. Enquanto estou sem endereço fixo, dei o seu para correspondência. Por favor, guarde o que receber para mim. Agradeço desde já. Não estou muito tranquilo pois deixo no Brasil meu filho e Maria Lacerda de Moura, de quem estou sem notícias desde 8 de maio, pois ela também foi denunciada pelo mesmo fascista. Desse patife que foi ao Brasil declarando-se antifascista falaremos depois, pois, no momento ele mora na França. Por enquanto é melhor não tocar no assunto.
>
> Vários companheiros foram presos pela repressão de 35, feita pelo ditador fascista Getúlio Vargas. Muitos foram soltos nos últimos dias, com o fim do estado de sítio. Maria Lacerda conseguiu fugir, mas foi obrigada a se esconder por muito tempo.
>
> Espero poder escrever mais longamente e fornecer um endereço quando tiver encontrado trabalho.
>
> Fraternalmente

[267] LEITE, Miriam Lifchitz Moreira Leite. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984. p. 86.

A Neblind[268]

Através do relato de Neblind percebe-se que em alguns casos, a relação entre os leitores anarquistas e os autores de sua biblioteca eram também de amizade e de companheirismo na militância.

Anarquistas que distribuíam ou vendiam jornais e livros libertários também tiveram seu material apreendido pela polícia política. Este foi o caso de Francisco Arouca[269], de nacionalidade espanhola, sapateiro de profissão que foi preso em agosto de 1927 devido ao envolvimento na campanha pela libertação dos anarquistas Sacco e Vanzetti. Após sua prisão foram apreendidos diversos livros e jornais e revistas de caráter libertário encontrados em sua residência. Entre os títulos das revistas foram citados: *La novella ideal*, *La novella del pueblo*, *La Revista Blanca* e *Generacion Consciente*. Em declaração prestada em 24/08/1927 ao Gabinete de Investigações, Arouca afirmava que recebia diversas revistas e livros da Espanha para vendê-los a operários e que sua apreensão lhe traria prejuízos materiais. Francisco Arouca foi detido novamente em 1934 por portar um pacote do jornal *A Platea* e outro do jornal *A Plebe* que estava levando para o correio.

Outro libertário que comercializava (ou distribuía?) jornais e livros anarquistas era o litógrafo italiano Francisco Cianci[270]. Uma carta anônima endereçada à Polícia Federal afirmava que Francisco Cianci seria anarquista e receberia mensalmente 300 exemplares do jornal *L'Adunata dei Refrattari*, publicado em Nova York. Devido a esta denúncia Cianci foi preso e foi efetuada uma busca em sua residência onde foi encontrada uma coleção do referido jornal datado de 03/04/1937, diversos livros e uma lista com nome de anarquistas de São Paulo.

O sapateiro anarquista Alfredo Chaves Alonso foi preso em 1933 enquanto participava do Comitê Estudantil antiguerreiro, realizado no *Salão das Classes Laboriosas*. Alfredo Chaves portava, na ocasião, doze exemplares do jornal *A Plebe* que iria vender ou distribuir aos seus colegas[271].

Também teve problemas com o DEOPS/SP o pintor anarquista Ângelo Las Heras que

---

[268] Carta de A Neblind a Émile Armand. Barcelona, 12 de agosto de 1937(manuscrita). Apud LEITE, Miriam Lifchitz Moreira Leite. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984. p. 97-98.

[269] **Prontuário 147. Francisco Arouca. DEOPS/SP. AESP.**

[270] **Prontuário 625. Francisco Cianci. DEOPS/SP. AESP.**

[271] **Prontuário 1465. Alfredo Chaves Alonso. DEOPS/SP. AESP.**

em foi preso em 1936 por receber o jornal libertário *Brazo y Cérebro* apreendido pela censura postal. Neste mesmo ano foram encontrados em sua residência 300 dos jornais *Brazo y Cérebro*, *L'Adunatta dei Refrattari*, *Tierra y Libertad* e *El Luchador*.[272]

Las Heras assinava imagem (xilogravura?) que ilustrava o jornal *O Trabalhador*, dirigido por Hermínio Marcos, datado de 01 de maio de 1932. Em algumas situações, o próprio colaborador da imprensa anarquista também comercializava outros periódicos.

[272]**Prontuário 1020. Ângelo Lasheras ou Las Heras. DEOPS/SP. AESP.**

O Trabalhador

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA BARÃO PARANAPITACABA, 4 — SALA 7 — 1.º ANDAR — SÃO PAULO - BRASIL

ANNO I — 1886 — 1.º DE MAIO — 1932 — NUMERO 6

A Revolta!

Nós os anarquistas, cremos que se acercam os tempos em que os explorados reclamarão os seus direitos aos exploradores e cremos mais, que a maioria do povo, com a gente simples do campo, se rebellará contra a burguezia de hoje.

A luta, em nossa opinião, é inevitavel

W.

...Somos anarquistas, mas não assassinos, e, como em minha consciencia nenhum acto delictuoso me acusa, aqui me tendes, senhores juizes.

A. Parsons

«A minha defeza e a vossa acusação, os meus pretensos crimes, constituem a vossa historia».

Spies

...Julgaes, senhores, que quando os nossos cadaveres tenham sido sepultados, estará tudo acabado? Não. Sob o vosso veredicto ficará o do povo americano, e do mundo inteiro...

Alberto R. Parsons

...Se tenho de ser enforcado por professar as idéias anarquistas por meu amor á liberdade, á igualdade, á fraterdade, então nada tenho que objectar.

Se a morte é a pena correlativa á nossa ardente paixão pela liberdade da especie humana, eu digo bem alto: — dispende de minha vida.

Fischer.

De facho erguido ao alto, no Espaço illuminado das consciencias proletarias, a Revolução Social caminha sobre os escombros do passado, destruindo os obstaculos do presente, a caminho do futuro resplandecente de harmonias, onde a IGUALDADE, a FRATERNIDADE, e a LIBERDADE, não constituam já uma promessa, mas uma realidade scientifica.

Figura 13 - Jornal *O Trabalhador*, ano 1, n.6, 01 de maio de 1932. **Prontuário 1685. Félix Zirólia. DEOPS/SP. AESP.**

O tecelão Benedito Romano, militante do Centro de Cultura Social desde 1933 foi preso diversas vezes por receber jornais anarquistas. Em 1941, investigadores do DEOPS/SP encontraram um pacote de jornais anarquistas em um bonde da linha Penha-Lapa. Este pacote

trazia a inscrição "a anarquistas" e era endereçado à caixa postal 195 que pertencia a Edgard Leuenroth[273].

Em 05 de setembro de 1941, Romano foi visto por investigadores do DEOPS/SP retirando pacotes da referida caixa postal, nesta ocasião ele foi seguido até sua residência. Em 01 de outubro de 1941 quando o anarquista foi novamente buscar pacotes da caixa postal n. 195, foi flagrado e preso pelos investigadores. Os pacotes retirados por Romano eram endereçados a Manoel Vilar e continham 23 exemplares do jornal *La Protesta*, editado em Buenos Aires, em setembro de 1941; 24 exemplares do jornal Cultura Proletária, editados em Nova York, em idioma espanhol, em 06/09/1941; 8 exemplares do jornal L'Adunatta dei Refrattari, publicado em Nova York, em italiano, em 06 de setembro de 1941.[274] Após depoimentos conclui-se que Benedito Romano tinha a incumbência de retirar e distribuir o material deixado na caixa postal n. 195. No dia seguinte à prisão de Romano foi realizada uma busca em sua residência e apreendidos jornais, folhetos, boletins, livros e outros materiais. No auto de busca e apreensão, datado de 02 de outubro de 1941 estão descritos os seguintes documentos:

Quadro 8 - Jornais, boletins, manifestos e folhas soltas apreendidos de Benedito Romano

Título	Idioma	Data	Número de exemplares
A Lanterna (São Paulo), n. 394	português	01/05/1935	5
A Plebe (São Paulo), n.97	português	14/09/1935	7
Acção Directa (Rio de Janeiro)	português	01/05/1929	1
Boletim "contra a guerra"	português	s/d	4
Boletim anti-integralista: um apelo moral e de bons costumes à juventude brasileira	português	s/d	45
Brazo y Cérebro (Argentina)	espanhol	junho/1936	5
CNT: órgan da Federación Nacional del Trabajo	espanhol	s/d	1

[273] **Prontuário 1262. Benedito Romano. DEOPS/SP. AESP.**

[274] Relatório de Carlos Marques, encarregado da seção de investigações da Ordem Social de 02/10/1941. **Prontuário 1262. Benedito Romano. DEOPS/SP. AESP.**

(Barcelona)			
Cultura Proletária (Nova York), n. 698	espanhol	13/09/41	16
Fotografia postal de Pedro Kropotkin	-	s/d	1
Hino Maio Proletário	espanhol	abril/1940	1
Humanidade: órgão da agrupação anarquista Os Iguais (Porto Alegre)	português	Junho/1936	1
Impressos com a inscrição: "Por el pueblo español Boicot a los productos fascistas – CNT / FAI"	espanhol	s/d	5
L' Espagne Antifasciste (Barcelona)	francês	30/08/1936	2
La Protesta (Buenos Aires)	espanhol	agosto/1941	3
L'Adunata dei Refrattari (Nova York)	italiano	02/08/1941	28
Liberdade: porta voz dos anarquistas portugueses (Paris)	português	s/d	2
Manifesto (Bruxelas)	espanhol	06/10/1939	1
Manifesto da Federação dos Trabalhadores: aos trabalhadores contra todos os fascismos	português	s/d	3
O Conselho (Rio de Janeiro)	português	dezembro/1939	1
O Trabalhador (São Paulo)	português	10/05/1934	1
Recorte de jornal com as fotografias de Gusmão Soler e Rodolpho Felippe	português	s/d	1
Ruta, semanário anarquista		s/d	1
Solidariedad: órgan da Federación Trabajadora Regional uruguaya (Montevidéu)	espanhol	s/d	1

Fonte: Auto de busca e apreensão.02/10/1941**. Prontuário 1262 v.1. Benedito Romano DEOPS/SP. AESP.**

Entre os jornais apreendidos nota-se uma grande diversidade de títulos procedentes de

países da América Latina e Europa, além de uma fotografia postal. Neste conjunto de títulos confiscados havia muitos exemplares repetidos, que provavelmente seriam distribuídos a outros libertários.

Quadro 9 - Livros apreendidos de Benedito Romano

Autor	Título	Local de publicação	Editora	Data
Kropotkin, Pedro	A questão social			
	Cancioneiro vermelho			
	El cancioneiro revolucionário			
	Las madres hablan...			
	O domínio do mundo pelos judeus			
Rey M.	Onde está deus?			
Abad de Santillán, Diego; introdução Edgard Leuenroth	A alforria final: objetivos da Revolução social libertária	São Paulo	Editorial A Sementeira	
Faure, Sebastián	Temas subversivos (1a conferência)			
Gori, Pietro; trad. de J. Prat	Las bases morales y sociológicas de la anarquia		Ediciones de La Revista Blanca	
Hamon, A	Las lecciones de la Guerra Mundial			
Kropotkin, Pedro	O anarquismo: suas bases científicas, sua filosofia, seu ideal, seus princípios econômicos			
Malatesta, Errico	Anarquismo libertário e revisionismo autoritário: em torno de uma	São Paulo		1932

	polêmica			
Malatesta, Errico	Comunismo libertário			
Malato, Carlos	La filosofia del anarquismo			
Pinho, Adelino Tavares de	Quem não trabalha não come		Centro editor Juventude do Futuro	1920
Vários autores	Poesias e hinos libertários	São Paulo	Editorial A Sementeira	1933
Cleyre, Voltairine de	Anarquismo	Buenos Aires	Ediciones de La Antorcha	1929

Fonte: Auto de busca e apreensão.02/10/1941**. Prontuário 1262 v.1. Benedito Romano DEOPS/SP. AESP.**[*]

Entre os livros apreendidos de Benedito Romano predominam os autores e a temática anarquista. Pelo menos dois dos livros confiscados foram publicados pelo editorial *A Sementeira,* editora que era de responsabilidade de Rodolpho Felippe.

[*] No auto de busca e apreensão de Benedito Romano constavam somente os títulos das obras e as demais informações foram completadas com dados dos próprios livros que estavam anexados ao prontuário.

Superintendência de Segurança Política e Social
São Paulo
III

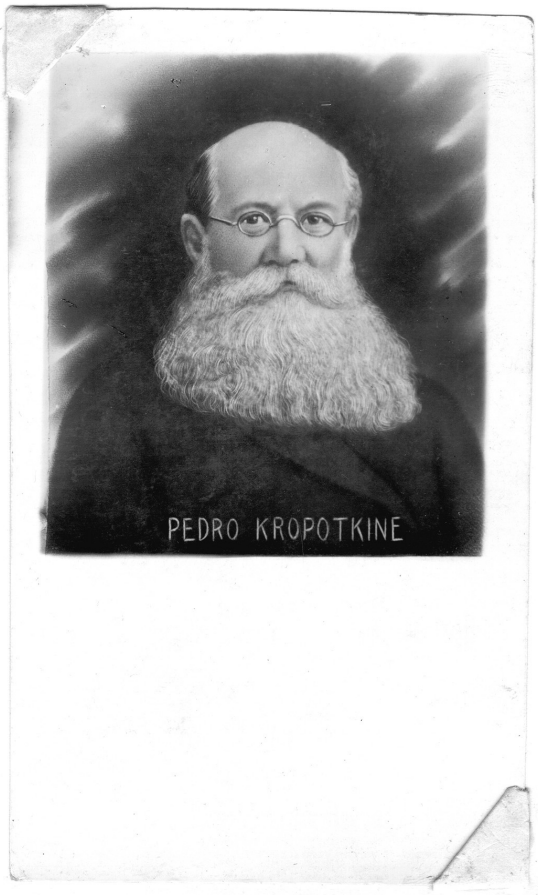
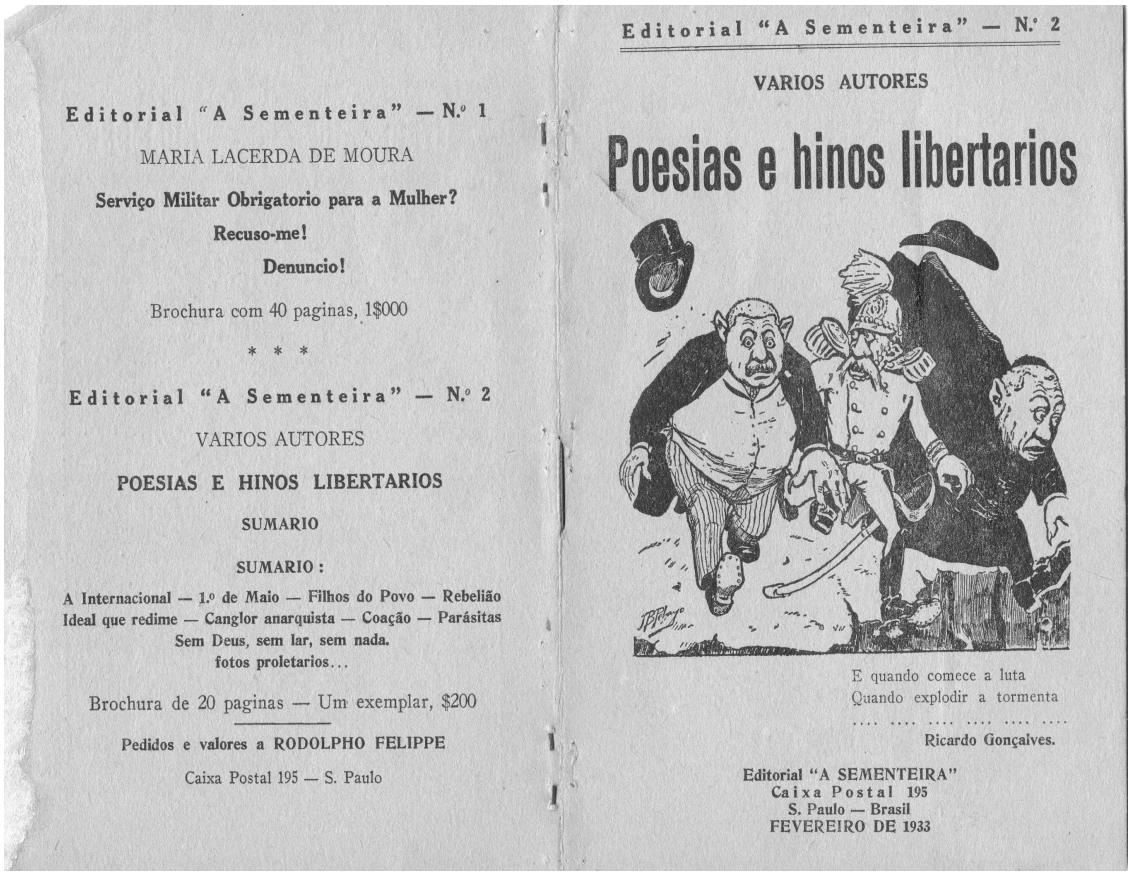


Figura 14 - Fotografia Postal apreendida do anarquista Priotr Kropotkin. **Prontuário 1262 vol 1. Benedito Romano. DEOPS/SP. AESP.**



Editorial "A Sementeira" — N.º 1

MARIA LACERDA DE MOURA

Serviço Militar Obrigatorio para a Mulher?

Recuso-me!

Denuncio!

Brochura com 40 paginas, 1$000

* * *

Editorial "A Sementeira" — N.º 2

VARIOS AUTORES

POESIAS E HINOS LIBERTARIOS

SUMARIO

SUMARIO :

A Internacional — 1.º de Maio — Filhos do Povo — Rebelião Ideal que redime — Canglor anarquista — Coação — Parásitas Sem Deus, sem lar, sem nada. fotos proletarios...

Brochura de 20 paginas — Um exemplar, $200

Pedidos e valores a RODOLPHO FELIPPE

Caixa Postal 195 — S. Paulo

Editorial "A Sementeira" — N.º 2

VARIOS AUTORES

Poesias e hinos libertarios

E quando comece a luta
Quando explodir a tormenta
....

Ricardo Gonçalves.

Editorial "A SEMENTEIRA"
Caixa Postal 195
S. Paulo — Brasil
FEVEREIRO DE 1933

Figura 15 - Livro apreendido. *Poesias e Hinos Libertários*. Prontuário 1262, Benedito Romano, vol. 1 DEOPS/SP. AESP.

Livros anarquistas também circulavam por intermédio de militantes, como no caso de Antônio Petán que era correspondente do jornal *A Plebe* em Ribeirão Preto/SP. Em 1933, Rodolpho Felippe frequentemente enviava livros libertários como *Maximalismo e Anarquismo*, *Os rebeldes, O catecismo operário* e *País dos homens livres* a Antônio Petán que os redistribuía a militantes de Ribeirão Preto[275]. Havia inclusive descontos para livros do *Editorial A Sementeira* que eram comprados em quantidades maiores, como 25 ou 50 exemplares, provavelmente, para atender a anarquistas que revendiam as obras em suas cidades[276].

O poeta anarquista Lírio de Rezende, também exercia a função de livreiro. Entre as décadas de 1920 e 1930, sua livraria no Rio de Janeiro era um local de sociabilidade entre os libertários[277].

---

[275] **Prontuário 1585. Antônio Petán. DEOPS/SP. AESP.**

[276] *A Plebe*, São Paulo, 14/09/1935. p. 2.

[277] GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. *A bibliografia libertária*: um século de anarquismo em língua portuguesa. São Paulo: Imaginário, 1999. p. 16.

Os anarquistas atuantes em São Paulo sabiam que as apreensões de livros e jornais não era uma exclusividade brasileira e, em 1933 denunciavam queimas de livros realizadas na Alemanha em um texto anônimo intitulado *Ódio aos livros*:

> Sempre, em todos os tempos, os bárbaros, os cruéis, os guerreiros, os bispos, os déspotas, no ódio cego contra a ciência, contra o progresso, contra a civilização, investiram contra os livros, queimando bibliotecas inteiras ou perseguindo os autores com as fogueiras, com os autos de fé, com a excomunhão, com o índice expurgatório, etc., porque o brilho, o fulgor e o explendor que o pensamento faz irradiar desse instrumento educador, instrutor e libertador por excelência perturba o sossego, a calma, os nervos, os interesses desses déspotas sem entranhas que, em vez de homens livres desejam-nos escravos eternos atrelados ao carro das suas grandezas e ignominias. Agora mesmo temos a prova disso na Alemanha. Hitler, o sinistro, o cruel e sanguinário dono daquela infeliz nação, soltou suas matilhas de galfarros contra os livros, depois de os ter soltado primeiro contra os autores, os quais têm queimado nas principais cidades, e por diversas vezes, dezenas e centenas de milhares de livros, de obras famosas e generosas, onde se prega a paz dos povos, a fraternidade entre os homens [...][278]

3.3.1 Autodidatismo

Uma das razões para tanto apreço pela palavra escrita parece estar relacionada ao autodidatismo que funcionava como uma estratégia alternativa ao ensino formal convencional que excluía tantas vezes os trabalhadores e seus filhos e, instruía de forma a reproduzir os valores sociais vigentes. Além disso, o autodidatismo tinha maior possibilidade de escapar ao olhar vigilante das autoridades, algo que dificilmente ocorreria com uma escola libertária.

A partir da concepção anarquista sobre a necessidade da aquisição de conhecimentos para a transformação da sociedade surge a prática do autodidatismo e a valorização dos livros, jornais e das práticas de leitura em geral.

De acordo com Antônio Valverde, o autodidatismo entre os anarquistas propagou-se no momento em que o capitalismo negava aos trabalhadores o acesso à educação formal e à cultura[279].

Entre os autodidatas, estariam diversos anarquistas que militaram no Brasil nas primeiras décadas do século XX: Edgard Leuenroth, Pedro Catallo, Adelino Tavares de Pinho, Florentino de Carvalho, Gigi Damiani, Gil de Souza Passos, Rodolpho Felippe, Marino Spagnolo e Antônio Avelino Foscolo. Esta prática esteve associada aos centros de cultura:

---

[278] *A Plebe*, São Paulo, 27/05/1933.

[279] VALVERDE, Antônio José Romera. *Pedagogia libertária e autodidatismo*. 1996. 321 f. Tese (Doutorado em Educação). - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas,1996.

> O fenômeno do autodidatismo de quadros de militantes anarquistas brasileiros, por meio, sobretudo da prática do ensino mútuo, é fato atrelado aos Centros de Cultura, as verdadeiras universidades, como lócus de encontros políticos, leituras, discussões teóricas e práticas[280].

Segundo Nicolás Quiroga, a experiência do autodidatismo, embora não esteja associada a instituições oficiais, dificilmente é realizada individualmente, contando frequentemente com a mediação de outras instituições como a família, os amigos, vizinhos ou associações de bairro[281]. No caso dos autodidatas anarquistas, estas instituições mediadoras eram muitas vezes representadas pelas bibliotecas populares, ateneus e centros de cultura.

O fato de muitos anarquistas terem possuído bibliotecas pessoais apesar do contexto de dificuldade de aquisição de livros e jornais, serve para reforçar a ideia da difusão do autodidatismo. A palavra escrita era para os anarquistas atuantes em São Paulo nas décadas de 1920 e 1930 um instrumento de transformação social, uma verdadeira arma:

> El movimiento anarquista de siempre ha tenido en las bibliotecas una herramienta para la formación y la difusión de las ideas. La enseñanza continua y el autodidactismo son ámbitos donde los libertarios han demostrado que la creación de bibliotecas es un elemento imprescindible para cualquier transformación evolutiva de la sociedad. Sin subsidios, con trabajo voluntario y común, la imprenta y la estantería de libros ha sido y es un ejemplo real de lo que la sociedad ha querido inutilizar con la etiqueta de "utópico"[282].

Segundo Antônio Valverde, a maioria dos anarquistas da primeira metade do século XX teria sido autodidata, o que teria uma relação com as práticas de ensino mútuo:

> A par da maioria dos militantes anarquistas ser autodidata, subjaz na teoria educacional libertária o campo fértil para esta forma de aquisição de saber e da cultura, pois o autodidatismo é fruto, em grande parte, do ensino mútuo levado a termo nos centros de estudos operários, nos seus grêmios lítero-políticos e nas suas associações de classe, em veladas e meetings. Com um direcionamento para o aspecto político-ideológico muito preciso: a emancipação política-intelectual do operariado. [283].

Práticas tradicionalmente adotadas por militantes anarquistas das primeiras décadas do

---

[280] VALVERDE, Antônio José Romera. Socialismo libertário, educação e autodidatismo: entrevista-depoimento de Jaime Cubero. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 393-408, maio/ago. 2007. p. 396.

[281] QUIROGA, Nicolás. *Prácticas políticas y cambio cultural*: anarquistas autodidactas hacia mediados de 1940. Estudos Ibero-americanos, v. 30, n.1, jun. 2004. p. 10-11.

[282] USCÁTEGUI, Rafael. Los anarquistas del sur tienen una arma: las bibliotecas. *Correo Bibliopolitico*, n. 369, 23/04/2009.

[283] VALVERDE, Antônio José Romera. *Pedagogia libertária e autodidatismo*. 1996. 321 f. Tese (Doutorado em Educação). - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas,1996. f. 212.

século XX, como o ensino mútuo praticado em ateneus, centros de cultura e bibliotecas populares serviram de incentivo ao autodidatismo.

3.3.2 Bibliotecas comunistas

Entre 1930 e 1940, a preocupação com a leitura não era uma exclusividade dos libertários, militantes comunistas também procuraram difundir livros através de bibliotecas circulantes. Em uma destas bibliotecas, chamada *Vamos Ler*, a primeira obra emprestada era geralmente um romance, seguido de livros comunistas[284]. Complementando esta iniciativa de incentivo à leitura havia também o programa da *Rádio Record* chamado *Vamos Ouvir* no qual eram lidos trechos de obras comunistas consideradas importantes para a formação de militantes[285].

Militantes comunistas também tiveram seus livros, jornais e bibliotecas confiscados pelo DEOPS/SP. É interessante notar que assim como nos acervos bibliográficos de libertários constavam autores como Marx, Engels e Trotsky, nas bibliotecas comunistas eram encontradas obras de autores anarquistas e de sindicalistas revolucionários. Em uma apreensão de livros realizada na residência de Hygino Alonso Delgado, em 1934, foram encontrados dois volumes de *Oeuvres* de Proudhon, *Guerra e paz* de Tolstoi, *De utilité du pragmatisme* de Georges Sorel, *Guerre des états ou de classes* de Édouard Berth[286]. Outro exemplo é o da jovem judia Genny Gleiser, acusada de comunismo: entre os 12 livros apreendidos em 1935 constava *De Amundensen a Del Prete* de Maria Lacerda de Moura[287].

3.4 Leituras na prisão

As prisões também foram espaços de leitura e aprendizado para os militantes libertários. Como no caso de Emma Goldman, anarquista de origem lituana, radicada nos Estados Unidos, editora do jornal *Mother Earth*, publicado desde 1906. Emma, leitora de Bakunin e Nietzsche, descobriu a leitura de James Joyce em uma de suas muitas passagens pelas prisões americanas[288]. Era seu costume ter um livro embaixo do braço quando andava

[284] CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas*: o Deops e as minorias silenciadas. São Paulo: Estação Liberdade : Arquivo do Estado, 1997. p. 34.
[285] CARNEIRO, op. cit. p. 34-35.
[286] CARNEIRO, op. cit. p. 51, 54.
[287] CARNEIRO, op. cit. 60.
[288] MONTEBELLO, Natalia. A mulher mais perigosa da América.... *Verve*, n. 12, out., 2007. p. 116-128.

pelas ruas de Nova York, pois sempre estava na iminência de uma nova prisão.

Para Meneses Tello, as prisões terminaram também se tornando espaços de formação para os intelectuais revolucionários, pois permaneciam em contato com outros militantes, além de dispor de tempo aprender:

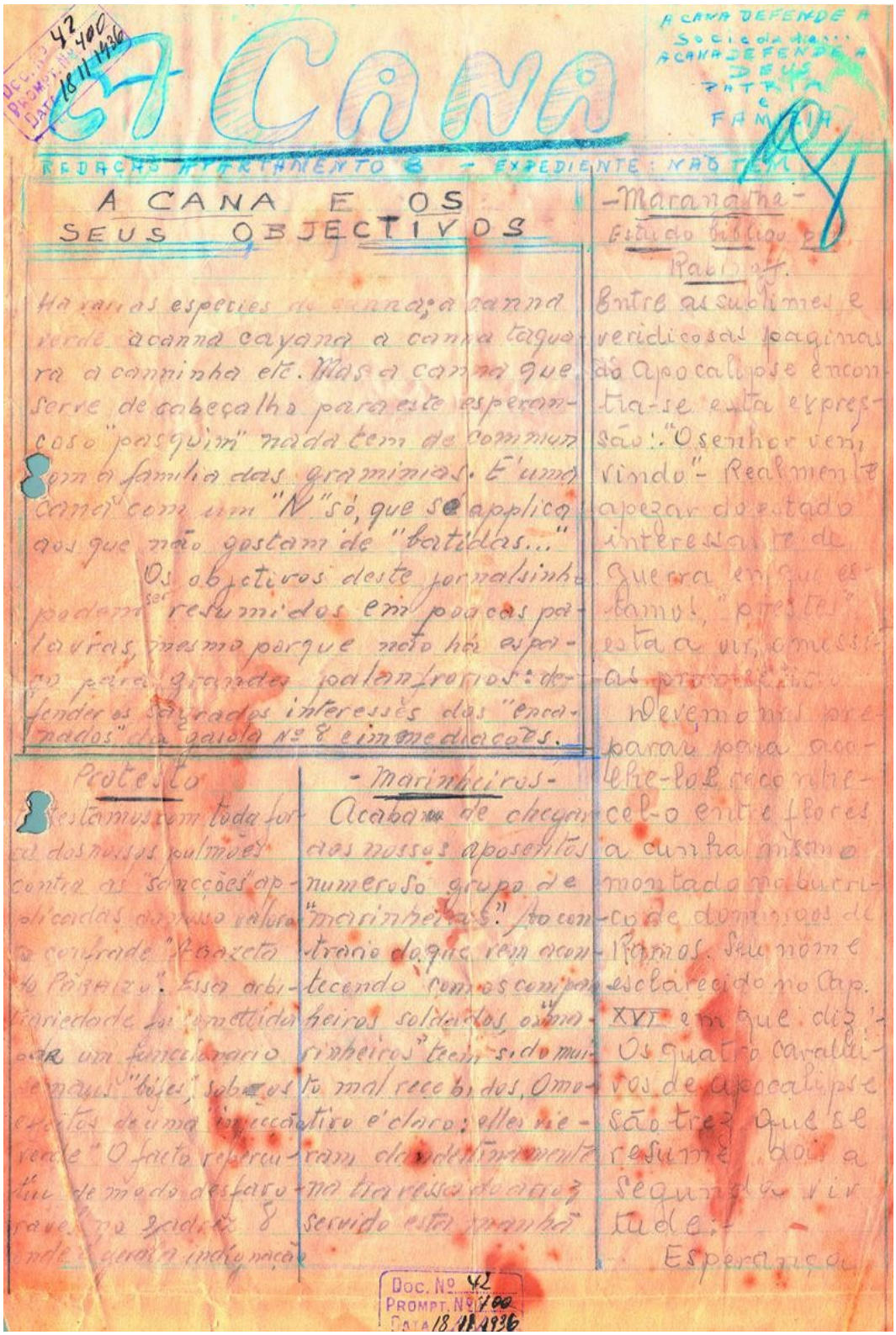
> Si bien el ambiente de la prisión les ha causado serias barreras, también es verdad que el ocio a que se han visto sujetos los revolucionarios en ese reducto, les ha permitido perfeccionar métodos y técnicas de autoaprendizaje; estudiar idiomas; lograr una mayor concentración y disciplina; escribir abundantemente; reflexionar con más detenimiento sus ideas científicas y filosóficas; y estructurar táticas y estrategias de lucha adecuadas a las condiciones existentes.[289]

As prisões eram locais não somente de leitura, mas também de redação, como no caso de Rodolpho Felippe, editor do jornal *A Plebe*, que durante seus períodos de encarceramento redigiu jornais manuscritos como *A Cana* e *O Xadrez,* sempre com textos bastante irônicos. Rodolpho Felippe foi preso em novembro de 1935 por "medida de caráter preventivo". Nestes dois títulos de jornal encontramos textos que fazem uso do humor para criticar as condições carcerárias brasileiras, como na coluna Boatos do Jornal *O Xadrez*: "soubemos hoje que seria dada ordem de prisão ao cozinheiro desta estação balneária por ter melhorado o rancho dos veraneantes".[290]

---

[289] MENESES TELLO, Felipe. Universidades, bibliotecas, imprentas y cárceles: espacios de educación, lectura y obra teórica del intelectual revolucionario del proletariado. *Crítica bibliotecológica*, v.2 n.2 y v.3 n.1, jul. 2009, jul. 2010, p. 60.

[290] *O Xadrez*, ano I, n. 3, 06/12/1935, p. 1. **Prontuário 400, Rodolpho Felippe. DEOPS/SP. AESP.**



A CANA

A CANA DEFENDE A SOCIEDADE... A CANA DEFENDE A DEUS PATRIA E FAMILIA

REDACÇÃO ARRIMENTO 8 — EXPEDIENTE: NÃO TEM

A CANA E OS SEUS OBJECTIVOS

Ha varias especies de canna; a canna verde a canna cayana a canna taquara a canninha etc. Mas a canna que serve de cabeçalho para este esperancoso "pasquim" nada tem de commum com a familia das graminias. E' uma canna com um "N" só, que se applica aos que não gostam de "batidas..."

Os objectivos deste jornalsinho podem ser resumidos em poucas palavras, mesmo porque não ha espaço para grandes palanfrorios: defender os sagrados interessês dos "encanados" da gaiola nº 8 e immediacões.

Protesto

Protestamos com toda força dos nossos pulmões contra as "sancções" applicadas ao nosso valente confrade "Gazeta do Paraizo". Essa arbitrariedade foi commettida por um funccionario de mau "bofe", sob os effeitos de uma "injecção de verde". O facto repercutiu de modo desfavoravel no espirito 8 onde geraram indignação.

- Marinheiros -

Acabam de chegar dos nossos aposentos numeroso grupo de "marinheiros". Ao contrario do que vem acontecendo com os companheiros soldados, os "marinheiros" tem sido muito mal recebidos. O motivo é claro: elles vieram da delegacia na tarde de ontem e ainda não servido esta manhã.

- Maranatha -

Estudo biblico por Rabolaff.

Entre as sublimes e veridicas paginas do Apocalipse encontra-se esta expressão: "O senhor vem vindo". Realmente apezar do estado interessante de guerra em que estamos!, "protestos" esta a vir, a messias do proletariado.

Devemos nos preparar para acolhe-lo e recebe-lo entre flores a cunha mesmo montado no bucrico de domingos de Ramos. Seu nome esclarecido no Cap. XVI em que diz: "Os quatro cavalleiros do apocalipse são tres que se resume na segunda virtude:

Esperança.

Doc. Nº 42
Prompt. Nº 400
Data 18.11.1936

Figura 16 - Jornal *A Cana.* Editado por Rodolpho Felippe durante o período em que esteve no presídio Paraíso. **Prontuário 400, Rodolpho Felippe. AESP.**

3.5 Livros do fundo Edgard Leuenroth

A riqueza da aquisição do material que atualmente constitui o Fundo Edgard Leuenroth do AEL/UNICAMP pode ser avaliada pela mobilização de intelectuais como Azis Simão e Antônio Cândido que foram associados ao projeto de salvamento deste acervo clandestino em plena ditadura Médici. Entre os professores da UNICAMP foram protagonistas da aquisição Paulo Sérgio Pinheiro e Michael Hall. Assim que a documentação chegou à UNICAMP foi microfilmada, sendo guardadas cópias no Citibank e no Instituto Internacional de História Social de Amsterdam. Enquanto Edgard Leuenroth era vivo, este acervo já era famoso entre militantes e intelectuais, como Caio Prado Júnior que encontrando Leuenroth na prisão teria feito uma proposta de guardar e manter o material, o que não foi aceito pelo anarquista[291].

Para refletir sobre as leituras anarquistas em São Paulo na década de 1930 foi realizado um levantamento de livros presentes no fundo Edgard Leuenroth: do total de 709 presentes no acervo catalogado pela UNICAMP foram selecionados 314 que correspondem às obras publicadas até 1937 que corresponde ao ano de fechamento do Centro de Cultura Social[292].

Este recorte cronológico também se justifica à medida que entre as publicações de livros anarquistas, em língua portuguesa, de 1890 a 1930 há um predomínio de obras de divulgação das ideias libertárias. Da década de 1930 em diante foram publicados livros de memória e história do anarquismo.

Na lista analisada foram destacados os autores que aparecem mais quatro vezes:

Quadro 10 – Livros do Fundo Edgard Leuenroth

Autor	Título
GRAVE, Jean (autor)	A sociedade moribunda e a anarchia
GRAVE, Jean (autor)	La societa: all'indomani della rivoluzione
GRAVE, Jean (autor)	La societa morente e l'anarchia
GRAVE, Jean (autor)	Le mouvement libertaire sous la 3e Republique: (souvenirs d'un revolte).

[291] GALVÃO, Walnice Nogueira. Resgate de arquivos: o caso Edgard Leuenroth. *Cadernos AEL*, Campinas, v. 17, n. 29, p. 17-27., set., 2010. p. 18-19.

[292] Vide apêndice.

GRAVE, Jean (autor)	A sociedade futura
GRAVE, Jean (autor)	A anarchia: fim e meios
MALATO, Charles (autor); GRAVE, João (coaut.); JORGE, Angelo (coaut.)	As theorias anarchistas: estudos philosophico-sociaes
KROPOTKIN, Piotr Alekseevitch, Principe (autor); HENDIOSER (coaut.)	O anarquismo: suas bases cientificas, sua filosofia, seu ideal, seus principios economicos.
KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch (autor)	La grande rivoluzione: 1789-1793
KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch (autor)	Lavoro intellettuale e lavoro manuale
KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch (autor)	Lo stato
KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch (autor); GALLEANI, Luigi (coaut.)	La morale anarchica
KROPOTKINE, Piotr Alekseievitch (autor); BRANDES, Jorge (coaut.); COSTA, Emilio (coaut.)	Em volta duma vida: memorias.
COMITE DE JOVENES REVOLUCIONARIOS CUBANOS (MADRID). Coautoria de Henri Barbusse, Romain Rolland, Piotr Alekseievitch Kropotkin	El terror en Cuba
GORI, Pietro (autor)	Ceneri e faville: prosa
GORI, Pietro (autor)	Conferenze politiche
GORI, Pietro (autor)	Sociologia anarchica
GORI, Pietro (autor); MARENCO, Leopoldo (coaut.)	Bozzetti sociali
GORI, Pietro (autor).	Prigioni: versi.
FLORES MAGON, Ricardo (autor)	Epistolario revolucionario e intimo.
FLORES MAGON, Ricardo (autor)	Tribuna roja: (discursos)
FLORES MAGON, Ricardo (autor)	Verdugos y victimas: drama revolucionario en cuatro actos
FLORES MAGON, Ricardo (autor)	Rayos de luz: (dialogos relacionados con las condiciones

	sociales de Mexico
HINS, Eugene (autor)	La libre pensee internationale en 1910.
HINS, Eugene (autor)	La libre pensee internationale en 1911.
HINS, Eugene (autor)	La libre pensee internationale en 1912
HINS, Eugene (autor)	La libre pensee internationale en 1913
TROTSKI, Leão (autor)	A revolução espanhola
TROTSKI, Leão (autor)	O plano quinquennal.
TROTSKI, Leão (autor)	Revolução e contra-revolução na Alemanha.
TROTSKI, Leão (autor); GAY, Vicente (coaut.)	El bolcheviquismo: ante la guerra y la paz del mundo.

Fonte: Livros Fundo Edgard Leuenroth. AEL/UNICAMP

Entre os autores mais encontrados na lista de livros selecionados a maioria é anarquista: Jean Grave, Kropotkin, Pietro Gori e Ricardo Flores Magón. O autor que aparece com mais frequência é Jean Grave (1854-1939), anarquista francês, sapateiro de profissão que participou da revista *La Revolté* com o geógrafo libertário Elisee Reclus.

Na obra *A sociedade futura*, é abordado o tema do teatro livre, composto por grupos de amadores, onde pessoas interessadas em escrever peças teatrais e interpretá-las se associariam de forma espontânea. De acordo com André Reszler, Jean Grave teria se inspirado nas obras de Kropotkin e Richard Wagner para formular seus conceitos de agrupações criadoras de arte[293].

Para Kropotkin, em cada pessoa haveria um artista em potencial, sendo que na sociedade futura, os trabalhadores teriam uma jornada reduzida a quatro ou cinco horas e, portanto teriam tempo livre para dedicar-se à arte e à ciência por meio da formação de comunidades artísticas e cientificas. Para Wagner a arte na antiguidade seria uma criação coletiva do povo e na sociedade futura voltaria a ser. A arte teria um sentido político e social: deveria ser do povo, para o povo e pelo povo[294].

As ideias apresentadas por Jean Grave sobre grupos de amadores seriam aplicadas

[293] RESZLER, André. *La estética anarquista*. Buenos Aires: Libros de Araucária, 2005. p. 64.
[294] RESZLER, op. cit., p. 50.

pelos anarquistas atuantes em São Paulo, como no caso dos grupos de teatro do Centro de Cultura Social, da União dos Artífices em Calçados, Grupo Teatral Aurora já citados neste trabalho.

Segundo Adelaide Gonçalves, os autores anarquistas mais publicados em língua portuguesa estão Kropotkin, Jean Grave, Elisée Reclus, Ricardo Mella, Sebastien Faure e Errico Malatesta e, entre os brasileiros mais publicados estariam Benjamim Mota, José Oiticica e Maria Lacerda de Moura[295]. De fato todos estes autores foram identificados entre os livros da seleção realizada do Fundo Edgard Leuenroth ou em listas de livros apreendidos pelo DEOPS/SP.

Ainda no que se refere aos autores é interessante notar a presença de Émile Zola, com o título *Germinal.* Esta obra foi bastante popular entre os anarquistas em São Paulo, tanto que serviria de inspiração para os nomes próprios de filhos de anarquistas como Germinal Soler e Germinal Leuenroth. Além disto, este livro era lido entre os anarquistas espanhóis entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX: "Uno de los clásicos del anarquismo fue Germinal. Esta novela fue como un grito de guerra y fue leída por varias generaciones de libertarios hasta nuestros días."[296]

O interesse dos anarquistas pelas obras de Zola e Victor Hugo já foram mencionados neste capítulo nos comentários da escritora Zélia Gattai que enfatizou a popularidade de Victor Hugo e Émile Zola entre os anarquistas:

> Zola era um ídolo de todos aqueles italianos anarquistas que chegavam a lhe atribuir nacionalidade italiana, devido ao seu sobrenome que era pronunciado por eles à italiana: Emílio Zóla. A mesma tentativa de nacionalização era empregada com Victor Hugo, no pronunciar deles, Húgo. "Sono oriundi..." diziam.[297]

Embora Victor Hugo e Émile Zola tenham sido lidos pelos anarquistas de São Paulo, estes autores nem sempre foram recomendados por teóricos anarquistas como Bakunin e Kropotkin. De acordo com André, Bakunin criticava escritores como Victor Hugo, Honoré de Balzac e Alexandre Dumas. Para Bakunin, o romantismo era:

> la literatura de las almas tiernas, delicadas, distinguidas, que aspiran al cielo que es su patria, y que viven como a pesar suyo sobre la tierra. Sentía horror y desprecio por la política y los assuntos cotidianos; pero cuando por azar hablaba de eso, se mostraba

[295] GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. *A bibliografia libertária*: um século de anarquismo em língua portuguesa. São Paulo: Imaginário, 1999. p. 26-27.
[296] LITVAK, Lily. op. cit. p. 111.
[297] GATTAI, op. cit., p. 127-128.

> francamente reaccionaria, tomando partido de la iglesia contra la insolencia de los librepensadores, el de los reyes contra los pueblos, y el de todas las aristocracias contra la vil canalla de las calles[298].

Kropotkin também foi um crítico do romantismo e do naturalismo de Émile Zola, afirmando que este faria uma "simples anatomia da sociedade" e que a função da literatura não seria somente mostrar como viviam os homens, mas como deveriam viver[299].

No que se refere aos idiomas presentes na seleção de livros analisada, nota-se um predomínio do português, seguido do idioma italiano e espanhol. Em menor número, encontramos livros em idiomas francês, inglês e latim. A presença considerável de línguas como o italiano e o espanhol deve-se, provavelmente, aos imigrantes e seus descendentes que compunham a população de São Paulo nos anos 1930. Sabe-se que em 1949, 28% da população da cidade de São Paulo era composta de estrangeiros[300].

Há publicações de diversas cidades italianas como Spezia, Milão, Mantova, Roma, Ravena, Florença, Turim, Bolonha e Ancona. No entanto, dos livros em idioma italiano foram publicados também junto a comunidades italianas de outros países, como o Brasil. Na seleção de livros do Fundo AEL foram localizados livros de temática anarquista, em idioma italiano, publicados em cidades americanas como New York, Newmark e East Boston e na cidade de Genebra, na Suíça.

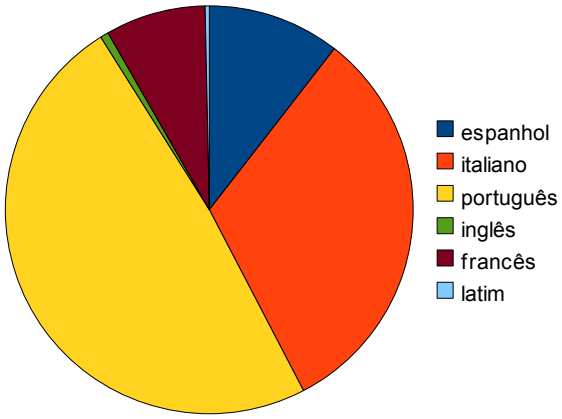
Dos livros em castelhano, predominam as publicações de cidades da América Latina em cidades como Buenos Aires, Montevidéu, Santiago e cidade do México. As obras publicadas na Espanha concentram-se nas cidades de Madri e Barcelona.

Sabe-se que entre os anarquistas oriundos da Espanha era difundida a prática de leitura em voz alta em idiomas como francês, alemão, inglês, português e italiano, realizada por um militante que dominava um idioma estrangeiro e traduzia simultaneamente a um grupo de ouvintes.[301] Práticas semelhantes, provavelmente ocorreram entre libertários no Brasil.

---

[298] RESZLER, op. cit. p. 46.
[299] RESZLER, op. cit. p. 59.
[300] PRADO JÚNIOR, Caio. *A cidade de São Paulo*: geografia e história. 2. ed. São Paulo: Brasilense, 1989. p. 60.
[301] Litvak, op. cit. p. 254.

Gráfico 1 – Idiomas dos livros



Foi notada uma variação de idiomas ao longo do tempo: na década de 1930 o português predomina nas publicações enquanto que o italiano decresce. Porém, na década de 1930, em São Paulo, ainda eram publicados títulos anarquistas em italiano e espanhol, como se percebe pelos anúncios do *Editorial A Sementeira*, mantido por Rodolpho Felippe e divulgado pelo jornal *A Plebe*[302]. Outro fator que deve ser considerado é a aquisição de livros sobre anarquismo editados em Portugal. Entre as casas publicadoras portuguesas que editavam livros de temática libertária ou de autores anarquistas encontradas na seleção estão: Guimarães & Cia (Lisboa), Gomes de Carvalho (Lisboa), Biblioteca d' Educação Nova (Lisboa), Antiga Casa Bertrand (Lisboa), Typographia do Commercio (Lisboa) e Almeida e Sá (Porto). Entre os autores publicados por estas editoras estão: Kropotkin, Charles Malato, Jean Jaures, Jean Grave, Tolstoi e Neno Vasco.

Segundo Adelaide Gonçalves, algumas livrarias de caráter comercial publicavam livros anarquistas como Guimarães, Aillaud e Bertrand e, Tipografia Francisco Luiz Gonçalves, Casa Alfredo David e José Bastos em Portugal e Francisco Alves, Livraria Garnier, Livraria Teixeira, Livraria Progresso, Civilização Brasileira e José Olympio no Brasil[303].

---

[302] *A Plebe*, 19/01/1935. p. 3.

[303] GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. *A bibliografia libertária*: um século de anarquismo em língua portuguesa. São Paulo: Imaginário, 1999. p. 33.

Gráfico 2 – Variação dos idiomas dos livros de 1835 a 1937

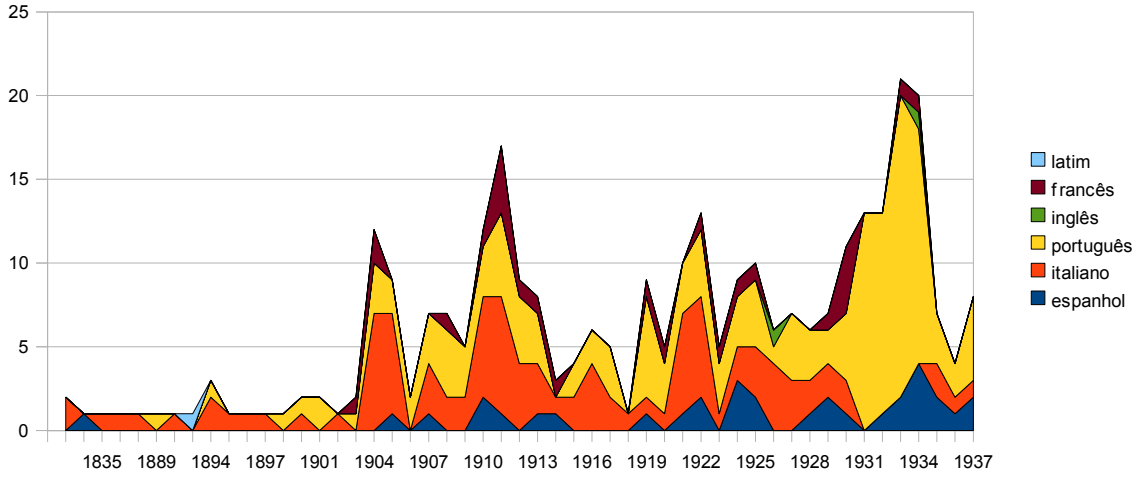
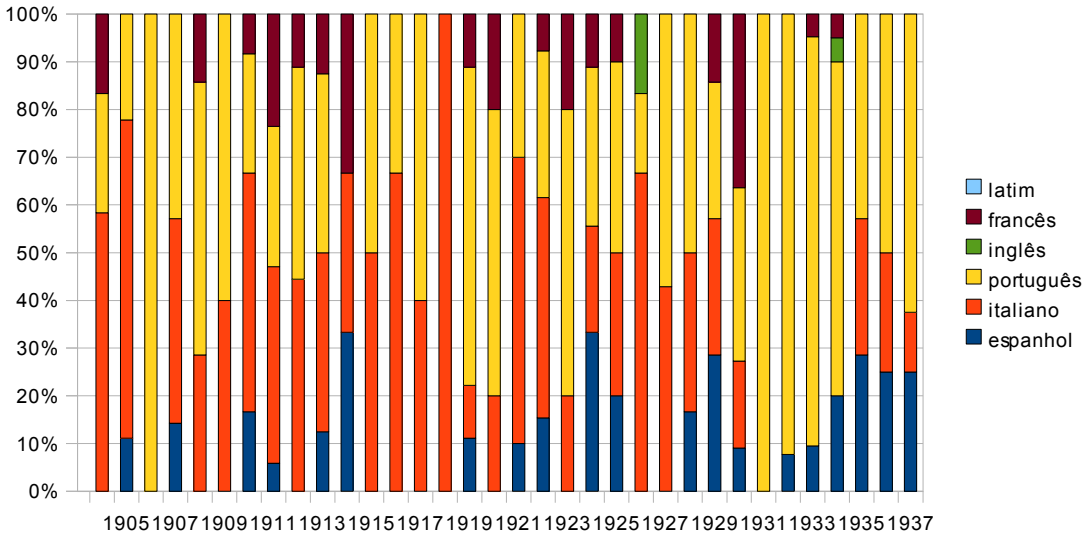


Gráfico 3 – Variação dos idiomas dos livros de 1905 a 1937



No que se refere aos locais de publicação foram contabilizadas 73 edições de São Paulo (23,2%), 47 do Rio de Janeiro (14,9%), 31 de Milão (9,8%) e 25 de Lisboa (7,9%). Ao destacarmos os livros de temática e autores anarquistas perceberemos um predomínio de publicações nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Entre os autores anarquistas editados no Brasil destacam-se os brasileiros Florentino de Carvalho, Everardo Dias, Fábio Luz, José Oiticica, Benjamim Mota, Maria Lacerda de Moura, Edgard Leuenroth e Hélio Negro.

Quanto às editoras há uma grande diversidade que mereceria ser mais bem avaliada, porém se podem notar as casas editoriais que mais se destacam: Fratelli Treves, com dez publicações (3,1%) e Fratelli Bocca, com sete obras (2,2%). Interessante notar que os jornais anarquistas também publicavam coleções de livros como no caso de *A Lanterna* (São Paulo) e *L'Adunata dei Refrattari* (Newark, New Jersey). Adelaide Gonçalves afirma que era no Brasil e em Portugal era comum que jornais e revistas libertárias publicassem livros e opúsculos[304].

Quanto aos assuntos que mais aparecem entre os livros selecionados temos anarquismo e anarquistas, com 35 incidências (11,1%), socialismo, com 27 publicações (8,5%) e religião, com 20 obras (6,3%). No entanto, se somarmos os livros classificados como literatura brasileira e poesia brasileira teremos um total de 13%, um dado que pode ser o reflexo de um interesse considerável dos libertários sobre o tema.

Observando as temáticas dos livros selecionados percebe-se uma diversidade tanto de

[304] GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. *A bibliografia libertária*: um século de anarquismo em língua portuguesa. São Paulo: Imaginário, 1999. p. 29.

gêneros literários quanto de posições políticas dos autores. Provavelmente este fato deve-se ao interesse dos libertários por diversos assuntos, incluindo posições políticas diferentes e até contrárias às suas práticas, como o integralismo por exemplo. Existe também uma considerável variação nos subtemas que foram agrupados em assuntos como "anarquismo e anarquistas", tais como teorias anarquistas, história do movimento operário, Revolução Constitucionalista de 1932, autobiografias de libertários, Sacco e Vanzetti e diferenças entre anarquismo e marxismo. Há também temas relacionados a teorias e práticas libertárias tais como história, sociologia, educação, bibliotecas populares, cooperativismo, condições sociais e direitos da mulher, neomalthusianismo, e livre pensamento.

Na seleção de livros há muitas obras sobre anticlericalismo, igreja agnóstica universal, igreja católica, inquisição, protestantismo, espiritismo e mediunidade. Pode parecer a princípio, uma contradição a presença de livros religiosos no acervo de anarquistas. No entanto, esta diversidade parece fazer sentido na medida em neles que predominam as críticas à Igreja Católica e o ateísmo entre os anarquistas do período analisado não era uma unanimidade.

Os educadores João Penteado e José Oiticica, bem como a livre-pensadora Maria Lacerda de Moura eram espíritas. João Penteado foi colaborador da imprensa espírita, chegando a redator das revistas *Nova Revelação* e *Natalício de Jesus*. Em 1911, João Penteado foi responsável pelo ensino tipográfico da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo, dirigida pela educadora espírita Anália Franco[305].

Em comum, anarquistas e espíritas tinham práticas como a fundação de escolas e a divulgação de suas ideias através da imprensa. Esta postura de alguns libertários pode explicar a presença de livros sobre espiritismo, mediunidade e obras psicografadas.

Segundo Tatiana Calsavara, muitos anarquistas foram leitores de Tolstoi que era cristão e foram influenciados pelas ideias de Gandhi e Krishnamúrti[306]. Havia inclusive a identificação de Jesus Cristo como um revolucionário como em "dois livros que circulavam na época, defendiam essa ideia: Cristo, o maior dos anarquistas de Aníbal Vaz de Melo e Jesus Cristo era anarquista de Everardo Dias"[307].

Uma possível explicação para o interesse de alguns anarquistas pelo espiritismo talvez

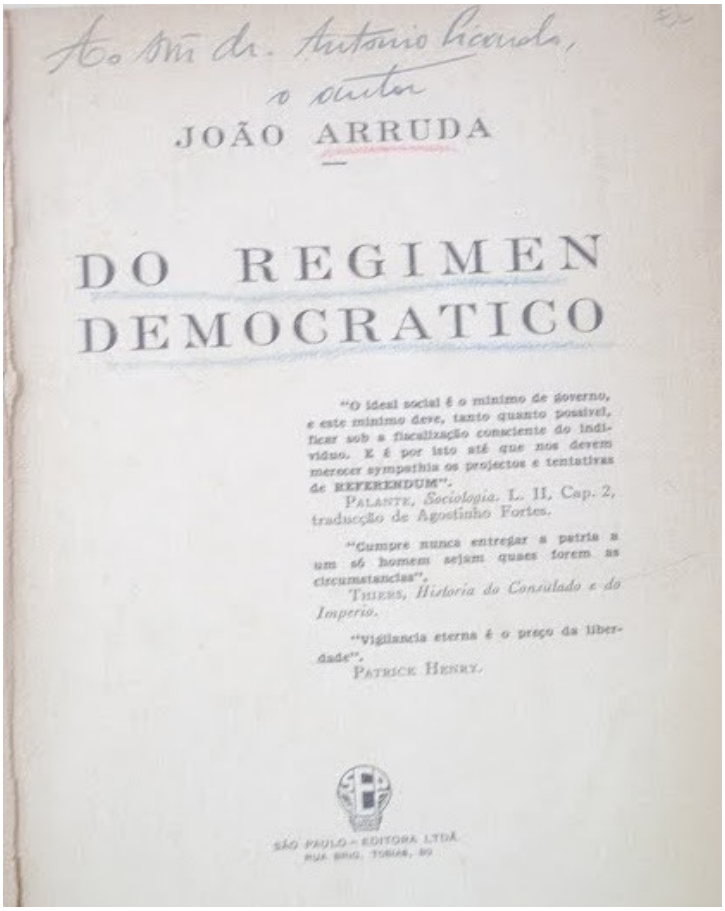
[305] PERES, Fernando Antônio. Entre espíritas, maçons e anarquistas: Anália Franco, João Penteado e a educação em São Paulo na Primeira República. *Horizontes,* v. 29, n. 2, p. 35-46, jul./dez.2011. p. 37.
[306] CALSAVARA, Tatiana da Silva. A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado: estratégias de sobrevivência pós anos 20. 2012. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2012. f. 38.
[307] CALSAVARA, Tatiana da Silva. Op. Cit. f. 38.

seja a ausência de hierarquias e intermediários entre uma divindade e seus adeptos como ocorre na Igreja Católica. Outro elemento que pode ajudar a explicar a adesão de alguns anarquistas ao espiritismo é a ideia do progresso e da evolução, também presentes em outro tema identificado entre os livros do acervo analisado: o positivismo representado em ao menos três obras.

Outro destaque entre os assuntos encontrados foi a literatura, seja em forma de romances, ensaios, crônicas, poesias, peças de teatro, biografias ou autobiografias. Entre os autores caros aos anarquistas destacam-se Pietro Gori, Afonso Schmidt e Emile Zola.

3.5.1 Usos do acervo

Pouco se sabe sobre o uso que era feito, na década de 1930, de livros, jornais, boletins e demais documentos do que hoje constituí o fundo Edgard Leuenroth. No entanto, pode-se afirmar ao menos que este acervo já fez parte da biblioteca do Centro de Cultura Social e que alguns dos livros presentes em sua coleção foram doados por outros militantes anarquistas e também de outras ideologias como o socialista Antônio Piccarolo. Atualmente, os livros que pertenceram a este socialista diferenciam-se no catálogo eletrônico da UNICAMP com a inscrição EL-Piccarolo no campo de notas. Além disso, foram identificadas também etiquetas na lombada dos livros sempre com uma letra seguida de um algarismo romano e de um algarismo arábico que provavelmente era uma forma de localização e organização da biblioteca de Piccarolo. Também nota-se que há em alguns dos livros dedicatórias a diversos militantes. Dos 314 livros selecionados, 50 pertenceram a Antônio Piccarolo, conforme o catálogo da UNICAMP.



Ao snr dr. Antonio Piccarolo,
o autor

JOÃO ARRUDA

DO REGIMEN DEMOCRATICO

"O ideal social é o minimo de governo, e este minimo deve, tanto quanto possivel, ficar sob a fiscalização consciente do individuo. E é por isto até que nos devem merecer sympathia os projectos e tentativas de REFERENDUM".
PALANTE, *Sociologia*. L. II, Cap. 2, traducção de Agostinho Fortes.

"Cumpre nunca entregar a patria a um só homem sejam quaes forem as circumstancias".
THIERS, *Historia do Consulado e do Imperio*.

"vigilancia eterna é o preço da liberdade".
PATRICK HENRY.

SÃO PAULO - EDITORA LTDA.
RUA BRIG. TOBIAS, 80

Figura 17 – Livro Do Regimen democrático com dedicatória do autor a Antônio Piccarolo. AEL/UNICAMP.

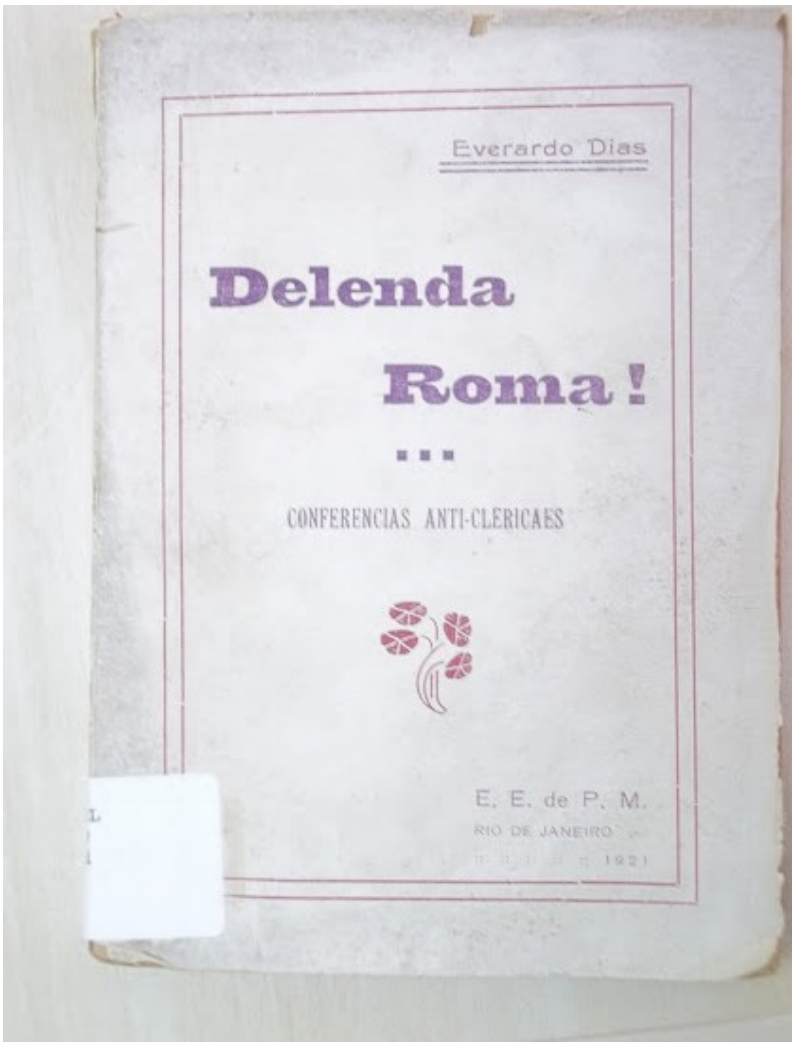
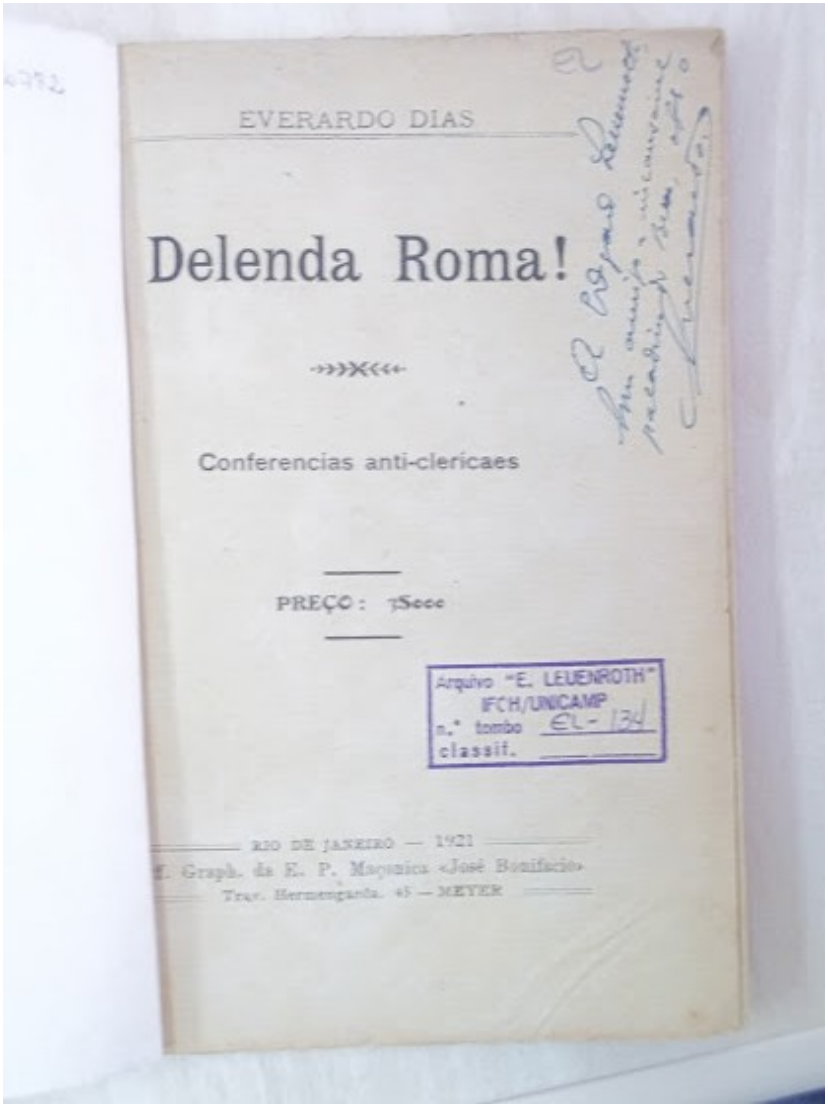


Figura 18 – Capa do livro Delenda Roma de Everardo Dias. Rio de Janeiro: EE de PM, 1921. AEL/UNICAMP.



EVERARDO DIAS

Delenda Roma!

Conferencias anti-clericaes

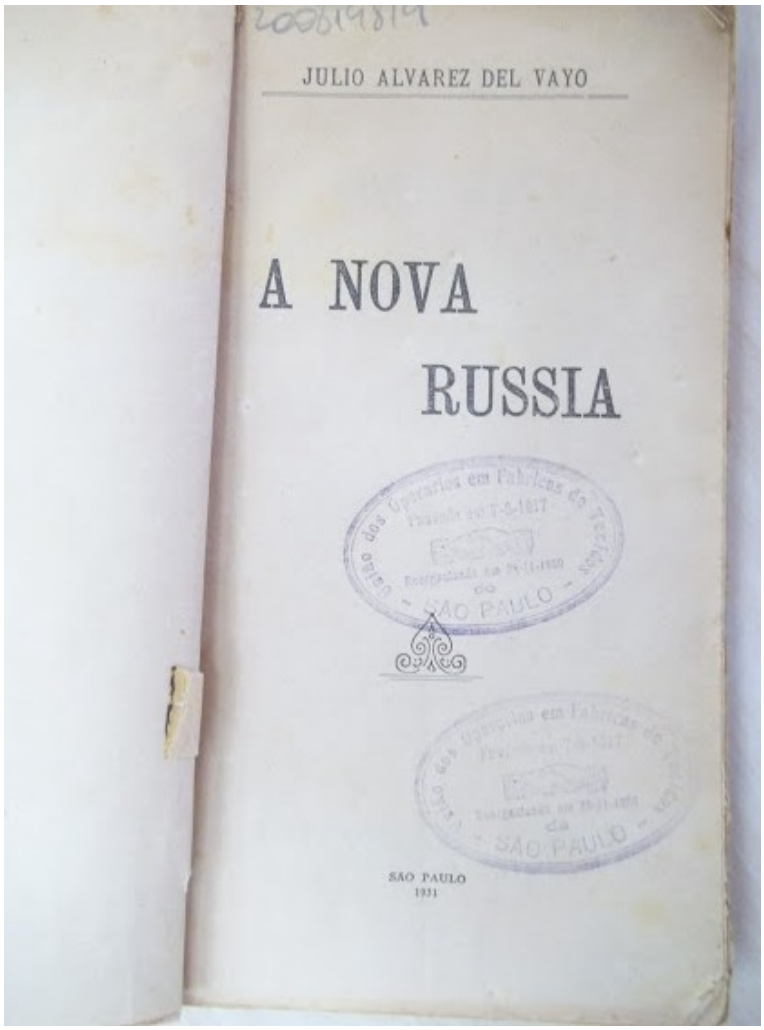
PREÇO: 1$000

Arquivo "E. LEUENROTH"
IFCH/UNICAMP
n.º tombo EL-134
classif.

RIO DE JANEIRO — 1921
Graph. da E. P. Maçonica «José Bonifacio»
Trav. Hermengarda, 45 — MEYER

Figura 19 – Página de rosto do livro Delenda Roma de Everardo Dias. Rio de Janeiro: EE de PM, 1921. Com dedicatória a Edgard Leuenroth. AEL/UNICAMP.

Entre os livros do Fundo Edgard Leuenroth encontram-se também livros com carimbos de outras entidades como a União dos Operários em Fábricas de Tecidos, indicando, o provável intercâmbio de livros entre militantes e associações de trabalhadores.



JULIO ALVAREZ DEL VAYO

A NOVA RUSSIA

SÃO PAULO
1931

Figura 20 – Página de rosto do livro A nova Rússia de Julio Alvarez del Vayo. Com carimbos da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. AEL/UNICAMP.

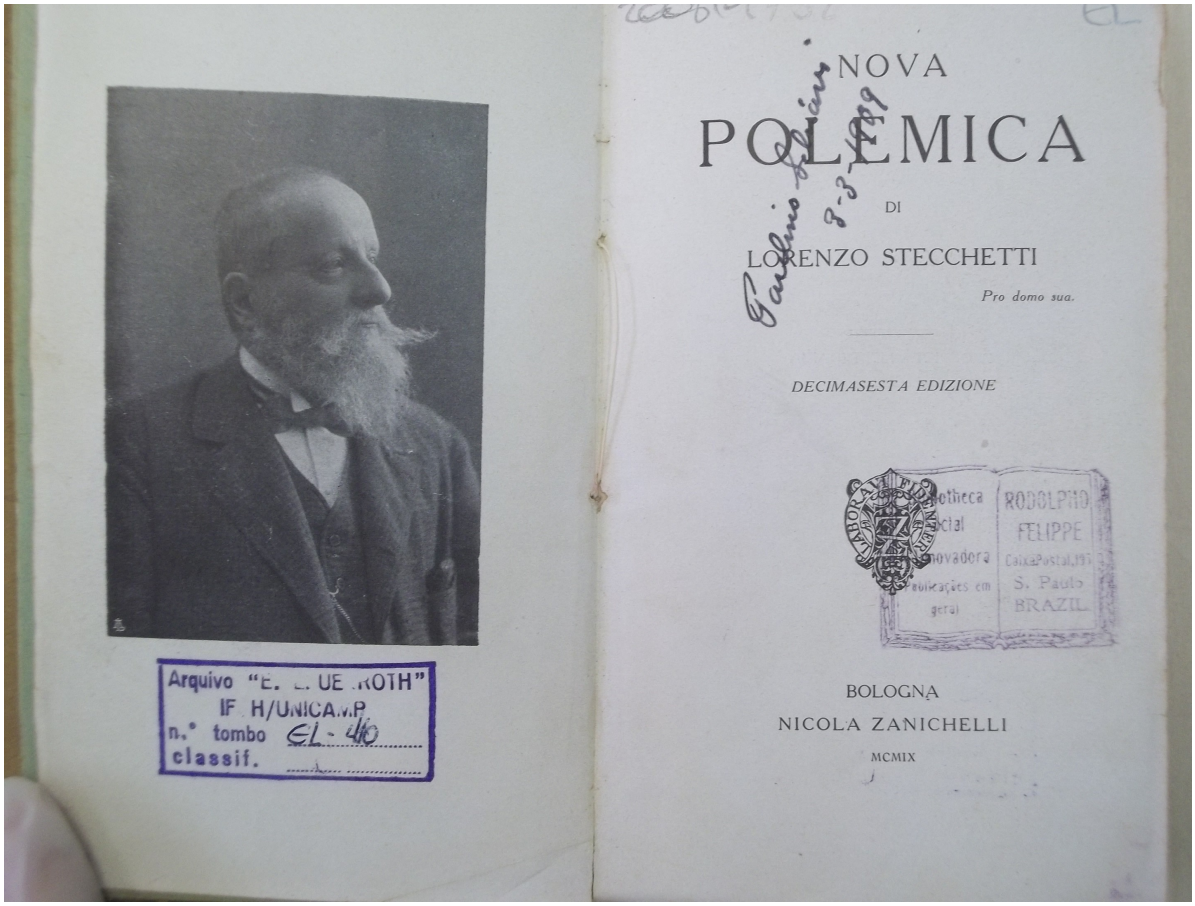


Figura 21 – Página de rosto do livro Nova polêmica, de Lorenzo Stecchetti, Bolonha, 1909. Com carimbo da *Biblioteca Social A Inovadora* e assinatura de Paulino (?). AEL/UNICAMP.

O livro *Nova Polêmica* de Lorenzo Stecchetti apresenta um carimbo da *Biblioteca Social A Inovadora* que funcionava da Ladeira do Carmo, em São Paulo, durante a década de 1920, das 8 às 21h. Organizada por anarquistas, funcionava como gabinete de leitura, realizando empréstimos e venda de livros e jornais[308].

Além disso, havia também obras que eram doadas às redações dos jornais *A Plebe* e *A Lanterna*. Deduz-se que ao serem deixadas aos cuidados dos editores responsáveis por estes jornais, Rodolpho Felippe e Edgard Leuenroth respectivamente, estas obras acabavam muitas vezes sendo agrupadas em um único acervo.

Provavelmente, o objetivo era que os livros enviados à redação dos jornais fossem divulgados na imprensa anarquista. O que de fato acontece em alguns casos como da obra *O catolicismo, partido político estrangeiro* de Carlos Sussekind de Mendonça, editado pela

[308] LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984. p. 28.

Tipografia Batista de Souza, em 1934 e resenhado na coluna *Nossa Estante* em "publicações recebidas" do jornal *A Lanterna*[309]. Também foi o caso da obra *A ilusão capitalista de* Orlando Ferreira que era uma resposta a uma série de artigos publicados no jornal *O Correio da Manhã* sobre o regime comunista na União Soviética[310].

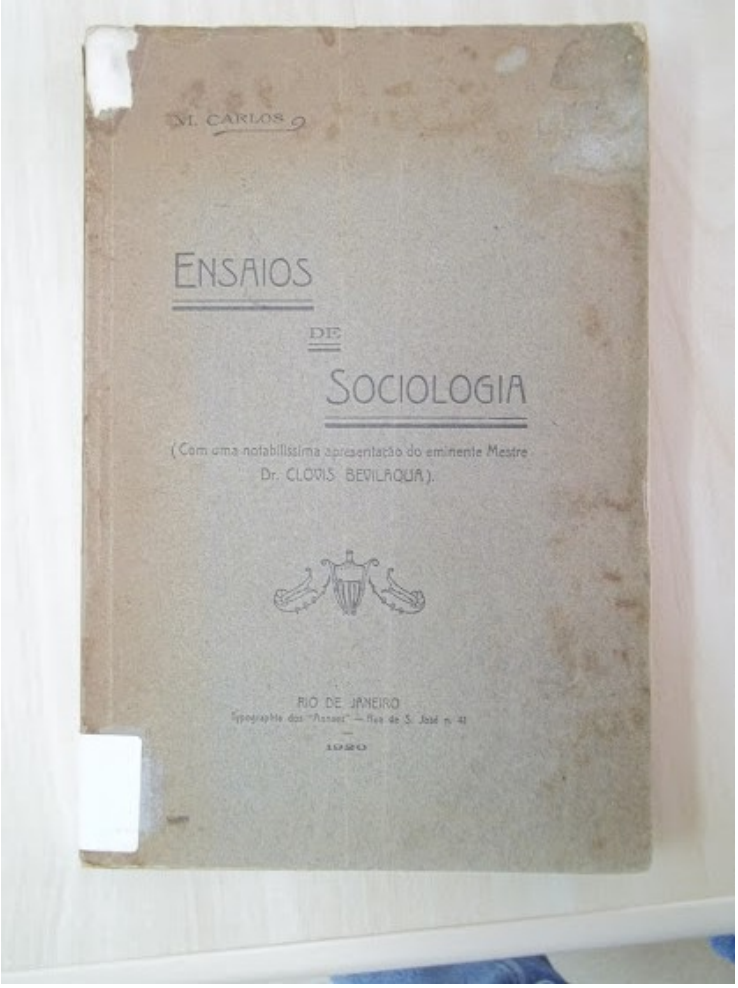
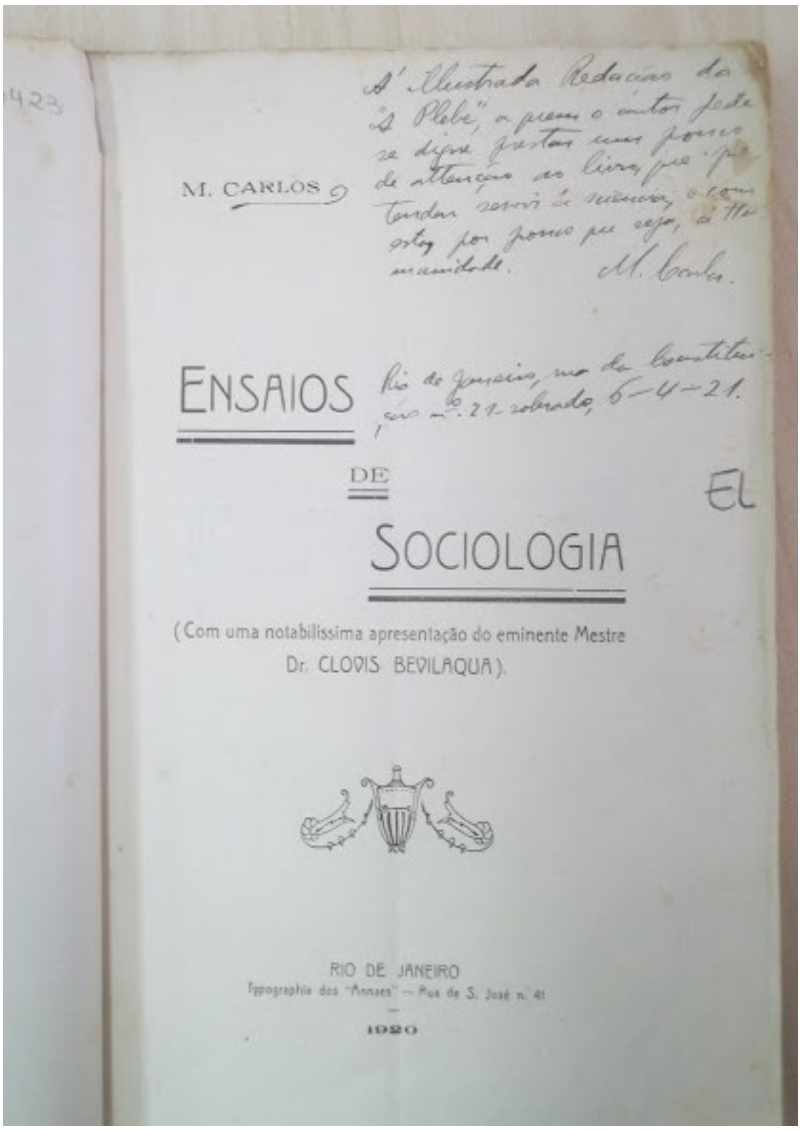


Figura 22 – Capa do livro Ensaios de sociologia de M. Carlos. AEL/UNICAMP.

[309] *A Lanterna*, São Paulo, 07/12/1933.p. 3
[310] *A Lanterna*, São Paulo, 31/08/1933. p. 1.



M. CARLOS

ENSAIOS DE SOCIOLOGIA

(Com uma notabilissima apresentação do eminente Mestre Dr. CLOVIS BEVILAQUA).

RIO DE JANEIRO
Typographia dos "Annaes" — Rua de S. José n. 41

1920

Figura 23 – Página de rosto do livro Ensaios de sociologia de M. Carlos. (À ilustrada Redação da "A Plebe" a quem o autor pede se digne prestar um pouco de atenção ao livro que pretender servir à ciência, à comesta (?), por pouco que seja, à humanidade. Rio de Janeiro, rua da Constituição, n. 21 sobrado, 6-4-21) AEL/UNICAMP.

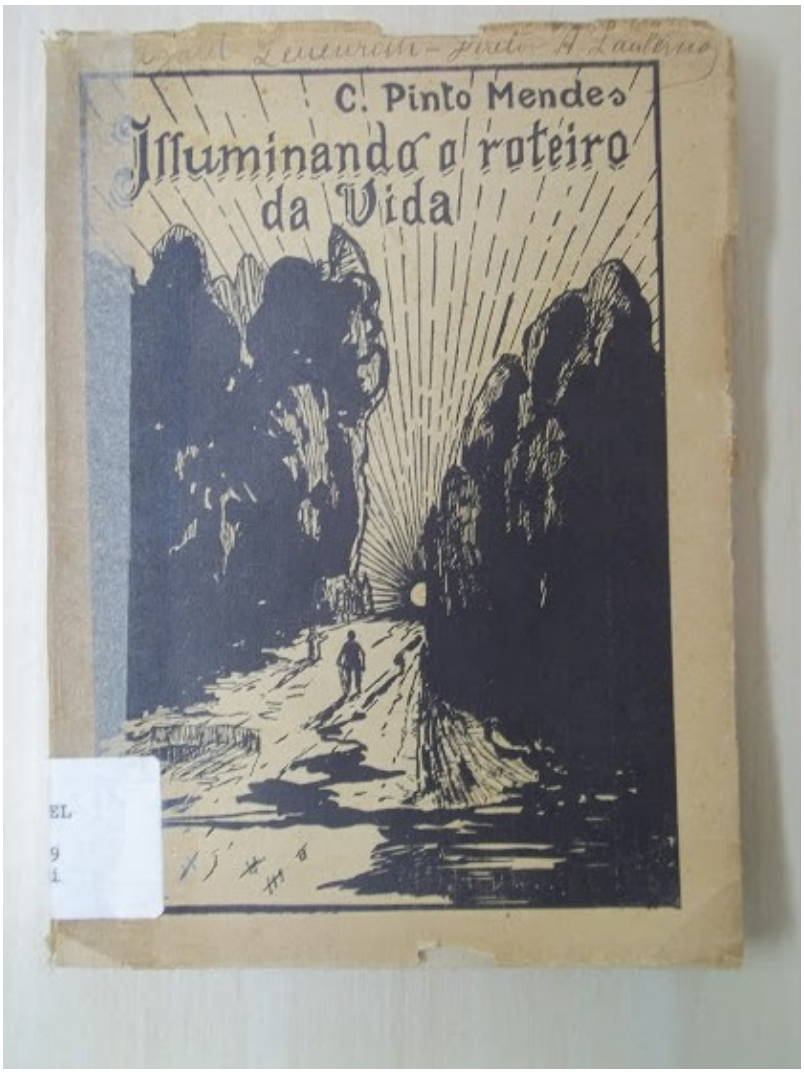


Figura 24 – Capa do livro Iluminando o roteiro da vida de C. Pinto Mendes. AEL/UNICAMP.

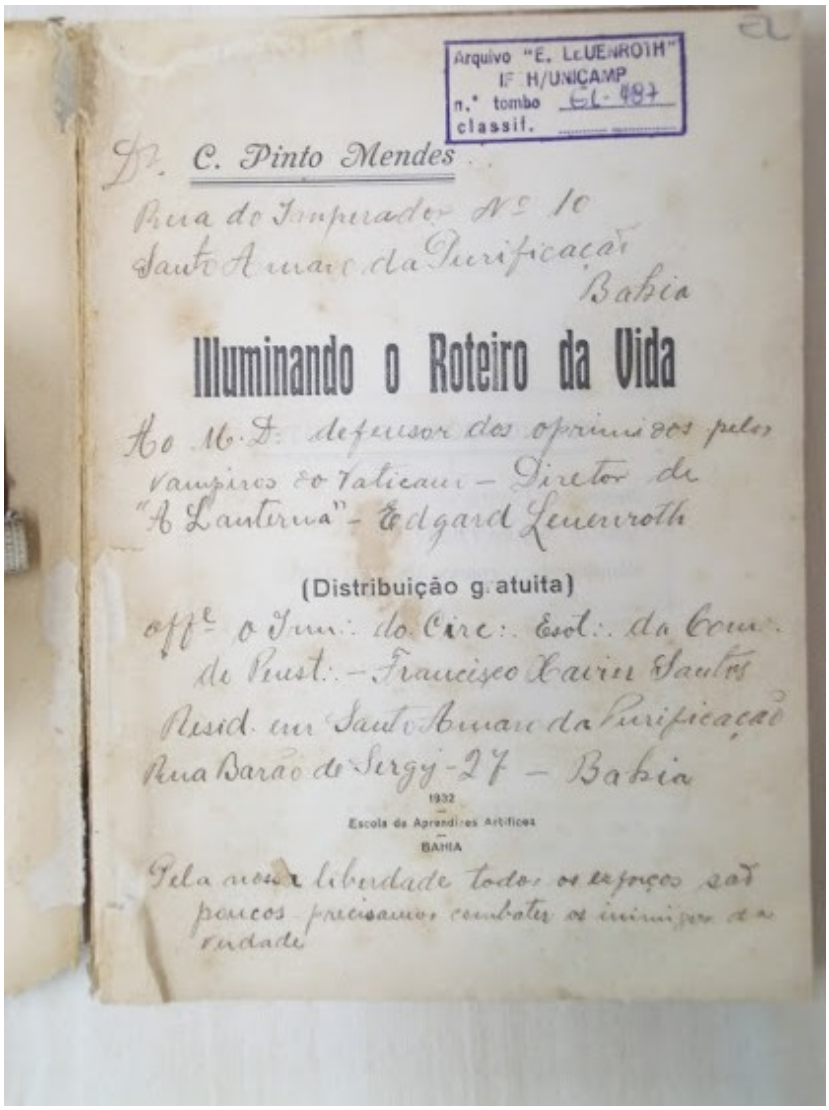


Figura 25 – Página de rosto do livro Iluminando o roteiro da vida de C. Pinto Mendes. (Ao M. D. Defensor dos oprimidos pelos vampiros do Vaticano – Diretor de "A Lanterna" - Edgard Leuenroth . Oferece o irmão do Círculo Exotérico da Comunhão do Pensamento. Frencisco Xavier Santos. Residente em Santo Amaro da Purificação. Rua Barão de Sergy, 27, Bahia. Pela nossa liberdade todos os esforços são poucos, precisamos combater os inimigos da verdade). AEL/UNICAMP.

O acervo pessoal de Edgard Leuenroth confundia-se ao de outros militantes como Rodolpho Felippe conforme percebemos em carta deste anarquista a João Penteado, datada de 30 de junho de 1951. A missiva, transcrita na tese de Tatiana Calsavara, cita o livro *Cristo*: o maior dos anarquistas de Aníbal Vaz de Melo:

> Cristo, de Aníbal – Sim, eu tive esse livro. Deve estar no Centro de Cultura. Havia até uma dedicatória do autor, mas um dos muitos a quem foi dado ler estraçalhou as primeiras páginas. Essa edição era em espanhol. Várias vezes citei esse trabalho em

> conversa com minha mulher e a outras pessoas. A ler a V. carta, a Maria manifestou a vontade de o ler e para isto peço a você este favor de me o mandar emprestado.[311]

Neste trecho da carta, Rodolpho Felippe afirma que o livro já havia pertencido a ele, mas que deveria estar no Centro de Cultura Social, provavelmente junto ao acervo da biblioteca e que já havia sido emprestado a várias outras pessoas. Este episódio remete a uma relação com o livro que diferencia anarquistas de outros grupos, conforme relato do jornal espanhol *El Imparcial*, de 28 de novembro de 1901, citado por Litvak:

> Estos libros, folletos, periódicos, no se leen a la manera de los otros, los burgueses, ni corren igual suerte. El libro burgués, aceptamos la palabreja, una vez leído, pasa a la biblioteca en duende suele dormir tranquilo, hasta que los hijos lo descubren, si se vuelven curiosos al crecer. Pero el lector de la obra anarquista, obrero, por punto general, no tiene biblioteca ni compra libros para sí solo. El firmante de este artículo ha presenciado la lectura de La Conquista del pan en una casa obrera. En un cuarto que alumbraba únicamente una vela, se reunían todas las noches del invierno hasta 14 obreros.[312]

A autora afirma o uso coletivo de livros pelos militantes anarquistas e cita a obra *A conquista do pão* de Kropotkin já mencionado diversas vezes ao longo deste trabalho. Confirmando a hipótese de que era uma obra muito popular entre libertários do final do século XIX e as primeiras décadas do XX, tanto na Espanha quanto no Brasil.

---

[311] CALSAVARA, Tatiana da Silva. A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado: estratégias de sobrevivência pós anos 20. 2012. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2012. f. 178.

[312] LITVAK, op. cit., p. 185.

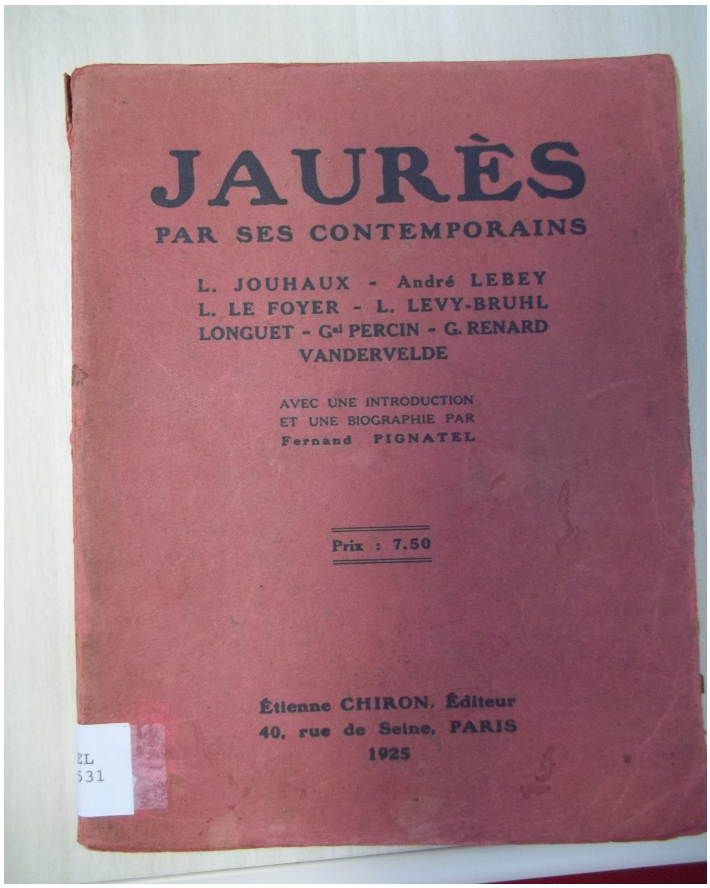


Figura 26 – Capa do livro *Jaurés par ses contemporains* de L. Jouhaux, et al. Paris, 1925. AEL/UNICAMP.

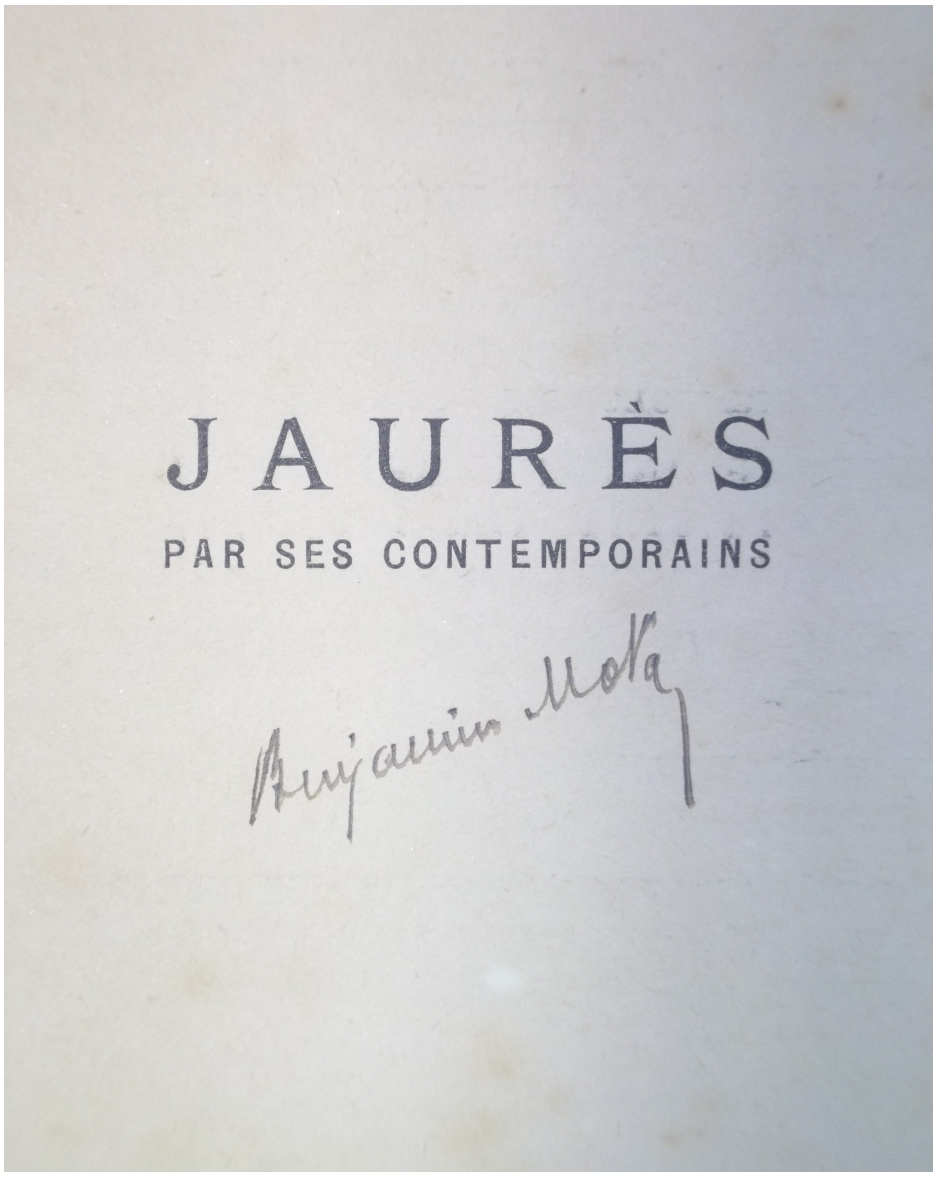


Figura 27 – Folha de rosto do livro *Jaurés par ses contemporains* de L. Jouhaux, et al. Paris, 1925.Com assinatura de Benjamim Mota. AEL/UNICAMP.

O anarquista Benjamim Mota (1870-1940) nasceu em Rio Claro, foi advogado e jornalista. Foi fundador e editor do jornal *A Lanterna* entre 1901 a 1904.

Foram encontrados também fichamentos de leitura que pertenciam, provavelmente a Antônio Piccarolo.

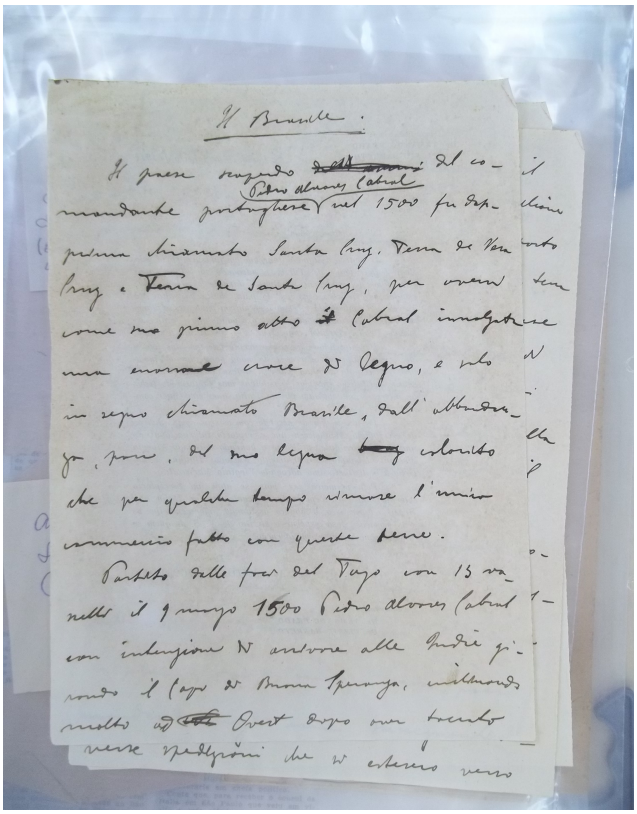
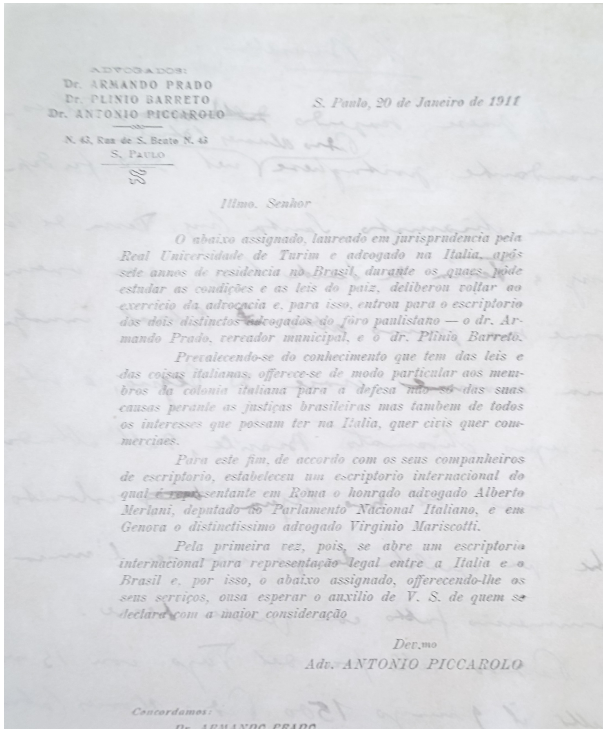


Figura 28 – Fichamento manuscrito em italiano sobre o livro Il Brasile: sue ricchezze naturali, sue industrie. Milano: Fratelli Treves, 1909. (tombo 2060). AEL/UNICAMP



ADVOGADOS:
Dr. ARMANDO PRADO
Dr. PLINIO BARRETO
Dr. ANTONIO PICCAROLO

N. 43, Rua de S. Bento N. 43
S. PAULO

S. Paulo, 20 de Janeiro de 1911

Illmo. Senhor

O abaixo assignado, laureado em jurisprudencia pela Real Universidade de Turim e advogado na Italia, após sete annos de residencia no Brasil, durante os quaes pôde estudar as condições e as leis do paiz, deliberou voltar ao exercicio da advocacia e, para isso, entrou para o escriptorio dos dois distinctos advogados do foro paulistano — o dr. Armando Prado, vereador municipal, e o dr. Plinio Barreto.

Prevalecendo-se do conhecimento que tem das leis e das coisas italianas, offerece-se de modo particular aos membros da colonia italiana para a defesa não só das suas causas perante as justiças brasileiras mas tambem de todos os interesses que possam ter na Italia, quer civis quer commerciaes.

Para este fim, de accordo com os seus companheiros de escriptorio, estabeleceu um escriptorio internacional do qual é representante em Roma o honrado advogado Alberto Merlani, deputado ao Parlamento Nacional Italiano, e em Genova o distinctissimo advogado Virginio Mariscotti.

Pela primeira vez, pois, se abre um escriptorio internacional para representação legal entre a Italia e o Brasil e, por isso, o abaixo assignado, offerecendo-lhe os seus serviços, ousa esperar o auxilio de V. S. de quem se declara com a maior consideração

Dev.mo
Adv. ANTONIO PICCAROLO

Concordamos:

Figura 29- Verso do fichamento. Carta timbrada do escritório de advocacia de Antônio Piccarolo, S. Paulo, 20 de janeiro de 1911. AEL. UNICAMP.

Provavelmente o fichamento do livro foi escrito por Antônio Piccarolo, pois o verso está em uma carta de seu escritório de advocacia.

Antônio Piccarolo nasceu em 1863, em Piemonte, Itália. Cursou direito na Universidade de Turim. Em 1896 publicou sua *tese di laurea in leggi* sobre a abolição da servidão dos camponeses em Piemonte, na Idade Média.

Atuou no Partido Socialista Italiano, para o qual realizou pesquisas sobre as condições dos trabalhadores do campo em Piemonte[313].Foi diretor do jornal socialista *Piacenza Nuova*. Em Turim, foi editor dos jornais *L'Edilízia* e *La Battaglia.* A convite de Alceste de Ambrys[314], Antônio Piccarolo vem para São Paulo em 1904, dirigir o jornal socialista *Avanti!,* no qual atuou até 1905.[315] Em 1906 fundou o jornal *Il Secolo.*

Em São Paulo, Piccarolo trabalhou como jornalista, advogado e docente: foi professor no Instituto Médio Dante Alighieri, na Escola Normal e na Escola Livre de Sociologia e Política. Ministrou aulas de latim, literatura clássica, história, economia e política[316].

Em 1923 fundou o jornal antifascista *La Difesa*, para tanto, Piccarolo, que era maçom desde quando residia na Itália, contou com o apoio da maçonaria. Foi defensor da imigração italiana para o Brasil.

John Foster Dulles afirma que, apesar das divergências políticas, Antônio Piccarolo foi aliado dos anarquistas em muitas ocasiões[317]. Apesar de ter sido um militante socialista, de tendência reformista, de fato, Piccarolo parece ter tido aproximações com os anarquistas, pois, proferiu conferências no Centro de Cultura Social e compartilhou de seus livros com os libertários.

---

[313] HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível*: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988. p. 6-7.

[314] Entre os livros do Fundo AEL há um de autoria de Alceste de Ambrys: Dopo un ventennio di rivoluzione: il corporativismo, publicado em 1935 e, pertenceu anteriormente a Piccarolo.

[315] HECKER, op cit, p. 10.

[316] HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível*: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988. p. 13.

[317]DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900 -1935).* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p. 25.

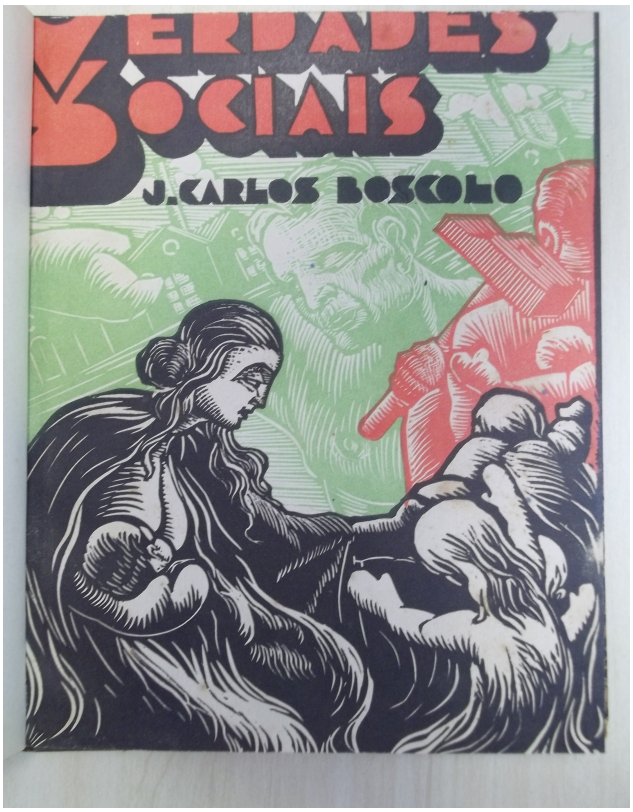


Figura 30 - Capa do livro Verdades Sociais de J. Carlos Boscolo. AEL/UNICAMP

O livro *Verdades sociais* foi publicado pelo Editorial A Sementeira, em 1934. A capa desta obra, original de Luiz Andrioli, foi composta em três cores em linoleogravura, uma técnica semelhante à xilogravura, na qual a imagem é recortada em linóleo e colada em uma base de madeira. Demonstra um provável aumento de preocupação com a estética dos livros anarquistas.

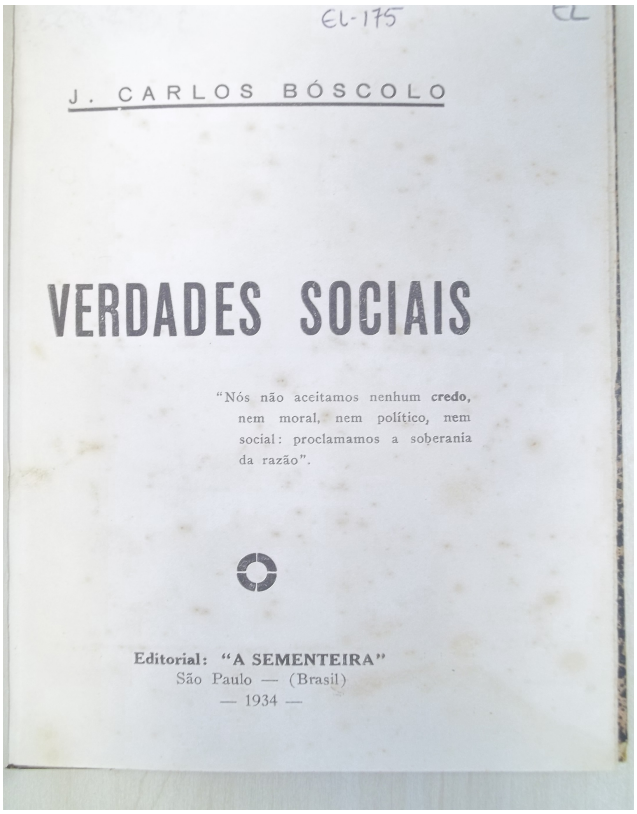
O autor dedicou esta obra às mães proletárias, abordando o tema da exploração de crianças e mulheres nas fábricas. Afirmava que as crianças burguesas podiam ir à escola enquanto as proletárias eram obrigadas a trabalhar desde cedo nas fábricas:

> Na sociedade carcomida do mundo capitalista, os estadistas fecham as escolas para encher as fábricas, despejam os hospitais para abastecer os teares, diminuem os asilos para aumentar a mendicidade, a boca da miséria escancara-se para devorar os 'desligados' e incompatíveis da sociedade[318].

No exemplar do livro que encontra-se no fundo Edgard Leuenroth há uma dedicatória do autor para a libertária Isabel Cerruti que foi educadora e colaborou com a imprensa anarquista.

---

[318] BOSCOLO, Carlos J. *Verdades Sociais*. São Paulo: Editorial A Sementeira, 1934. p. x



EL-175

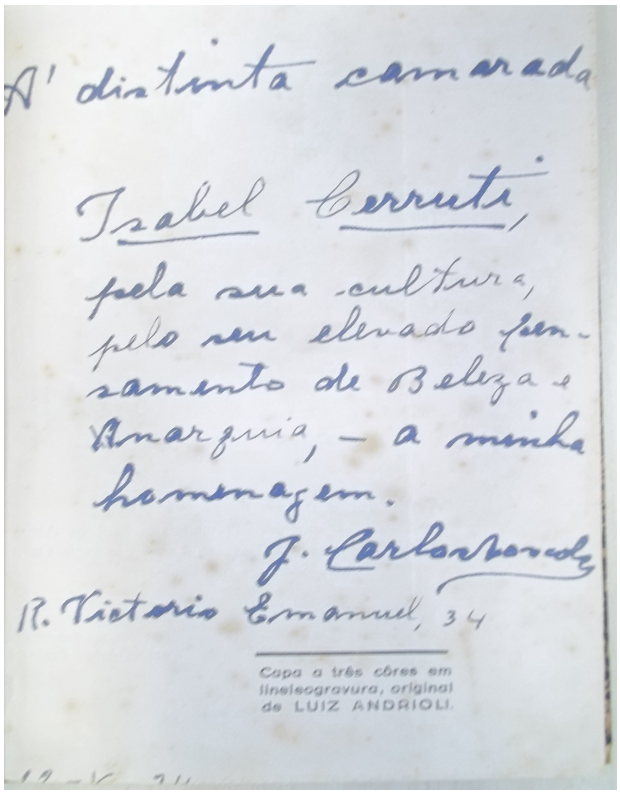
J. CARLOS BÓSCOLO

VERDADES SOCIAIS

"Nós não aceitamos nenhum **credo**, nem moral, nem político, nem social: proclamamos a soberania da razão".

Editorial: "A SEMENTEIRA"
São Paulo — (Brasil)
— 1934 —

Figura 31- Folha de rosto do livro Verdades Sociais de J. Carlos Boscolo. AEL/UNICAMP


A' distinta camarada

Isabel Cerruti,

pela sua cultura,
pelo seu elevado pensamento de Beleza e Anarquia, – a minha homenagem.

J. Carlos Boscolo

R. Victorio Emanuel, 34

Capa a três côres em lineleogravura, original de LUIZ ANDRIOLI.

Figura 32 - Dedicatória de J. Carlos Boscolo à Isabel Cerruti. (À distinta camarada Isabel Cerruti, pela sua cultura, pelo seu elevado pensamento de Beleza e Anarquia – a minha homenagem) livro Verdades Sociais de J. Carlos Boscolo. AEL/UNICAMP.

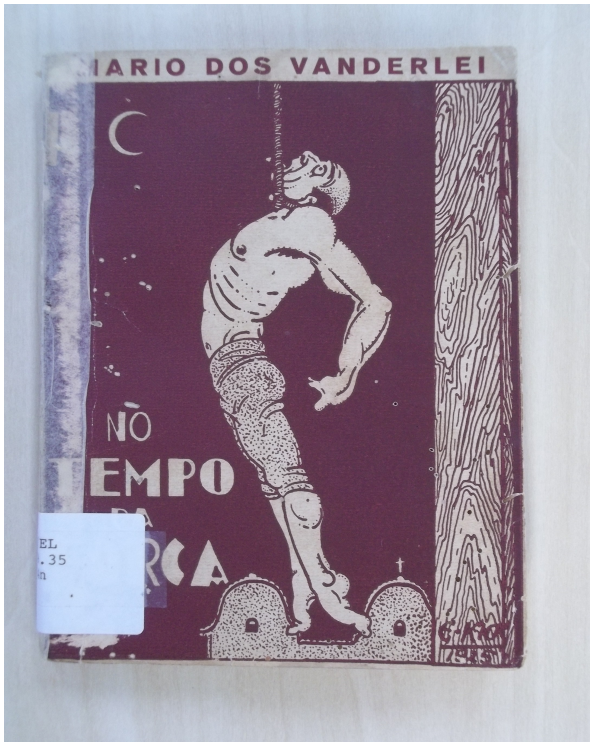
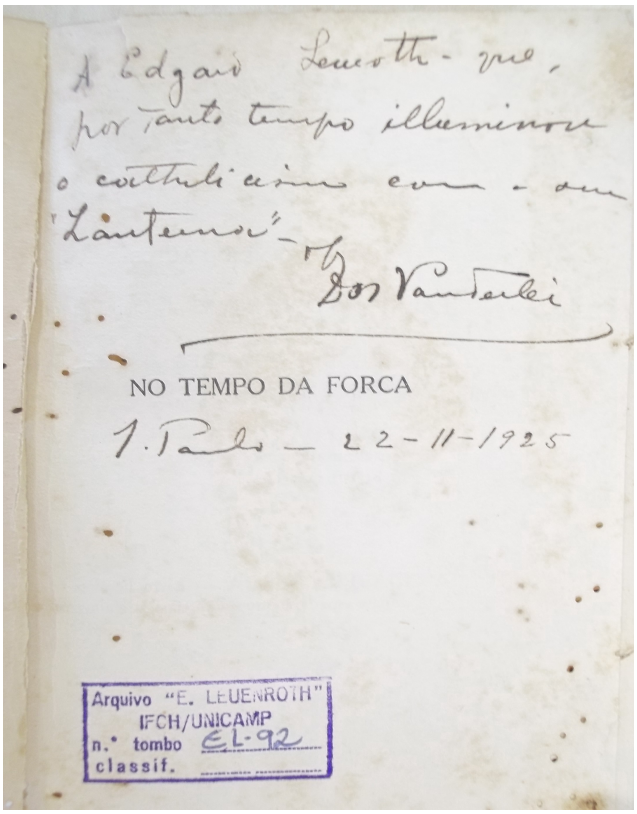


Figura 33 - Capa do livro No tempo da forca, de Mario dos Vanderlei. AEL/UNICAMP


A Edgard Leuenroth - que,
por tanto tempo illuminou
o catholicismo com - a sua
"Lanterna" -
Dos Vanderlei

NO TEMPO DA FORCA

S. Paulo — 22-11-1925

Arquivo "E. LEUENROTH"
IFCH/UNICAMP
n.º tombo EL-92
classif.

Figura 34 - Falsa folha de rosto do livro No tempo da forca, de Mario dos Vanderlei. Com dedicatória do autor a Edgard Leuenroth (Ao Edgard Leuenroth que por tanto tempo iluminou o catolicismo com sua Lanterna, S. Paulo, 22/11/1925) AEL/UNICAMP

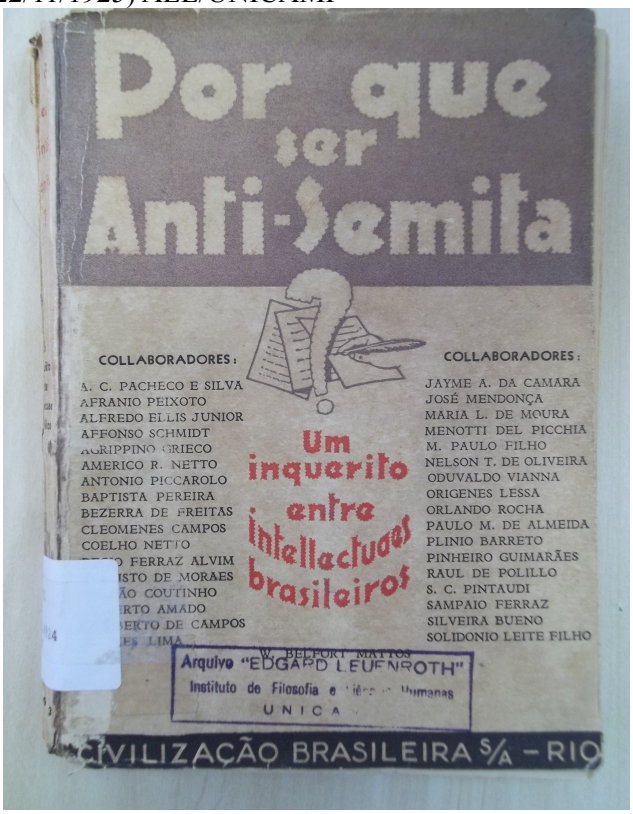
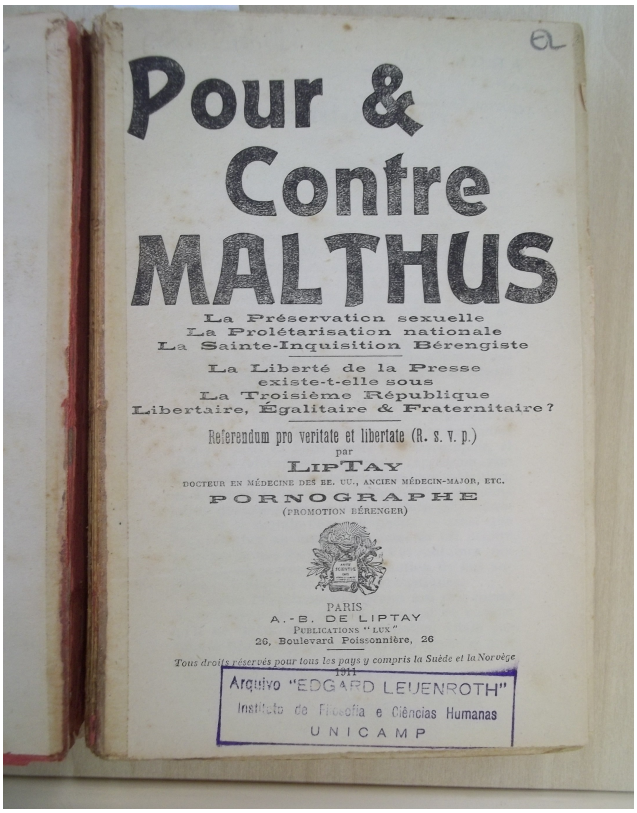


Figura 35 - Capa do livro Por que ser anti-semita? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. AEL. UNICAMP.

Entre os autores deste livro estavam Afonso Schmitd e Maria Lacerda de Moura.



Pour & Contre MALTHUS

La Préservation sexuelle
La Prolétarisation nationale
La Sainte-Inquisition Bérengiste

La Liberté de la Presse
existe-t-elle sous
La Troisième République
Libertaire, Égalitaire & Fraternitaire?

Referendum pro veritate et libertate (R. s. v. p.)

par

LIPTAY

DOCTEUR EN MÉDECINE DES BE. UU., ANCIEN MÉDECIN-MAJOR, ETC.

PORNOGRAPHE

(PROMOTION BÉRENGER)

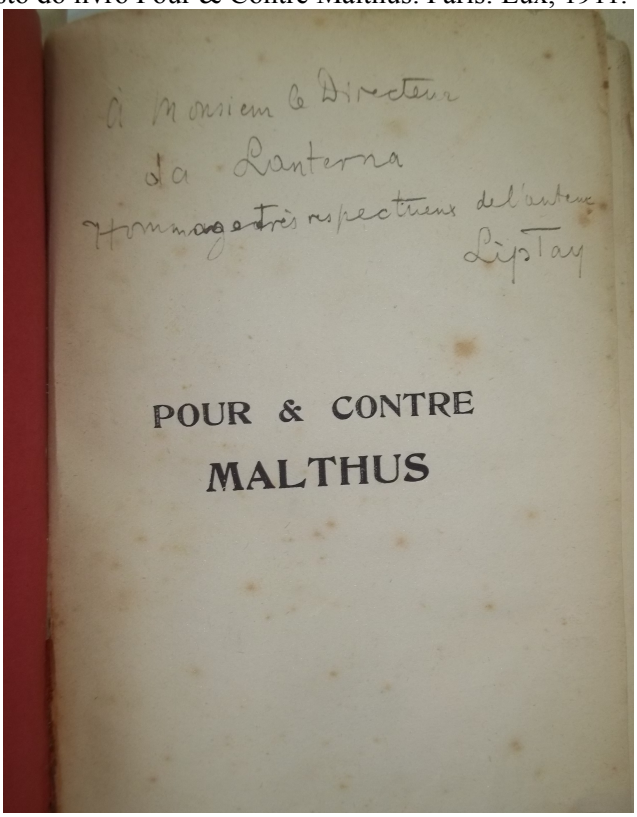
PARIS
A.-B. DE LIPTAY
PUBLICATIONS "LUX"
26, Boulevard Poissonnière, 26

Tous droits réservés pour tous les pays y compris la Suède et la Norvège

1911

Arquivo "EDGARD LEUENROTH"
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
UNICAMP

Figura 36 - Folha de rosto do livro Pour & Contre Malthus. Paris: Lux, 1911. AEL. UNICAMP.



à Monsieur le Directeur
de la Lanterna
Hommage très respectueux de l'auteur
Liptay

POUR & CONTRE
MALTHUS

Figura 37 - Livro Pour & Contre Malthus. Paris: Lux, 1911. Dedicatória do autor ao diretor do jornal *A Lanterna*. AEL. UNICAMP.

A temática do malthusianismo foi cara aos libertários, como Paul Robin e Sebastién Faure. O controle da natalidade seria justificado para conter o avanço das guerras e da miséria.

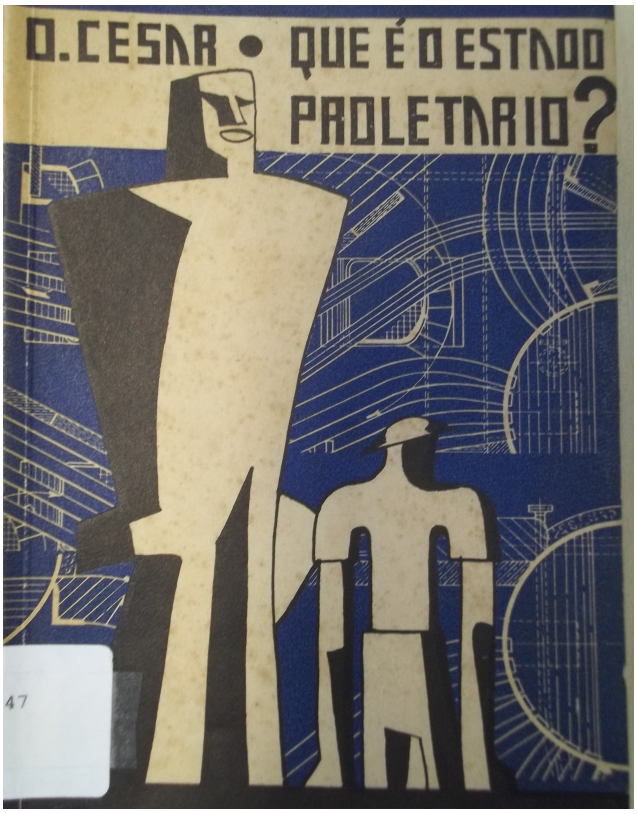


Figura 38 - Capa do livro O que é Estado Proletário?: reflexões sobre a Rússia Soviética, de Osório César. AEL. UNICAMP.

O psiquiatra Osório César chegou a frequentar o Centro de Cultura Social, ao lado de sua então companheira, Tarsila do Amaral. Além de proferir conferências na década de 1940, durante a segunda fase do CCS.

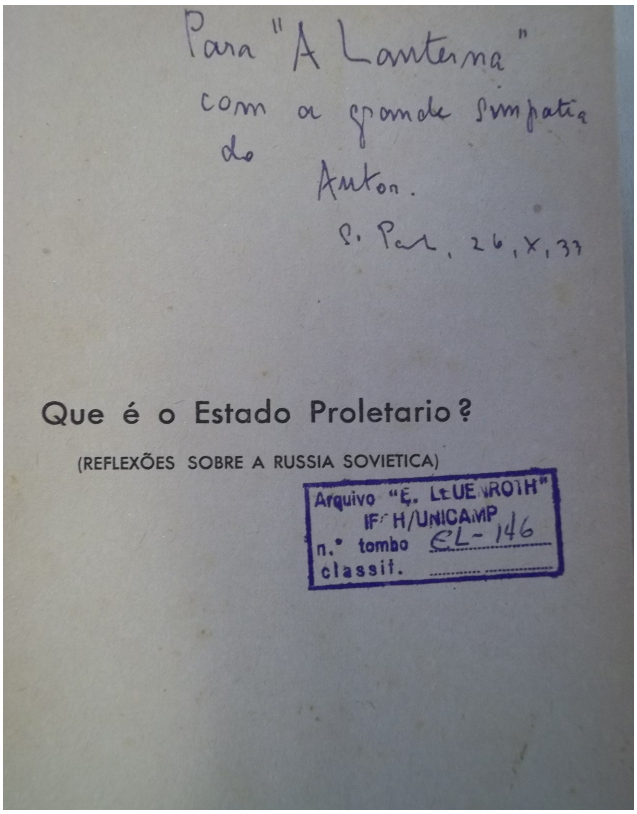


Figura 39 – Folha de rosto do livro O que é Estado Proletário?: reflexões sobre a Rússia Soviética, de Osório César.(Para *A Lanterna* com grande simpatia do autor. São Paulo, 26/10/1933). AEL. UNICAMP

Comparando a lista de livros elaborada a partir do Fundo AEL da UNICAMP e as listas de livros apreendidos percebe-se que alguns autores destacam-se pela frequência com que aparecem. Kropotkin, por exemplo está presente nas três as listas de livros apreendidos encontradas (Italo Benassi, Avelino Fernandes e Benedito Romano) e no fundo AEL. Também estava entre os autores publicados pelo editorial *A Sementeira*.

Malatesta também foi um autor encontrado nas três listas de livros apreendidos e estava entre os publicados pelo *Editorial A Sementeira* e divulgados no jorna *A Plebe*, embora não apareça na lista AEL.

A brasileira Maria Lacerda de Moura estava entre as autoras de obras apreendidas de Italo Benassi e Avelino Fernandes, ela era também divulgada pelo jornal *A Plebe*.

A obra *Alforria final*, de autoria do anarquista Abad de Santillán foi divulgada pelo jornal *A Plebe* e localizada igualmente entre as obras apreendidas de Benedito Romano e na lista AEL.

Sebastien Faure foi autor de diversas obras apreendidas presentes nas listas de Avelino Fernandes e Benedito Romano, além de ser divulgado no jornal *A Plebe*.

Outros autores foram também divulgados pelo jornal *A Plebe* e foram localizado em ao menos uma lista de livros apreendidos ou entre os livros do AEL, como: Bakunin, Proudhon, Rocker, Alvarez del Vayo, Pietro Gori, Carlos Malato, Zola, Gorki, Tolstoi, Florentino de Carvalho, Benjamim Mota, Fábio Luz e Osório César.

Muitas das obras divulgadas pelo jornal *A Plebe*, foram localizados também em listas de materiais apreendidos e /ou entre os livros do fundo AEL, provavelmente, porque os libertários liam este jornal e procuravam seguir suas indicações de leitura. Também é interessante notar que em todas as listas de obras apreendidas há jornais libertários, uma constante entre suas leituras. Provavelmente, além dos jornais, outras influências para a escolha de livros entre os anarquistas foram o círculo de amizades e os centros de cultura, como o CCS através de suas conferências, cursos, peças teatrais, debates e leituras comentadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi refletir sobre a importância da leitura e de suas práticas entre anarquistas atuantes em São Paulo nos anos de 1930. Para traçar este percurso, procurei um perfil de quem eram estes anarquistas, bem como qual era seu contexto de atuação. Uma prática importante neste período foi a formação de centros de cultura, por esta razão foi abordado o histórico do Centro de Cultura Social em sua primeira fase e o perfil de alguns de seus conferencistas e organizadores. Destaquei a luta dos trabalhadores pela redução da jornada de trabalho e o que poderia ser feito no tempo liberado do trabalho.

Kropotkin, um dos autores mais lidos entre os anarquistas do período defendia que as jornadas de trabalho deveriam ser reduzidas e, o tempo liberado poderia ser ocupado com educação dos trabalhadores. Além disso eles poderiam também dedicar-se à ciência e às artes que assim seriam desenvolvidas com maior autonomia.

A grande parte dos anarquistas atuantes no Estado de São Paulo até a década de 1930 era composta de trabalhadores como sapateiros, pequenos comerciantes, operários e outras ocupações. Mesmo com uma origem humilde, o grau de alfabetização entre os libertários era provavelmente maior do que a população de São Paulo em geral, pois entre os anarquistas fichados pelo DEOPS/SP por volta de 79% eram alfabetizados enquanto que em 1940 somente 52,07% dos habitantes do Estado saberiam ler e escrever.

Possivelmente este fato deve-se à convicção dos libertários no papel crucial da educação para a formação de um homem novo para uma nova sociedade. Com este objetivo foram fundadas diversas instituições de ensino, inspiradas na Escola Moderna de Barcelona. Para os anarquistas, além das escolas, outros espaços, como associações de classe, ateneus e centros de cultura poderiam também ser locais de aprendizado. Outra prática característica dos libertários do período estudado foi o autodidatismo. Considerando a dificuldade de acesso a um ensino formal em uma escola regular ou mesmo a manutenção das escolas modernas com a escassez de recursos e as pressões do Estado, o autodidatismo poderia ser uma alternativa para a educação de jovens e adultos. Os centros de cultura e ateneus muitas vezes serviram de mediadores para a prática do autodidatismo, pois eram locais de aprendizado, discussão de ideias, além de contarem também com acervos de bibliotecas.

Sabemos que a leitura de livros e jornais ocupava um papel de destaque entre as práticas pelos anarquistas em seu tempo livre, mas estão também relacionadas atividades que

despertavam o interesse pela leitura como conferências, encenações teatrais e piqueniques.

Para compreender melhor as práticas de leitura, a publicação e a circulação de livros libertários foi elaborada uma lista com as obras presentes no Fundo Edgard Leuenroth, publicadas até 1937. A partir desta lista foi possível refletir sobre questões como os autores, temáticas e idiomas que aparecem com maior frequência.

Entre os temas que aparecem na seleção de livros há sim autores e teorias anarquistas, mas também assuntos diversificados como sociologia, história, ciências políticas e religião. Chama a atenção o número de obras de literatura passando pelo romance, poesia, crônicas e peças de teatro que eram, às vezes, usados como ferramentas para entender a realidade social. Há obras e autores de diversas tendências ideológicas e políticas como Trotsky, Mussolini e Gustavo Barroso. Aos anarquistas, provavelmente, interessava conhecer os mecanismos comunistas, fascistas e integralistas por seus intérpretes e mesmo por seus autores.

Entre os temas foram encontrados o anticlericalismo, prática corriqueira entre os libertários, mas também livros sobre agnosticismo e espiritismo, teorias que encontravam adeptos em alguns anarquistas.

Os idiomas mais frequentes entre as obras foram o português, o italiano e o espanhol que estavam entre as línguas dos principais grupos de imigrantes presentes na população da cidade de São Paulo no período. Notou-se que se publicava ainda na década de 1930, em italiano e espanhol em São Paulo, porém o português aumentava sua presença através das publicações brasileiras e das edições portuguesas.

Adquirir livros e opúsculos anarquistas não era tarefa fácil, pois além das dificuldades financeiras para a publicação, eram poucas as livrarias que os vendiam. Muitos livros foram publicados e distribuídos por jornais anarquistas no Brasil e também em outros países. Em cidades do interior do Estado de São Paulo havia militantes que exerciam o papel de livreiros, revendendo jornais e livros em suas cidades. Estes intermediários estavam sujeitos a terem seu material apreendido pelo DEOPS/SP, como se verificou através dos relatórios de investigação da polícia política. Alguns militantes também tiveram suas bibliotecas pessoais confiscadas pelo DEOPS/SP. Nem mesmo leituras em locais públicos escaparam do olhar vigilante dos investigadores.

O acesso a livros e jornais anarquistas era possível também em bibliotecas populares de centros de cultura, ateneus, escolas, sindicatos e associações de trabalhadores. Nestes espaços eram feitas leituras comentadas e realizados cursos de alfabetização, incentivando o

autodidatismo e as práticas de leitura. Através destes acervos puderam circular entre um número ampliado de militantes, livros e jornais que eram doados pelos próprios anarquistas. Devido a este tipo de formação de acervo e também por seu uso coletivo entre os libertários, muitas vezes era difícil saber a quem de fato pertenciam estas bibliotecas.

Entre os livros do Fundo Edgard Leuenroth, por exemplo, foram encontradas diversas marcas de uso como anotações e carimbos que testemunham diferentes origens. Havia dedicatórias a militantes como o próprio Edgard Leuenroth, Isabel Cerruti, Antônio Piccarolo e assinaturas de Benjamim Mota. Em algumas obras havia dedicatórias dos autores para a redação dos jornais *A Lanterna* e *A Plebe.* Estes livros eram enviados com o objetivo de serem divulgados pela imprensa anarquista, o que de fato muitas vezes acontecia. Foram encontrados também carimbos de outras instituições como A Biblioteca Social a Inovadora e da União dos Operários em Fábricas de Tecidos. Estas anotações indicam uma provável formação coletiva do acervo que pertenceu ao Centro de Cultura Social.

Nos anos que sucederam a venda do acervo composto de livros, jornais e outros documentos de Edgard Leuenroth por sua família à UNICAMP houve polêmica entre militantes anarquistas.

O historiador Edgar Rodrigues afirmava que o acervo sob a guarda de Edgard Leuenroth havia sido composto de publicações enviadas à redação de jornais, livros doados por militantes presos e expulsos do Brasil. Além disso, Edgard Leuenroth teria também feito um testamento no qual deixaria este acervo sob a guarda de Edgar Rodrigues, Pedro Catallo, Ideal Peres, Aristides Lobo e Hermínio Sachetta[319]. Por esta razão, muitos militantes anarquistas na época, inclusive o próprio Rodrigues foram contrários à venda para a UNICAMP.

Atualmente alguns anarquistas[320] julgam que foi melhor para o acervo do Centro de Cultura Social ter sido vendido para a UNICAMP. Desta forma, os documentos puderam ser preservados, organizados e disponibilizados aos pesquisadores. Livros, jornais e outros documentos puderam sobreviver à ditadura militar. Além disso, novas gerações de pesquisadores puderam ter acesso a estes documentos, produzindo mais estudos sobre anarquismo e anarquistas.

---

[319] RODRIGUES, Edgar. Lembranças incompletas. Guarujá: 2007. p. 107.

[320] Baseado em conversas informais e comentários após apresentações realizadas no Centro de Cultura Social durante o ano de 2013.

REFERÊNCIAS

ABAD DE SANTILLÁN, Diego. *Organismo econômico da revolução*: a autogestão na revolução espanhola. São Paulo: Brasiliense, 1980.

ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

AHAGON, Vitor; SILVA, Rodrigo Rosa da. Adelino de Pinho: traços biográficos e o pensamento de um educador anarquista. In: PINHO, Adelino Tavares de. Pela educação e pelo trabalho e outros escritos. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2012.

AVELINO, Nildo. *Anarquistas*: ética e antologia de existências. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

AZEVEDO, Raquel. *A resistência anarquista*: uma questão de identidade.(1927-1937). São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa Oficial, 2002.

BAENINGER, Rosana; BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. São Paulo: transição demográfica e migrações. IN: ODÁLIA, Nilo; CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *História do Estado de São Paulo*: formação da unidade paulista. Vol.2 República.

BANDEIRA, Suelena Pinto. *O mestre dos livros*: Rubens Borba de Moraes. Brasília: Brinquet de Lemos Livros, 2007.

BARRANCOS, Dora. As leituras comentadas: um dispositivo para a formação da consciência contestatória entre 1914 e 1930. *Cadernos AEL – Anarquismo e Anarquistas*, n. 8/9, 1998, p. 151-161.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 5. ed. São Paulo: IMESP, 2004. v.1.

Boletim da Escola Moderna, ano 1, n.2. São Paulo, 18/03/1918. <http://www.delphos.biblioteca.unesp.br> [consultado em 07/07/2013]

BOSCOLO, Carlos J. *Verdades Sociais*. São Paulo: Editorial A Sementeira, 1934.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo; Edusp, 1987.

CABRAL, Michelle Nascimento. *Teatro anarquista, futebol e propaganda*: tensões e contradições no âmbito do lazer. 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro. 2008.

CALSAVARA, Tatiana da Silva. A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteado: estratégias de sobrevivência pós anos 20. 2012. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2012.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *O que é lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMPOS, Cristina Hebling. *O Sonhar libertário:* o movimento operário nos anos de 1917 a 1921. Campinas: Pontes, 1988.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (orgs.). *A imprensa confiscada pelo DEOPS (1924-1954)*. São Paulo: Ateliê/IMESP, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Inesquecíveis graças a Zélia. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. São Paulo, ano 8, n. 95, p. 28-31, ago. 2013.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas*: o Deops e as minorias silenciadas. São Paulo: Estação Liberdade : Arquivo do Estado, 1997.

CARONE, Edgard, *A República Nova* (1930-1937), São Paulo: Difel, 1974.

Carta de A Neblind a Émile Armand. Barcelona, 12 de agosto de 1937 (manuscrita). Apud LEITE, Miriam Lifchitz Moreira Leite. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

CATALLO, Pedro. Subsídios sobre a história do movimento social no Brasil. *Verve*, São Paulo, n. 11, 2007, p. 11- 48.

CESTARI, Larissa Raele; CHAGAS, Paula. Edgard Leuenroth. *Rebeldes brasileiros.* Coleções Caros Amigos, fascículo 7.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros*: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia de Bolso, 2010.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas*: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DEL ROIO, José Luiz. *A história de um dia*: 1º de Maio. São Paulo: Ícone, 1998.

DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900 -1935).* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

Enciclopédia Itaú Cultural. Artes Visuais. http://www.itaucultural.org.br/Acessado em 20 set. 2013.
Estatuto do Centro de Cultura Social. <http://www.ccssp.org/atividades/atividades1.php> Acessado em 10 de maio de 2007.

FAURE, Sebastien. Enciclopédia anarquista. México: Tierra y Libertad, [1972]. Tomo 1.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social* (1890-1920). São Paulo: Difel, 1976.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 6.ed. São Paulo: EDUSP, 1999.

FILHO, Cantinho. Gabinete de Investigações (esboço histórico) 1909-1927. Apud. MARTINS, Marcelo Thadeu Quintanilha. "Policiais habilitados não se improvisam": a modernização da polícia paulista na Primeira República (1889-1930). *Revista de História*,

São Paulo, n. 164, jan./jun. 2011.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

FRIEDMANN, Georges. *7 Estudos sobre o homem e a técnica*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Resgate de arquivos: o caso Edgard Leuenroth. *Cadernos AEL*, Campinas, v. 17, n. 29, p. 17-27., set., 2010.

GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas*: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GERALDO, Endrica. Práticas libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo (1933-1935 e 1947-1951). *Cardernos AEL*, Campinas, 8/9, p. 165-192, 1998.

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. *A bibliografia libertária*: um século de anarquismo em língua portuguesa. São Paulo: Imaginário, 1999.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!* Memória operária, cultura literatura no Brasil. 3.ed. São Paulo: Unesp, 2002.

HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível*: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

História do anarquismo. São Paulo: Faísca/Imaginário, 2008.

IBGE. *Recenseamento Geral do Brasil* (1 de setembro de 1940). Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1950. v.2 (Censo Demográfico: população e habitação). http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/65/cd_1940_v2_br.pdf Acesso em 01/06/2013.

KROPOTKIN, Piotr. *A conquista do pão*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.

LAFARGUE, Paul. O direito ao ócio. In: DE MASI, Domenico.(org.) *A economia do ócio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira Leite. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.

LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo*: roteiro da libertação social. São Paulo: CCS; Rio de Janeiro, Achiamé, [2007].

LITVAK, Lily. *Musa libertária*: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913). Barcelona: Antoni Bosch, 1981.

LUIZETTO, Flávio, O Movimento Anarquista em São Paulo: a experiência da Escola Moderna nº1 (1912-1919), *Revista Educação e Sociedade*, São Paulo, n. 24, p. 18-47, ago., 1986.

LUIZETTO, Flávio. Cultura e educação libertária no Brasil no início do século XX. *Revista Educação e Sociedade*, São Paulo, n. 12, set., 1982.

LYONS, Martyn. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. IN: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999. v2

MACHADO, Cassiano Elek. E o fogo levou... documentos revelam queima de livros pelo DEOPS. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 30 de dezembro de 2003.

MALATESTA, Errico. Republlicanesimo sociale e anarchismo, Umanità Nova, n. 100, Roma, 1922, in Scritti, Ginevra, 1936, vol. II.

MALATESTA, Errico. Sindicalismo: a crítica de um anarquista. In: Woodcock, George. *Grandes escritos anarquistas*. São Paulo: L&PM, 1981.

MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro* (1890-1920). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARTINS, Marcelo Thadeu Quintanilha. "Policiais habilitados não se improvisam": a modernização da polícia paulista na Primeira República (1889-1930). *Revista de História*, São Paulo, n. 164, p. 243-269, jan./jun. 2011.

MENESES TELLO, Felipe. Universidades, bibliotecas, imprentas y cárceles: espacios de educación, lectura y obra teórica del intelectual revolucionario del proletariado. *Crítica bibliotecológica*, v.2 n.2 y v.3 n.1, jul. 2009, jul. 2010.

MILANESI, Luís. *A casa da invenção*: Biblioteca e Centro de Cultura. 4.ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

MONTEBELLO, Natalia. A mulher mais perigosa da América.... *Verve*, n. 12, out., 2007. p. 116-128.

MORALES, Felipe. Palestra. O amigo do povo, ano I, n. 18, 03/01/1903. IN: PRADO, Antonio Arnoni; HARDMAN, Francisco Foot; LEAL, Cláudia Feierabend Baeta. *Contos anarquistas*: temas & textos da prosa libertária no Brasil (1890-1935). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

NASCIMENTO, Rogério. *Florentino de Carvalho*: pensamento social de um anarquista. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

O Tesouro da Enciclopédia Britânica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

OITICICA, José. Uma obra de Sebastião Faure prefaciada por José Oiticica. *A Plebe*, São Paulo, 09, set., 1934.

ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*: a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PARRA, Lucia Silva. *Combates pela liberdade*: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945). São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa Oficial, 2003.

PERES, Fernando Antônio. Entre espíritas, maçons e anarquistas: Anália Franco, João Penteado e a educação em São Paulo na Primeira República. *Horizontes,* v. 29, n. 2, p. 35-46, jul./dez.2011.

PINHO, Adelino Tavares de. Quem não trabalha não come. IN: PINHO, Adelino Tavares de. *Pela educação e pelo trabalho e outros escritos*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2012.

PRADO JÚNIOR, Caio. *A cidade de São Paulo*: geografia e história. 2. ed. São Paulo: Brasilense, 1989.

PRADO, Antonio Arnoni; HARDMAN, Francisco Foot; LEAL, Cláudia Feierabend Baeta (orgs.). *Contos anarquistas*: temas & textos da prosa libertária no Brasil (1890-1935). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

QUIROGA, Nicolás. *Prácticas políticas y cambio cultural*: anarquistas autodidactas hacia mediados de 1940. Estudos Ibero-americanos, v. 30, n.1, jun. 2004. p. 139-160.

RAGO, Maragareth. *Do cabaré ao lar:* a utopia da cidade disciplinar: Brasil (1890-1930). 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade*: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo. São Paulo: UNESP, 2001.

RESZLER, André. *La estética anarquista*. Buenos Aires: Libros de la Araucária, 2005.

RODRIGUES, Edgar. *Lembranças incompletas*. Guarujá: Opúsculo Libertário, 2007.

RODRIGUES, Edgar. *Novos rumos*: história do movimento operário e das lutas sociais no Brasil (1922-1946). Rio de Janeiro: Mundo Livre, s/d.

RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros*. Rio de Janeiro: VJR, 1994. 5 vol.

RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros*. Rio de Janeiro: VRJ, 1995. 2 v.

ROMANI, Carlo. Da biblioteca à escola moderna: breve história da ciência e da educação libertária na América do Sul. *Educação Libertária*, São Paulo, n.1, 3. quadrimestre, 2006.

ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori*: uma aventura anarquista. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

RUSSELL, Bertrand. O elogio ao ócio. IN: DE MASI, Domenico.(org.) *A economia do ócio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

SALÃO das Classes Laboriosas. Histórico. <http://www.classeslaboriosas.com.br/> , c2010 . Acessado em 15/03/2011.

SAMIS, Alexandre. *Clevelândia*: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil. São Paulo: Imaginário/Achiamé, 2002.

SAMIS, Alexandre. *Pavilhão negro sobre pátria oliva*: sindicalismo e anarquismo no Brasil. IN: *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004. p. 125-189.

SCHAPOCHNICK, Nelson. Ronda Paulistana. IN: FLOREAL, Sylvio. *Ronda da meia-noite*. São Paulo: Boitempo, 2002.

SEIXAS, Jacy. Mémoire et oubli. Paris: Éditions de La Maison des Sciences de l'Homme, 1992, p. 95. Apud ROMANI, Carlo. Da biblioteca à escola moderna: breve história da ciência e da educação libertária na América do Sul. *Educação Libertária*, São Paulo, n.1, 3. quadrimestre, 2006.

SILVA , Dóris Accioly e. Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. *Educ. & Soc.*, Campinas, v.32, n. 114, p. 87-102, jan./mar. 2011.

SILVA, Rodrigo Rosa da. *Imprimindo a resistência*: a imprensa anarquista e a repressão política em São Paulo 1930-1945. Campinas, 2005. 188 f. Dissertação, Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

SORA, Gustavo Alejandro. *Brasilianas*: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Edusp, 2010.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.

TRAGTEMBERG, Maurício. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. *Educ. & Soc.*, Campinas, v.1, n.1, p. 17-49, 1978.

UEHARA, Luíza. A presença de La Ruche: experiências anarquistas. *Verve*, São Paulo, n. 18, p. 93-107, 2010.

USCÁTEGUI, Rafael. Los anarquistas del sur tienen una arma: las bibliotecas. *Correo Bibliopolitico*, n. 369, 23/04/2009.

VALLADARES, Eduardo. A educação anarquista na República Velha. *Verve*, São Paulo, n. 7, p. 153-177, 2005.

VALVERDE, Antônio José Romera. Socialismo libertário, educação e autodidatismo: entrevista-depoimento de Jaime Cubero. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 393-408, maio/ago. 2007.

VALVERDE, Antônio José Romera. *Pedagogia libertária e autodidatismo*. 1996. 321 f. Tese (Doutorado em Educação). - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

VASCO, Neno. Os parasitas. *A Plebe*, ano III, n. 86, 13/04/1935. IN: PRADO, Antonio Arnoni; HARDMAN, Francisco Foot; LEAL, Cláudia Feierabend Baeta. *Contos anarquistas*: temas & textos da prosa libertária no Brasil (1890-1935). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WILLIAMS, Raymomnd. *Palavras-chave*: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 2002. v. 2.

DOCUMENTAÇÃO

Prontuários DEOPS/SP / Arquivo do Estado de São Paulo

02. Abílio José das Neves.
04. Adelino Tavares de Pinho.
59. Pedro Burba.
122. Edgard Leuenroth
144. Florentino de Carvalho.
147. Francisco Arouca.
188 Hermínio Marcos Hernandez
198. Ítalo Benassi.
327. Maria Alles.
377. Pedro Catallo.
400. Rodolpho Felippe
581. Delegacia Regional de Polícia de Jundiaí, vol. 1.
625. Francisco Cianci
716. Federação Operária de São Paulo, v.3.
857. Maria Lacerda de Moura
1020. Ângelo Lasheras ou Las Heras
1262. Benedito Romano, 2 v.
1465. Alfredo Chaves Alonso
1585. Antônio Petán
1656. *Comitê Anti-Guerreiro*
1685. Felix Zirolia.
1914. Centro de Cultura Social.
2089. Avelino Fernandes
2303. A Plebe
2394. Antônio Aguillar
2599, Isabel Cerruti.

3047. Amor Salgueiro.

4045. Gusmão Soller

4688. Ernesto Gattai

Dossiês

OS 005. Anarquismo. Pasta 01. DEOPS/SP

Jornais / Arquivo Edgard Leuenroth / UNICAMP

Boletim da Escola Moderna, ano 1, n.2. São Paulo, 18/03/1918.

Boletim da Escola Moderna, ano 1, São Paulo, 13/10/1918.

Folha da Manhã, São Paulo, 16, out. 1934.

Folha da Manhã, São Paulo, 24, nov. 1934.

Folha da Manhã, São Paulo, 09, dez. 1934.

Folha da Manhã, São Paulo, 23, dez. 1934.

O Homem Livre, 20/11/1933.

A Lanterna, São Paulo, 10/01/1914.

A Lanterna, São Paulo, 31/08/1933.

A Lanterna, São Paulo, 14/09/1933.

A Lanterna, São Paulo, 26/10/1933.

A Lanterna, São Paulo, 07/12/1933.

A Lanterna, São Paulo, 23/02/1935.

A Plebe. São Paulo, 28/01/1919.

A Plebe. São Paulo, 23/09/1919.

A Plebe, São Paulo, 9/04/ 1927.

A Plebe, São Paulo, 25/02/1933.

A Plebe, São Paulo, 04/03/1933.

A Plebe, São Paulo, 27/05/1933.

A Plebe, São Paulo, 09/09/1933.

A Plebe, São Paulo, 15/10/1933.

A Plebe, São Paulo, 04/11/1933.

A Plebe, São Paulo, 09/10/1934.

A Plebe, São Paulo, 19/01/1935.

A Plebe, São Paulo, 30/03/1935.

A Plebe, São Paulo, 08/06/1935.

A Plebe, São Paulo, 22/06/1935.

A Plebe, São Paulo, 03/08/1935.

A Plebe, São Paulo, 14/09/1935.

A Plebe, São Paulo, 26/10/1935.

A Plebe. São Paulo, 23/11/1935.

A Plebe, São Paulo, 01/05/1947.

A Plebe, São Paulo, 15/06/1947.

A Plebe, São Paulo, 02/06/1948.

A Terra Livre, São Paulo, 23/02/1907.

APENDICE

Autor	Título	Ed.	local	Publicador	ano	páginas	coleção	Idioma	Assunto	El-Piccarolo
AGNELLI, Arnaldo (autor)	Libero scambio: (esame critico degli argomenti pro e contro).		Milano	Ulrico Hoelpi	1897	175	(Studi giuridici e politici)	italiano	Economia	
AGUDO, Jose (autor)	Gente rica: scenas da vida paulistana		São Paulo	Pensamento	1912	200		português	Economia	X
ALBUQUERQUE, Medeiros e (autor).	Peccados		Rio de Janeiro	Typ. da Papelaria Parisiense,	1889	163		português	Literatura brasileira	
ALDRED, Guy Alfred (autor)	Socialism and parliament	2nd. ed.	Glasgow	Guy A. Alfred	1934	2 v.		inglês	Socialismo	
ALLEVI, Giovanni (autor)	Alcoolismo e lavoro		Milano	Casa editrice sociale	1922	67	(Coltura sociale; v. 4)	italiano	Alcoolismo	
ALVAREZ DEL VAYO, Julio (autor)	A nova Russia		São Paulo	Pax	1931	158		português	Rússia – política e governo	
AMARAL, Azevedo (autor)	Renovação nacional.		Rio de Janeiro	Imprensa Nacional	1936	77		português	Brasil – Historia	
ANDRADE, Euclides (autor)	Beliscos e piparotes: chronicas humoristicas de Epandro		São Paulo	[s.n.]	1920	158		português	Literatura brasileira	
ANGIOLINI, Alfredo (autor)	Cinquant'anni di socialismo in Italia: storia completa e documentata, dal martirio di Carlo Pisacane (1856) al Congresso d'Imola (1902)	2a ed.	Firenze	Casa Nerbini	1904	505		italiano	Socialismo	
ARANTES, Renato (autor)	Cirrus: (versos)		São Paulo	Pensamento	1917	65		português	Poesia brasileira	
ARRUDA, João (autor)	Do regimen democratico		São Paulo	São Paulo Ed.	1927	165		português	Democracia	X
AZEREDO, Carlos Magalhães (autor)	Il fraterno amplesso dell'Italia e del Brasile: conferenza letta ao Teatro Municipale di San Paolo, 28 dicembre 1919		São Paulo	Secção de Obras d'O Estado de São Paulo	1919	146		italiano	Brasil – Relações exteriores – Itália	X

BAGDOCYMO, Ernesto Alves (autor)	A religião: artigos publicados nas revistas A Liberdade e O Magisterio		Rio de Janeiro	Cruzeiro	1911	70		português	Religião	
BAKUNIN, Mikhail Alexandrovitch (autor)	Il socialismo e Mazzini: lettera agli amici d'Italia	4. ed.	Roma	F. Serantoni	1905	64		italiano	Socialismo	
BALZANI, Ugo (autor)	Italia papato e imperio: nella prima meta del secolo XII.		Messina	Casa Giuseppe Principato	1930	249	(Biblioteca storica principato; v. 11)	italiano	Igreja católica	
BAPTISTA, Henrique (autor)	Socialismo		Porto	Companhia Portuguesa	1913	n v.	(Bibliotheca de educação intelectual).	português	Socialismo	
BARAVELLI, G. C. (Giulio Cesare) (autor).	O ultimo baluarte da escravidão: a Abyssinia.		Roma	Novissima	1935	70		português	Escravidão	
BARBOSA, Jose (autor)	As relações luso-brasileiras: (a immigração e a "desnacionalização" do Brasil).		Lisboa	J. Barbosa	1909	116		português	Brasil – imigração	X
BARBOSA, Saturnino (autor).	Poema transcendente.		São Paulo	Typ. Cunha	1909	132		português	Poesia brasileira	X
BARBOZA, Saturnino (autor)	Ensaio de critica racionalista: (sciencia e arte)		São Paulo	A Carvalho & C.	1912	80		português	Literatura brasileira	
BARBUSSE, Henri (autor)	Russie		Paris	Ernest Flammarion	1930	260		francês	Rússia – história	X
BARRETT, Rafael (autor).	Moralidades actuales.		Montevideo	O. M. Bertani,	1910	n.v		espanhol	anarquismo e anarquistas	
BARROS, Helvecio (autor)	Vitrine illuminada		Rio de Janeiro	[A Encadernadora]	1937	88		português	Poesia brasileira	
BARROSO, Gustavo (autor)	O integralismo em marcha.		Rio de Janeiro	Schmidt,	1933	143		português	integralismo	
BASBAUM, Leoncio (autor)	A caminho da revolução operaria e camponeza		Rio de Janeiro	Calvino	1934	195		português	Comunismo	
BATALHA, Ladislau (autor)	A Russia por dentro: esboço analitico da civilisação moscovita.		Lisboa	Parceria Antonio Maria Pereira	1905	456		português	Rússia – história	

BAX, Ernest Belfort (autor); SCHIAVI, Alessandro (coaut.); QUELCH, H. (Harry) (coaut.)	Nuovo catechismo socialista.		Firenze:	Casa Nerbini	1904	55		italiano	Socialismo	
BEER, Max (autor)	Karl Marx: sua vida - sua obra.		São Paulo	Unitas	1933	176		português	Marxismo	
BERDIAEV, Nikolai (autor)	Christianisme et realite sociale		Paris	Je Sers	1934	153		francês	Religião	
BERDIAEV, Nikolai (autor)	L'homme et la machine		Paris	Je Sers	1933	53		francês	Socialismo	
BERTANI, Agostino (autor); PANIZZA, Mario (coaut.)	Risultati dell'inchiesta sulle condizioni sanitarie dei lavoratori della terra in Italia.		Roma	Stabilimento Tip. Italiano	1890	398		italiano	Trabalhadores rurais	
BESANT, Annie Wood (autor); TORRES, A. S (coaut.)	O homem e os seus corpos.	3. ed.	Rio de Janeiro	Empreza de Publicações Theosophicas	1917	122	(Bibliotheca theosophica)	português	Religião	X
BIANCO, Francesco (autor)	L'Italia e il Brasile: la lotta dei giganti nell'America del Sud e la fortuna del mercato italiano.		Milano	Fratelli Treves	1920	73	(Le pagine dell'ora)	italiano	Brasil – Relações exteriores – Itália	X
BISSON, Juliette Alexandre (autor)	Le mediumnisme et la Sorbonne		Paris	Felix Alcan	1923	136		francês	Espiritismo	
BLANCATO, Vincenzo S (autor)	Scelta di discorsi e interviste del Conte Francesco Matarazzo		São Paulo	Typ. Paulista	1926	265		italiano	Brasil – Relações exteriores – Itália	X
BOFFI, Ferruccio E. (Ferruccio Emilio) (autor)	La scuola media fascista		Roma	Libreria del Littorio	1929	99	(Istituto Nazionale Fascista di Cultura; v. 4).	italiano	Fascismo	X
BOITO, Arrigo (autor); GALLETTI, Alfredo (coaut.)	Re Orso		Milano	Rinaldo Caddeo e Ci.,	1921	107	(Collezione universale di letteratura, arti e scienze; v. 12-13).	italiano	Literatura italiana	X

BOLERO, Rita (autor)	Le due campane: battaglia a colpi di penna		Milano	A autora	1910	126		italiano	Literatura italiana	
BOSCOLO, J. Carlos (autor)	Verdades sociais		São Paulo	A Sementeira	1934	143		português	Comunismo	
BOSCOLO, Jose Carlos (autor)	Dor anonyma: pingos rubros		São Paulo	[s.n.]	1923	90		português	Literatura brasileira	
BOSSI, Emilio (autor)	Gesu Cristo non e mai esistito		São Paulo	Casa Editrici Mercedes Gomes Ristori	1911	256		italiano	Religião	
BOZZANO, Ernesto (autor); FRANCO, Araujo (coaut.)	A proposito da introducção a metapsychica humana: refutação do livro de Rene Sudre		Rio de Janeiro	Federação Espírita Brasileira	1928	271		português	Espiritismo	
Brandenbourgski,J ;Queiroz Rachel de	A MULHER da União Sovietica.		São Paulo	Udar	1934	84		português	Mulheres – União Soviética	
BRIGANTI, Antonio (autor)	Socialismo o democrazia?!: pensieri ed avvertimenti al popolo italiano		Torino	Tipografia e libreria Salesiana,	1894	307		italiano	Socialismo	X
Brissa, Jose	LA REVOLUCION de Julio en Barcelona: su represion, sus victimas, proceso de Ferrer, con el informe del fiscal y el del defensor Señor Galceran	2. ed.	Barcelona; Buenos Aires	Casa Editorial Maucci: Maucci Hermanos,	1910	202		espanhol	Espanha – história	
BRITTO, Jose Saturnino (autor)	Socialismo progressivo		Rio de Janeiro	Schettino	1919	115		português	Socialismo	
BROCKWAY, Fenner (autor); ORSETTI, Luis (coaut.)	El trafico sangriento		Buenos Aires	Iman	1935	256		espanhol	Tráfico de armas	
BUENACASA, Manuel (autor); NETTLAU, Max (coaut.)	El movimiento obrero español, 1886-1926: (historia y critica).		Barcelona	Impressos Costa	1928	128		espanhol	Movimento operário	
BUISSON, Etienne (autor)	Les bolcheviki (1917-1919): faits - documents commentaires.		Paris	Fischbacher	1919	xx, 235p.		francês	Rússia – história	

CABANAS, João (autor)	Os phariseus da revolução		Rio de Janeiro	Freitas Bastos	1932	248		português	Brasil – História	
CABRINI, Angiolo (autor); LEGIEN, Carlo (coaut.)	Le resistenza nell'Europa giovane: (viaggi e congressi).		Imola	Paolo Galeati	1905	271		italiano	Movimento operário	
CALISSE, Carlo (autor)	Diritto ecclesiastico	2. ed.	Firenze	G. Barbera	1896	335	(Manuali Barbera di scienze giuridiche, sociali e politiche; v. 20).	italiano	Direito eclesiástico	
CAMBO, Francesc (autor)	Las dictaduras	2. ed.	Madrid	Espasa-Calpe	1929	246		espanhol	Ditadura e ditadores	
CAMPOS LIMA, João Evangelista (autor)	A revolução em Portugal		Lisboa	Spartacus	1925	197		português	Portugal – política e governo	
CAMPOS LIMA, João Evangelista (autor).	O movimento operario em Portugal		Lisboa	Guimarães & Cia.	1910	141		português	Movimento operário	
CANELLAS, Antonio Bernardo (autor)	Relatorio: da delegacia a Russia, como representante do Partido Communista do Brazil, acompanhado de uma exposição dos motivos que determinaram a minha demissão da C.C.E. do Partido.		Rio de Janeiro	[s.n]	1923	80		português	Comunismo	
CARLO, A. de (autor); BARLETTA, Leonidas (coaut.)	La herencia de un proletario		Buenos Aires	Editorial Tor	1934	221		espanhol	Movimento operário	
CARMO, Manuel do (autor)	Consolidação das leis do verso: tratado de versificação, o mais completo em lingua portugueza		São Paulo	Casa Duprat	1919	348		português	Poesia brasileira	X
CARNEVALI, Sergio Arnaldo (autor)	Massoneria e liberta di coscienza: opuscolo di propaganda anticlericale		São Paulo	Typ. Paulista	1921	64		italiano	Maçonaria,	

CARPIO, Campio (autor)	El mundo agonizante		Buenos Aires	Talleres Graficos Argentinos L. J. Rosso	1929	87		espanhol	Ciência política	
CARRETA, Matheus (autor).	O testamento dos testamentos.		[Porto Alegre]:	[s.n]	[1910]	228		português	Religião	
CARVALHO, Flavio de (autor)	Experiencia n.2 : realisada sobre uma procissão de Corpus-Christi : uma possivel teoria e uma experiencia	2. ed.	São Paulo	Ferraz	1931	163		português	Religião	
CARVALHO, Florentino de (autor)	A guerra civil de 1932 em São Paulo: solução immediata dos grandes problemas sociaes : considerações pertinentes appello aos revolucionarios		São Paulo	Ariel	1932	136		português	anarquismo e anarquistas	
CARVALHO, Florentino de (autor)	Da escravidão a liberdade: a derrocada burgueza e o advento da igualdade social		Porto Alegre	Sociedade Editora Renascença	1927	241		português	anarquismo e anarquistas	
CARVALHO, Paulo Egydio de Oliveira (autor)	Do conceito scientifico das leis sociologicas		São Paulo	Tipo-Lithographia Ribeiro	1898	n.v	(Estudos de sociologia).	português	Sociologia	X
CASARES, Francisco (autor)	España y su revolucion: estampas de la realidad española, la ilegitimidad del gobierno de Valencia, lo que sera el futuro Estado Español		Buenos Aires	O.P.Y.P.R.E.,	1937	59		espanhol	Espanha – história	
CASTILHO, Augusto Ferreira de (autor)	Democracia no Brasil: philosophia, historia e politica da actualidade		São Paulo	Instituto D'Anna Rosa	1929	249		português	Democracia	X
CASTRO, Giovanni de (autor)	Vecchie utopie		Milano	Max Kantorowicz	1895	312		italiano	Socialismo	X
CASTRO, Luiz de (autor)	Chaos: versos		Porto	Typographia Peninsular	1911	124		português	Poesia brasileira	

CATHREIN, Victor (autor); SANTOS, Gomes dos (coaut.)	Impossibilidade do socialismo		Povoa de Varzim	Livraria Povoense	1904	103	(Sciencia e religião; v. 3).	português	Socialismo	
CAVALIERE, Giuseppe (autor)	Frammenti: dedicati al fulgido eroe della Nuova Italia Benito Mussolini.		São Paulo	[Typographia Napoli]	1936	208		italiano	Literatura italiana	X
CELESTE, Aura (autor)	Do alem: communicações mediumnicas		Rio de Janeiro	Asylo Espirita João Evangelista	1935	11 v.		português	Espiritismo	
CENTRO INDUSTRIAL DO BRASIL	Il Brasile: sue ricchezze naturali, sue industrie		Milano	Fratelli Treves	1909	390		italiano	Brasil – Indústrias	X
CENTRO PROTECCION CHAUFFEURS (MONTEVIDEU)	Conferencias: dadas, bajo el auspicio de la Comision Pro-Fomento de la Biblioteca Social		Montevidéu	Apolo	1930	395		espanhol	Bibliotecas e educação de adultos – Uruguai	
CERCHIARI, G. Luigi (autor)	L'Opera dei deputati socialisti durante l'ultima legislatura		Roma	Luigi Mongini	1904	106		italiano	Socialismo	
CESAR, Osorio (autor); BARBUSSE, Henri (coaut.); AMARAL, Tarsila do (coaut.)	Onde o proletariado dirige...: (visão panoramica da U.R.S.S.).		São Paulo	[s.n]	1932	282		português	Movimento operário	
CESAR, Osorio (autor).	Que e o Estado proletario?: (reflexões sobre a Russia Sovietica).		São Paulo	[Udar]	1933	187		português	Socialismo	
CHIMINELLI, Piero (autor)	Gesu di Nazareth.	2. ed., rev.	Roma	Casa Bilycnis	1921	483	(Biblioteca di studi religiosi; v. 9).	italiano	Religião	
Cicognani, Lodovico	IL CANTICO dei cantici: un melodrama antichissimo		Torino	Fratelli Bocca	1911	328	(Piccola Biblioteca di Scienze Moderne; v. 202)	italiano	Religião	
COELHO, Henrique (autor)	A constituição de 1891 e a constituinte de 1901		São Paulo	Diario Official	1903	262		português	Direito constitucional – Brasil	

COGNI, Giulio (autor)	I valori della stirpe italiana. Colaboração de Hans F.K. Gunther		Milano	Fratelli Bocca	1937	240	(Piccola Biblioteca di Scienze Moderne; v. 421)	italiano	Itália – História	
COMITE DE JOVENES REVOLUCIONARIOS CUBANOS (MADRID). Coautoria de Henri Barbusse, Romain Rolland, Piotr Alekseievitch Kropotkin	El terror en Cuba		Madrid	Castro	1933	[79+80+145]p.		espanhol	Cuba – História	
CONDE, Bertho Antonino (autor).	Propugnando um governo isento de personalismo: suggestões apresentadas a Comissão de Ante-Projecto da Constituição, em 20-11-1932.		Rio de Janeiro	Alba	1933	150		português	Direito internacional	
CONGRESSO DELLE SOCIETA ED ISTITUTI ITALIANI NEL BRASILE, (1.., 1904, São Paulo, SP.	Atti del Primo Congresso delle Societa ed Istituti Italiani nel Brasile, tenutosi in S. Paolo nei giorni dal 12 al 18 Maggio 1904		São Paulo	G. Galilei de Mare & Monti	1904	156		italiano	Italianos – Brasil	
CORBERI, Giacomo (autor)	Verso l'ideale: (romanzo sociale)		São Paulo	Gianotti	1916	155		italiano	Literatura italiana	
CORCOS, Fernand (autor)	Uma visita a nova Russia		Rio de Janeiro	Americana	1931	208		português	Rússia – história	
CORNELISSEN, Christiano (autor)	A caminho da sociedade nova		Lisboa	Guimarães	1907	265	(Colecção Sociologica; v. 1).	português	Sociologia	
CORREIA, Alberto N (autor).	O segredo do poder: magnetismo pessoal e hypnotismo.	2. ed.	São Paulo	C. Teixeira e Cia.	1916	64		português	Hipnotismo	
CORVIN, Otto von (autor); HERNAN, E (coaut.)	El reinado de las sotanas: los vicios, orgias, metodos de terror y monstruosidades del clero romano		Barcelona	Helios	1933	254		espanhol	Igreja católica	

COUCHOUD, Paul Louis (autor).	Il mistero di Gesu.		Milano	Monanni	1926	157		italiano	Religião	
COVELLO, A. A (autor)	Da concepção do Estado em face das modernas correntes politicas		São Paulo	Revista dos Tribunais	1931	97		português	Ciência política	X
COVOTTI, Aurelio (autor)	La vita e il pensiero di Arturo Schopenhauer.		Milano; Torino; Roma	Fratelli Bocca	1910	311	(Biblioteca scienze moderne; v. 46).	italiano	Filosofia	X
CRUET, Jean (autor)	A vida do direito e a inutilidade das leis.		Lisboa	Antiga Casa Bertrand	1908	342	(Bibliotheca de philosophia scientifica).	português	Direito – Filosofia	
CRUZ, Manoel Gonçalves da (autor)	Voz dos seculos: versos		Niteroi	[s.n]	1933	177		português	Poesia brasileira	
D'ANGIO, Roberto (autor); BINAZZI, Pasquale (coaut.); ZOCCOLI, Ettore (coaut.)	L'Anarchia: riflessioni sul libro omonimo di E. Zoccoli.		Spezia	La Sociale	1910	187	(Biblioteca del libertario; v. 14).	italiano	anarquismo e anarquistas	
DANTON, Walter (autor).	Mysterios da inquisição.		Rio de Janeiro	João do Rio	1928	64		português	Igreja católica	
DAVIS, Horace Bancroft (autor)	NRA, fascismo e comunismo: conferencias proferidas na Escola Livre de Sociologia e Politica de São Paulo no outono de 1933 com um apendice escrito em abril de 1934.		São Paulo	Nosso Livro	1934	186		português	Fascismo; Comunismo	
DE AMBRIS, Alceste (autor)	Dopo un ventennio di rivoluzione: il corporativismo		Bourdeaux	Augusto Mione	1935	135		italiano	Movimentos sociais	X
DE AMICIS, Edmondo (autor)	Lotte civili.		Firenze	Nerbini	1904	159		italiano	Movimento operário	
DE FEO, Luciano (autor); LUZZATTI, Luigi (coaut.)	I trattati di lavoro: e la protezione dei nostri lavoranti all'estero		Milano	Fratelli Treves	1916	144	(Quaderni della guerra; v. 49)	italiano	Direito do trabalho	X

DEL PICCHIA, Menotti (autor)	A crise da democracia: (pesquisas de politica e de sociologia contemporaneas)		São Paulo	São Paulo Ed.	1931	206		português	Democracia	
DELEDDA, Grazia (autor)	Il Dio dei viventi: romanzo		Milano	Fratelli Treves	1922	264		italiano	Literatura italiana	X
DEVALDES, Manuel (autor)	Reflexions sur l'individualisme.		Paris	Le Libertaire	1910	57		francês	Individualismo	
DIAS, Carlos (autor)	Contra a perpetuidade do erro e da mentira: antagonismos entre educação e precaria situação economica do proletariado		Rio de Janeiro	[s.n.]	1922	146	(Bibliotheca da educação nova)	português	Movimento operário	
DIAS, Everardo (autor)	Delenda Roma!: conferencias anti-clericaes.		Rio de Janeiro	E. P. Maçonica Jose Bonifácio	1921	222		português	Anti-clericalismo	
DIAS, Everardo (autor)	Semeando...: palestras e conferencias		Rio de Janeiro	E.P.Maçonica Jose Bonifacio	1921	163		português	Anti-clericalismo	
DURELL, J.C.V (autor)	La chiesa storica: saggio sulla concezione della Chiesa Cristiana e della sua gerarchia nell'eta sub-apostolica.		Torino	Fratelli Bocca	1910	364	(Piccola Biblioteca di Scienze Moderne; v. 191)	italiano	Igreja católica	
DUVAL, Clement (autor)	Clemente Duval: memorie autobiografiche		Newark, New Jersey	L'Adunata dei Refrattari	1929	1044		italiano	anarquismo e anarquistas	
EBERT, Justus (autor)	Os I.W.W. na teoria e na pratica.		New Bredford	Textil Worker Union,	1922	162		português	Movimento operário	
EDMUNDO, Claudio (autor)	Um engenheiro brasileiro na Russia		Rio de Janeiro	Calvino	1933	203		português	Rússia – história	
EINAUDI, Luigi (autor)	Un principe mercante: studio sulla espansione coloniale italiana		Torino	Fratelli Bocca	1900	315		italiano	Itália – História	X
FABBRI, Luce (autor); LUNAZZI, Jose Maria (coaut.)	Camisas negras: estudio critico historico del origen y evolucion del fascismo, sus hechos y sus ideas		Buenos Aires	Nervio	1934	273		espanhol	Fascismo	

FABBRI, Luigi (autor); MALATESTA, Errico (coaut.)	Dittadura e rivoluzione		Ancona	Giovanni Bitelli	1921	373	(Biblioteca di coltura moderna).	italiano	Ditadura e ditadores	
FALCO, Mario (autor)	Il prerogative della Santa Sede e la guerra: conferenza tenuta nella Universita Popolare di Torino il 27 aprile 1916		Milano	Fratelli Treves	1916	52	(Le pagine dell'ora)	italiano	Igreja católica	
FARIA, Jose Nonato de (autor)	Christianismo e americanismo: realidades objectivas das missões evangelicas norte-americanas no Brasil		Cuiabá	Typ. Calhão	1934	192		português	Religião	
FAURE, Sébastien (autor)	L'impostura religiosa: la chiesa		New York	Casa Il Martello	1925	218		italiano	Anti-clericalismo	
FAURE, Sébastien (autor); CANELLAS, Antonio Bernardo (coaut.)	La Ruche: (a colmeia) : o seu fim, a sua organisação, o seu alcance social, monographia completa		Rio de Janeiro	[s.n.]	1919	60		português	Educação libertária	
FEDERACION OBRERA LOCAL BONAERENSE (BUENOS AIRES, ARGENTINA)	La Patagonia argentina: a los hombres honrados : pacto federal.		Buenos Aires	F.O.R.A.	1922	96		espanhol	Movimento operário	
FERNANDES, Symphoroso Lara (autor)	Syndicatos agricolas: (notas a lei n.979, de 6 de janeiro de 1903)		São Paulo	Typ. Brasil, Carlos Gerke e Rothschild	1906	85		português	Trabalhadores rurais	X
FERRAZ, Salomão (autor); FERRAZ, Manuel Carlos de Figueiredo (intr.)	A fe nacional		São Paulo	O.S.A.	1932	257		português	Comunismo e cristianismo	
FERREIRA, Manuel Carlos Souza (autor); BEVILAQUA, Clovis (coaut.)	Ensaios de sociologia		Rio de Janeiro	Typographia dos Annaes	1920	393		português	Sociologia	
FERREIRA, Orlando (autor)	A illusão capitalista		Uberaba	[s.n.]	1933	168		português	capitalismo	
FERREIRA, Orlando (autor)	Capitalismo e communismo		São Paulo	[Typ. Rebello e Magalhães],	1932	384		português	capitalismo	

FERRERO, Guglielmo (autor)	Fra i due mondi.		Milano	Fratelli Treves	1913	430		italiano	Literatura italiana	X
FEUERBACH, Ludwig (autor); STEFANONI, Luigi (coaut.)	Trenta lezioni sulla essenza della religione.		Milano	Universita Popolare	1908	194		italiano	Religião	
FIGUEIREDO, Antonio (autor)	Memorias de um jornalista		São Paulo	Unitas	1933	252		português	Biografia	
FIGUEIREDO, Antonio dos Santos (autor)	A evolução do Estado no Brasil.		[Porto]	Emp. Indust. Graf. do Porto	1925	270		português	Estado – origem	
FLORES MAGON, Ricardo (autor)	Epistolario revolucionario e intimo.		México	Grupo Cultural Ricardo Flores Magón	1924	79	(Ricardo Flores Magon: vida y obra; v. 2).	espanhol	anarquismo e anarquistas	
FLORES MAGON, Ricardo (autor)	Tribuna roja: (discursos)		Mexico	Grupo Cultural Ricardo Flores Magon	1925	91	(Ricardo Flores Magon: vida y obra; v. 3)	espanhol	anarquismo e anarquistas	
FLORES MAGON, Ricardo (autor)	Verdugos y victimas: drama revolucionario en cuatro actos	3. ed.	Mexico	Grupo Cultural Ricardo Flores Magon	1924	83	(Ricardo Flores Magon: vida y obra; v. 7)	espanhol	anarquismo e anarquistas	
FLORES MAGON, Ricardo (autor).	Rayos de luz: (dialogos relacionados con las condiciones sociales de Mexico		México	Grupo Cultural Ricardo Flores Magon	1924	90	(Ricardo Flores Magon: vida y obra; v. 5)	espanhol	anarquismo e anarquistas	
FONSECA, Manuel Jose da (autor)	Jesus Christo sera o Deus creador?		São Paulo	Pensamento	1915	111		português	Anti-clericalismo	
FONTOURA, João Neves da (autor)	Accuso!		Rio de Janeiro	[s.n.]	1933	261		português	Brasil – História	
FRADELETTO, Antonio (autor)	La fine d'un parlamento e la dittadura di un ministro, seguita da appunti statistici su suffragio universale e analfabetismo		Milano	Fratelli Treves	1911	93		italiano	Itália – Política e governo	X
Francisco	"I FIORETTI" de São Francisco: (seguidos do "Cantico do Sol")		Rio de Janeiro	Athena	1937	201		português	Religião	X

FREITAS, Jose Bezerra de (autor)	Legislação do trabalho e previdencia social		Rio de Janeiro	A. Coelho Branco Filho	1937	3 p.l., [9]-286 p.,		português	Direito do trabalho	X
FUGAIRON, Louis Sophrone (autor); BRICAUD, Joanny (coaut.); SORO, Vincenzo (coaut.).	La santa gnosi: esposizione delle dottrine e dei riti della Chiesa Gnostica Universale		Todi	Atanor	1922	255		italiano	Religião	X
GALLEANI, Luigi (autor)	Aneliti e singulti		Newark, New Jersey:	L'Adunata dei Refrattari	1935	363		italiano	anarquismo e anarquistas	
GALLEANI, Luigi (autor)	La fine dell'anarchismo?		Newark, New Jersey	Cronaca Sovversiva	1925	130		italiano	anarquismo e anarquistas	
Galli, Romeo; Tomaso Monicelli .	ANDREA Costa: episodi e ricordi.		Milano	Antonio Sassu	1910	59		italiano	anarquismo e anarquistas	X
GAROFALO, Rafaelle (autor); MATTOS, Julio de (coaut.)	A superstição socialista		Lisboa	Livraria Classica	1904	256		português	Socialismo	
GEBHART, Emile (autor); PEROTTI, Armando (coaut.)	L'Italia mistica: storia del rinascimento religioso nel medioevo.		Bari	Gius. Laterza e Figli	1910	249	(Biblioteca di cultura moderna; v. 40).	italiano	Religião	X
GHIRALDO, Alberto (autor)	La columna de fuego: (drama en 3 actos y 5 cuadros)		Buenos Aires	Ideas y figuras	1913	134		espanhol	Literatura argentina	
GIANNINI, Fortunat (autor)	Storia della Polonia: e delle sue relazioni con l'Italia		Milano	Fratelli Treves	1916	352		italiano	Polônia – História	X
GIULIANO, Balbino (autor)	La politica scolastica del governo nazionale		Milano	Alpes	1924	171	(Biblioteca di coltura politica).	italiano	Itália – Política e governo	X
GOES, Eurico de (autor)	Bandeira positivista: polemica e novos esclarecimentos sobre a questão da bandeira nacional		São Paulo	Antonio Tisi	1927	236	(Biblicoteca Tisi de ciencias, letras e artes).	português	Símbolos nacionais – Brasil	
GOMEZ LATORRE, Adelino (autor)	Sarcasmo!!: novela original		Madrid	Marsiega	1934	173		espanhol	Literatura espanhola	

GORI, Pietro (autor)	Ceneri e faville: prosa		Spezia	La Sociale	1911	2v.		italiano	Literatura italiana	
GORI, Pietro (autor)	Conferenze politiche		Spezia	La Sociale	1912	2v.	(Opere)	italiano	Ciência política	
GORI, Pietro (autor)	Sociologia anarchica		Spezia	La Sociale	1912	[199+191]p.	Opere	italiano	anarquismo e anarquistas	
GORI, Pietro (autor); MARENCO, Leopoldo (coaut.)	Bozzetti sociali		Spezia	La Sociale	1911	290	(Opere)	italiano	Literatura italiana	
GORI, Pietro (autor).	Prigioni: versi.		Spezia	La Sociale	1911	[168+207+96]p.	(Opere)	francês	Poesia italiana	
GRAVE, Jean (autor)	A sociedade moribunda e a anarchia		Lisboa	Guimarães & Cia	1908	232	(Sociologica)	português	anarquismo e anarquistas	
GRAVE, Jean (autor)	La societa: all'indomani della rivoluzione		Milano	Universita Popolare	1907	107	(Biblioteca della rivista "L'Universita Popolare")	italiano	anarquismo e anarquistas	
GRAVE, Jean (autor) et al.	La societa morente e l'anarchia		Roma/Firenze	F. Serantoni	1907	[267+192]p.		italiano	anarquismo e anarquistas	
GRAVE, João (autor)	Le mouvement libertaire sous la 3e Republique: (souvenirs d'un revolte).		Paris	Les Oeuvres Representatives	1930	303	(Hier).	francês	anarquismo e anarquistas	
GRAVE, João (autor); FRANCO, Chagas (coaut.)	A sociedade futura		Lisboa	Guimarães & Cia	1912	300	(Sociologica)	português	anarquismo e anarquistas	
GRAVE, João (autor); PIRES, Raul (coaut.); RIBEIRO, Aquilino (coaut.)	A anarchia: fim e meios		Lisboa	Gomes de Carvalho	1907	385		português	anarquismo e anarquistas	
Grieco, Agrippino	EM memoria de Antonio Alcantara Machado: 25 de maio de 1902		São Paulo	E. Polai	1936	196p., 4f. de lams. (2 colagens)		português	Literatura brasileira	X
GRINKO, G (autor)	O plano quinquenal da U.R.S.S	2. ed. Rev.	São Paulo	Nacional Lux	1930	369		português	Socialismo	

GRUPO RENOVAÇÃO DEMOCRATICA (PORTUGAL)	A organização da democracia: manifesto politico		[Porto]	Editorial R.D.	1933	296		português	Democracia	
GUYAU, Jean-Marie (autor); HERNANDEZ ALMANSA, A (coaut.)	La moral de Epicuro: y sus relaciones con las doctrinas contemporaneas		Madrid	Daniel Jorro	1907	336	(Biblioteca cientifico-filosofica).	espanhol	Filosofia	
HAMON, Augustin Frederic (autor); BEL-ADAM (coaut.)	Determinismo e responsabilidade		Lisboa	Bibliotheca d'Educação Nova	1900	173	(Bibliotheca d'educação nova)	português	Livre arbítrio e determinismo	
HAMON, Augustin Frederic (autor); LIMA, Adolfo (coaut.); BEL-ADAM (coaut.)	A Conferencia da Paz e a sua obra: o que ela foi e o que devia ser		Lisboa	Guimarães	1919	189		português	Ciência política	
HAMON, Augustin Frederic (autor); PEREIRA, Emilia de Araujo (coaut.)	Psicolojia do anarquista-socialista.		Lisboa	Guimarães & Cia.	1915	233	(Sociolojica; v. 19).	português	anarquismo e anarquistas	
HARTMANN, Eduard von (autor)	La religion de l'avenir	6. ed.	Paris	Felix Alcan	1903	174	(Bibliotheque de Philosophie Contemporaine).	francês	Religião	
HERRIOT, Edouart (autor)	La Russie nouvelle.		Paris	J. Ferenczi et Fils,	1922	302		francês	Rússia – história	
HIDALGO, Diego (autor)	Impressões de Moscow		São Paulo	Pax	1931	138		português	Rússia – política e governo	
HIDALGO, Diego (autor); COSTA, Emilio (coaut.)	Um notario espanhol na Russia		Lisboa	Livraria Peninsular	1930	336		português	Rússia – história	
HINS, Eugene (autor)	La libre pensee internationale en 1910.		Bruxelles	Chez l'auteur ...,	1911	96	(Bibliotheque de la pensee).	francês	Livre-pensamento	
HINS, Eugene (autor)	La libre pensee internationale en 1911		Bruxelles	Chez l'auteur ...,	1912	142	(Bibliotheque de la pensee).	francês	Livre-pensamento	
HINS, Eugene (autor)	La libre pensée internationale en 1912		Bruxelles	Chez l'auteur ...,	1913	162	(Bibliotheque de la pensee).	francês	Livre-pensamento	

HINS, Eugene (autor)	La libre pensee internationale en 1913		Bruxelles	Chez l'auteur ...,	1914	137	(Bibliotheque de la pensee).	francês	Livre-pensamento	
HOLYOAKE, G. J. (George Jacob) (autor); TABORDA, Archimedes (coaut.)	Os 28 tecelões de Rochdale: (historia dos probos pioneiros de Rochdale).		Rio de Janeiro	F. Alves	1933	124	(Cooperativismo).	português	Cooperativismo	
INGENIEROS, Jose (autor)	Ideales viejos e ideales nuevos [I] ; significacion historica del movimiento maximalista [II].		Buenos Aires	Casa Vaccaro	19??	60		italiano	anarquismo e anarquistas	
JACINI, Stefano (autor)	I risultati della inchiesta agraria	3.ed.	Roma	Casa A. Sommaruga	1885	294		italiano	Trabalhadores rurais	X
JANNI, Ugo (autor)	Il cristianesimo e la cultura moderna		Mendrisio	Cultura Moderna	1913	208		italiano	Religião	
JARDIM, Renato (autor)	A aventura de outubro e a invasão de S. Paulo		São Paulo	Paulista	1932	342		português	História do Brasil	
Jaures, Jean; Menezes, Elisa de	HISTORIA socialista: 1789-1900		Lisboa	Antiga Casa Bertrand	1901	n.v		português	Socialismo	
JESUS, Dario de (autor)	De pe no chão... (ensaios de phsychologia rural): aspectos regionaes paulistas, typos e costumes sertanejos - festas tradicionaes - politica de roça - vida agricola - escotismo - estradas... - jogo.		São Paulo	Helios	1926	200		português	Sociologia	
JOÃO MANUEL (autor)	Reminiscencias sobre vultos e factos do Imperio e da Republica.		Amparo	Typ. do Correio Amparense,	1894	xxxi, 272p.,		português	Brasil – Historia	
Jouhaux, Leon; Pignatel, Fernand	JAURES par ses contemporains		Paris	Etienne Chiron	1925	217		francês	Socialismo	
JUNQUEIRO, Guerra (autor)	Finis patriae	3.ed.	Porto	Chardron	1905	62		português	Poesia portuguesa	
Koch, Julius; Claudianus, Claudius	CLAUDII Claudiani Carmina.		Lipsiae	B. G. Teubneri	1893	346		latim	Poesia latina	X

KOLLONTAI, A. (Alexandra) (autor); COUTINHO, Galeão (coaut.)	A nova mulher e a moral sexual	2. ed.	São Paulo	Pax	1932	117		português	Mulheres – Direitos	
KROPOTKIN, Piotr Alekseevitch, Principe (autor); HENDIOSER (coaut.)	O anarquismo: suas bases cientificas, sua filosofia, seu ideal, seus principios economicos.		São Paulo	Unitas	1933	241		português	anarquismo e anarquistas	
KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch (autor)	La grande rivoluzione: 1789-1793		Genebra	Gruppo del Risveglio	1911	2v.		italiano	Revolução francesa	
KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch (autor)	Lavoro intellettuale e lavoro manuale		Milano	Casa Sociale	1922	72	(Coltura sociale; v. 3).	italiano	anarquismo e anarquistas	
KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch (autor)	Lo stato		Mantova	Baraldi e Fleischmann	1905	61		italiano	anarquismo e anarquistas	
KROPOTKIN, Piotr Alekseievitch (autor); GALLEANI, Luigi (coaut.)	La morale anarchica	3.ed.	Milano	Casa Sociale	1921	60	(Coltura sociale; v. 1)	italiano	anarquismo e anarquistas	
KROPOTKINE, Piotr Alekseievitch (autor); BRANDES, Jorge (coaut.); COSTA, Emilio (coaut.)	Em volta duma vida: memorias.		Lisboa	Typographia do Commercio	1907	503		português	anarquismo e anarquistas	
LACERDA, Fernando (autor); SINANI (coaut.); PRESTES, Luis Carlos (coaut.)	A luta contra o prestismo e a revolução agraria e anti-imperialista		São Paulo	[s.n.]	1934	152		português	Comunismo	
LACERDA, Mauricio de (autor)	Segunda republica	2. ed.	Rio de Janeiro	Freitas Bastos	1931	385		português	Brasil – Historia	
LACERDA, Paulo Paiva de (autor)	Rebeldias.		Rio de Janeiro	Germinal	1922	111		português	Literatura brasileira	

LAFARGUE, Paulo (autor); BUGGELLI, Guido (coaut.)	La morale borghese: ricerche sull'origine delle idee del bene e del giusto.		Roma	Luigi Mongini	1905	70		italiano	Socialismo	
LANTI, E (autor); GUILLENEUF, Yves (coaut.)	Se construye el socialismo en la U.R.S.S.?		Buenos Aires	Nervio	1936	80		espanhol	Socialismo	
LEAL, Joaquim Bagueira (autor)	A questão da vacina		Rio de Janeiro	Igreja Pozitivista do Brazil	1904	80	(Igreja e apostolado pozitivista do Brazil).	português	Saúde pública	
LENIN, Vladimir Ilitch (autor)	A ultima etape		Lisboa	Mala da Europa	1929	n.v	(Biblioteca cosmopolita).	português	capitalismo	
LEONE, Henrique (autor); RIBEIRO, Manuel (coaut.).	O sindicalismo		Lisboa	Guimarães & Cia.	1911	156	(Sociologica; v. 8).	português	Sindicalismo	
LEONI, Leonardo (autor)	Dall'eremo: sonetti e rime d'un ribelle		São Paulo	Typ. Paulista	1927	199		italiano	Poesia italiana	X
LESIGNE, Ernest (autor)	Les droits du travail		Paris	Marcel Riviere et Cie.,	1911	n.v	(Bibliotheque de la Chambre Consultative des Associations Ouvrieres de Production)	francês	Direito do trabalho	
LETERRE, A (autor)	Jesus e sua doutrina: estudo remontado ha mais de 8600 anos		Rio de Janeiro	Federação Espírita Brasileira	1934	543		português	Espiritismo	
LEVI, Eliphas (autor); RYSKY, Carlo de (coaut.)	Il dogma dell'alta magia		Todi	Atanor	1915	195		italiano	Esoterismo	
LIPTAY, A. -B (autor).	Pour [et] contre Malthus: referendum pro veritate et libertate (R.s.v.p)		Paris	Lux	1911	300		francês	Sociologia	
LOISEAU, Charles (autor)	Saint-Siege & fascisme: les accords du Latran devant l'histoire et la		Paris	J. Gamber	1930	234	(Des reformes politiques et sociales)	francês	Fascismo	

	politique									
LOPEZ ARANGO, Emilio (autor); ABAD DE SANTILLAN, Diego (coaut.)	El anarquismo en el movimiento obrero.		Barcelona	Cosmos	1925	201		espanhol	anarquismo e anarquistas	
LORENZO, Anselmo (autor); MIR Y MIR, J (coaut.); TARRIDA DEL MARMOL GEORGE, Juan (coaut.)	Via libre: el trabajador, su ideal emancipador, desviaciones politicas y economicas		Barcelona	F. Granada y Cia.	1905	220	(Biblioteca contemporanea).	espanhol	Movimentos sociais	
LORENZO, Jose T. (autor)	Maximalismo e anarquismo		Rio de Janeiro	[s.n.]	1920	61	(Biblioteca de estudos sociaes)	português	anarquismo e anarquistas	
LORWIN. LEWIS LEVITZKI (autor); DAVILA, Luis (coaut.)	Historia del internacionalismo obrero.		Santiago de Chile	Ercilla	1936/1937	2v.	(Biblioteca Ercilla).	espanhol	Movimento operário	
LUBRANO, Tito (autor)	Brani di vita: ricordi e novelle		Roma	Industria e lavoro	1907	157		italiano	Literatura italiana	
LUTHERO, Martinho (Espirito) (autor).	Porque me fiz reformador: conferencia recebida no Centro Espirita Euripedes Barsanulpho Rio Verde - Estado de Goyaz.		Rio de Janeiro	Muniz	1930	48		português	Espiritismo	
LUZ FILHO, Fabio (autor)	Bancos populares e credito agricola: sociedades cooperativas	2. ed.	Rio de Janeiro	Typographia São Benedicto	1930	225		português	Cooperativismo	X
MAGUID, J (autor)	Todos, ahora, contra la guerra.		Buenos Aires	Nervio	1935	122		espanhol	Movimentos sociais	
MAIA, Raul (autor); FIGUEIREDO, Antonio (coaut.)	Diccionario da questão social		São Paulo	Caramuru	1934	163		português	Ciências sociais	
MALATO, Charles (autor); GRAVE, João (coaut.); JORGE, Angelo (coaut.)	As theorias anarchistas: estudos philosophico-sociaes		Porto	Almeida e Sa	1909	76		português	anarquismo e anarquistas	

MARCOFF, Alexis (autor)	Mas alla del comunismo: (el campo contra la ciudad, en Rusia).		Barcelona	Apolo	1932	300		espanhol	Comunismo	
MARTINAZZOLI, A. L (autor)	La teorica dell'individualismo: secondo John Stuart Mill		Milano	Ulrico Hoelpi	1905	352		italiano	Socialismo	
MARTINO, Bruno de (autor)	Saias de Bronze (novella): sinophobia (critica religiosa).		Rio de Janeiro	Record	1934	160		português	Anti-clericalismo	
MARTINS, Jose (autor); OITICICA, Jose de (coaut.)	Historia das riquezas do clero catholico e protestante: em todos os paizes, desde os primeiros seculos da Era Christã ate os nossos dias		São Paulo	O autor	1924	n.v		português	Anti-clericalismo	
MARX, Karl (autor); DEVILLE, Gabriele (coaut.); MORAES, Albano (coaut.)	O capital: resumido e acompanhado de um estudo sobre o socialismo scientifico.		Lisboa	Typographia de Francisco Luiz Gonçalves,	1912	240	(Bibliotheca d'Educação Nacional; v. 21).	português	Socialismo	
MELO, João Edison de (autor)	As duas vozes do coração e Regina Caro		São Paulo	Revista dos Tribunais	1932	111		português	Poesia brasileira	
MENDES, C. Pinto (autor)	Illuminando o roteiro da vida.		Bahia	Escola de Aprendizes Artifices	1932	182		português	Espiritismo	
MENDES, R. Teixeira (Raimundo Teixeira) (autor)	A preeminencia social e moral da mulher: segundo os ensinos da verdadeira sciencia pozitiva		Rio de Janeiro	Sede Central da Igreja Pozitivista do Brazil	1908	158	(Igreja e Apostolado Pozitivista do Brazil; v. 273).	português	Mulheres – Condições sociais	
MENDONÇA, Carlos Sussekind de (autor); LIMA, Pedro Motta (coaut.).	O Catholicismo, partido politico estrangeiro.	2. ed.	Rio de Janeiro	Typ. Baptista de Souza	1934	340		português	Igreja católica	
MENDONÇA, Carlos Sussekind de (autor); MENDONÇA, Edgar Sussekind de (coaut.)	Iniciando uma campanha: contra a acção catholica no Brasil.		Rio de Janeiro	[s.n.]	1924	99		português	Anti-clericalismo	

MENDONÇA, Lucio de (autor)	Horas do bom tempo: memorias e phantasias		Rio de Janeiro	Laemmert e C.	1901	319		português	Literatura brasileira	X
MENEZES, Florentino (autor)	Escola social positiva		Aracajú	Imprensa Popular	1917	2v.	(Estudo de sociologia).	português	Positivismo	
MENTANA.	Faccia a faccia col nemico: cronache giudiziarie dell'anarchismo militante		East Boston	Grupo Autonomo	1914	n.v		italiano	anarquismo e anarquistas	
METZNER, Ed (autor)	A verdade acerca da revolução russa: notas e impressões, factos - documentos		Lisboa	Popular	1919	136		português	Rússia – história	
MICHELS, Robert (autor)	Economia e felicita		Milano	Francisco Vallardi	1918	117	(Biblioteca enciclopedica Vallardi).	italiano	Economia	X
MOLINARI, Luigi (autor)	Il tramonto del diritto penale.		Marmirolo	Universita Popolare	1904	84		italiano	Direito penal – Itália	
MORAES, Aurino (autor)	Minas na alliança liberal e na revolução	2. ed.	Belo Horizonte	Pindorama	1933	451		português	Brasil – História	X
MORTARI, Giuseppe (autor); LOSCHI, Edoardo (coaut.)	Espansione coloniale		Firenze	G. Ramella e Co.,	1904	77		italiano	Italianos – Brasil	X
MOTA, Benjamim (autor)	A razão contra a fe: analyse das conferencias religiosas do Padre Dr. Julio Maria	3.ed.	São Paulo	O autor	1933	143		português	Anti-clericalismo	
MOURA, Maria Lacerda de (autor)	Ferrer, o clero romano e a educação laica.		São Paulo	[s.n.]	1934	90		português	Educação libertária	
MOUTIER-ROUSSET, E (autor)	La pretendue morale dans l'evangile: (essai de critique historique).		Paris	Presses Universitaires de France	1924	283		francês	Igreja católica	
MUSSOLINI, Benito (autor); BALBO, Italo (coaut.)	I discorsi della rivoluzione		Milano	Imperia	1923	61		italiano	Fascismo	X
Mussolini, Benito; Tancredi, Libero; Herve, Gustave	DIO e patria: nel pensiero dei rinnegati.	2. ed.	New York	[s.n.]	19??	133		italiano	Igreja católica e Estado	

NEGRO, Helio (autor); LEUENROTH, Edgard (coaut.).	O que e o maximismo ou bolchevismo: programa comunista.		São Paulo	s.n.	1919	128		português	Comunismo	
Pacheco e Silva, Antonio Carlos .	POR que ser anti-semita?: um inquerito entre intellectuaes brasileiros.		Rio de Janeiro	Civilização Brasileira	1933	271		português	Anti-semitismo	
PAPATERRA LIMONGI, J (autor)	**Natureza scientifica da economia politica**		São Paulo	Escolas Profissionaes do Lyceu Salesiano Sagrado Coração de Jesus,	1931	68		português	Economia	X
Pennachio, Alberto	LA LEGISLAZIONE corporativa dello stato fascista.		Milano	Ulrico Hoelpi	1928	247	(Manuali Hoepli)	italiano	Fascismo	X
RIZAL, Jose (autor).	Noli me tangere: (o paiz dos frades) romance tagalo de 1886.		São Paulo	A Lanterna	1911	134	(Bibliotheca da "Lanterna").	português	Literatura	
ROCKER, Rudolf (autor); RESNICK, Salomon (coaut.)	Artistas y rebeldes: escritos literarios y sociales		Buenos Aires	Argonauta	1922	304		espanhol	anarquismo e anarquistas	
ROUGIER, Louis Auguste Paul (autor)	La mystique democratique: ses origines, ses illusions		Paris	Ernest Flammarion	1929	280	(Bibliotheque de philosophie scientifique).	francês	Democracia	
ROURE, Luciano (autor); MASINI, Antonio (coaut.)	Lo spiritismo: davanti alla scienza e alla religione : novissimo studio critico	2. ed.	Milano	Vita e Pensiero	1921	375	(Biblioteca di coltura religiosa; v. 2).	italiano	Espiritismo	
RUTTEN, Georges C. (autor); MAGALHÃES, Agamenon (coaut.)	A doutrina social da igreja: segundo as enciclicas Rerum Novarum et Quadragesimo anno		Rio de Janeiro	ABC	1937	308		português	Encíclicas papais	
SAA, Mario (autor)	A invasão dos judeus		Lisboa	Imprensa Libanio da Silva	1925	309		português	Anti-semitismo	

SAGERET, Jules (autor)	La vague mystique: Henri Poincare - energetisme (W. Ostwald) - neo-thomisme (P. Duhem) - Bergsonisme - pragmatisme - Emile Boutroux		Paris	Ernest Flammarion	1920	180	(Bibliotheque de culture generale)	francês	Filosofia	
SALUCCI, Arturo (autor)	Il tradimento di Marx.		Milano	Rava & C.	1915	66		italiano	Comunismo	
SAMUEL (ESPIRITO) (autor)	O espiritualismo scientifico e a iniciação		São Paulo	Helios	1927	n.v		português	Espiritismo	
SANA-KHAN (autor)	A derrocada das civilizações contemporaneas		Rio de Janeiro	Calvino	1934	195		português	Religião e sociologia	
SANTA ROSA, Virginio (autor)	O sentido do tenentismo.		Rio de Janeiro	Schmidt ; Civilização Brasileira	1932	189	(Biblioteca Alfa Omega).	português	Brasil – História	
SANTELMO, Amador (autor)	Fagulhas: cerebro e coração : poemas		Rio de Janeiro	[s.n.]	1931	64		português	Poesia brasileira	
SANTOS, Amilcar Salgado dos (autor)	A guerra da independencia: (as operações militares).		São Paulo	Escolas Profissionaes do Lyceu Salesiano Sagrado Coração de Jesus	1922	71		português	operações militares	
SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Sanctos (autor); SARAIVA, Eliezer dos Sanctos (coaut.)	O catholicismo romano: ou a velha e fatal illusão da sociedade : com uma introducção acerca do passado e do presente da Egreja de Roma no Brasil e da solução dos nossos problemas politico-sociaes		São Paulo	Brasileira	1932	243		português	Igreja católica	
SARPI, Paolo (autor)	Istoria del Concilio Tridentino		Mendrisio	Angelo Borella e Comp.	1835	n.v		italiano	Religião	
SCALA, Angelo (autor)	Dal vecchio ao nuovo mondo: Italia e Brasile uniti nell'amore e nella gloria.		São Paulo	Antonio Tisi	1928	62		italiano	Itália – Política e governo	

SCALA, Angelo (autor)	La patria nostra		São Paulo	O autor	1930	62		italiano	Itália – Política e governo	
SCARRONE, Giuseppe (autor)	Inventario dei quattro anni di governo fascista in Italia		Rio de Janeiro	[s.n.]	1926	72		italiano	Fascismo	
SCHAFFLE, A. (Albert) (autor); MALON, Benoit (coaut.)	La quintessence du socialisme		Paris	Societe nouvelle de librairie et d'edition	1904	96	(Bibliotheque socialiste; v. 21)	francês	Socialismo	
SCHMIDT, Afonso (autor)	Mocidade		Santos	Typ. Instituto	1921			português	Poesia brasileira	
SCHMIDT, Afonso (autor); ROMERO, Sylvio (coaut.)	Janella abertas		São Paulo	A Fornalha	1923			português	Poesia brasileira	
SCHUTEL, Cairbar (autor); RIBEIRO JUNIOR, Faustino (coaut.)	Espiritismo e protestantismo: em face dos evangelhos e da sciencia.		Mattão	O Clarim	1911	84	(Polemica religiosa).	português	Religião	
SERGI, G (autor)	A evolução humana: individual e social.		Lisboa	Classica	1906	405		português	Antropologia social	
SERNICOLI, E (autor)	L'Anarchia e gli anarchici: studio storico e politico	2. ed.	Milano	Fratelli Treves	1894	n.v		italiano	anarquismo e anarquistas	
SERPIERI, Umberto (autor). . [San Paolo]	Un assertore d'italianita: vita italiana in S. Paolo del Brasile		[s.l]	Pocai & C.	1917	634, lxxix		italiano	Italianos – Brasil	
SERVA, Mario Pinto (autor)	Socialismo e communismo		São Paulo	Zenith	1931	224		português	Socialismo	
SICILIANI, Chacon (autor)	Mentiras divinas: cartas aos crentes		Lisboa	Empreza de Publicações Populares	1913	112		português	Igreja católica	
SIGHELE, Scipio (autor).	**Morale privata e morale politica.**		Milano	Fratelli Treves	1913	274		italiano	Filosofia	
SILVA, A. C. Pacheco e (autor)	Serviços sociais		São Paulo	[Oficias Graficas do Hospital Juqueri]	1937	255		português	Serviço social	
SILVA, Araujo e (autor).	Realismo rimado: sonetos	2. ed.	Rio de Janeiro	Jornal do Commercio,	1916			português	Poesia brasileira	

SOREL, Georges (autor); CROCE, Benedetto (coaut.); SARNO, Antonio (coaut.)	Considerazioni sulla violenza		Bari	Gius. Laterza & Figli	1926	357	(Biblioteca di cultura moderna).	italiano	Ciência política	
SPENCER, Herbert (autor)	Introduction a la science sociale	14 ed.	Paris	Felix Alcan	1908	435	(Bibliotheque Scientifique Internationale; v. 6)	francês	Sociologia	
SPLAYNE, M (autor)	O mysterio do caso Sacco e Vanzetti: novella concebida nos factos historicos do famoso crime de Boston	3. ed.	Rio de Janeiro	João do Rio	1928	59		português	anarquismo e anarquistas	
STALIN, Joseph (autor).	Os fundamentos do leninismo		Rio de Janeiro	Calvino	1934	187		português	Comunismo	
STECCHETTI, Lorenzo (autor).	Nova polemica.	16 ed.	Bologna	Nicola Zanichelli,	1909	220		italiano	Literatura italiana	
TAROZZI, Giuseppe (autor)	Apologia del positivismo		Roma	A. F. Formiggini	1927	92		italiano	Positivismo	
TARSIER, Pedro (autor)	Roma, o jesuitismo e a constituinte: estudo-historico-critico		Porto Alegre	[s.n]	1933	462		português	Religião	
TAUNAY, Affonso d'E. (Affonso d' Escragnolle) (autor).	Non ducor, duco: noticias de S. Paulo, 1565-1820.		São Paulo	Ideal	1924	186		português	Brasil – História	
TCHERKESOFF, W. (autor); ROCKER, Rudolf (coaut.); GILLE, Paul (coaut.)	O marxismo: antes e depois de Marx		São Paulo	Bibliotheca Prometheu	1935	124		português	Marxismo	
TOLSTOI, Leão (autor); RIBEIRO, Manuel (coaut.)	A escravidão moderna	2. ed.	Lisboa	Guimarães	1908	194	(Horas de leitura)	português	Comunismo	
TORRES, Paulo (autor).	Poemas proletarios.		São Paulo	Unitas	1931	62		português	Poesia brasileira	
TOTOMIANZ, V (autor).	Principi, storia ed organizzazione della cooperazione internazionale.		Milano	Dottor Francesco Vallardi,	1924	202	(Biblioteca enciclopedica Vallardi).	italiano	Relações internacionais	

TRENTIN, Silvio	Antidemocratie		Paris	Valois	1930	278	(Suite politique italienne; v. 4)	francês	Democracia	
TRIPPA, Arturo (autor); CARNICELLI, M (co-aut.)	Impressioni di carcere: (sessantasette giorni nelle Carceri Pubbliche di S. Paolo)		São Paulo	Il Pasquino Coloniale,	1917	353		italiano	Prisões – Brasil	
TROILO, Erminio (autor)	Il positivismo e i diritti dello spirito		Torino	Fratelli Bocca	1912	363	(Piccola Biblioteca di Scienze Moderne; v. 211).	italiano	Positivismo	
TROTSKI, Leão (autor)	A revolução espanhola		São Paulo	Ed.Unitas	1931	126		português	Espanha – história	
TROTSKI, Leão (autor)	O plano quinquennal.		São Paulo	Ed. Unitas	1931	122		português	Socialismo	
TROTSKI, Leão (autor)	Revolução e contra-revolução na Alemanha.		São Paulo	Unitas	1933	446		português	Comunismo	
TROTSKI, Leão (autor); GAY, Vicente (coaut.)	El bolcheviquismo: ante la guerra y la paz del mundo.		Madrid	Exito	1919	116		espanhol	Comunismo	
USERO TORRENTE, Matias (autor)	La iglesia y sua politica		Buenos Aires	Iman	1934	64		espanhol	Igreja católica	
VAILLANT-COUTURIER, Paul (autor).	No mysterioso paiz de Tamerlão: o socialismo na Asia Central.		São Paulo	Nosso Livro	1934	349		português	Socialismo	
VALLAURI, Tommaso (autor)	Storia delle Universita degli Studi del Piemonte		Torino	Stamperia Reale	1845	n v.		italiano	Itália – História	
VANDERLEI, Mario dos (autor)	No tempo da forca.		São Paulo	Monteiro Lobato	1925	161		português	Literatura brasileira	
VANDERVELDE, Emile (autor)	Le collectivisme et l'evolution industrielle		Paris	Societe nouvelle de librairie et d'edition	1904	285	(Bibliotheque socialiste; v. 2-4).	francês	Socialismo	
VARZEA, Affonso (autor)	O estado socialista do Pacifico.		Rio de Janeiro	Alba	1933	225		português	Socialismo	

VASCO, Neno (autor)	Da porta da Europa: factos e ideias : a questão religiosa, a questão politica, a questão economica : 1911-1912		Lisboa	O autor	1913	288		português	anarquismo e anarquistas	
VEGA, Elio (autor)	Monarchia, parlamento e fascismo in Italia		São Paulo	Cupolo	1927	79		italiano	Fascismo	
VENOSA, Angelo (autor)	La figlia di Caramuru: tragedia storica in quattro atti		São Paulo	Pocai & Weiss	1911	125		italiano	Teatro brasileiro	
VENTURINO, Agustin (autor)	Lois y su obra.		Santiago de Chile	Imp. Sud Americana	1914	95		espanhol	Filosofia	
VOLPE, Gioacchino (autor).	**Movimenti religiosi e sette ereticali nella societa medievale italiana: (secoli XI-XIV).**		Firenze:	Vallecchi,	1922	xii, 274p.	(Collana storica; v. 6)	italiano	Igreja católica	
WORSKI-RIERA, I (autor)	O despertar da Asia: (Japão e India).		São Paulo	Pax	1932	2v.		português	Socialismo	
ZADEI, Guido (autor)	L'abate Lamennais: e gli italiani del suo tempo.		Torino	Piero Gobetti	1925	278		italiano	Religião	
ZAVATTERO, Domenico (autor)	Gli anarchici nel movimento sociale in Italia.		Ravenna	L'Iniziativa	1905	88		italiano	anarquismo e anarquistas	
ZOLA, Emile (autor)	Germinal: o i lavoratori sotterranei.		Firenze	Adriano Salani	1908	2v.		italiano	Literatura francesa	
ZORLI, Alberto (autor).	Primi principii di economia sociale: descrittiva e teoretica.		Torino	Fratelli Bocca	1902	347		italiano	Economia	X
	EL SANTO Oficio: sus germenes, su establecimento - su legislacion interior.		Madrid	Domingo Blanco	1911	207	(Biblioteca de la inquisicion).	espanhol	Igreja católica	
	EMIGRAZIONE agricola al Brasile: relazione della Comissione Italiana 1912.		Bologne	Casa U. Berti & C.,	1912	309		italiano	Italianos – Brasil	X
	GUIA sociocratico: dados praticos e geraes, sobre a indole e o plano da		Bahia	Officinas dos Dois Mundos	1910	58	(Propaganda orthologica).	português	Maçonaria	

	propaganda da razão...									
	HACIA una sociedad de productores: lucha de ideas sobre los organismos de la revolucion proletaria en Italia		Buenos Aires	Argonauta	1921	79		espanhol	Movimento operário	
	L'UMANITARIA e la sua opera		Milano	Cooperativa Grafica degli Operai	1922	472		italiano	Movimento operário	X
	LOS REPRESENTANTES de la Confederacion Nacional del Trabajo (C.N.T.) de España, ante el Gobierno de Valencia, exponen al pueblo su actuacion publica.		Valparaiso	Gutemberg	1937	67	(Ediciones – C.G.T.)	espanhol	Movimento operário	
	THE SOCIALIST Labor Party and the Third International: socio-political science vs. revolutionary romanticism.		New York	Socialist Labor Party	1926	64		inglês	Internacional comunista	